COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Pe ANTÓNIO VIEIRA

OBRAS ESCOLHIDAS

PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE

VOLUME XII

SERMÕES (III)

LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

COLECÇÃO
DE CLÁSSICOS
SÁ DA COSTA

Pe. ANTÓNIO VIEIRA
OBRAS ESCOLHIDAS · VOL. XII
SERMÕES (III)

LIVRARIA
SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
P.E ANTÓNIO VIEIRA
OBRAS
ESCOLHIDAS
PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE
VOLUME XII
SERMÕES (III)
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

P.e António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses — Autores estrangeiros

À venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.^me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *5 volumes*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.^e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *12 volumes*
JOÃO DE BARROS — Crónica do Imperador Clarimundo, *3 volumes*

A seguir:

Outras obras em preparação.

Cada volume 25$00 — **Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00**

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

P.ᵉ António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

com prefácios e notas de
António Sérgio
e **Hernâni Cidade**

•

VOLUME XII

SERMÕES (III)

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

Desta obra tiraram-se 200 exemplares em papel Leorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.

Todos os exemplares são autenticados com a rubrica dos editores

Propriedade da
LIVRARIA SÁ DA COSTA — Editora

1954
Composto e impresso na
GRÁFICA SANTELMO
Rua S. Bernardo, 84
LISBOA

PREFÁCIO

Termina com este volume a série que do P.º António Vieira a Colecção de Clássicos Sá da Costa *resolveu inserir. Publicadas na íntegra todas as obras póstumas e alguma cousa que se encontrava inédita, das* Cartas *e dos* Sermões, *porque recentemente foram publicados na íntegra e é fácil encontrá-los no mercado, só se dão respectivamente dois e três volumes, mas destes como daquelas o que se afigurou mais expressivo, das* Cartas, *no critério de António Sérgio, dos* Sermões, *no critério de quem subscreve este Prefácio e assume a responsabilidade integral da série publicada, com excepção das* Cartas, *de cuja publicação exclusivamente se encarregou aquele escritor.*

Três volumes pareceram bastantes para fazer ideia adequada à complexidade e grandeza do orador. Terá o leitor atento reparado que se deu aos Sermões *ordenação semelhante à*

das Obras várias: *agrupamento dos escritos por homogeneidade de assuntos nos volumes e, em cada um destes, por ordem cronológica a sucessão daqueles. Na seriação dos volumes, não foi por acaso que destinámos ao primeiro os sermões de matéria política, ou sejam os mais carregados de lastro humano, os mais presos ao efémero e circunstancial, e ao segundo, os respeitantes às missões, em que o sacerdote aceita, mas subordinando-a ao ideal religioso, a colaboração, mais modesta, do político. Reservaram-se para este terceiro os sermões de mais alta inspiração religiosa, ao lado dos que, igualmente desprendidos da acção e suas limitações no espaço e no tempo, são elaborados com intuito sobretudo artístico. Sermões de edificação cristã e sermões de exibição de engenho; entre uns e outros, alguns em que o apóstolo e o artista se dão as mãos, numa colaboração em que se não tolhem nem comprometem.*

Abre o volume pelo Sermão de S. Pedro, *dos primeiros pregados em Portugal. Seguem-se os outros em ordem cronológica e fecha a série o* Sermão do Primeiro Domingo do Advento, *de que não podemos estabelecer a data. Afasta-se, porém, tanto da atitude de jogo expresso no primeiro, que é perfeitamen-*

te lógico os separe na série distância correspondente à que vai do artista barroco, enamorado de acrobacias e aplausos, ao apóstolo que a contemplação da transitoriedade da vida e da eternidade das consequências do modo como a passamos, enche da gravidade melancólica que não permite o jogo, ou só excepcionalmente o permite.

É, na verdade, o Sermão de S. Pedro *um dos mais perfeitos exemplares do barroquismo português, essencialmente tomado pelo jogo das formas, que os ouvintes estimulavam com seus aplausos. Vieira tenta nele competir com os que no tempo deslumbravam auditórios e leitores com o audacioso e o imprevisto de metáforas e hipérboles. Diz Vieira:*

> *«Suposto andarem tão válidas no púlpito e tão bem recebidas do auditório as metáforas, mais por satisfazer ao uso e gosto alheio, que por seguir o génio e ditame próprio, determinei na parte que me toca desta solenidade, servir ao Príncipe dos Apóstolos também com uma metáfora. Busquei-a primeiramente entre as pedras, por ser Pedro pedra, e ocorreu-me o diamante ; busquei-a entre as árvores, e ofereceu-se-me o cedro : busquei-a entre as aves, e levou-me os olhos a águia».*

E ainda o Leão, e o Sol, e Abraão, e o arcanjo S. Miguel. E continua:

«No diamante agradou-me o forte, no cedro o incorruptível, na águia o sublime, no leão o generoso, no Sol o excesso da luz, em Abraão o património da Fé, em Miguel o zelo da honra de Deus».

Mas, não encontrando metáfora condigna, recorreu ao Evangelho. E que lhe sucedeu?

«Como se o mesmo Evangelho me repreendera de buscar fora dele o que só nele se podia achar, as mesmas palavras do tema me descobriram e ensinaram a mais própria, a mais alta, a mais elegante e a mais nova metáfora, que eu nem podia imaginar de S. Pedro. E qual é? Quase tenho medo de o dizer! Não é cousa alguma criada, senão o mesmo Autor e Criador de todas. Ou as grandezas de S. Pedro se não podem declarar por metáfora, como eu cuidava, ou se há ou pode haver alguma metáfora de S. Pedro, é só Deus. Isto é o que hei-de pregar, e esta a nova e altíssima metáfora que hei-de prosseguir. Vamos ao Evangelho.»

«Mais por satisfazer ao gosto alheio que por seguir o génio e ditame próprio», compõe Vieira este sermão. Assim excessivo nos encarecimentos e mais elaborado no intuito de triunfar na competição de artista do que no objectivo da sua missão de apóstolo, é o Sermão de N. S. Senhora do O.

Como, neste de S. Pedro, o Principe dos Apóstolos é, metafòricamente, erguido à cate-

goria de pessoa da Trindade divina, naquele é a Virgem Maria considerada como concebendo, compreendendo, cercando dentro do seu ventre o Deus imenso. *Não lhe podem «fazer circunferência os orbes celestes, nem o globo inteiro do Universo, nem os espaços imaginários, sempre mais e mais infinitos. Pois essa mesma imensidade e não outra é a que abraça, encerra e contém dentro em si o círculo daquele ventre puríssimo.»*

Mais ainda: «Quando um imenso cerca outro imenso, ambos são imensos; mas o que o cerca, maior imenso que o cercado; e por isso, se Deus, que foi o cercado, é imenso, o ventre que o cercou não só há-de ser imenso, senão imensíssimo.»

Mas pode haver um imenso maior que outro imenso? um infinito maior que outro infinito? — Sim, segundo a boa filosofia; *«porque se houver infinitos homens, também os cabelos hão-de ser infinitos; porém o infinito dos cabelos maior que o infinito dos homens.»*

Da frase bíblica pela qual Deus se define — Ego sum alpha et omega — *tira o engenho de Vieira outra série de argumentos. O* O *é círculo, sem princípio nem fim. E esta letra repetiu-a a Virgem infinitas vezes, quando, grávida de Jesus, por tal interjeição exprimia*

o seu desejo e a sua ansiedade: «Ó quando chegará aquele dia! Ó quando chegará aquela ditosa hora, em que veja com meus olhos e em meus braços ao Filho de Deus e meu? Ó quando? Ó quando? Ó quando?» Estes OO dos desejos da Senhora, (que são também rodas) movidos e acrescentados à roda do tempo, posto que o tempo fosse finito, eles o multiplicavam infinitamente.»

Porque me detenho neste sermão? Por convir dar uma idéia das aberrações a que chegou a imaginação naquela embriaguês colectiva da época mais de que nenhuma enamorada de jogo, da sensibilidade como da inteligência.

Felizmente que Vieira teve mais que fazer do que sacrificar aos idola tribus. *A vida, mais do que a Escola, lhe determinou o modo de ser e o modo de actividade. E não foi preciso que decorressem os quinze anos que vão da data deste último sermão — 1640 — ao da Sexagésima, para que o pregador sentisse, ao cumprir sua missão de apóstolo, os impulsos generosos que lhe são essenciais. Se é possível notar um progresso no sentido da gravidade religiosa, desde os sermões que pregou quando nas* primeiras verduras *de seu pregar, até o sermão célebre em que deles se confessa*

arrependido — 1655 —, também é fácil conceber na primeira fase certo movimento de oscilação entre os momentos em que desejava obter os aplausos do público e os momentos em que acima de tudo o interessava a satisfação da própria consciência. Da mesma época do Sermão de S. Pedro é o da Glória de Maria, que logo a seguir se insere. Neste é Vieira muito mais natural e humano. É verdade que nos surpreende, de começo, com uma quase sacrílega audácia, quando, na comparação da Glória de Maria com a Glória de Deus, afirma que a de Maria é melhor. Mas logo, em estilo de nobre simplicidade e argumentação muito natural, mostra que tal superioridade na glória, apenas resulta de que, sendo Maria mãe de Cristo, todas as glórias do Filho dão a seu coração maternal maiores alegrias do que as próprias. São dela, porque maternalmente o ama. E isto é o reconhecimento de uma verdade humaníssima, que a larga erudição do orador sem dificuldade encontra expressa na multidão de autores sagrados e profanos que jámais faltam ao seu apelo.

Quanto aos outros sermões, o II do Mandato é sem dúvida um dos melhores de Vieira. A finura da análise do amor de Cristo, como de todo o grande amor, põe em relevo como

o grau de tal sentimento depende do grau de consciência com que se ama e ainda do grau de ignorância com que o objecto do amor a ele responde. «Cristo amou, sabendo, como se amara, ignorando; e os homens foram amados, ignorando, como se foram amados, sabendo. Vá agora o amor destorcendo estes fios. Espero que todos vejam a fineza deles.»

Tal como no Sermão de S. Pedro, Vieira põe em toda a evidência, perante os seus ouvintes, a novidade da metáfora com que entra em competência com os rebuscadores das mais audaciosas, chama agora a atenção para este outro aspecto do barroquismo — a finura dos conceitos que vai destorcer. A verdade, porém, é que neste sermão o torcer e destorcer finezas não é realizado em puro jogo. O pregador, na verdade, não desfia finos conceitos, senão porque analisa subtis realidades, e toda a sua arte está na perfeita adaptação da forma aos seus meandros. É claro que antes de atentar naquele tu nescis e naquele sciens, já Vieira tinha concebido a ideia que o determina à escolha de tais palavras e à adaptação do seu significado ao propósito que tinha levantado. Mas essa adaptação não é aqui forçada. Mais do que adaptadas são aqui tais palavras aprofundadas, fortalecidas no

sentido que se pode conceber encerrem — a plena consciência, da parte de Cristo, do infinito amor que consagra aos homens, e da ignorância, da parte dos homens, do amor com que os ama Cristo. A verdade religiosa de tal conceito é a base sobre que Vieira ergue a arquitectura do seu discurso, todo um lavrado barroco de contrastes subtilmente achados na verdade psicológica, com finura correspondente expressa na mais dúctil, directa e precisa linguagem.

«Pinta-se o amor sempre menino, porque ainda que passe dos sete anos, como o de Jacob, nunca chega à idade de uso da razão. Usar de razão e amar, são duas cousas que não se juntam. A alma de um menino, que vem a ser? Uma vontade com afectos e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma ; porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguém teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenético. O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abrasou a vontade, que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juízo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E como o primeiro efeito ou a última disposição do amor, é cegar o entendimento, daqui vem que isto que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorância; e quan-

tas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor. Quem ama porque conhece, é amante ; quem ama porque ignora, é néscio. Assim como a ignorância na ofensa diminui o delito, assim no amor diminui o merecimento. Quem, ignorando, ofendeu, em rigor não é deliquente ; quem, ignorando, amou, em rigor não é amante.»

Enumerar depois as formas que pode tomar a ignorância do homem no amor — desconhecimento de si próprio, da pessoa amada, do próprio amor e do fim onde há-de ir parar, amando, e mostrar que a cada uma delas corresponde em Cristo uma plena consciência, eis em que consiste uma boa parte do discurso; e nele surge mais de um exemplo com todo o poder surpreendente do imprevisto, da força significativa, da verdade humana. É lembrar a explicação que ele nos dá da frase: Solve calceamentum (= desata os sapatos) *que Deus na sarça disse a Moisés:*

Solve calceamenta de pedibus tuis «*Quando eu lia este passo, admirava-me certo muito de que a majestade e grandeza de Deus entendesse com os pés de Moisés. Mas quem puser os olhos na sarça, deixará logo de se admirar. A sarça em que Deus apareceu, estava ardendo toda em chamas vivas, e um Deus abrasado em fogo, que muito que se abalance aos pés dos homens? Falando a nosso modo, nunca Deus se conheceu melhor, que quando estava na*

sarça, porque ali definiu sua essência : Ego sum qui sum. *E que definindo-se Deus, o fogo não se apagasse ! Que conhecendo-se Deus essencialmente, as labaredas em que ardia não se diminuíssem ! Grande amor ! Definir-se e esfriar-se, fora tibieza ; definir-se e arder, isso é amar. Não fora Deus quem é, se não amara como amou. O definir-se foi declarar a sua essência : o arder foi provar a definição.*»

E não faltam as formas facetadas como cristais, daquelas de que o pensamento lança mão e a memória leva para casa, *como dizia D. Francisco Manuel de Melo:*

«*Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não vidros ; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade : cuidais que amais perfeições angélicas e amais imperfeições humanas.*»

Ou ainda aquele comentário à sentença de S. Bernardo — Amor non quaerit causam, nec fructum *(=o Amor não procura a causa nem o fruto):*

«*O amor fino não há-de ter porquê nem para quê. Se amo porque me amam, é obrigação, faço o que devo ; se amo para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como há-de amar o amor*

para ser fino? Amo porque amo e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido ; quem ama para que o amem, é interesseiro ; quem ama não porque o amam, nem para que o amem, só esse é fino. E tal foi a fineza de Cristo, em respeito de Judas...»

A mesma verdade e o mesmo formoso vigor expressivo, quando encarece o significado do texto: Cum dilexisset... dilexit (=Como amasse, amou.) *O Evangelista — diz Vieira — para encarecer o amor presente, supôs o amor passado. O normal no amor é resfriar com o tempo. Assim aquele* dilexisset *e* dilexit *«não dizem só relação de tempo, senão excesso de amor». Equivale assim a frase a dizer:* Como amasse muito, agora amou mais. *Precisa exceder as medidas normais o amor que, mesmo apesar do hábito que costuma atenuá-lo, se mantém no grau dos primeiros dias.*

A mesma aguda atenção às realidades da vida sentimental, se mostra ao estabelecer a superioridade do conhecimento do amor, *sobre a* paga *que se lhe dê. Aqui é dos melhores exemplos da estruturação da frase em períodos bimembres, sem que da simetria estabelecida resulte às cláusulas de forma por esta predeterminada, o mínimo constrangimento e entorce. É atentar no seguinte trecho:*

«...muito melhor lhe está ao amor ver-se conhecido que pago ; porque o conhecimento aperta as obrigações, a paga e o desempenho desata-as. O conhecimento é satisfação do amor próprio ; a paga é satisfação do amor alheio. Na satisfação do que o amor recebe, pode ser o afecto interessado ; na satisfação do que comunica, não pode ser senão liberal. Logo, mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade, que ver duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse.»

A última frase com o perfeito ajustamento entre si dos dois membros que a constituem, levanta a suspeita de que se não fez sem mutilação ou constrangimento da ideia. E todavia, atentando nela, reconhece-se que toda está carregada de sentido, nenhuma palavra que para ele não contribua, com seu significado próprio e em seu lugar adequado.

Mas insisto: o artístico e esmerado arranjo da frase, que é um valor estético transitório, e sem eficácia no nosso tempo, constitui, no sermão, acessório formal, que decerto já para os ouvintes de Vieira não equivaleria à substância de verdade moral expressa. E eis, para terminar, mais outro curioso exemplo:

«Não se queixa dos açoutes, e queixa-se da ignorância ; porque os açoutes afrontam a Pessoa, a

ignorância desacredita o amor. E quem amava com tanto extremo, que quis comprar os créditos do seu amor à custa das afrontas de sua Pessoa, que visse enfim a Pessoa afrontada, e o amor não conhecido, oh que insofrível dor!»

A dor deste desconhecimento pelo amado da dedicação que o amador lhe nota tem suscitado mais de um lancinante apelo em páginas de psicologia amorosa — e lembro aquele de Soror Mariana, quando, contando como defendera a Chamilly de acusações que contra ele se faziam, perante o mesmo lamenta que a não tivesse ouvido...

Do Sermão do Primeiro Domingo do Advento *diz o P.^e Honorati, em seu* O Crisóstomo Português, *que é verdadeiramente temeroso, como pede o assunto. Há nele rasgos que são o* non plus ultra *da eloquência.»*

Que pena o seu exórdio ex abrupto *ser interrompido pela escusada citação de Quintiliano! É um balde de água fria naquele abrasamento — e na sensibilidade dos ouvintes. Bem grande devia ser a eficácia da dicção, para que parecesse natural a citação impertinente. Mas logo o orador retoma o tom adequado à bíblica evocação aterradora, exemplificando o pavor com que ela abala as almas,*

no quadro dos anacoretas da Tebaida, que não desertaram do mundo, senão porque ouviram a trombeta formidolosa.

Depois de envolver o seu auditório nesta atmosfera sugeridora de minacíssimas perspectivas, que não vêm tanto das palavras do orador, como do texto sagrado, de que ninguém duvida e a que a sua arte mais não faz do que tornar sensível o grandioso e trágico, Vieira encontra-se à vontade para assumir toda a veemência e desassombro dos que no púlpito cristão melhor seguiram a lição dos profetas bíblicos. Fàcilmente se supõe o que os recursos histriónicos do orador acrescentariam ao intrínseco poder impressionante do tema, tanto mais que não se podia duvidar de que autênticamente o vivesse.

Autênticamente e em confusa mistura com seus humanos despeitos e todas as reservas da sua irritada experiência. Faz lembrar o Dante, criando a visão do Inferno e seus habitantes com a realidade concreta das suas pessoais emoções, do próprio mundo das suas mesmas vivências de combatente político, capaz de extremos. O sermão é pregado em 1650, quando a sua irrequieta personalidade e acção política lhe tinham criado ambiente de desacordos e malevolências. Da combustão inte-

rior da sua alma, onde os generosos impulsos do apostolado se revolviam com os despeitos recalcados do político, irrompiam aquelas chamas, por isso mesmo densas de humanidade e paixão.

O público que o ouvia era o da Capela Real. Insígnias do poder e da riqueza, rebrilhando nas sedas, nos brocados, nos veludos; hábitos eclesiásticos na colorida variedade que vai da púrpura ao burel; e não faltaria gente da arraia miúda, a assistir ao julgamento dos grandes do Reino, a ouvir em voz alta, e de tão alto, o que todos rumorejavam na surdina tímida do respeito. Adivinham-se os arrepios do remorso ante o desnível, tão eloquentemente tornado sensível, entre a altura da doutrina em que todos eram educados e a baixeza dos procedimentos em que poucos deixavam de a negar. Todos deviam sentir as responsabilidades da própria grandeza e o orador podia — com impunidade que muito mais tarde ninguém poderia garantir — exclamar:

«Homens humildes e desprezados do povo, boa nova! Se a natureza ou a fortuna foi escassa convosco no nascimento, sabei que ainda haveis de nascer outra vez, e tão honradamente como quiserdes; então emendareis a natureza, então vos vingareis da fortuna.

Que maior vingança da fortuna que as mudanças tão notáveis, que se verão naquele dia! Virão naquele dia as almas do grande e do pequeno buscar seus corpos à sepultura, e talvez à mesma Igreja: e que sucederá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro, e ressuscitará tão ilustre como as estrelas. O grande, pelo contrário, achará seu corpo embalsamado em caixas de pórfiro, aos ombros de leões, ou elefantes de mármore, com soberbos e magníficos epitáfios, e ressuscitará mais vil que a mesma vileza.»

E logo a seguir, lapidarmente:

«*No nascimento somos filhos de nossos pais, na ressurreição seremos filhos de nossas obras. E que seja mal ressuscitado por culpa sua quem foi bem nascido sem merecimento seu! Lástima grande.*»

Que mistura de despeito e admiração, que contraditórios movimentos de repulsa e curiosidade no auditório de tão grandes senhores, quando o orador comentasse o texto bíblico: Stellae cadent de Coelo (=As estrelas cairão do Céu). *Como hão-de cair e caber na terra, «se algumas há que são quarenta, oitenta e cento e dez vezes maiores?»*

E o engenho estupendo que obrigava a escutar a linguagem mordaz em que se exprimia, acudia com a resposta imprevista:

«Hão-de caber, porque hão-de cair. Não sabeis que os levantados e os caídos não têm a mesma medida?... Lúcifer, que levantado não cabia no Céu, caído cabe cá no centro da Terra. Ah Lucíferes do Mundo ! Aqueles que levantados nas asas da prosperidade humana em nenhum lugar cabeis hoje, caídos e derribados naquele dia, cabereis em muito pequeno lugar. Estaremos todos ali encolhidos e sumidos dentro em nós mesmos, cuidando na conta que havemos de dar a Deus ; e quando não houvera outra razão, esta só bastara para não faltar lugar a ninguém.»

E segue o quadro da apresentação perante o Supremo Juiz dos papas, dos bispos e arcebispos, dos religiosos, dos reis...

Pregando na Capela Real, as verdades que o orador profere, os pecados que denuncia, as ameaças que, em nome de Deus, não cala, são tudo quanto há de mais pertinente e não falta a estas o melhor fundamento na crença comum.

«Sabei, Cristãos, sabei, príncipes, sabei, ministros, que se vos há-de pedir estreita conta do que fizestes ; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão-de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos.»

Pecados de omissão ; pecados de tempo ; pecados de consequência — tudo pecados fre-

quentíssimos em quem desempenha funções directivas, e a cada passo o revestimento do pecado das circunstâncias tão perfeitamente conhecidos por quem da vida pública tinha todo o saber de experiência feito.

O fechar do sermão corresponde ao exórdio, que abruptamente rompe. Abrasa-se o mundo, realiza-se o juízo e continua, na eternidade, a alegria dos justos e o estertor dos réprobos. Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. E esta palavra repete-a o orador três vezes, e adivinha-se o tom reboante com que procuraria que ficasse ressoando nas consciências do auditório — que não faltaria ao próximo sermão.

O Sermão do Bom Ladrão *dirige-se ao mesmo escopo, se bem o pregue na Misericórdia de Lisboa. São ainda os pecados do rei e seus governantes, que o orador lhes aviva perante a consciência. E eis a fórmula do assunto:*

«*Nem os reis podem ir ao Paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao Inferno sem levar consigo os reis. Isto é o que hei-de pregar.* *Ave Maria.*»

Fàcilmente se imagina a guloseima inte-

lectual, o grato antegozo de escândalo, que tais palavras despertariam no auditório. O orador ia de novo dizer em voz alta, de forma maravilhosa — e autorizado pelos textos sagrados — aquilo que todos sentiriam ser verdade, mas de mais parte nenhuma podia ser dito em voz alta. Adivinha-se o prazer com que os pequenos veriam castigados os que dos próprios delitos recebiam o poder que lhes garantia a impunidade. Era a esses que Vieira se dirigia:

«Suponho, finalmente, que os ladrões de que fala, não são aqueles miseráveis a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este género de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado, como diz Salomão... O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao Inferno ; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem S. Basílio Magno...»

Para autorizar a afirmação de que o rei ou o governante é responsável pelo delito do súbdito a quem conferiu o cargo que lhe ocasiona o delito, é de audacioso engenho o exemplo do delito de Adão, pelo qual o próprio Deus, que lhe conferiu a situação que lhe foi ocasião de delinquir, sofre, para exem-

plo, o castigo da incarnação e da crucificação — o que é uma surpreendente interpretação da Redenção humana.

A prédica de Vieira, que conhecia muito bem a vida do Ultramar, incidia sobre vícios que tanto mais medravam, quanto mais longe se encontrava a possibilidade de sanção, e já tinham justificado o ditado: Ultra Lineam nulla peccata (=para além do Equador, não há pecados). *Como lhe é habitual, o pregador detém-se na exposição em mais de um caso em que só falta o nome para de todo o individuar:*

«Dom Fulano (diz a piedade bem intencionada) é um fidalgo pobre, dê-se-lhe um governo. E quantas impiedades, ou advertidas ou não, se contêm nesta piedade? Se é pobre, dêem-lhe uma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque é pobre, um governo, para que vá desempobrecer à custa dos que governar, e para que vá fazer muitos pobres à conta de tornar muito rico !? Isto quer quem o elege por este motivo.»

Os ouvintes não precisariam do nome do fidalgo pobre. A cada um ficava a liberdade — e talvez a facilidade — de o murmurar ao vizinho...

O sermão por que o volume termina é considerado como um dos melhores de quantos

Vieira pregou. É-o, na verdade, pela profunda gravidade do tema — a ideia heraclitiana da transitoriedade de quanto existe, ao mesmo tempo que a permanência, na memória divina, de quanto fazemos de bom e mau. Tudo passa para a vida; nada passa para a conta. *A demonstração do primeiro ponto põe em toda a evidência, mais uma vez, a larga e pronta cultura de Vieira. Tudo parece ter lido — autores sagrados e profanos, a Teologia e a Filosofia, a História e o Mito — e até os livros que do Mito oferecem a explicação:*

«Na seca universal que abrasou todo o Mundo, passou a fábula de Faetonte; no dilúvio particular que inundou grande parte dele, passou a fábula de Deucalion; no estudo com que el-rei Atlante contemplava o curso e movimento das estrelas, passou a fábula de trazer o céu aos ombros; na especulação contínua de todas as noites, com que Endimion observava os efeitos do planeta mais vizinho à terra, passou a fábula dos seus amores com a Lua. E porque também os nossos vícios, a nossa fraca virtude e a nossa mesma vida passa como fábula, o amor e complacência de nós mesmos passou na fábula de Narciso; a riqueza sem juízo, na fábula de Midas; a cobiça insaciável, na fábula de Tântalo; a inveja do bem alheio, na fábula e abutre de Tício; a inconstância da fortuna mais alta na fábula e roda de Euxion; o perigo de acertar com o meio da vir-

tude, e não declinar os vícios dos extremos, na fábula de Cila e Caribdes ; e finalmente a certeza da morte e incerteza da vida, pendente sempre de um fio, passou e está continuamente passando na fábula das Parcas. Assim envolveram e misturaram os sábios daquele tempo o que há com o que não há, e o certo com o fabuloso, para que nem o louvor nos desvaneça, nem a calúnia nos desanime, pois o verdadeiro e o falso, a verdade e a mentira, tudo passa.»

Tudo passa ! *É refrão muitas vezes repetido, em tom que deveria adensar a profunda melancolia para que tudo converge — exemplos e vocabulário.*

Porque à sensibilidade de Vieira não escapam minúcias estilísticas e é atentar no reparo que ele faz aos versos em que Ovídio, falando embora da efemeridade das coisas, não evita empregar, e repetidamente, o velho stabat (=estava), *quando, afinal, nada* está, *porque* tudo passa, *nada* é, *porque no momento em que o verbo, empregado no presente, passa dos lábios ao ouvido, já se fez passado, já cumpre dizer* foi. *(Pág. 210).*

Mas, em oposição à transitoriedade das cousas e dos seres, a permanência de quanto fazemos para a conta *que de tudo Deus nos há-de tomar.*

Aqui novamente o pregador dirige seus

avisos aos grandes da Corte. Fá-lo desta vez dramàticamente, sujeitando-os ao interrogatório do Supremo Juiz, e Vieira, falando em nome dele, compreende-se que assuma desassombro igual ao que já nos sermões anteriores pudemos observar.

***

É bem de admitir que, passado o momento da comoção religiosa e da própria fascinação literária, os ouvintes feridos juntassem suas vozes ao coro dos que por motivos políticos ou teológicos maldiziam do orador. Os últimos anos da sua vida, porém, passa-os no Brasil, combatente retirado, nas próprias relações, de princípio tão conflituosas, entre o colono e o indígena, não intervindo senão excepcionalmente. Assim era natural que a sua memória se fosse engrandecendo na distância e no silêncio, e quando o gigante tombou, mais fàcilmente se lhe medisse a estatura.

Esta era, na verdade, estupenda, mesmo nos desvarios a que o levou a natureza impetuosa, mesmo na inevitável diminuição com que o ambiente intelectual lhe afectava o valor. Bossuet, Fénellon, Pascal sobretudo, realizaram obra que soube encontrar profundida-

de humana dentro das balizas da fé que aos quatro era comum. Ainda hoje alguns dos problemas que puseram estimulam a actividade dos pensadores. Vieira, porém, nem para tal actividade tinha estímulos no ambiente português do tempo, nem a ela se lhe adaptava o temperamento, permanente solicitação para a vida exterior — de missionário, de diplomata, de político. É pregador cristão, e por isso obrigado a encarar e exprimir as relações do homem com o Absoluto; *mas todo o seu bulício vital, o espiritual como o físico, o leva a debruçar-se principalmente sobre o* relativo, *o circunstanciado no espaço e no tempo. De aí o fragmentário de sua obra, quase apenas unida pelo veio da vida que, através de mil incidentes do caminho, a foi estimulando, gerando e projectando. A obra de mais largo fôlego, aquela que ele considerava, entre quanto escrevera,* palácio entre choupanas — *a* Clavis Prophetarum — *é sabido que a não levou a cabo, apesar de por tanto tempo o ter ocupado e preocupado; e também cumprirá reconhecer que o que dela ficou a inculca, não como obra de pensamento, senão como obra de audácia dialéctica, corajosa ante as conclusões das premissas aceites, cheia de vigor na explanação discursiva — e isto, se bem no*

plano utópico, ainda patenteia as qualidades fundamentais do homem de acção, da inteligência pragmática.

Foi há pouco tempo defendida, perante a Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Washington, uma tese intitulada — Bossuet and Vieira — a study in National, Epochal and Individual Style. *A Autora — Mary C. Gotaas — aplica ao estudo de algumas peças oratórias dos dois pregadores o método estilístico em que teve como mestre o eminente Prof. Hatzfeld, da mesma Universidade. Compara a mundividência do orador francês com a do lusitano, expressa em imagens tomadas nas mesmas fontes — o homem e seus movimentos, sua vida física e moral; a natureza e o que ela contém de animado e inanimado; e expressa ainda em personificações, metáforas, epitetos. Depois do inventário comparativo de todo esse material da expressão, a jovem doutora conclui por atribuir a Bossuet uma superioridade de cultura, perante a qual a vida é trânsito através de um Universo que não tem, como o de Vieira, limites ptolemaicos, antes amplitude copernicana.*

Bossuet — continuo a resumir a Autora — ultrapassa na projecção do seu eu a rede das aparências circundantes, sente o ser em devir

e crescente espiritualização, e por isso o seu estilo tão frequentemente dissolve o concreto no abstracto, prolonga o material no espiritual, usando os chamados epítetos abertos — «*espace* infini», «*sommeil* profond», «*abîme* immense.» *Por seu turno, Vieira é todo dentro do mundo concreto, nele joga com suas imagens plásticas, pinturescas, todas sensoriais; e são* fechados *os seus epítetos, inaptos, portanto, para abrir as largas perspectivas entrevistas na obra do grande orador francês.*

A conclusão é audaciosa e pode muito bem recear-se nos seja dado como tal, o conceito--ponto de partida — ou seja o da incontestável superioridade da cultura francesa seiscentista sobre a nossa. Tal conceito orientou a pesquisa, que, determinada por conceito diferente, encontraria outros elementos estilísticos — personificações, imagens, epítetos — e jamais atribuiria aos epítetos infini, immense, profond *significado incompatível com a visão ptolemaica do Mundo, que não parece haja sido necessária a Bossuet para escrever o que escreveu.*

Da vida do jesuíta português e de quanto nela o mostra cativo, por temperamento, do concreto estático, *se bem formado, por educação, na mesma escola que ensinava a Bos-*

suet o conceito do ser em permanente devir, *segundo o mostram com eloquência as páginas 210 e 219 deste volume, não trata a Autora, dada a natureza especial do seu trabalho. E todavia, não parece poder pôr-se de parte, na tentativa da sua interpretação estilística. Poderia dar confirmação ou impor reservas ao peremptório dos seus juízos. Talvez, alargada assim a visão, surpreendesse mais dissemelhanças derivadas da natureza do temperamento e teor da existência, do que da qualidade da cultura; e, nesta, porventura seria mais fácil encontrar diversidade de interesses mentais e preferência de gosto, do que desnível no saber teológico ou filosófico — e, por exemplo, aludida diferença entre a concepção ptolemaica e copernicana do Mundo.*

De qualquer maneira, se é já objecto de dúvida a existência de relação necessária entre certos artifícios estilísticos e certas atitudes espirituais, muito importa que a que nos pareça existir entre o estilo e a cultura, tenha sua confirmação ou correctivo na que possamos descobrir entre tais artifícios e a vida. E vice-versa. Sobretudo quando do estilo de uma grande e variadíssima obra se observou apenas o praticado numa pequeníssima parte

dela, e da cultura se não tenha mais do que um conhecimento indirecto e incompleto.

Mas não pode ser num prefácio resolvido problema tão complicado. A obra aí fica patente a quem ele possa tentar. Mas ela é sobretudo dirigida a quem, menos enamorado de subtilezas estilísticas, do que curioso de grandes realidades humanas, se interesse pela obra mais variada e fundamente vivida que se produziu no século XVII e pelo homem que foi a mais completa expressão do seu tempo. Até porque lhe não faltam aqueles aspectos que começam a perturbar a homogeneidade da cultura e a denunciar a que lhe há-de suceder, de mais livre e audaciosa curiosidade no pensamento, de mais humana e compreensiva tolerância nas oposições ideológicas, tanto como nas relações sociais.

HERNÂNI CIDADE

SERMÃO DE S. PEDRO

Pregado em Lisboa, em S. Julião, no ano de 1644, à venerável congregação dos sacerdotes

Vos autem quem me esse dicitis? — *S. Mateus*, XVI.

Mui seguro está do seu valor quem tira a sua opinião ao campo. E se é temeridade tomar-se com muitos, com todo o mundo se tomou quem desafiou sua fama. Na ocasião de que fala S. Mateus (cujo 5 é o Evangelho que hoje nos propõe a Igreja) diz que perguntou Cristo, Senhor nosso, que diziam dele os homens: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?*

Perguntou o Senhor, para que os senhores que 10 mandam o Mundo se não desprezem de perguntar. Se pergunta a sabedoria divina, porque não perguntará a ignorância humana? Mas esse é o maior argumento de ser ignorância. Quem não pergunta, não quer saber; quem não quer saber, quer errar. Há 15 porém ignorantes tão altivos, que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque se não presuma que lhes falta alguma

---

Trad. do tema: *E vós, quem dizeis que eu sou? S. Mateus*, XVI, 15.

7-8. *S. Mateus*, XVI, 13.

cousa por saber. Deus guie a nau onde estes forem os pilotos.

Não perguntou o Senhor o que era, senão o que se dizia: *Quem dicunt?* Antes de se fazerem as cousas, há-se de temer o que dirão; depois de feitas, há-se de examinar o que dizem. Uma cousa é o acerto, outra o aplauso. A boa opinião de que tanto depende o bom governo, não se forma do que é, senão do que se cuida; e tanto se devem observar as obras próprias, como respeitar os pensamentos e línguas alheias. A providência com que Deus permite a murmuração, é porque talvez de tão má raiz se colhe o fruto da emenda. E se eu de murmurado me posso fazer aplaudido, porque me não informarei do que se diz?

Respondendo os Discípulos à questão, referiram os pareceres ou ditos do povo a respeito da pessoa de Cristo. Eram do povo, claro está que haviam de ser errados: *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex prophetis:* «Uns diziam que era o Baptista, outros que era Elias, outros que era Jeremias, ou algum dos profetas antigos». Antigos não disse São Mateus, mas advertiu-o S. Lucas: *Unus propheta de prioribus surrexit.* Grande é o ódio que os homens têm à idade em que nasceram. Não diziam que era um profeta como os antigos, senão um deles: *Unus de prioribus.* Pois assim como antigamente houve também profetas, não poderia também agora haver um? Cuidam que não. Por melhor milagre tinham ressuscitar um dos profetas passados, que nascer em seu tempo outro como eles.

18-19. *S. Mateus,* XVI, 14.

23. Trad.: *Surgiu um dos primeiros Profetas. S. Lucas, IX.* Ver pág. 214 de *Obras várias,* (IV).

Tudo o moderno desprezam, só o antigo veneram e acreditam. E porque a Cristo lhe não podiam negar a sabedoria, fingiam-lhe a antiguidade. Ora desenganem-se os idólatras do tempo passado, que também no presente pode haver homens tão grandes como os que já foram, e ainda maiores: Cristo passava pouco dos trinta anos, e tudo o que souberam os antigos e antiquíssimos, era aprendido dele.

E vós, Discípulos meus (continua o Senhor), vós que não sois povo e estudais na minha escola, quem dizeis que sou eu?: *Vos autem quem me esse dicitis?* Estas são as palavras que tomei por tema e ficam para o discurso. Respondeu a elas, por todos, S. Pedro: *Tu es Christus, Filius Dei vivi:* «Vós, Senhor, sois Cristo, Filho de Deus vivo». Aludiu primeiramente aos deuses dos Gentios, que eram estátuas mortas. Queira Deus que entre os Cristãos não haja também estes ídolos. Não sendo mais que umas estátuas, querem que os adoremos como deuses. Mas além desta alusão, ainda subiu mais alto o pensamento de S. Pedro. Cristo é Filho de Deus, e nós também somos filhos de Deus: *Dedit eis potestatem Filios Dei fieri.* Em que se distingue logo Cristo de nós? Em que Cristo é Filho de Deus vivo, nós somos filhos de Deus morto. Cristo Filho de Deus vivo, porque Deus, que é imortal, o gerou *ab æterno;* nós filhos de Deus morto, porque o mesmo Cristo, morto nos braços da cruz, foi o que nos gerou de novo e nos deu este segundo e mais sublime nascimento.

---

14. *S. Mateus,* XVI, 16.
22-23. *S. João,* I, 12.

Não tinha S. Pedro bem acabado a confissão da sua fé, quando o Senhor lha premiou com a certa esperança da maior dignidade. Ele disse a Cristo o que era, e Cristo disse-lhe a ele o que havia de ser:
5 *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam:* «E eu te digo, Pedro, que tu és Pedro, e sobre esta pedra hei-de fundar a minha Igreja». De tal maneira obra Deus com a sua e suma sabedoria, que parece se emenda
10 com a experiência. Arruinou-se-lhe o primeiro edifício, porque o fundou em um homem de barro; para que se lhe não arruíne o segundo, funda-o em um homem de pedra. Retrata-se do que tem feito, Deus, que não pode errar; e os homens estão tão namorados
15 de seus erros, que antes os vereis obstinados, que arrependidos. Dirão que é timbre este de entendimentos angélicos, porque nenhum anjo errou que se retratasse. Eu digo que não é senão contumácia de entendimentos diabólicos, porque nenhum anjo errou,
20 que não fosse demónio.

Todos os demónios do Inferno, diz Cristo que não prevalecerão contra sua Igreja: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam.* E porque não basta estarem as portas inimigas defendidas, se as próprias não esti-
25 verem seguras, à fidelidade de Pedro cometeu o Senhor as chaves do seu Reino: *Tibi dabo claves regni cælorum.* Primeiro lhe chamou homem de pedra e depois lhe entregou as chaves, porque as chaves do Reino só em homens de pedra estão seguras. Os

---

5-6. *S. Mateus*, XVI, 18.
22-23. *Ibid.*, 18.
26-27. *Ibid.*, 19.

homens de barro quebram, os de pau corrompem-se, os de vidro estalam, os de cera derretem-se; tão duro e tão constante há-de ser como uma pedra, quem houver de ter nas mãos as chaves do Reino: *Tu es Petrus, tibi dabo claves.*

E qual há-de ser o ofício ou o exercício destas chaves? Fechar e abrir? Não diz isso o Senhor. As chaves que abrem e fecham, podem abrir para dentro e fechar para fora. Por isso vemos os tesouros tão estreitos e tão fechados para os outros, e tão largos e tão abertos para os que têm as chaves. Que havia logo de fazer com elas S. Pedro? Atar e desatar, diz Cristo: *Quodcumque ligaveris, erit ligatum: quodcumque solveris, erit solutum.* A peste do governo é a irresolução. Está parado o que havia de correr, está suspenso o que havia de voar; porque não atamos, nem desatamos. Não debalde escolhe Cristo para o governo da sua casa um homem tão resoluto como Pedro. Se Cristo lhe não mandara embainhar a espada, bem necessárias lhe eram as ataduras para as feridas. Assim há-de ser quem há-de obrar, e não homens que nem atam, nem desatam.

Aqui pára a história do Evangelho: para passarmos ao discurso, peçamos a graça: *Ave Maria.*

II

Vos autem quem me esse dicitis?

Suposto andarem tão válidas no púlpito e tão bem recebidas do auditório as metáforas, mais por satisfazer ao uso e gosto alheio, que por seguir o génio e dictame próprio, determinei na parte que me toca

desta solenidade, servir ao Príncipe dos Apóstolos
também com uma metáfora. Busquei-a primeira-
mente entre as pedras, por ser Pedro pedra, e ocor-
reu-me o diamante; busquei-a entre as árvores, e
ofereceu-se-me o cedro: busquei-a entre as aves, e
levou-me os olhos a águia: busquei-a entre os animais
terrestres, e pôs-se-me diante o leão; busquei-a entre
os planetas, e todos me apontaram para o Sol; bus-
quei-a entre os homens, e convidou-me Abraão; bus-
quei-a entre os anjos, e parei em Miguel. No diamante
agradou-me o forte, no cedro o incorruptível, na
águia o sublime, no leão o generoso, no Sol o excesso
da luz, em Abraão o património da Fé, em Miguel
o zelo da honra de Deus. E posto que em cada um
destes indivíduos, que são os mais nobres do Céu e
da Terra, e em cada uma de suas prerrogativas achei
alguma parte de S. Pedro, todo S. Pedro em ne-
nhuma delas o pude descobrir. Desenganado pois de
não achar em todos os tesouros da natureza alguma
tão perfeita, de cujas propriedades pudesse formar
as partes do meu panegírico, (que esta é a obriga-
ção da metáfora) despedindo-me dela e deste pensa-
mento, recorri ao Evangelho para mudar de assunto;
e que me sucedeu? Como se o mesmo Evangelho me
repreendera de buscar fora dele o que só nele se podia
achar, as mesmas palavras do tema me descobriram
e ensinaram a mais própria, a mais alta, a mais ele-
gante e a mais nova metáfora, que eu nem podia ima-
ginar de S. Pedro. E qual é? Quase tenho medo de
o dizer! Não é cousa alguma criada, senão o mesmo
Autor e Criador de todas. Ou as grandezas de
S. Pedro se não podem declarar por metáfora, como
eu cuidava, ou se há ou pode haver alguma metáfora
de S. Pedro, é só Deus. Isto é o que hei-de pregar,

e esta a nova e altíssima metáfora que hei-de prosseguir. Vamos ao Evangelho.

Vos autem quem me esse dicitis? E vós quem dizeis que sou eu? Aquele *vos autem* refere esta segunda
5 pergunta à primeira. Na primeira tinha dito o Senhor *quem dizem os homens;* nesta segunda diz: ***E vós, quem dizeis?*** De sorte que a pergunta e a questão era a mesma, e só as pessoas diferentes. Mas também esta diferença parece dificultosa de entender. Os
10 Apóstolos não eram homens? Sim. Pois se Cristo na primeira pergunta tinha dito *quem dizem os homens,* parece que já ficavam incluídos nela os mesmos Apóstolos; porque os distingue logo o Senhor dos outros homens com uma exclusiva tão manifesta como
15 a daquele *vos autem?* O reparo não é menos que de S. Jerónimo, a quem a mesma cadeira de S. Pedro tem canonizado não só pelo maior Doutor, senão o Máximo na exposição das Escrituras Sagradas. E que responde S. Jerónimo? Diz que distinguiu Cristo
20 aos Apóstolos dos outros homens, porque os Apóstolos não são homens. E se não são homens, que são? São anjos? São arcanjos? São querubins? São serafins? Muito mais: são Deuses. Palavras expressas do doutor Máximo: ***Prudens lector, attende quod ex conse-***
25 ***quentibus, textuque sermonis Domini Apostoli nequaquam homines, sed Dii appellantur.*** «Advirta o prudente leitor, que, segundo este texto e a consequência destas palavras de Cristo, os Apóstolos não são homens, nem se chamam homens, senão Deuses»:
30 *Nequaquam homines, sed Dii.*

Grande dizer, e tão grande, que não só diz tudo o que eu queria, e o meu assunto há mister, senão muito mais. Diz tudo, porque afirma expressamente a metáfora e semelhança de Deus, quanto ao nome,

quanto à dignidade e quanto à diferença e soberanias desta divindade superior absolutamente a todo o ser humano: *Nequaquam homines*. Mas diz muito mais do que o meu assunto prometeu e há mister, porque ele supõe a excelência desta prerrogativa como própria de S. Pedro, e singularmente sua, e de nenhum outro, e S. Jerónimo parece que a estende a todos os Apóstolos: *Apostoli nequaquam homines, sed Dii appellantur*. De onde se segue que esta extensão, posto que em pessoas de tão alta dignidade, desfaz muito a singularidade de S. Pedro da minha metáfora e do meu intento; porque fica sendo uma prerrogativa, senão de todos, ao menos de muitos.

III

Vamos devagar, que o ponto o pede. Primeiramente não nego, nem se pode negar que o texto parece que fala com todos os Discípulos e Apóstolos, a quem o divino Mestre fazia a pergunta. Mas eu pergunto também quem foi o que única e singularmente respondeu a ela? Claro está que foi São Pedro: *Respondit Petrus*. E porque respondeu só ele e nenhum outro? Excelentemente St.º Ambrósio: *Cum interrogasset Dominus quid homines de Filio hominis æstimarent, Petrus tacebat: ideo (inquit) non respondeo, quia non interrogor: interrogabor, et ipse quid sentiam tum demum respondebo, quod meum est.* «Enquanto Cristo perguntou o que diziam os homens, Pedro esteve calado sem dizer palavra» — *tacebat;* e porque esteve calado Pedro e não respondeu palavra? «Porque aquela pergunta, diz ele, não fala comigo»: *Ideo non respondeo, quia non interro-*

gor; «porém quando eu for perguntado, então responderei e direi o que sinto, porque a mim me pertence»: *Cum interrogabor, et ipse quid sentiam respondebo, quod meum est.* Note-se muito esta
5 última palavra, *quod meum est,* na qual excluiu o mesmo S. Pedro a todos os outros Apóstolos e confiadamente diz que a resposta daquela altíssima pergunta só era sua e só a ele pertencia. É verdade que a palavra da pergunta: *vos autem* — parece
10 que compreendia a todos; mas a resposta excluiu aos demais, como encaminhada a ele por quem sabia o que só Pedro sabia e os demais ignoravam.

Em um famoso milagre do mesmo S. Pedro temos um extremado exemplo, com que a extensão do *vos*
15 *autem* se limita só a ele. Entrando S. Pedro com S. João por uma das portas do templo de Jerusalém a orar, estava ali um pobre tolhido dos pés desde seu nascimento, o qual lhes pediu uma esmola; disse-lhe S. Pedro: *Respici in nos:* «Olha para nós», e respon-
20 dendo ao que pedia o pobre; — Eu — diz — não tenho ouro, nem prata, mas o que tenho, isso te dou; e tomando-o pela mão «o pôs em pé inteiramente são»: *Et protinus consolidatæ sunt bases ejus.* Pois se S. Pedro só havia de fazer, como fez, o milagre
25 sem ter parte nele o companheiro, porque não disse também — *olha para mim,* senão, *olha para nós?: Respice in nos?*

A razão fique para outro dia; o exemplo nos serve agora, e é quanto se pode desejar adequado. De
30 sorte que o *respice in nos* referiu-se a Pedro, e mais

---

19. *Actos,* III, 4.
23. *Ibid.,* 7.

a João; mas o milagre não o obraram Pedro e João, senão só Pedro. Pois assim como então o *respice in nos* se referiu a ambos e o obrador do milagre foi só um, assim no caso presente o *vos autem* referia-se a todos — *Respiciebat omnes* — e a milagrosa confissão foi só de Pedro. Só de Pedro, sem que o número ou multidão a que foi dirigida a pergunta, impedisse a glória única e singular de quem deu a resposta: e senão, combinemos o *vos* com o *tu* e o *tibi*. O *vos autem* foi de todos, e o *tu* só de Pedro: *Tu es Petrus;* o *vos autem* de todos, e o *dico* só de Pedro: *dico tibi;* o *vos autem* de todos, e o *revelavit* só de Pedro: *revelavit tibi;* o *vos autem* de todos, e o *dabo* só de Pedro: *Tibi dabo.*

IV

Assentada esta singularidade de S. Pedro dentro na mesma diferença que distinguia a todos os Apóstolos dos outros homens, segue-se que vejamos também singular nele a divindade, com que a mesma diferença lhe dava por consequência o nome de Deuses: *Nequaquam homines, sed Dii appellantur.* Em confirmação da sua consequência, excita questão S. Jerónimo, porque os outros homens, por mais que quiseram encarecer as grandezas de Cristo comparando-o às maiores personagens do Mundo, sempre contudo o fizeram homem; pelo contrário, um só dos Apóstolos que respondeu à pergunta sem comparações nem rodeios, disse direitamente que era Filho de Deus. E a razão de tão notável diferença (sendo o soberano sujeito o mesmo) diz o mesmo S. Jerónimo que foi porque cada um fala como entende, e entende como quem é. Os homens, porque falavam e enten-

diam como homens, chamaram a Cristo *homem;* S. Pedro, porque falava e entendia como Deus, chamou-lhe *Filho de Deus: Qui de Filio hominis loquuntur, homines sunt; qui vero divinitatem ejus intelligunt, non homines, sed Dii.* Note-se muito a palavra *intelligunt.* Eutímio diz o mesmo: *Solus Petrus vere Christum, et natura, et proprie Filium Dei esse intellexit.* S. Pascásio o mesmo: *Beatus Petrus plusquam homo erat, quia ultra hominem sapiebat: cumque Dei Filium in homine videret, ultra humanos oculos vidit, et intellexit.* E outra vez aqui se deve notar esta última palavra.

Em suma, que toda a divindade de S. Pedro se atribui ao entendimento com que penetrou e conheceu a do Verbo oculta debaixo da humanidade de Cristo. E porque mais ao entendimento que a outra qualidade ou excelência de quantas resplandeciam em um sujeito tão sublime? Porque assim havia de ser para se poder chamar Deus com toda a propriedade.

É grave questão entre os teólogos, qual seja em Deus o último e formal constitutivo da essência divina. E a sentença hoje mais recebida nas escolas, e mais comum, é que a essência divina se constitui e consiste no intelectivo radical, e na mesma intelecção, por ser este, como eles chamam, o primeiro predicado de Deus. E como o intelectivo radical, e intelecção divina, é a que última e formalmente constitui a divindade e essência de Deus, para que nem esta propriedade e correspondência faltasse à divindade de Pedro, e a metáfora com que é chamado Deus se ornasse também com os esmaltes de tão semelhante origem, foi conveniente à glória de tão soberana participação e semelhança, que a deidade do

mesmo Pedro se fundasse nas raízes do seu intelectivo e que a intelecção com que entendeu e conheceu a divindade de Cristo, fosse pelo mesmo modo o constitutivo da sua. Já não havemos mister as autoridades
5 dos Santos Padres, porque temos a do Eterno Padre e a do mesmo Cristo: *Quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cælis est.* A intelecção de Pedro não teve nada de humano, o qual se compõe de carne e sangue; mas elevado o seu intelectivo
10 e o seu entendimento pela revelação do Padre a uma altíssima participação e semelhança do divino, ali se constituiu a última formalidade da sua essência, e se conseguiu, do modo que era possível, o nome e dignidade de Deus: *Qui divinitatem ejus intelligunt,*
15 *non homines sed Dii.*

V

Elevado S. Pedro à divindade pela revelação do Padre, vejamo-lo segunda vez elevado ou confirmado nela pela eleição do Filho: *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo eccle-*
20 *siam meam.* O imperador Nerva, como refere Plínio, elegeu por seu sucessor a Trajano, e Trajano em agradecimento colocou a Nerva entre os deuses, e pagou-lhe a sucessão com a divindade. Muito melhor Pedro que Trajano, e muito melhor Cristo que

---

6-7. Trad.: *Porque to não revelou a carne nem o sangue, mas o meu Pai que está nos Céus. S. Mateus,* XVI, 17.

14-15. Trad.: *Não são homens mas deuses os que entendem a sua divindade.*

Nerva. Pedro disse a Cristo: *Tu es Christus Filius Dei vivi;* e Cristo disse a Pedro: *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* Pedro na sua confissão deu a divindade a Cristo, e Cristo
5 na sua sucessão não só deu a Pedro a sucessão, senão também a divindade. Assim foi e assim havia de ser; porque nem Pedro seria digno sucessor de Cristo, nem seria digna de Cristo a providência de sua Igreja, se Pedro fora sòmente homem, e não fora
10 juntamente Deus.

Notificou Moisés ao povo de Israel como tinha Deus resoluto que de ali por diante o governasse um anjo, e diz o texto sagrado que, ouvida esta nova, «todo o povo se pôs a chorar em pranto desfeito e todos se
15 cobriam de luto»: *populus luxit, et nullus* (...) *indutus est cultu suo.* Quem imaginaria de tal notícia tão encontrados efeitos? Antes parece que todos se haviam de vestir de gala e dar muitas graças a Deus por tal governador. Que melhor governador se podia
20 desejar que um anjo? Um anjo que não come, nem veste, nem granjeia; um anjo que não tem parentes, nem criados, nem apetites; um anjo tão sábio e tão verdadeiro, que nem pode enganar, nem ser enganado, benévolo, afável e sempre de bom rosto; en-
25 fim, um anjo? Pois se todas as outras nações se contentam ou sofrem ser governados por homens «e os trazem sobre a cabeça»: *Imposuisti homines super capita nostra;* que razão teve o povo de Israel para receber com lágrimas e lutos a nova de o haver de
30 governar um anjo? — Muito grande razão. Porque até ali quem governava aquele povo era Deus por si

15-16. *Êxodo,* XXXIII, 4.
27-28. *Salmo* LXV, 12.

mesmo; e suceder a Deus um anjo, não era favor, senão rigor; não era benefício, senão castigo; eram sinais da majestade divina ofendida e irada e demonstrações de que antes queria desamparar e des-
5 truir aquele povo, que conservá-lo. Esta foi a justa razão daquelas lágrimas; e já temos concluído que, ainda que S. Pedro fora um anjo, não seria digno sucessor de Cristo, nem ele deixaria dignamente provida a sua Igreja, e ela por aquela eleição e sucessão,
10 não se devia vestir de festa, como hoje a vemos, senão chorar e cobrir-se de lutos.

Vamos agora buscar a segunda consequência, e no mesmo povo a acharemos.

Vendo o povo de Israel que Moisés depois de subir
15 ao monte, havia quarenta dias que tardava e não aparecia, cansados de esperar os que agora cansam, vão-se ter com Arão, pedindo-lhe «que lhes faça um deus» *Fac nobis deos, qui nos præsedant; Moysi enim huic viro, qui nos eduxit de terra Ægypti, igno-*
20 *ramus quid acciderit;* «porque não sabemos (dizem) o que é feito deste homem que nos tirou do Egipto». *Deste homem* disseram, palavra em que manifestamente se implicavam e desfaziam a sua mesma petição. Pois se Moisés é homem, *huic viro,* porque
25 não pedem outro homem, mas dizem que lhes faça um deus em seu lugar?: *Fac nobis deos.* A petição foi ímpia; o intento não só bárbaro, mas sacrílego e blasfemo: porém a consequência não se pode negar que foi muito bem entendida, muito bem deduzida
30 e muito bem fundada. Moisés, ainda que era homem,

18-20. *Exodo*, XXXII, 1. *Deos* está no plural e não no singular, como o implica a trad. de V.

era juntamente Deus: *Constitui te Deum Pharaonis:* e para suceder dignamente a um homem Deus, é necessária consequência que o sucessor seja também Deus. Parece-me que sem mais explicação estou de-
5 clarado.

Cristo Senhor nosso era verdadeiro homem e verdadeiro Deus, como acabava de confessar S. Pedro; e se Pedro fosse sòmente homem e não fosse também Deus, nem ele seria digno sucessor de Cristo, nem
10 Cristo corresponderia àquela altíssima confissão com prémio e recompensa igual. Esta é a força daquele *et ego dico tibi:* Tu dizes que eu sou Deus; pois eu te digo que tu também o serás, sucedendo em meu lugar, e tendo as minhas vezes. St.º Ambrósio: *Quia*
15 *tu mi dixisti: — Tu es Christus, Filius Dei vivi — ego dico tibi non sermone casso, et nullum effectum habente (quia meum dixisse fecisse est) quia tu es Petrus et super hanc Petram ædificabo ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni cælorum.* Assim pa-
20 gou Cristo a Pedro uma divindade com outra, dando--lhe o poder de Deus no Céu, porque ele o tinha confessado por Filho de Deus na Terra.

De aqui se entenderá a solução de um grande reparo de St.º Agostinho, duas vezes repetido por ele;
25 e é que a mesma confissão que fez S. Pedro, fez

---

1. Trad.: *Constitui-te Deus de Faraó. Ibid.*, VII, 1.

14-19. Trad.: *Porque tu me disseste: — Tu és Cristo, filho de Deus vivo — digo-te eu, não com discurso vão e sem qualquer efeito (porque para mim o ter dito é ter feito) que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus.*

também o Demónio. *Ecce modo audistis in Evangelio quod ait Petrus: Tu es Christus, Filius Dei vivi: legite, et invenietis dixisse dæmones: scimus quia sis Filius Dei.* O Demónio era o mais jurado inimigo de
5 Cristo que havia, houve, nem haverá. Pois porque confessa a Cristo, e pelas mesmas palavras com que S. Pedro o confessou por Filho de Deus? Porque viu quanto lhe montou a Pedro esta confissão, diz agudamente S. Crisóstomo. O intento do Demónio foi
10 sempre ser como Deus: *Similis ero Altissimo*». «Pedro conseguiu ser como Deus pela confissão da divindade de Cristo; pois eu também o quero confessar, para conseguir o que ele conseguiu». Enganou-se como cego da ambição, mas inferia bem, se não fosse
15 quem era; e com o seu testemunho, posto que do Inferno, confirmou o mesmo que temos dito. De sorte que aquele soberbíssimo espírito tão ambicioso da divindade, de tal maneira reconheceu a de Pedro, que porque antigamente não pôde ser como Deus
20 no Céu, agora se contenta e procura ser como Pedro na Terra.

VI

Estabelecida tão amplamente a divindade de S. Pedro, vejamos com igual admiração quão divina e endeusadamente a pratica e usa dela. Quantos
25 grandes há neste Mundo, que não sabem ser o que

1-4. Trad.: *Eis que há pouco ouvistes no Evangelho que diz Pedro: — Tu és Cristo, filho de Deus vivo. Lede e encontrareis terem dito os Demónios: Sabemos que és filho de Deus.*

10. Trad.: *Serei semelhante ao Altíssimo.*

são? Depois de lhes dar o que lhes deu, parece que se arrependeu a fortuna do que lhes tinha dado. O rico é avarento, e não sabe usar da riqueza; o sábio é imprudente, e não sabe usar da sabedoria; 5 o valente é temerário, e não sabe usar do valor; e até os que têm as coroas na cabeça e os ceptros na mão, não têm cabeça nem mãos para saber reinar. Não assim Pedro, em tudo igual a si mesmo.

Pondera S. Pedro Damião alta e profundamente 10 quanto pode admirar e apenas compreender o juízo humano aquela imensa e inaudita comissão de Cristo a S. Pedro: *Quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis; et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cælis.* E diz assim elegan- 15 temente: *Adest Petrus, et ad ejus arbitrium orbis universus solvitur et ligatur. Et præcedit Petri sententia sententiam Redemptoris, quia non quod Christus, hoc ligat Petrus, sed quod Petrus, hoc ligat Christus. Quid est quod angelorum et hominum* 20 *agminibus exclusis, solus Petrus in consortium divinæ majestatis, et cum Domino residet præsidente? Consilium speciale Petri et Dei, ubi mortalem hominem Deo copulat et counit.* Atèqui o eloquentíssimo cardeal, depois de renunciar a púrpura. Eu o explico

---

15-23. Trad.: *Aparece Pedro e ao seu arbítrio, todo o orbe é desligado e ligado. A sentença de Pedro precede a sentença do Redentor, porque não é Pedro que liga o que Cristo ligou, mas este que liga o que por aquele foi ligado. E que significa que, excluídos os exércitos dos anjos e dos homens, só Pedro reside com Deus, enquanto Este preside ao tribunal da divina majestade? É o consílio especial de Pedro e de Deus, no qual o homem mortal e Deus se fazem um.*

e comento: Aparece Pedro, e ao arbítrio do seu império todo o Mundo é ou não é o que ele quer que seja ou não seja: se liberta, todo livre; se ata, todo atado e preso. Deus está no Céu e na Terra, quando
5 manda o Céu e a Terra; Pedro, estando na Terra, manda a Terra e mais o Céu. Se da Terra chovesse para cima, como descreve Lactâncio dos antípodas, não seria grande maravilha? Pois isto é o que passa no governo de Pedro; não descem os decretos do Céu
10 para a Terra, mas sobem da Terra para o Céu. Pedro é o que manda, e Deus o que se conforma. Conforma-se com o entendimento, conforma-se com o poder. O que entende, o que quer, o que ordena e manda Pedro, isso entende Deus, isso quer Deus,
15 isso ordena e manda Deus. E por que razão, quando Deus despacha no seu tribunal supremo, todos os espíritos angélicos assistem em pé, e só Pedro preside assentado? — Porque o tribunal de Deus, e o tribunal de Pedro não são dois, senão um só e o
20 mesmo.

O primeiro acto judicial que exercitou S. Pedro, foi no caso de Ananias. Eram naquele tempo da primitiva Igreja as fazendas e bens temporais dos cristãos comuns a todos: e contra esta lei ou voto,
25 vendeu Ananias uma herdade e ocultou parte do preço; manda-o chamar à sua presença S. Pedro; e que é o que fez e o que disse? O que só podia dizer e fazer Deus. O que disse foi: *Non es mentitus hominibus, sed Deo:* «Sabe, Ananias, que no que
30 encobriste não mentiste aos homens, senão a Deus.» Vede se se tratava como Deus quem assim falava. O que fez, foi ainda mais divino, mais admirável e

28-29. *Actos*, V, 4.

de maior terror. «Ouvindo aquelas palavras, caiu morto Ananias aos pés de Pedro»: *Audiens autem hæc Ananias, expiravit.* Descrevendo Isaías a justiça de Cristo, diz que «só com o espírito de sua boca
5 matará o ímpio»: *Et spiritu labiorum suorum interficiet impium.* E nisto mostrou o Profeta que o mesmo que havia de ser o Redentor, era o Deus que tinha sido o Criador. O modo com que Deus, quando criou o primeiro homem, lhe deu vida, foi inspirar-
10 -lhe no rosto com o espírito de sua boca: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ, et factus est homo in animam viventem.* Pois assim como só com o espírito de sua boca deu a primeira vida, assim com o mesmo espírito, sem outro instrumento, diz Isaías
15 que Cristo dará a morte ao ímpio. Isto é, nem mais nem menos, o que fez S. Pedro. Nem mandou matar a Ananias, nem lhe disse que morresse, e só com lhe tocar nos ouvidos o espírito de sua boca, caiu morto. Mas tal execução como esta, posto que de poder tão
20 divino, nunca a fez Cristo. Como diz logo o Profeta que com o espírito de sua boca havia de matar o ímpio? É profecia que ainda está por cumprir, e diz S. Paulo que se cumprirá quando Cristo, no fim do Mundo, com o espírito só de sua boca matará
25 o Anticristo. *Tunc revelabitur ille iniquus, quem Dominus Jesus interficiet spiritu oris sui et destruet illustratione adventus sui.* Esta será a última exe-

---

2-3. *Ibid.*, 5.
5-6. *Isaías*, XI, 4.
10-12. *Génesis*, II, 7.
25-27. Trad.: *Então será aquele iníquo revelado, a quem o Senhor destruirá só com um sopro da sua boca, e desfará com a claridade da sua aparição.* II *Epístola aos Tessalonicenses*, II, 8.

cução de justiça de Cristo e tal foi a primeira de Pedro.

Mas assim como Deus é muito mais largo nas mercês sem comparação que nos rigores, assim
5 mostrou também S. Pedro esta divina condição no poder da sua divindade. Por uma vida que tirou, deu infinitas vidas; e para maior maravilha com muito menor instrumento. Concorriam os enfermos de toda a parte, punham-se em compridíssimas filei-
10 ras nas ruas por onde Pedro havia de passar, e todos a quem tocava a sua sombra se levantavam sùbitamente sãos. Não é muito menor instrumento a sombra, que o espírito da boca? Pois esta só bastava para dar vida, e tantas vidas. Assim parece que se
15 competiram estes dois instrumentos em Pedro, como já se tinham competido em Deus, ficando a sombra com infinita glória vencedora. Que fez Deus com o espírito da boca? — Deu o ser e a vida ao primeiro Adão: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ.*
20 E que fez o mesmo Deus com a virtude da sua sombra? — Deu o ser e a vida ao segundo Adão, que é Cristo: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi, ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei.* Ó Deus, ó Pedro! Em tudo quis Deus que a divindade
25 de Pedro fosse semelhante à sua.

22-23. Trad.: *A virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra, e por isso o Santo que de ti há-de nascer será chamado filho de Deus. S. Lucas,* I, 35.

VII

Só parece que lhe falta ainda uma semelhança divina, que é a pessoal. Em Deus e na divina essência há três pessoas. E foi S. Pedro também semelhante a alguma delas? Também, mas não a alguma
5 sòmente, senão a todas três, semelhante a Deus Padre, semelhante a Deus Filho, semelhante a Deus Espírito Santo.

Quanto à semelhança de Deus Padre, não pode ser maior. Quando Cristo, Senhor nosso, se fez bap-
10 tizar no Jordão, abriram-se os Céus, e de lá se ouviu a voz do Eterno Padre, que disse: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui.* «Este é o meu Filho muito amado, no qual muito me agradei.» No monte da Transfiguração apareceu sobre ele uma nuvem
15 resplandecente, de dentro da qual se ouviu segunda vez a voz do mesmo Padre, tornando a declarar por Filho seu a Cristo, não com outras, senão com as mesmas palavras. Isto fez e disse o Eterno Padre; e não é isto o mesmo que fez S. Pedro, quando disse:
20 *Tu es Christus Filius Dei vivi?* — O mesmo. De sorte que este pregão e esta declaração da divindade de seu Filho, quis o Eterno Padre que saísse da sua boca e da boca de Pedro. Por isso o mesmo Padre foi o que lhes revelou o mistério a todos os outros
25 Apóstolos escondidos. E em que consistiu aqui o fino e o sublime deste tão singular favor? Consistiu em que, assim como o Padre tinha dado a seu Filho a divindade por geração, assim tomasse por companheiro a Pedro para ambos lha darem por manifes-

---

11-12. *S. Mateus,* III, 17.

tação. No *Apocalipse* viu S. João a Cristo em figura de cordeiro, e logo ouviu que toda a corte do Céu o aclamava a uma voz por «digno de receber a divindade»: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere*
5 *virtutem et divinitatem.* Pois o mesmo cordeiro Cristo não tinha recebido de seu Pai a divindade, e o ser divino desde o princípio sem princípio da eternidade? Sim, a tinha recebido por geração; mas agora a tornava a receber por manifestação. Por
10 geração foi concebido o Verbo no entendimento e conceito do Padre; por manifestação era de novo concebido no entendimento e conceito de todo o Mundo: *Non in se, sed in mente et ore hominum,* dizem com S. Tomás todos os intérpretes. E neste
15 segundo modo de conceição e de geração, quis o Eterno Padre que fosse seu Filho tão Filho de Pedro, como era seu: *Hic est Filius meus dilectus: Tu es Christus, Filius Dei vivi.*

A semelhança da Pessoa de Deus Filho também
20 o mesmo Filho lha deu. E quando? Quando lhe deu o nome de *pedra*. Cristo teve o nome de *pedra* desde o tempo em que os filhos de Israel «bebiam daquela pedra que os seguia», como declarou S. Paulo: *Bibebant de consequente eos petra, petra autem erat*
25 *Christus.* E como Cristo era pedra e deu o nome de pedra a Pedro, como a semelhança e dignidade do seu nome o admitiu em quanto segunda Pessoa da Santíssima Trindade ao consórcio e companhia, isto é, a lhe ser companheiro nela. S. Leão Papa: *In con-*

4-5. *Apocalipse*, V, 12.
14. Vid. Cornélio a Lápide, *Commentaria*.
23-25. I *Epístola aos Coríntios*, X, 4.

sortium individuæ trinitatis assumptum id quod ipse erat, nominari voluit. E S. Máximo acrescenta que não foi só favor e graça, senão merecimento: *Recte consortium meretur nominis, qui consortium meretur*
5 *et operis.* Disse *operis,* e pudera com a mesma e maior propriedade dizer *oneris;* porque, quando Cristo o fez pedra fundamental de sua Igreja, todo o peso dela lhe carregou sobre os ombros. Isto é o que pesa aquele *super hanc petram.* Outro peso foi o que o mesmo
10 Cristo tomou sobre si, quando se sujeitou a pagar o tributo de César; mas também neste igualou a Pedro consigo, e quis que fossem companheiros e meeiros na paga do mesmo tributo: *Da eis pro me, et te.*

Nota aqui Abulense e os outros expositores literais,
15 que S. Pedro não tinha obrigação de pagar aquele tributo, porque não era cabeça da família. E porque outros sentem o contrário, eu o tiro com evidência do texto; porque os cobradores do mesmo tributo só disseram a S. Pedro: *Magister vester non solvit didra-*
20 *chma.* Pois se S. Pedro não tinha obrigação de pagar o tributo, nem a ele lho pediam, porque lhe manda o Senhor que pague? Porque ele o pagava; e quis honrar a Pedro com o igualar com sua própria Pessoa. *O honoris excellentia!*—exclama S. Crisóstomo.
25 Desta mesma igualdade tão familiar e repetida se pode também admitir sem escrúpulo um pensamento com que Lirano interpreta o de S. Pedro, quando disse no Tabor: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum. Moysi unum, et Eliæ unum.* E porque não

13. *S. Mateus,* XVII, 26.
19-20. *Ibid.,* 23.
28-29. *S. Mateus,* VII, 4.

tratou também Pedro de tabernáculo para si e para os dois companheiros? «Porque supôs que os dois morariam com Moisés e Elias, e ele com Cristo»: *Non loquitur de tabernaculo faciendo pro se et sociis suis, quia volebat cum Christo esse in suo tabernaculo, et socii sui cum aliis duobus.* Vede se se pode imaginar maior e mais familiar igualdade entre Pedro e a segunda Pessoa da Trindade, se se hão-de nomear ambos com o mesmo nome, se hão-de pagar ambos o mesmo tributo, se hão-de morar ambos no mesmo tabernáculo!

Com o Espírito Santo, que é a terceira Pessoa, não temos menos sublimada ou endeusada a divindade de S. Pedro. Tão iguais são ou tão parecidas, a processão do Espírito Santo e a promoção de Pedro, a personalidade de um e a dignidade ou majestade do outro, que ambas manam das mesmas fontes e ambas trazem o ser, em Pedro, das mesmas causas, e no Espírito Santo, que não pode ter causa, dos mesmos princípios. Como procede o Espírito Santo? A Fé o diz e a Igreja o canta: *Qui ex Patre, Filioque procedit:* «Procede o Espírito Santo do Padre e procede do Filho». O Padre é um princípio parcial; o Filho outro princípio também parcial; e destes dois princípios parciais se compõe o princípio total, do qual, produzido ou espirado, procede o Espírito Santo. E a promoção de S. Pedro à dignidade ou divindade que temos visto, como procedeu? Com a mesma verdade podemos, havemos de dizer, e com nenhuma se pode negar, que procedeu do mesmo Padre e do

6. Lira, *ibid. (N. de V.).*

mesmo Filho: do Padre, revelando: *Quia Pater, revelavit tibi;* e do Filho, dizendo: *Et ego dico tibi:* do Padre, que foi o primeiro que o elevou; do Filho, que foi o segundo que o declarou; e de cada um
5 como princípio ou causa parcial; e de ambos como causa total que o constituiu ou constituíram na dignidade.

Não pára aqui a semelhança. Em Pedro concorreram para a mesma dignidade dois actos, um do
10 entendimento, outro da vontade e do amor: o do entendimento, quando perguntados todos, ele só disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi;* o da vontade e do amor, quando perguntado só: *Diligis me plus his?* ele respondeu: *Tu scis Domine qua amo te.*
15 Vede agora como estes dois actos foram uma admirável representação do acto de entendimento, que precede no Padre quando gera o Filho, e do acto de vontade e amor entre o Padre e o Filho, pelo qual procede o Espírito Santo.

20 É grave questão entre os teólogos se no acto do entendimento, com que o Padre gera o Filho, se conhece e compreende também o Espírito Santo? E se resolve comummente que sim. Mas esta resolução tem uma grande réplica, porque naquela prio-
25 ridade, que não é de tempo, nem de natureza, senão de origem, ainda não há nem se pode considerar vontade, e por consequência, nem Espírito Santo, que procede por acto da mesma vontade. Como se pode logo compreender o Espírito Santo no acto pre-
30 cedente do entendimento, que é antes de ele ser? Os que respondem mais fácil e inteligìvelmente di-

---

12. *S. João,* XXI, 15.

zem, como refere Soares: *Patrem in eo signo non agnoscere Spiritum Sanctum, ut productum sed ut producendum, nec ut existentem, sed ut futurum.* «Que o Eterno Padre, quando gera o Filho, não
5 conhece o Espírito Santo como Pessoa já produzida, senão que se há-de produzir, nem como já existente, senão futura». De sorte que a personalidade do Espírito Santo, no acto do entendimento do Padre, é ainda futura, e não existente. E essa existência quando a
10 há-de ter? Quando ao acto do entendimento se seguir a vontade, e pela mesma vontade o acto do amor.

Comparai-me agora a dignidade de Pedro com a personalidade do Espírito Santo. O acto do entendimento em Pedro foi quando disse: *Tu es Christus*
15 *Filius Dei vivi:* e assim como a personalidade do Espírito Santo no acto do entendimento só era futura e não existente, assim também a dignidade de Pedro, não existente, senão futura: *Super hanc petram ædificabo ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni*
20 *cœlorum.* Não diz *ædifico*, senão *ædificabo*, nem diz *do*, senão *dabo*, tudo de futuro. E a existência deste futuro quando há-de ser? Como a do Espírito Santo: depois do acto da vontade e do amor recíproco: *Diligis me plus his? Tu scis Domine quia amo te.*
25 Depois deste acto de amor recíproco, e não uma, senão três vezes repetido, então lhe deu e conferiu o Senhor a investidura da dignidade que lhe tinha prometido: *Pasce oves meas, pasce agnos meos.*

Provido assim o governo da Igreja, se partiu Cristo
30 para o Céu, donde prometeu mais que viria «o Espí-

---

1. Soares, lib. 9, c. 5. n. 9.
28. *S. João*, 16 e 17.

rito Santo mandado pelo Padre em seu nome, não do Padre, senão do mesmo Cristo»: *Paraclitus autem quem mittet Pater in nomine meo.* E que quer dizer *in nomine meo?* — Quer dizer — *em meu lugar e*
5 *com as minhas vezes.* Eutímio: *In nomine meo, id est, ut hic me referat, et meis fungatur vicibus.* Eusebio Emisseno: *Mea vice et meo nomine magnus consolator et doctor sapientissimus dabitur vobis.* Aqui tornou Cristo a igualar a Pedro com o Espírito
10 Santo, como o tinha igualado consigo, dando as suas vezes e fazendo seu vigário a terceira Pessoa da Trindade e juntamente a Pedro. Pedro, vigário de Cristo deixado na Terra: o Espírito Santo, vigário de Cristo mandado do Céu; Pedro, vigário visível: o Espírito
15 Santo, vigário invisível; o Espírito Santo, verdadeiro vigário e verdadeiro Deus: Pedro, verdadeiro vigário e verdadeiramente como Deus. Admire-se a igualdade deste poder e a majestade soberana de Pedro no primeiro seu decreto, e pasmem os que ouvirem o proé-
20 mio do primeiro concílio: *Visum est Spiritui Sancto et nobis.* Pedro foi o que congregou o concílio; Pedro o que falou em primeiro lugar, calando todos, como diz S. Lucas; Pedro a quem depois de falar seguiram os demais Apóstolos; e Pedro que em nome do Espí-
25 rito Santo e seu assinou e mandou publicar o decreto. Quando S. João, no princípio do seu *Apocalypse*, escreveu às igrejas da Ásia, as epístolas eram de

---

2-3. S. *João* XIV, 26.

5-6. Trad.: *Em meu nome, isto é, que este me represente e desempenhe as minhas funções.*

7-8. Trad.: *Em meu lugar e em meu nome vos será dado um grande consolador e mestre.*

20-21. *Actos dos Apóstolos*, XV, 28.

João: *Joannes septem ecclesiis, quæ sunt in Asia;* mas quem no fim as assinava cada um por si, era o Espírito Santo: *Qui habet aurem, audiat quid spiritus dicat ecclesiis.* Porém quando Pedro decreta, não só
5 assina os decretos o Espírito Santo, senão também Pedro: *Visum est Spiritui Sancto, et nobis.*

VIII

Já parece que deve estar satisfeita a nossa metáfora e a divindade de S. Pedro com ser semelhante a Deus Padre, semelhante a Deus Filho, semelhante
10 a Deus Espírito Santo, e por consequência a toda a Santíssima Trindade, que foi a soberania universal da assunção de S. Pedro, como acima disse S. Leão Papa e eu deixei passar sem ponderação, porque este era o seu próprio lugar, e a chave mais que dourada
15 com que se havia de fechar este discurso: *In consortium individuæ Trinitatis assumptum.* Agora pergunto se tem mais para onde subir a nossa metáfora, e a semelhança da divindade de S. Pedro com Deus? Respondo que a semelhança, não, mas a divindade,
20 sim. Porque subiu a divindade de Pedro (não digo a tal alteza, porque a não pode haver mais alta que Deus) mas a tal singularidade de divina, que em Deus a não há, nem pode haver semelhante. Em Deus, e na Santíssima Trindade não pode haver
25 quarta pessoa, e S. Pedro foi a quarta pessoa da

---

1. *Apocalipse,* I, 4.
3-4. *Ibid.,* II, 7.
9. Na 1.ª ed. ocorre por lapso tipográfico *Deus Pedro.*

Santíssima Trindade. Vede como, e não tenhais medo de alguma heresia.

Quando S. Pedro acabou de fazer a sua confissão, disse-lhe o mesmo Cristo assim exaltado: ***Beatus es, Simon Barjona:*** Bem-aventurado és, Simão Barjona. Era este o apelido humilde de Pedro, e que cheirava ainda ao breu da barca; e têm para si alguns expositores, quis o Senhor lembrar-lhe nesta ocasião a baixeza do seu nascimento, para que a dignidade, a que logo o havia de levantar, o não desvanecesse. Mas eu não me posso persuadir que, quando S. Pedro acabava de honrar a Cristo por seu Pai, com o nome de Filho de Deus vivo, o Senhor lhe respondesse com o que tanto lhe tocava no vivo, como ouvir em público a indignidade do seu. E o que em tal caso não faria nenhum homem de bem, não havemos de crer que o fizesse o bem dos homens. Qual foi logo a razão daquele nome ou sobrenome, e em resposta do que Pedro tinha dito? *Barjona* na língua hebreia ou siríaca que naquele tempo era a vulgar, significa *filius columbæ*, filho da pomba; e dizem comummente os Santos Padres que aludiu o Senhor à pomba, em cuja figura desceu o Espírito Santo no baptismo sobre o mesmo Cristo. Como se dissera o divino Mestre com resposta muito digna da sua grandeza:—«Tu, Pedro, dizes que eu sou Filho do Eterno Padre? Pois eu te digo que tu és filho do Espírito Santo». Assim o diz S. Jerónimo, Santo Hilário, Eusébio Emisseno, a Glossa, e com palavras mais expressas que todos o venerável Beda: ***Justa laude confessorem suum Dominus remunerat, cum eum Sancti Spiritus filium esse attestatur, a quo ipse filius Dei asseveratur.***

Suposto, pois, que S. Pedro é filho do Espírito Santo, já parece que não está muito longe de ser a

quarta Pessoa da Santíssima Trindade. Porque, se o Verbo, por ser Filho do Padre, é a segunda pessoa, Pedro, por ser filho do Espírito Santo, porque não será a quarta? Bem se segue a consequência, e assim 5 havia de ser, se fosse possível. Mas porque era impossível na realidade, foi filho do Espírito Santo e quarta pessoa da Trindade por semelhança e não na realidade, que esse é o meu assunto e a propriedade da minha metáfora. As Pessoas divinas só se 10 podem multiplicar ou por entendimento ou por vontade: por entendimento, já estava infinitamente multiplicada a segunda Pessoa no Filho; por vontade, já estava infinitamente multiplicada a terceira Pessoa no Espírito Santo; donde se segue que só as Pessoas 15 do Padre e do Filho são fecundas e a do Espírito Santo não. Mas não se segue de aqui que seja menor a perfeição do Espírito Santo que a do Padre e do Filho, porque tanta perfeição é não poder o impossível, como poder o possível. Para que entendam os 20 todo-poderosos do Mundo, que se devem contentar com poder o que podem, e não querer mais. E porque a Pessoa do Espírito Santo não era fecunda *ab æterno*, por isso se lhe supriu a fecundidade em tempo na pessoa de Pedro, não quanto à realidade, 25 senão quanto à semelhança: *Barjona, filius columbæ; Barjona, filius Spiritus Sancti.*

Vamos ao princípio do Mundo, e acharemos esta fecundidade do Espírito Santo admiràvelmente retratada. Onde a *Vulgata* diz: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*, 30 lê o original hebreu: *Spiritus Domini fœcundabat aquas;* que «o Espírito Santo fecun-

---

29-30. *Génesis*, I, 2.

dava as águas». E por que razão comunicava o Espírito Santo a sua fecundidade mais ao elemento da água que a nenhum dos outros? Não desceu do Céu no dia de Pentecostes «em forma de ar»?: *Tanquam advenientis Spiritus vehementis?* Não apareceu sobre os Apóstolos «em forma de fogo»?: *Dispertitæ linguæ tanquam ignis?* E depois de descer e aparecer, não «encheu a terra toda»?: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum?* Por que razão pois as influências da sua fecundidade as comunica só ao elemento da água, que naquela mesma ocasião se chamou mar?: *Congregationes aquarum appellavit maria?* Porque do mar lhe havia de nascer ao Espírito Santo aquele filho, que já de então estava prevendo que com o nome de Simão Barjona andava navegando e remando no mar de Tiberíades. Mal cuidei eu que achasse autor ao pensamento; mas assim o tinha escrito há muitos séculos entre os Santos Padres um de tanta autoridade, como sabedoria: *Congregentur aquæ,* diz Anastácio Sinaita, *Petrus enim jam crucem, tanquam remum intingit in mari mundano.* Fecundou o Espírito Santo as águas do mar, porque no mar havia Pedro de meter primeiro o remo como pescador, e depois, trocado o remo com o lenho da cruz, havia de navegar e sujeitar com ela, como sucessor de Cristo, o Oceano do Mundo. Assim imitou o Espírito Santo a fecundidade da primeira e segunda Pessoa, assim foi filho da mesma fecundidade S. Pedro, *Filius Spiritus Sancti,* e assim, do modo que era possível, acresceu à Santíssima Trindade uma quarta pessoa por semelhança, e não na realidade.

4-5. *Actos,* II, 2.
11-12. *Génesis,* I, 10.

E porque não faltasse a esta quarta pessoa a semelhança divina das outras três, assim como o Padre e o Filho e o Espírito Santo entendem com um só entendimento e querem com uma só vontade, e obram
5 com um só poder, também à pessoa de Pedro, como se fosse a quarta, lhe não faltou esta divina propriedade, por isso chamada indivídua. Assim concedem S. Leão e S. Máximo à dignidade ou divindade de Pedro a prerrogativa, que eles chamam *consortium*
10 *Trinitatis;* e assim a declara, comentando os mesmos santos, o doutíssimo Daza, da nossa Companhia, sujeito em quem a antecipada morte roubou à Teologia e à Escritura um dos mais sólidos e excelentes intérpretes. As suas palavras são estas: *Nempe suas*
15 *(Pedro) impertiendo vices, et quæ Dei sunt communicando: ut eadem sit ipsi cum Trinitate mens ad ea quæ definit, eadem voluntas ad illa, quæ jubet, eadem potentia ad ea quæ facit.* Forte e elegantemente. De maneira que, «enquanto Pedro tem as
20 vezes de Cristo, no Padre, no Filho, no Espírito Santo, em Pedro há um só e o mesmo entendimento, uma só e a mesma vontade, uma só e a mesma potência. Um só e o mesmo entendimento, porque o que entende Deus, entende Pedro nas matérias que
25 define; uma só e a mesma vontade, porque o que quer Deus, quer Pedro nos cânones que estabelece; uma só e a mesma potência, porque o que pode Deus pode Pedro nas maravilhas que obra». Tudo isto quer dizer em Pedro e só em Pedro aquele *vos*
30 *autem: Vos non homines, sed Dii.*

---

11. Daza in *Epist. Jacob. c. 1. v. 1. n. 3. (N. de V.).*

IX

Tão alta (muito Reverendos Senhores) tão alta, tão sublime e tão verdadeiramente divina é a suprema dignidade, debaixo de cujo nome e protecção se uniu, se conserva e floresce esta tão venerável como
5 religiosa Congregação dos Clérigos de S. Pedro! E quando considero a todos os congregados dela segregados, como diz S. Paulo, e distintos dos outros homens pela impressão do carácter sacerdotal, não sei o que mais devo venerar neles, se o que Cristo
10 disse a S. Pedro, se o que S. Pedro disse a Cristo. E senão, perguntemos de cada um dos sacerdotes da Lei da Graça o que o mesmo Senhor perguntou de si: *Quem dicunt homines?* Quem dizem os homens? Porventura dizem *Alii Joannem Baptistam?* Pouco
15 sabem, se isso dizem. O grande serafim da Terra, S. Francisco, dizia, como refere S. Boaventura, que, se encontrasse em uma rua a S. João Baptista, e a um pobre sacerdote o menos autorizado e respeitado nos olhos do Mundo, primeiro havia de fazer reve-
20 rência ao sacerdote que ao mesmo Baptista. S. Martinho (aquele que, sendo ainda catecúmeno e soldado, com a metade da capa vestiu a Cristo) estando à mesa com o Imperador Máximo, quando o copeiro-mor lhe levou a taça, disse o Imperador que a desse
25 a Martinho, esperando recebê-la da sua mão; e que fez o animoso e justo prelado, que bem conhecia a sua dignidade? Sem cumprimento algum ao imperador, bebeu ele, e logo deu a taça a um presbítero que o acompanhava, para que bebesse, antepondo a
30 coroa aberta de um simples sacerdote à cerrada do

mesmo Imperador. Isto é o que respondem sem injúria do Céu nem da Terra, aqueles dois oráculos da Lei da Graça, Francisco e Martinho.

Passemos aos da Lei da Natureza e da Lei Es- 5 crita: *Quem dicunt homines?* Os da Lei da Natureza o mais que podem dizer, é ser o sacerdote cristão como Melquisedec: *Sacerdos Dei Altissimi,* o qual «oferecia a Deus pão e vinho»: *Panem et vinum offerens.* Mas isto é comparar a sombra com a luz e a 10 semelhança com a verdade. O pão que oferecia Melquisedec, era assim como o que se colhe na eira, e o vinho assim como o que se espreme no lagar; porém o pão e vinho que os nossos sacerdotes oferecem, posto que debaixo dos mesmos acidentes, é 15 pão transubstanciado no corpo de Cristo e vinho transubstanciado no seu próprio sangue: frutos que não conheceu a natureza, e palavra que foi necessário à Teologia inventá-la de novo. Os da Lei Escrita dirão que o nosso sacerdócio é como o de Arão, e 20 cuidarão que o louvam muito; mas eu quando menos quisera que olhassem para a pureza e limpeza dos nossos altares, dos quais já disse o mesmo Deus a um dos profetas daquele tempo, dando-lhe em rosto com a perfeição e asseio dos nossos sacrifícios: *In omni* 25 *loco offertur nomini meo oblatio munda.* Os sacerdotes da Lei Velha com as mãos tintas em sangue bruto, quando as vítimas eram as mais mimosas, sacrificavam bezerros e cordeiros: e os nossos com as

---

3. Sever. Biturigens, in *Vita Martini. (N. de V.).* É Sulpício Severo, aquitanense e discípulo de S. Martinho, a quem biografou.

7. *Génesis,* XIV, 18.

24-25. Trad.: *Em toda a parte é oferecida ao meu nome um sacrifício puro. Malaquias,* I, 11.

mãos puras, como diz S. Paulo, sacrificam a Deus o diviníssimo holocausto de seu próprio Filho, tão infinito, tão imenso, tão omnipotente e tão Deus como ele.

Isto é o que *dicunt homines. O vos autem* seja
5 dos anjos e respondam eles. Que dirão os anjos? Dirão que os mais altos querubins e serafins do Empíreo, se foram capazes de inveja, nenhuma dignidade invejariam senão a do homem sacerdote. No sacrossanto sacrifício da missa, o sacerdote é o sacrificante
10 e os anjos os ministros que o assistem, e talvez o servem, como os que nós chamamos ajudantes, e quando estes se divertem, suprem os seus descuidos. Assim sucedeu a S. Gregório papa, celebrando na igreja de Santa Maria Maior em dia de Páscoa.
15 Quando disse: *Pax Domini sit semper vobiscum*, descuidou-se o ajudante de responder, e responderam os anjos que assistiam: *Et cum spiritu tuo*. De aqui teve origem um uso ou rito notável da Igreja romana, e é que, quando o sumo pontífice na missa de dia de
20 Páscoa diz as mesmas palavras: *Pax Domini sit semper vobiscum*, o coro se cala e não responde, conservando-se neste silêncio a memória do que supriram as vozes dos anjos em dia semelhante.

Mas nesta mesma vigilância tão reverente, tão
25 devota e tão obsequiosa, com que os espíritos angélicos assistem ao sacerdote celebrante, haverá algum da suprema jerarquia que se atreva a tocar a hóstia que ele consagra nas suas mãos, e tantas vezes torna a tomar nelas no mesmo sacrifício? Por nenhum
30 modo. Não se estendem a tanto os privilégios dos anjos. Quando Deus mandou de comer a Daniel no

15. Guilielmi Durandi lib. 6, cap. 88. *(N. de V.)*.

lago dos leões, o Profeta levava o pão e o Anjo levava o Profeta pelos cabelos. Pois não seria mais fácil que o pão o levasse o anjo? — Mais fácil, sim, mas não lhe era lícito. O pão em profício era figura do que se
5 havia de consagrar nos nossos altares. O Profeta, como diz S. Jerónimo, era da tribo sacerdotal de Levi: e tocar aquele sagrado pão só é lícito aos sacerdotes, e de nenhum modo aos anjos. Mas vejo que os mesmos sacerdotes me estão arguindo com um
10 texto em contrário, e o mais sagrado cânon de todos os da Igreja. Depois da consagração do corpo e sangue santíssimo, todos fazemos a Deus esta oração: *Jube hæc perferri per manus sancti angeli tui in sublime altare tuum.* Logo, se o nosso
15 sacrifício se há-de levar ao Céu *per manus sancti angeli tui,* bem podem as mãos dos anjos fazer o que fazem as nossas. *Absit* (responde Teófilo, o mais diligente escrutador das realidades deste mistério) *Absit, ut precatio illa intelligatur de victimæ nostræ*
20 *reali apportatione, sed intelligenda est metaphorice, ad cum modum quo angelus ait se obtulisse orationem Tobiæ Deo.* De sorte que aquela oração «não se há-de nem pode entender de que os anjos realmente levem o nosso sacrifício ao Céu, senão metafòrica-
25 mente, assim como o anjo de Tobias diz que ofereceu a Deus as suas orações». E a razão é manifesta; porque se o anjo levasse a nossa hóstia ao Céu, ficaria imperfeito o sacrifício, que não só consiste na consagração e oblação, senão também na consunção:

13-15. Trad.: *Manda que esta (vítima) seja levada pelas mãos do teu santo Ângelo ao teu sublime altar.*

17. Theophilo Raynaud, in *Tractatio de Atributis Christi,* c. 3. *(N. de V.).*

25. *Tobias,* XII, 5 e 8.

e então perfeitamente se consuma, quando a vítima consagrada morre, ou deixa de existir, que é quando pela indisposição das espécies deixa o corpo de Cristo de estar debaixo delas. Assim que isto é o que diz,
5 e só pode dizer a confissão dos anjos.

X

Ouvidos pois os homens e os anjos, quem resta para ouvir, senão ùnicamente o mesmo Deus? Ouçamos, pois, muito Reverendos Padres, a Deus, e veremos como diz desta venerável Congregação, o que
10 S. Jerónimo disse dos Apóstolos, que já então eram a Congregação de S. Pedro: *Vos autem non homines, sed Dii.* Deuses lhes chamou S. Jerónimo, e por mais autêntica boca que é a de David, lhe dá Deus o mesmo nome. E o mesmo Deus, cujo dizer é fazer,
15 afirma que ele é o que o disse: *Ego dixi, Dii estis, et filii excelsi omnes.* Deuses chama, e filhos de Deus aos sacerdotes, e não em sentido alegórico, senão literal, porque literalmente fala o Profeta dos ministros da Igreja, segundo a frase daquele tempo: *Deus*
20 *stetit in synagoga Deorum:* e Cristo, melhor intérprete, literalmente o alega no capítulo X de S. João, que todo é dos pastores e suas ovelhas, que são os eclesiásticos com o poder e poderes do sacerdócio. Suposto pois que Deus lhes chama Deuses e filhos
25 de Deus, *Dii estis, et filii excelsi,* com razão perguntará alguma curiosidade douta, em qual das duas

---

15-16. Trad.: *Eu disse: Sois Deuses e todos filhos excelsos. Salmo,* LXXXI, 6.
19-20. *Ibid.,* 1.

partes desta proposição disse Deus mais: se quando chama aos sacerdotes Deuses, ou quando lhes chama filhos de Deus? Eu digo que quando lhes chama filhos de Deus; porque na primeira parte alude ao
5 poder da jurisdição e na segunda ao poder da ordem. Quando Cristo, Senhor nosso, disse ao paralítico: *Remittuntur tibi peccata tua*, murmuraram todos da proposição, dizendo: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* Negavam mal este poder a Cristo,
10 mas supunham bem em dizer que só Deus pode perdoar pecados. E este é o poder dos sacerdotes enquanto Deuses: *Quorum remiseritis peccata, remittuntur eis*. E digo enquanto Deuses, porque o poder de perdoar pecados não só é próprio e ùnicamente
15 de Deus, senão o maior e o máximo em que ele manifesta e ostenta toda a grandeza do seu poder: *Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maxime, et miserando manifestas*. Mas com este poder de Deus merecer o nome e significação de máximo, o de
20 Filho de Deus ainda significa mais. E porquê? — Porque mais é no Filho de Deus o poder de consagrar seu corpo, que em Deus o de perdoar pecados. Ouvi a razão.

O perdoar pecados consiste formalmente em Deus
25 ceder do jus e direito que sua justiça tem para os castigar, que é acto superior da sua misericórdia, *parcendo maxime, et miserando:* e como neste acto vence a misericórdia divina a justiça divina, também Deus se vence a si mesmo, que é «a maior vitó-

---

8-9. S. *Lucas*, V, 20 e 23.
12-13. S. *João*, XX, 23.

ria, a maior façanha do seu poder»: *Omnipotentiam tuam maxime manifestas.* Porém a do Filho de Deus em se consagrar ainda é maior, porque mais é poder-
-se fazer a si mesmo, que poder-se vencer; e isto é o
5 que pode, e o que fez o Filho de Deus, sumo e eterno sacerdote, quando se consagrou no sacramento, porque realmente se tornou a fazer e reproduzir a si mesmo. Mas não parou aqui sua omnipotência e liberalidade, senão que este mesmo poder de o reprodu-
10 zirem e fazerem a ele, comunicou aos sacerdotes, quando lhes disse: *Hoc facite in meam commemorationem:* «Isto mesmo que eu fiz, fazei vós». Expressamente S. Germano, venerado e alegado neste mesmo ponto pelos Padres gregos: *Ipse dixit: hoc*
15 *est corpus meum, hic est sanguis meus; ipse et apostolis jussit, et per illos universæ ecclesiæ hoc facere: hoc enim (ait) facite in meam commemorationem. Non sane id facere jussisset, nisi vim, hoc est, potestatem inducturus fuisset, ut id facere liceret.* Ó poder
20 quase incompreensível, e que só se pode admirar com o nome de estupendíssimo! Nos seis dias da criação criou Deus com seis palavras todo este Mundo, e o sacerdote com quatro palavras faz mais todos os dias que se criara mil mundos.

25 Declaremos bem este poder mal entendido, para que todos o entendam e pasmem. O lume da Igreja,

---

11-12. I *Epístola aos Coríntios*, XI, 24.

14-19. Trad.: *Eu próprio disse: Este é o meu corpo, este é o meu sangue; ele próprio mandou aos Apóstolos e por seu intermédio à Igreja universal, que assim fizessem: Fazei isto — disse — em minha memória. E não o mandaria razoàvelmente, se lhes não desse a força, o poder de licitamente o fazer.* — S. Germanus, sub finem *Theoriæ*, allegatus a Casibila. *(N. de V.)*.

St.º Agostinho, exclama assim: *O veneranda sacerdotum dignitas! in quorum manibus Dei Filius velut in utero virginis incarnatur!:* «Ó dignidade veneranda dos sacerdotes, em cujas mãos o Filho de Deus, como
5 no ventre sacratíssimo da Virgem Maria, torna outra vez a encarnar!» Em que consistiu a encarnação do Verbo Eterno? Consistiu na produção do corpo e alma de Cristo e na produção da união hipostática, com que a sagrada humanidade se uniu à subsistência
10 do Verbo. E tudo isto faz o sacerdote com as palavras da consagração, produzindo outra vez, ou reproduzindo todo o mesmo Cristo. Na mesma conformidade falam S. João Crisóstomo, S. Gregório Papa, S. Pedro Damião, e o antiquíssimo Teodoro Ancirano,
15 famoso no Concílio Efesino. Mas porque cuidam alguns que semelhantes questões são mais debatidas e examinadas pelos teólogos modernos, quero também alegar as palavras de dois bem conhecidos na nossa idade. O P. Teófilo Rainaudo, tão perseguidor
20 de opiniões, ou devoções pouco sólidas, como se vê nos seus eruditíssimos livros contra *Anomala pietatis*, diz o que se segue: *Sacerdos Christum sub accidentibus ponit, esse sacramentale illi conferendo per veram Christi productionem substantialem*. E mais abaixo:
25 *Christus non producitur absque unione ad Verbum,*

---

19. Trad.: *O sacerdote põe Cristo sob os acidentes, conferindo-lhe um ser sacramental pela verdadeira produção substancial de Cristo. Cristo não é produzido sem união ao Verbo, porque não é puro homem, mas é a pessoa do Filho que no homem se oculta; e assim no sacrifício Deus é incarnado nas mãos do sacerdote. O poder do sacerdote estende-se até realizar a união hipostática. Theophil Rayn. in Sacro Christ. Achat.* c. 3. *(N. de V.).*

quia non est purus homo, sed suppositum ejus est Persona Filii: itaque in sacrificio Deus in manibus sacerdotum incarnatur. E noutro lugar: *Quin etiam sacerdotis potestas extenditur ad efficiendam unionem*
5 *hypostaticam, et transubstantionem panis, et vini.* Não romanceio as palavras, porque são expressamente tudo o que tenho dito. E o P. Eusébio Neriemberg, varão de tanto espírito, erudição e letras, cujos livros todos trazem nas mãos, fazendo a mesma com-
10 paração, que eu já toquei, entre a criação do Mundo e consagração do corpo de Cristo, discorre e infere desta maneira: *Mundum, et ea quæ in mundo sunt, produxit potentia Patris: sacerdotis vero potentia producit Filium Dei in sacramentum, et sacrificium, quo*
15 *admirabilior potestas est sacerdotis transubstantiatione Filium Dei, quam creatione res perituras Dei Patris producentis.* Quer dizer: «A potência do Eterno Padre produziu o Mundo, e tudo o que há no mundo; a potência do sacerdote produz o Filho de Deus em
20 sacramento e sacrifício; donde se segue que o poder do sacerdote, na transubstanciação do Filho de Deus, é muito mais admirável que a potência do Eterno Padre na criação de todas as cousas do Mundo, que hão-de acabar com ele.»

---

5. *Idem de Prima.* Mista sect. 3. c. 1. — *(N. de V.).*
12-17. Trad.: *O Mundo e quanto no Mundo existe produ-lo a potência do Padre; a potência, porém, do sacerdote produz o Filho de Deus no sacramento, e no sacrifício, pelo que mais é mais admirável o poder do sacerdote em produzir pela transubstanciação o Filho de Deus, do que o poder do Pai em produzir pela criação as coisas que hão-de perecer.* — Nieremberg, *Ascetic.* lib. 2. doctrin. 4. c. 24. *(N. de V.).*

XI

Esta é, muito Reverendos Padres, a dignidade ou divindade do *vos autem*, participada de seu divino protector S. Pedro a esta sua Congregação, tão digna de ser sua. E que se segue daqui, ou qual é a obri-
5 gação dos congregados? Se eu tivera as cãs que me faltam, alguma palavra lhes pudera dizer tão importante à veneração alheia, como à decência própria. Mas porque eu, posto que tão indignamente, tenho o mesmo carácter do sacerdócio, a mim e a
10 todos os sacerdotes só apontarei uma advertência da Escritura Sagrada, que todos devemos ouvir temendo e tremendo. A advertência é que correspondamos de tal maneira às obrigações desta altíssima dignidade, que se não arrependa Deus de no-la ter dado.
15 Falando David do sacerdócio de Cristo, diz: *Juravit Dominus, et non pœnitebit eum, tu es sacerdos in æternum:* «Jurou Deus, e não se arrependerá» de dar o eterno sacerdócio a seu Filho. Reparemos muito naquele *et non pœnitebit eum*. Pois de dar o sacer-
20 dócio a seu Filho por natureza impecável, e tão santo e tão Deus como ele, se podia Deus arrepender?! — Sim. Porque esse sacerdócio não só o havia Cristo de conservar em si, mas também o havia de comunicar, como comunicou aos homens: e aqui estava o
25 perigo. Por isso o jurou, para que se não arrependesse: *Juravit Dominus, et non pœnitebit eum*. Ó que desgraça tão horrenda e tremenda, se Deus se arrependesse! E maior desgraça ainda, se eu e algum

---

17. *Salmo* 109.

outro tão indigno como eu desse motivos bastantes a este arrependimento! Neste caso (que Deus não permita) aquele carácter que é tão imortal como a mesma alma, se iria perpetuar com ela em outra
5 eternidade, que não é a do Céu e da Glória. *Quam mihi*, etc.

SERMÃO DA GLÓRIA DE MARIA, MÃE DE DEUS

Pregado na igreja de Nossa Senhora da Glória, em Lisboa, no ano de 1644

Maria optimam partem elegit. — *S. Lucas*, X.

I

Bem se concordam, neste dia e neste lugar, o título da casa com o da festa e o da festa com o da casa: a casa da Senhora da Glória e a festa da glória da Senhora. O Evangelho, que deve ser o
5 fundamento de tudo o que se há-de dizer, também eu o quisera concordar com esta glória; mas o que dele e dela se tem dito atègora não concorda com o meu desejo, nem com o meu pensamento. O Evangelho diz que «escolheu Maria a melhor
10 parte»: *Maria optimam partem elegit;* e os santos e teólogos, que mais se alargaram, aplicando esta escolha e esta parte à glória da Senhora, só dizem que verdadeiramente foi a melhor; porque a glória a que a Senhora hoje subiu e está gozando no Céu,
15 é melhor e maior glória que a de todos os bem-

Trad. do tema: *Maria escolheu a melhor parte.* *S. Lucas*, X, 42.

-aventurados. Os bem-aventurados da Glória, ou são homens ou anjos, e não só em cada uma destas comparações, senão em ambas, dizem que é maior a glória de Maria que a de todos os homens e a de
5 todos os anjos, e não divididos, mas juntos.

Grande glória! grande, incomparável, imensa! O Sol não só excede na luz a cada uma das estrelas, e a cada um dos planetas, senão a todas e a todos incomparàvelmente. Por isso a Senhora neste dia
10 se chama «escolhida como o Sol»: *Quæ est ista quæ ascendit, electa ut Sol?* O mar não só excede na grandeza a cada uma das fontes e a cada um dos rios, senão a todas e a todos imensamente; por isso a Senhora se chama *Maria*, que quer dizer *mar*, e
15 só por este nome (que não tem outra cousa no Evangelho) se lhe aplicam as palavras dele: *Maria optimam partem elegit.* Isto é, como dizia, tudo o que dizem os santos e teólogos; mas nem o Evangelho assim entendido, nem a glória da Senhora
20 assim declarada, nem a comparação dela assim deduzida, concordam com o meu pensamento. O Evangelho, dizendo: *optimam partem,* parece-me que quer dizer muito mais. A glória de Maria, sendo de Maria Mãe de Deus, parece-me que é
25 muito maior, e a comparação com os outros bem-aventurados sòmente, parece-me muito estreita e quase indigna. O meu pensamento é (Deus me ajude nele!) que a comparação de glória a glória, não se deve fazer só entre a glória de Maria com a
30 glória de todas as outras criaturas humanas e angélicas, senão com a glória do mesmo Criador delas, a quem Maria criou. O texto e a palavra *optimam*

10-11. *Cântico* VI, 9.

a tudo se estende, porque sendo superlativa, põe as cousas no sumo lugar, do qual se não exclui Deus, antes se inclui essencialmente. Neste tão remontado sentido, pretendo provar e mostrar hoje
5 que, comparada a glória de Maria com a glória do mesmo Deus e fazendo da glória de Deus e da glória de Maria duas partes, a melhor parte é a de Maria: *Maria optimam partem elegit*. Até não me ouvirdes, não me condeneis. E espero que me não
10 haveis de condenar, se a mesma Senhora da Glória me assistir com sua graça. *Ave Maria.*

II

Maria optimam partem elegit. Suspensos considero todos os que me ouvem, na expectação do assunto que propus: os curiosos com indiferença, os
15 devotos com alvoroço, os críticos com a censura já prevenida, e todos com razão. É certo e de fé que, por grande e grandíssima que seja a glória de Maria Senhora nossa, a glória de Deus é infinitamente maior, assim como ele (que só se compreende) é
20 por natureza infinito. Pois se a glória de Maria, como glória de pura criatura, posto que criatura a mais excelente de todas, é glória finita, e infinitamente menor que a glória de Deus; como me atrevo eu a afirmar, e como se pode entender que,
25 ainda em comparação da glória do mesmo Deus, se verifiquem as palavras do Evangelho na glória de Maria, e que goze Maria a melhor parte? *Maria optimam partem elegit?*

Para inteligência desta verdade, nas mesmas pa-
30 lavras do Evangelho temos outra dúvida não menos

dificultosa, que se deve averiguar primeiro. Esta, que o texto chama *a melhor parte*, diz o mesmo texto que Maria a escolheu: *Maria optimam partem elegit;* e também esta escolha não tem lugar nem
5 se pode verificar na glória da Senhora. A eleição para a glória é só de Deus: Deus é o que elegeu e escolheu para a glória todos os bem-aventurados, que por isso se chamam *escolhidos;* e ainda que entre todos os escolhidos a Senhora tenha o primeiro
10 e mais sublime lugar, ela também foi escolhida, e não a que escolheu. Assim o canta a Igreja, quando canta a mesma entrada da Senhora no Céu: *Elegit eam Deus et præelegit eam, in tabernaculo suo habitare facit eam.*

15 Pois se Maria foi a escolhida para a glória que tem no Céu, e a escolha foi de Deus e não sua; como diz a mesma Igreja, nas palavras que lhe aplica, que a Senhora foi a que escolheu e elegeu esta melhor parte? *Maria optimam partem elegit?*
20 — Na inteligência desta segunda dúvida consiste a solução da primeira. Ora vede e com atenção.

É certo que a Senhora foi escolhida por Deus para a glória e também é certo que a glória de Deus é infinitamente maior que a glória da Senhora; e
25 contudo diz o Evangelho que Maria foi *a que escolheu e que escolheu a melhor parte,* uma e outra cousa com grande mistério e energia. Diz que Maria *foi a que escolheu;* porque ainda que a eleição não foi da Senhora, a grandeza de sua glória é tão imensa,
30 que não parece que foi a glória escolhida para ela, senão que ela foi a que a escolheu para si. E diz que

30. Na 1.ª ed. *escolha,* por *escolhida.*

Maria escolheu *a melhor parte;* porque ainda que a glória de Deus é infinitamente maior que a sua, a melhor parte que pode escolher uma mãe é que a glória de seu Filho seja a maior. Como Maria é mãe de Deus, e Deus Filho de Maria, mais se gloria a Senhora de que seu Filho goze esta infinidade de glória, e de ela a gozar em seu filho, do que se a gozara em si mesma. E daqui se segue que considerada a glória de Deus e a glória de Maria em duas partes, porque a parte de Deus é a máxima, por isso a parte de Maria é a óptima: *Maria optimam partem elegit.*

Para todos os que sois pais e mães, não hei mister maior, nem melhor prova do que digo, que os vossos próprios afectos e o ditame natural dos vossos corações. Dizei-me: se houvera neste mundo uma dignidade, uma honra, uma glória maior que todas, e se pusera na vossa eleição e na vossa escolha querê-la para vós ou para vosso filho, para quem a havíeis de querer? — Não há dúvida que para vosso filho. Pois isto mesmo é o que devemos considerar na glória da Senhora. É verdade que a glória de Deus é infinitamente maior que a de sua Mãe; mas como todo esse excesso de glória é de seu Filho e está em seu Filho, ela a possui e goza em melhor parte, que se a gozara em si mesma. Assim entendo e suponho que o entendem todos os que são pais e mães. Mas porque muitos dos que me ouvem não têm esta experiência, e porque em algum coração humano, ainda que paterno ou materno, pode estar este mesmo afecto menos bem ordenado; para glória da Senhora da Glória, e para maior evidência de que mais gloriosa é pela glória de seu Filho que pela sua, e que gozando nele toda

essa glória, a goza na melhor parte, ouçamos e provemos esta mesma verdade, pelo testemunho universal e concorde de todas as letras sagradas, eclesiásticas e profanas. No primeiro lugar ouvire-
5 mos os filósofos, no segundo os Santos Padres da Igreja, no terceiro as Escrituras divinas, e no último ao mesmo Deus na pessoa do Pai; e veremos quão conforme foi o seu afecto com o desta Soberana Mãe, pois ambos são Pai e Mãe do mesmo
10 Filho.

III

Comecemos pelos filósofos. Põe em questão Séneca e disputa subtilìssimamente no Livro III dos cinco que intitulou *De Beneficiis*, se pode um filho vencer em algum benefício a seu pai? A razão de
15 duvidar é porque o primeiro e maior benefício é o ser, e havendo o pai dado o ser ao filho, o filho não pode dar o ser a seu pai. Mas esta diferença não tem lugar no nosso caso, porque falamos de um Pai, e de uma Filha, em que o Pai é junta-
20 mente Pai e Filho da mesma Mãe e a Mãe é juntamente Mãe e Filha do mesmo Pai. Abstraindo, porém deste impossível da natureza, que os filósofos gentios não conheceram, resolve o mesmo Séneca que bem pode um filho vencer no maior
25 benefício a seu pai, e o prova com o exemplo de Eneias, o qual, por meio das lanças dos Gregos e do incêndio e labaredas de Tróia, levando sobre seus ombros ao velho Anquises, deu mais heròicamente a vida a seu pai do que dele a recebera.

---

13. Séneca, *De officiis*, lib. 2. *(N. de V.)*.

À vista deste famoso espectáculo de valor e de piedade, não há dúvida que venceu o filho ao pai. Mas qual foi então mais glorioso: o filho vencedor ou o pai vencido? A este exemplo ajunta o mesmo
5 filósofo o de Antíloco e de outros que deram a seus pais mais ainda que o ser e a vida que lhes deviam, e conclui assim: *Felices qui vicerint, felices qui vincentur: quid autem est felicius quam sic cedere?* Quando os filhos vencem aos pais e se ostentam
10 maiores que eles, «felizes são os que vencem e felizes os vencidos; mas muito mais felizes os pais vencidos que os filhos vencedores, porque não pode haver maior gosto, nem maior glória para um pai, que ver-se vencido de seu filho.» Grande glória é
15 do filho que vença ao pai, que lhe deu o ser; mas muito maior glória é do mesmo pai, ver que deu o ser a um tal filho que o vença a ele.

Isto que disse Séneca, falando dos benefícios, corre igualmente, e muito mais em todas as outras
20 acções ou grandezas, em que os pais se vêem vencidos dos filhos. Ouçamos a outro filósofo, que melhor ainda que Séneca, conheceu os afectos naturais, e não só em mais harmonioso estilo, mas com mais profunda especulação que todos, pene-
25 trou a anatomia do coração humano.

Faz paralelo Ovídio entre os dois primeiros Césares, Júlio e Augusto, aquele pai, e este filho; e depois de assentar que «a maior obra de Júlio César foi ter um tal filho como Augusto»: *Nec enim*
30 *de Cæsaris actis ullum maius opus, quam quod pater extitit hujus,* supõe com a comum opinião

31. Ovídio, *Metamorfoses, Liv. XV, Fab. LI.*

de Roma, que um cometa que na morte de Júlio César apareceu, era a alma do mesmo Júlio colocada entre os deuses como um deles. E no meio daquela imaginada bem-aventurança, qual vos parece que seria a maior glória de um homem que nesta vida tinha logrado todas as que pode dar o Mundo? — Diz o mesmo Ovídio, (tão falso na suposição como poeta, mas tão certo no discurso como filósofo) que o que fazia lá de cima Júlio César era olhar para seu filho Augusto, e que, «considerando as grandezas do mesmo filho e reconhecendo e confessando que eram maiores que as suas, o seu maior gosto e a sua maior glória era ver-se vencido dele»: *Natique videns benefacta, fatetur esse suis maiora, et vinci gaudet ab illo.*

Ah Virgem gloriosíssima, no Céu estais verdadeiramente, como crê e adora a nossa Fé, mas nas sombras escuras e falsas deste fabuloso pensamento, que consideração haverá que não reconheça quais são lá os mais intensos afectos e as maiores glórias do vosso? Estais vendo e contemplando, como em um espelho claríssimo, o infinito ser, os infinitos atributos, a infinita e imensa majestade de vosso Unigénito Filho; conheceis e «confessais que as suas grandezas excedem, e são também infinitamente maiores que as vossas»: *Fatetur esse suis maiora;* mas a mesma evidência de que vosso Filho vos vence e excede na glória, é a melhor parte da mesma glória vossa, e a de que mais vós gozais e gozareis eternamente com ele: *Et vinci gaudet ab illo.*

Quem pudera imaginar que Júlio César, vencedor de Cipião e de Pompeu — e de tantos outros capitães famosos, que junto a estes perdem o nome

— triunfador da África, do Egipto, das Gálias e das Espanhas e da mesma Roma; aquele, enfim, de tão altivo coração que ninguém sofreu lhe fosse superior ou igual no Mundo; quem pudera imaginar, digo, que havia de gostar e gloriar-se de ser vencido de outro? Mas como Augusto que o vencia, era filho seu, o ser vencido dele era a sua maior vitória, este o maior triunfo de seus triunfos, esta a maior glória de suas glórias: *Et vinci gaudet ab illo.*

Mas porque neste exemplo nos não fique o escrúpulo de ser adulação poética, posto que tão conforme ao afecto natural, confirmemo-lo com testemunho histórico e verdadeiro, em nada menor que o passado, e porventura mais notável.

Celebra Plutarco, tão insigne historiador como filósofo, o grande extremo com que Filipe, rei de Macedónia, amava a seu filho Alexandre, já digno do nome de Grande em seus primeiros anos, pela índole e generosidade real que em todos seus pensamentos, ditos e acções resplandecia. E para prova deste extremado afecto, refere uma experiência que nos vassalos pudera ser tão arriscada, como do rei mal recebida, se o amor de pai a filho a não interpretara de outra sorte. Foi o caso que os Macedónios, sem embargo da fé que deviam a Filipe, pùblicamente chamavam a Alexandre o rei e a Filipe o capitão. Mas como castigaria Filipe este agravo? — Não há ciúmes mais impacientes, mais precipitados e mais vingativos que os que tocam no ceptro e na coroa. Apenas tem havido púrpura antiga nem moderna, que por leves suspeitas neste género se não tingisse em sangue. E que sofra Filipe, aquele que tanto tinha dilatado o império

de Macedónia, que seus próprios vassalos em sua vida, e em sua presença lhe tirem o nome de rei e o dêem a Alexandre!

Muito fora que o sofresse, mas muito mais foi,
5 que não só o sofria, senão que o estimava e se gloriava muito disso. Ouvi a Plutarco: *Hinc filium non immerito Philippus dilexit, ut etiam gauderet, cum Alexandrum Macedones regem, Philippum appellarent Ducem.* Era Filipe pai e Alexandre fi-
10 lho, e tão fora estava o pai de sentir que lhe antepusessem o filho, que antes o tinha por lisonja e glória, e esse era o seu maior gosto: *Ut etiam gauderet.* Quando lhe tiravam a coroa para a darem a seu filho, então se tinha Filipe por mais coroado;
15 quando já faziam a Alexandre herdeiro do reino, antes de lhe esperarem pela morte, então se tinha por imortal; quando o apelidavam com menor nome, então se tinha por maior. E quando lhe diziam que ele só era capitão, então aceitava esta
20 gloriosa injúria, como os vivas e aplausos da mais ilustre vitória; porque a maior glória de um pai é ser vencido de seu filho: *Et vinci gaudet ab illo.*

A razão e filosofia natural deste afecto é porque ao maior desejo, quando se consegue, segue-se na-
25 turalmente o maior gosto; e o maior desejo que têm e devem ter os pais, é serem tais seus filhos, que não só os igualem, mas os vençam e excedam a eles. Assim o disse ou cantou ao Imperador Teodósio Claudiano, tão insigne na filosofia como na

---

6-9. Trad.: *A este filho não sem razão Filipe amou ao ponto de sentir alegria que os Macedónios a Alexandre chamassem rei e a ele, Filipe, o chefe.* — Plutarco, *in Alexandro. (N. de V.).*

poética. Descreve copiosamente as virtudes imperiais, militares e políticas com que seu filho Honório se adiantava admiràvelmente aos anos, e não só igualava, mas excedia a seu pai; e fazendo uma
5 apóstrofe a Teodósio, lhe diz confiadamente assim: *Aspice nunc quacumque micas, seu circulus austri, magne parens, gelidi seu te meruere Triones, aspice, completur votum, jam natus adæquat te meritis, et quod magis est optabile, vincit:* «De lá onde como
10 estrela, de Marte ilustrais o Mundo com vossas vitórias, ou seja no círculo do astro, ou no frio Setentrião, olhai, felicíssimo César, para Honório vosso filho, e se como imperador tendes conseguido o nome de Grande, chamando-vos a voz pública
15 Teodósio o Magno, a minha (diz Claudiano) não vos invoca com o nome de grande imperador, senão com o de grande pai: *Magne parens;* e o que celebro mais entre todas as glórias de vossa felicidade e o que tenho por mais digno do emprego de vossa
20 vista, é que vejais e torneis a ver: *Aspice, aspice;* que chegastes a ter um filho, o qual não só vos iguala, que é o que desejam os pais, mas que já vos excede e vence, que é o que mais devem desejar: *Et quod magis est optabile, vincit*».
25 Notai muito as palavras: *Quod magis est optabile,* e aplicai-as ao nosso caso. O que mais se deve desejar é o melhor que se pode escolher; e como o que mais devem desejar os pais é que os filhos os vençam e os excedam, bem se conclui que, se entre
30 a glória de Deus e a de sua Mãe fora a escolha da mesma Mãe, o que a Senhora havia de escolher

---

6-9. Claudianus *in 2. Honor. Consul. (N. de V.).*

para si é que seu Filho a excedesse e vencesse na mesma Glória, como verdadeiramente a excede e vence: *Et quod magis est optabile, vincit.* Vence Deus incomparàvelmente a sua Mãe na glória infi-
5 nita que goza, mas como este mesmo excesso é o mais que Maria podia desejar e o melhor que devia escolher como Mãe, por isso se diz com razão que Maria escolheu hoje a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

IV

10 Temos ouvido os filósofos, que falam pela boca da natureza; ouçamos agora os santos padres, que falam pela da Igreja.

São Sidónio Apolinar, bispo arvernense e padre do V Século, escrevendo a Audaz, prefeito dos reis
15 godos no tempo em que dominaram Itália, promete-lhe suas orações e conclui com estas palavras: *Deum posco, ut te filii consequantur, et quod magis decet velle, transcendant:* «Rogo a Deus por vós e por vossos filhos, diz o eloquentíssimo Padre, e o
20 que peço para eles é que vos imitem; o que peço para vós é que vos excedam». Que vos imitem, porque isso é o que eles devem fazer; que vos excedam, porque isto é o que vós deveis desejar: *Et quod magis decet velle, transcendant*».
25 Oh quisesse Deus que fossem hoje tais os pais, e tal a criação dos filhos, que por uns e outros lhes pudéssemos fazer esta oração! Mas é tanto pelo

---

13. Sidon. Apol. *Epist. ad Audac. (N. de V.).*
25. Horácio. *(N. de V.).*

contrário, que podemos chorar da nossa idade o que o outro gentio lamentava da sua: *Ætas parentum peior avis tulit nos nequiores, mox daturos progeniem vitiosiorem:* «Os avós foram maus, os
5 filhos são piores, os netos serão péssimos». Haviam-se de prezar os pais, não só de ser bons, mas de dar tal criação aos filhos, que se pudessem gloriar de serem eles melhores. Mas deixadas estas lamentações, que não são para dia tão alegre, continue-
10 mos a ouvir os Santos Padres, e sejam os dois maiores da Igreja grega e latina — Nazianzeno e Agostinho.

Faz duas elegantes epístolas S. Gregório Nazianzeno, uma a Nicóbulo, famoso letrado, em nome
15 de um seu filho, e outra ao filho, em nome do mesmo Nicóbulo; e na primeira, pedindo o filho ao pai que lhe dê licença para frequentar as escolas e seguir as letras, diz assim: *Gratia quam posco, genitor charissime, patris est mage, quam nati:*
20 «a graça que vos peço, pai meu, é mais para vós que para mim, e mais é vossa que minha». Se isto dissera o moço, que ainda não tinha mais que o desejo de saber, não me admirara o dito; mas falando por boca dele o grande Nazianzeno, do qual
25 com singular elogio afirma a Igreja, que em nenhuma cousa das que escreveu, errou; como pode ser verdade que a glória do filho seja mais do pai que do mesmo filho: *Patris est mage quam nati?* E se esta proposição é verdadeira, segue-se dela,
30 aplicada ao nosso intento, que a glória de Deus é mais de Maria que do mesmo Deus, porque Deus é Filho e ela Mãe. E porque não faça dúvida o

13. Nazianzeno, *ad Nicobulum 1 et 2. (N. de V.).*

falarmos da glória de um e outro, com a mesma palavra se explica o santo Padre nas que logo acrescenta: *Gloria namque patris natorum est fama, decusque, ut rursus natis est gloria fama parentum.*
5 Como pode ser logo neste caso, ou em algum outro, que a glória do filho seja mais do pai que do filho: *Patris est mage, quam nati?*

Não há dúvida que falou nesta sentença Nazian-
10 zeno como quem tão altamente penetrava e distinguia a subtileza dos afectos humanos, entre os quais o amor paterno, como é o mais eficaz e muito forte, é também o mais fino. Diz que a glória do filho é glória do pai, e mais sua do pai, que do mesmo
15 filho; porque mais se gloriam os pais de a gozarem seus filhos ou de a gozarem neles, que se a gozaram em si mesmos. E neste sentido se pode dizer com verdade e propriedade natural que a glória de Deus em certo modo é mais de Maria que do
20 mesmo Deus; porque, não sendo sua, como não é, é do filho ùnicamente seu, em quem ela mais estima, e da qual mais se gloria que se pudera ser, ou fora sua.

Isto é o que disse Nazianzeno ao pai por boca
25 do filho; vejamos agora o que diz e responde ao filho por boca do pai: *Sis sane præstantior ipse parente:* Queres, filho, seguir-me na profissão e ser grande, como o mundo e a fama diz que sou, na ciência e nas letras? Sou contente; mas não me
30 contento só com isso: o que peço a Deus é que saias tão eminente nelas, que me faças grandes

3-4. Trad.: *Porque é glória do pai a fama e a honra do filho, como por sua vez é glória do filho a fama dos pais.*

vantagens, e sejas muito maior que teu pai: «*Sis sane præstantior ipse parente*». Assim diz Nicóbulo, ou Nazianzeno por ele, e dá a razão tão própria no nosso caso, como se eu a dera: «*Gaudet enim genitor, cum palmam præripit ipsi virtutis sua progenies: maiorque voluptas hinc oritur, quam si reliquos præverteret omnes:* Desejo, filho, que sejas maior que eu; porque «não há gosto para um pai, como ver que seu filho lhe leva a palma, e de se ver assim vencido dele, se gloria muito mais que se vencera, e se avantajara a todos quantos houve no Mundo».

Mudai, agora o nome de *Genitor* em *Genitrix*, e entendei que falou Nazianzeno da glória de Maria no Céu, onde tão gloriosamente se vê vencida da glória de seu Filho: *Gaudet enim Genitrix, cum palmam præripit ipsi virtutis sua progenies*. Vê-se Maria, quando vê a Deus, infinitamente vencida da imensidade de sua glória; mas como é glória, não de outrem, senão de seu Filho: *Sua progenies*, o ver-se vencida dele é a sua vitória e a sua palma: *Cum palmam præripit ipsi*. Nas outras contendas a palma é do vencedor, mas quando contende o filho com o pai ou com a mãe, a palma é do pai ou da mãe vencida; porque a sua maior glória é ter um filho que a vença nela.

Este dia da Senhora da Glória chama-se também da Senhora da Palma; porque, como é tradição dos que assistiram a seu glorioso trânsito, o anjo embaixador de seu Filho, que lhe trouxe a alegre nova, lhe meteu juntamente na mão uma palma, com a qual, como vencedora da Morte e do Mundo, entre as aclamações e vivas de toda a corte beata, entrasse triunfante no Céu. Subi, Se-

nhora, subi, subi ao trono da glória que vos está aparelhado sobre todas as jerarquias, que lá vos espera outra palma infinitamente mais gloriosa. E que palma? Não aquela com que venceis em
5 glória a todos os espíritos bem-aventurados, senão aquela com que na mesma glória sois vencida de vosso filho: *Cum palmam præripit ipse sua progenies.* Grande glória da Senhora é, como lhe canta a Igreja, ver-se exaltada no Céu sobre todos os
10 coros e jerarquias dos espíritos angélicos; grande glória que os principados e potestades que os querubins e serafins lhe ficam muito abaixo, e que no lugar, na dignidade, na honra, na glória excede incomparàvelmente a todos; porém o ver que neste
15 mesmo excesso de glória é excedida infinitamente de seu Filho, isso é o de que naquele mar imenso de glória mais se gloria, isto é o de que naquele verdadeiro paraíso dos deleites eternos mais a deleita: *Maiorque voluptas hinc oritur, quam si reli-*
20 *quos præverteret omnes.*

Mas ouçamos já a Agostinho, que mais subtilmente ainda penetrou os efeitos e causas desta tão verdadeira, como racional complacência. Escreve Santo Agostinho em seu nome e no de Elvídio a
25 Juliana, mãe da virgem Demetríade, bem celebrada nas epístolas de S. Jerónimo; e porque esta senhora romana de nobreza consular, desprezadas as grandezas, riquezas e pompas do Mundo, se tinha dedicado toda a Deus no estado mais sublime da per-
30 feição evangélica, dá o parabém Agostinho à mãe com estas ponderosas palavras: *Te volentem, gau-*

21. Aug. *ad Julianum. (N. de V.).*

dentemque vincit: genere ex te, honore supra te: in qua etiam tuum esse cœpit, quod in te esse non potuit: «Vossa filha Demetríade, ó Juliana, vence-vos, sim, na alteza do estado, a que a vedes sublimada; mas muito por vossa vontade e muito por vosso gosto vos vence»: *Volentem, gaudentemque vincit;* «porque é filha vossa aquela de quem vos vedes vencida»: *Genere ex te, honore supra te.* «A honra que goza é muito sobre vós, mas como a geração que tem é de vós, também esta mesma honra é vossa; porque o que não podíeis ter, nem alcançar em vós e por vós, já o tendes e gozais nela por ser vossa filha»: *In qua etiam tuum esse cœpit, quod in te esse non potuit.* Vai por diante Agostinho, ainda com mais profundo pensamento: *Illa carnaliter non nupsit ut non tantum sibi, sed etiam tibi, ultra te, spiritualiter augeretur, quoniam tu ea compensatione minor illa es, quod ita nupsisti, ut nasceretur:* «Demetríade, vossa filha, é maior que vós, e vós menor que ela; mas se ela vos excedeu a vós no que tem de maior, não vos excedeu só para si, senão também para vós; porque esse excesso se compensa com nascer de vós: *Non tantum sibi, sed etiam tibi, ultra te, ea compensatione ut nasceretur.*

Em uma só cousa não vem própria a semelhança, porque Maria pode ser Mãe como Juliana e Virgem juntamente como Demetríade; mas em tudo o mais especulou e ponderou a agudeza de Agostinho, quanto se pode dizer no nosso caso.

Te volentem, gaudentemque vincit. «Venceu-nos vosso Filho na glória, Virgem Mãe, mas muito por vossa vontade e por vosso gosto»; porque «esse mesmo excesso de glória por ser sua, é o que mais quereis e de que mais vos gozais»: *Genere ex te,*

honore supra te. A sua honra, a sua grandeza, a sua majestade, a sua glória imensa e infinita, é muito sobre vós, porque ele é Deus, e vós criatura: *Honore supra te;* mas a geração desse mesmo Deus, 5 que é tanto sobre vós, é de vós: *Genere ex te.* E que se segue de aqui? Segue-se que «tendes o que não podíeis ter, e que toda a glória sua, começa também a ser vossa»: *Etiam tuum esse cœpiet, quod in te esse non potuit.* Vós não podíeis ser Deus, mas 10 como Deus pode fazer que fôsseis sua Mãe, tudo o que não podíeis ter em vós, tendes nele. Ele é maior que vós, e vós menor: *Minor est:* mas tudo o que tem de maior, (que é tudo) «não só o tem para si, senão também para vós»: *Non tantum sibi, sed tibi,* 15 *ultra te.*

Oh quem pudera declarar dignamente a união destes termos, *ultra te et tibi!* Enquanto a glória de Deus é infinita e imensa, estende-se muito «além de vós»: *Ultra te;* mas em quanto é glória de vosso 20 Filho, toda se contrai e reflecte a vós: *Tibi.* Para os raios do sol fazerem reflexão, é necessário que tenham limite onde parem; mas a glória da Divindade de vosso Filho, que não tem nem pode ter limite, por isso se limitou à Humanidade que rece- 25 beu de vós, para reflectir sobre vós, nascendo de vós: *Ea compensatione, ut nasceretur.* E chama-se este nascer de vós compensação ou recompensa com que Deus vos compensou toda a grandeza e glória, que tem mais que vós; porque, nascendo de vós, é 30 vosso verdadeiro Filho; e sendo toda essa glória de vosso Filho, também é vossa, e vossa naquela parte onde a tendes por melhor: *Optimam partem elegit.*

V

Parece que não podia falar mais concordemente ao nosso intento, nem a filosofia dos Gentios, nem a teologia dos Santos Padres. Vejamos agora o que dizem as Escrituras Sagradas.

O primeiro exemplo que elas nos oferecem, é o famoso de Barcelay. No tempo em que Absalão se rebelou contra David, (que tão mal pagam os filhos a seus pais o amor que lhes devem) um dos senhores que seguiram as partes do rei foi este Barcelay, o qual o assistiu sempre tão liberal e poderosamente, que ele só, como refere o texto, lhe sustentava os arraiais. Restituído pois David à coroa e lembrado deste serviço ou gentileza, de que outros príncipes se esquecem com a mudança da fortuna, qui-lo ter junto a si na corte e fazer-lhe a mercê e honra que sua fidelidade merecia; e para o vencer na liberalidade ou não ser vencido dele, disse-lhe que ele mesmo se despachasse, porque «tudo quanto quisesse lhe concederia»: *Quidquid tibi placuerit, quod petieris a me, impetrabis.*

Generoso rei! Venturoso vassalo! Mas para quem vos parece que quereria toda esta ventura? Era Barcelay pai, tinha um filho que se chamava Caimam, escusou-se de aceitar o lugar e mercê que o rei lhe oferecia, e o que só lhe pediu foi que a fizesse a seu filho: *Est servus tuus Caimam, ipse vadat tecum, et fac ei quidquid tibi bonum videtur.*

Dirão os que têm lido esta história, que se escusou Barcelay porque se via carregado de anos, como ele

---

6. II *Reis*, XIX, 38.

mesmo disse; mas isso só foi um desvio e modo de não aceitar cortêsmente, e não é razão que satisfaça, pois vemos tantas velhices decrépitas, tão enfeitiçadas das paredes de palácio, que, tropeçando nas escadas, sem vista e sem respiração, as sobem todos os dias, bem esquecidos dos que lhes restam de vida. E quando Barcelay não fosse tocado deste contágio, ao menos podia dividir a mercê entre si e o filho, e aparecerem ambos na corte, como vemos muitos títulos com duas caras (a modo do Deus Jano), uma com muitas cãs e outra sem barba. Mas a verdadeira razão por que este honrado pai não aceitou a mercê do rei para si e a pediu para seu filho, nem a dividiu entre ambos, podendo, pois estava na sua eleição, foi (como dizem literalmente Lira e Abulense) porque era pai, e entendeu que tanto lograva aquela honra em seu filho, como em si mesmo, porque nele era mais sua, como acima disse S. Gregório Nazianzeno. E porque o santo não deu a razão desta sua sentença, nós a daremos e provaremos agora como outro mais notável exemplo da Escritura.

Quando Abraão sacrificou seu filho Isaac, é cousa mui notável e mui notada que, sendo Isaac a vítima do sacrifício, os louvores desta acção e desta obediência, todos se dêem a Abraão e não a Isaac. Isaac, não se ofereceu com grande prontidão ao sacrifício? Não se deixou atar? Não se inclinou sobre o altar e se lançou sobre a lenha? Não viu sem horror desembainhar a espada? Não aguardou sem resistência o golpe? Que mais fez logo Abraão, para

---

23. *Génesis,* XVII, 10.

que a obediência de Isaac se passe em silêncio e a de Abraão se estime, se louve, se encareça com tanto excesso? Nenhuma diferença houve no caso, senão ser Abraão pai e Isaac filho. Amava Abraão mais a vida de Isaac que a sua, e vivia mais nela que em si mesmo; e posto que ambos sacrificaram a vida e a mesma vida, o sacrifício de Abraão foi maior e mais heróico que o de Isaac, porque se Isaac sacrificou a sua vida, Abraão sacrificou a vida que era mais que sua, porque era de seu filho.

Atèqui está dito e bem dito; mas eu passo àvante e noto o que, a meu ver, é digno ainda de maior reparo: Premiou Deus esta famosa acção de Abraão, e como a premiou, e em quem? Não a premiou no mesmo Abraão, senão em Isaac: *Quia fecisti rem hanc, benedicentur in semine tuo omnes gentes: in Isaac vocabitur tibi semen.* Pois se a acção do sacrifício foi celebrada em Abraão e não em Isaac, porque foi premiada em Isaac e não em Abraão? — Por isso mesmo. A acção foi celebrada em Abraão e não em Isaac, porque Isaac sacrificou a sua vida e Abraão sacrificou a vida que estimava mais que a sua, porque era de seu filho; e da mesma maneira foi premiada em Isaac e não em Abraão, para que o prémio, sendo de seu filho, fosse também mais estimado dele do que se fora seu. A vida que sacrificastes era mais que vossa, porque era de vosso filho? Pois seja o prémio também de vosso filho, para que seja mais que vosso. E como os pais estimam mais os bens dos filhos que os seus próprios, e os logram e gozam mais neles que em si mesmos, vede se escolheria ou quereria a Senhora a imensa glória de seu Filho antes para ele que para si, se a

terá por sua e mais que sua, e se as mesmas vantagens de glória, em que infinitamente se vê excedida, serão as que mais gloriosa a fazem, e de que mais se gloria!

5 O mesmo Filho de Maria, por ser Filho seu, se chama também Filho de David; e na história do mesmo David nos dá a Escritura Sagrada o maior e mais universal testemunho, que para prova desta verdade, se pode desejar nem ainda inventar. Che-
10 gado David ao fim da vida, quis nomear sucessor do reino, e mandou ungir a seu filho Salomão por rei. Deu esta ordem a Banaias, capitão dos guardas da pessoa real, o qual lhe beijou a mão pela eleição, que não era pouco controversa, e o cumprimento
15 com que falou ao rei, foi este: *Quomodo fuit Dominus cum Domino meo rege, sic sit cum Salomone, et sublimius faciat solium ejus a solio Domini mei regis David:* «Assim como Deus assistiu sempre e favoreceu a Vossa Majestade, assim assista e favo-
20 reça o reinado de Salomão, e sublime e exalte o seu trono muito mais que o trono de Vossa Majestade». Executou-se prontamente a ordem, ungiram a Salomão no monte Gion com todas as cerimónias que então se usavam em semelhante celebridade; entrou
25 o novo rei por Jerusalém a cavalo, com trombetas e atabales diante, entre vivas e aclamações de todo o povo e exército; vieram todos os príncipes e ministros maiores dos doze tribos congratular-se com David, e as palavras com que lhe deram o parabém,
30 foram outra vez as mesmas: *Amplificet Deus nomen Salomonis super nomen tuum, et magnificet thronum ejus super thronum tuum:* «Seja maior o nome

15-18. III *Reis*, I, 37.

de Salomão, Senhor; que o vosso nome, e mais alto e glorioso o seu trono, do que foi o vosso».

O que me admira sobretudo neste caso, é que todos dissessem a mesma cousa. Estas são as ocasiões em que a discrição, o engenho e a cortesania dos que dão o parabém aos reis, se esmera em buscar cada um novos modos de congratulação, novos motivos de alegria, e ainda novos conceitos de lisonja, e mais os que fazem a fala em nome dos seus tribunais ou repúblicas. Como logo em tantos tribos, tantos ministros, tantos príncipes e senhores, (que, como diz o texto, vieram todos) não houve quem falasse por outro estilo, nem dissesse outra cousa a David, senão que Deus fizesse a seu filho maior que ele e sublimasse e exaltasse o trono de Salomão, mais que o seu trono? Isto disseram todos, porque a um rei tão famoso e glorioso como David, nenhuma outra felicidade nem glória lhe restava para desejar, senão que tivesse um filho que em tudo se lhe avantajasse e o excedesse, e que o trono do mesmo filho fosse muito mais levantado e sublimado que o seu. A David, em quanto David, bastava-lhe por glória ter sido David; mas em quanto pai, não lhe bastava. Ainda lhe restava outra maior glória que desejar, e esta era ter um tal filho, que na majestade, na grandeza, na glória e no mesmo trono, o vencesse e excedesse muito: *Et magnificet thronum ejus super thronum tuum.*

Dois tronos há no Céu mais sublimes que todos: o de Deus e o de sua Mãe; o de Deus infinitamente mais alto que o de sua Mãe, e o de sua Mãe infini-

30. Na 1.ª ed. ocorre: *quase infinitamente. Vid.* linha 4 da pág. seguinte.

tamente mais alto que o de todas as criaturas. Mas a maior glória de Maria, não consiste em que o seu trono exceda o de todas as jerarquias criadas, senão em ter um Filho cujo trono excede infinitamente o seu. E este é o parabém que no Céu lhe estão dando hoje e lhe darão por toda a eternidade todos os espíritos bem-aventurados, sem haver em todos os coros de homens e anjos quem diga nem possa dizer outra cousa, senão: *Thronus ejus super thronum tuum*. Vence Maria no Céu a todas as Virgens, na glória que se deve à pureza; a todos os confessores, na que se deve à humildade; a todos os mártires, na que se deve à paciência; a todos os apóstolos, patriarcas e profetas, na que se deve à Fé, à Religião, ao zelo e culto da honra de Deus. Mas assim os confessores como as virgens, assim os mártires como os apóstolos, assim os patriarcas como os profetas, deixadas todas essas prerrogativas em que gloriosamente se vêem vencidos, os louvores e euges eternos com que exaltam a Gloriosíssima Mãe, é ser inferior o seu trono ao de seu Filho: *Thronus ejus super thronum tuum*. Vence Maria a todos os anjos e arcanjos, a todos os principados e potestades, a todos os querubins e serafins, na virtude, no poder, na ciência, no amor, na graça, na glória. Mas todos estes espíritos angélicos, passando em silêncio os outros dons sobrenaturais que tocam a cada uma das jerarquias, em que veneram e reconhecem a soberana superioridade com que a Senhora, como rainha de todas, incomparàvelmente as excede, todos, como tão discretos e entendidos, o que só dizem e sabem dizer, o que sobre tudo admiram e apregoam, é: *Thronus ejus super thronum tuum*. Assim que, homens e anjos, unidos no mesmo con-

ceito e enlevados no mesmo pensamento, o que cantam, o que louvam, o que celebram, prostrados diante do trono da segunda Majestade da Glória, e os vivas que lhe dão concordemente, é ser Mãe de
5 um Filho que, excedendo ela a todos em tão sublime grau na mesma glória, ele a vence e excede infinitamente. E isto é o que, divididos em dois coros de inumeráveis vozes e unidos em uma só voz, aplaudem, aclamam, festejam, e tudo o mais calam, con-
10 formando-se nesta eleição com a parte da mesma glória que a Senhora elegeu por melhor: *Optimam partem elegit.*

VI

E porque a preferência desta eleição não fique só no juízo dos entendimentos criados, subamos aos
15 arcanos do entendimento divino, e vejamos como o Eterno Pai, em tudo o que teve liberdade para eleger e escolher, também escolheu esta parte e a teve por melhor.

Para inteligência deste ponto havemos de supor
20 que tudo quanto tem e goza, o Filho de Deus o recebeu de seu Padre, mas por diferente modo. O que pertence à natureza e atributos divinos recebeu o Verbo Eterno do Eterno Padre, não por eleição e vontade livre do mesmo Padre, senão
25 natural e necessàriamente. E a razão é porque a geração do Divino Verbo procede por acto do entendimento, antecedente a todo acto da vontade, sem o qual não há eleição. É verdade que, ainda que a geração do Verbo não procede por vontade,
30 nem é voluntária, nem por isso é involuntária ou contra vontade. E daqui se ficará entendendo a

energia e propriedade daquelas dificultosas palavras de S. Paulo, onde diz: que a igualdade que o Filho tem com o Padre na natureza e atributos divinos, não foi furto, nem o mesmo Verbo o reputou por
5 tal: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo.* E porque declarou S. Paulo o modo da geração do Verbo pela semelhança ou metáfora do furto, dizendo que não foi furto, nem como furtado ou roubado o que recebeu do Padre? — Divinamente,
10 por certo, e não se podia declarar melhor. O furto é aquilo que se toma ou se retém e possui, *invito domino* — «contra vontade de seu dono». E a Divindade que o Verbo recebeu do Padre, ainda que da parte do mesmo Padre não fosse voluntária,
15 contudo não foi invita; não foi voluntária, sim, mas não foi contra vontade. E como o Padre não foi invito na geração do Verbo e na comunicação da sua Divindade (posto que fosse necessária e não livre, por isso a igualdade que o Verbo tem com
20 ele, é verdadeiramente sua e não roubada: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo.*

Atèqui o que o Filho recebeu do Padre necessàriamente, e sem eleição sua. E que é o que recebeu por vontade livre e por verdadeira e própria elei-
25 ção? — O que logo se segue e acrescentou o mesmo S. Paulo: *Sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo, propter quod et Deus exaltavit illum et donavit illi nomen, quod est super*
30 *omne nomen:* Recebeu o Filho do Padre, por ver-

5-6. Trad.: *Não julgou usurpação ser ele igual a Deus. Epístola aos Filipenses,* II, 6.

dadeira e própria eleição, o ofício e dignidade de Redentor do género humano, «fazendo-se juntamente homem, e com esta nova e inefável dignidade recebeu um nome sobre todo nome», que é o nome
5 de Jesus, mais sublime e mais venerável, pelo que é e pelo que significa, que o mesmo nome de Deus: *Ut in nomine Jesus omne genu flectatur.* Recebeu a potestade judiciária que o Padre demitiu de si, «competindo ao Filho privativamente o juízo uni-
10 versal e particular de vivos e mortos»: *Pater non judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio.* Recebeu o primeiro trono entre as três Pessoas da Santíssima Trindade, assentando-se à mão direita do mesmo Padre: *Dixit Dominus Domino meo:*
15 *sede a dextris meis.* Tudo isto, e o que disto se segue, com imensa exaltação e glória recebeu o Filho de Deus de seu Eterno Padre, por vontade livre e própria eleição.

Mas se toda esta nova exaltação e toda esta nova
20 glória não era devida à Pessoa do Filho por força ou direito da geração eterna, em que sòmente era igual ao Padre na natureza e atributos divinos, e a eleição livre de dar ou tomar a mesma exaltação e glória estava e dependia da vontade do mesmo
25 Padre, porque a não tomou para si? Assim como encarnou a Pessoa do Filho, assim pudera encarnar a Pessoa do Padre; e no tal caso a nova dignidade de Redentor, o nome sobre todo o nome, a

---

7. Trad.: *Para que ao nome de Jesus todo o joelho se dobrasse.*

10-11. *S. João,* V, 22.

14-15. Trad.: *Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita. Salmo* CIX, 1.

maior veneração e adoração de homens e anjos, e todas as outras prerrogativas e glórias que pelo mistério da Encarnação e Redenção sobrevieram e acresceram ao Filho, não haviam de ser do Filho,
5 senão do mesmo Padre. Pois se a eleição voluntária e livre de tudo isso estava na mão do Padre e podia tomar para si toda essa exaltação e glória; porque a quis antes para a Pessoa do Filho? Por nenhuma outra razão, senão porque era Filho e ele Pai: *Ego*
10 *autem constitutus sum rex ab eo super Sion montem sanctum ejus. Dominus dixit ad me: Filius meus es tu.* Assim como o Eterno Padre, para encarecer o amor que tinha aos homens, não se nos deu a si, senão a seu Filho: *Sic Deus dilexit mun-*
15 *dum, ut Filium suum Unigenitum daret;* assim para manifestar o amor que tinha ao mesmo Filho, não tomou para si estas novas glórias, senão que todas as quis para ele e lhas deu a ele, entendendo que, quando fossem de seu Filho, então eram mais suas,
20 e que mais e melhor as gozava nele que em si mesmo.

E que Filho é este, Virgem Gloriosíssima, senão o mesmo Filho vosso, Filho Unigénito do Eterno Padre e Filho Unigénito de Maria? E se o Eterno
25 Padre, em tudo o que pode ter eleição própria, escolheu os excessos de sua glória para seu Filho, essa mesma glória, que ele goza em si e vós nele, em que infinitamente vos vedes excedida, quem

---

9-12. Trad.: *Eu, porém, fui por Ele constituído rei sobre Sião, seu monte santo; o Senhor me disse: Tu és o meu Filho. Salmo* II, 6.

14-15. Trad.: *De tal modo Deus amou o Mundo, que lhe deu seu Filho unigénito.*

pode duvidar, se tem inteiro juízo, que seria também vossa a mesma eleição? Toda a Igreja Triunfante no Céu e toda a Militante na Terra, reconhece e confessa que entre todas as puras criaturas, ou
5 sobre todas elas, nenhuma há mais parecida a Deus Padre, que aquela singularíssima Senhora, que ele criou e predestinou *ab æterno* para Mãe do seu Unigénito Filho; porque era justo que o Pai e a Mãe de quem ele recebeu as duas naturezas de que
10 inefàvelmente é composto, fossem, quanto era possível, em tudo semelhantes. E se o amor do Pai, por ser amor de Pai, e Pai sem Mãe, escolheu para seu Filho e não para si as glórias que cabiam na sua eleição, não há dúvida que o amor da Mãe, e
15 Mãe sem Pai, escolheria para o mesmo Filho também, e não para si, toda a glória infinita que ele goza. E esta é a eleição que teria por melhor: *Maria optimam partem elegit.*

Assim o entendeu da mesma Mãe o mesmo Pai;
20 e o provou maravilhosamente o juízo e amor da mesma Senhora para com seu Filho, onde a eleição foi pròpriamente sua. Quando o Eterno Padre quis dar Mãe a seu Unigénito, foi com tal miramento e atenção à grandeza e majestade da que sublimava
25 a tão estreito e soberano parentesco, que não só quis que fosse sua, isto é, do mesmo Pai, a eleição da Mãe, senão que também fosse da Mãe a eleição do Filho. Bem pudera o Eterno Padre formar a Humanidade de seu Filho nas entranhas puríssimas
30 da Virgem Maria, sem consentimento nem ainda conhecimento da mesma Virgem, assim como formou a Eva da costa de Adão, não acordado e estando em si, senão dormindo. Mas para que o Filho que havia de ser seu, posto que era Deus,

não só fosse seu, senão da sua eleição, por isso (como diz S. Tomás) lhe destinou antes por embaixador um dos maiores príncipes da sua corte, o qual de sua parte lhe pedisse o sim e negociasse e
5 alcançasse o consentimento, e o aceitasse em seu nome. Este foi, como lhe chamou São Paulo, o maior negócio que nunca houve nem haverá entre o Céu e a Terra, dificultado primeiro pela Senhora, e depois persuadido e concluído por S. Gabriel. Mas
10 quais foram as razões e os motivos de que usou o anjo para o persuadir e concluir? — É caso digno de admiração, e que singularmente prova da parte de Deus, do anjo e da mesma Virgem, qual é na sua eleição a melhor parte.

15 Repara Maria na embaixada, insta o célebre embaixador, e as promessas que alegou para conseguir o consentimento, foram estas: *Ecce concipies et paries Filium, et vocabis nomen ejus Jesum; hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur; dabit illi*
20 *Dominus Deus sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob, et regni ejus non erit finis:* «O filho de que sereis Mãe, terá por nome Jesus, que quer dizer, o Redentor do Mundo; este será grande, chamar-se-á Filho de Deus, dar-lhe-á o mesmo Deus
25 o trono de David seu pai; reinará em toda a casa de Jacob; e seu reino e império não terá fim».

Não sei se advertis no que diz o anjo e no que não diz; no que promete e no que não promete. Tudo o que promete, são grandezas, altezas e gló-
30 rias do Filho; e da Mãe, com quem fala, nenhuma cousa diz; e à mesma a quem pretende persuadir

2. D. Tomás. *(N. de V.)*.
17-21. *S. Lucas*, I, 31.

nada lhe promete. Não pudera Gabriel dizer à Senhora com a mesma verdade, que ela seria a florescente vara de Jessé; que nela ressuscitaria o ceptro de David; que a sua casa se levantaria, e
5 estenderia mais que a de Jacob; que seria rainha sua e de todas as jerarquias dos anjos, Senhora dos homens, Imperatriz de todo o criado; e que esta majestade e grandeza também a lograria sem fim? — Tudo isto, e muito mais, podia e sabia dizer o
10 anjo. Pois porque diz e promete só o que há-de ser o Filho, e não diz nem promete o que há-de ser a Mãe? Porque falou como anjo, conforme a sua ciência; e como embaixador, conforme as suas instruções; por isso, nem ele diz, nem Deus lhe manda
15 dizer senão o que há-de ser seu Filho; porque nas matérias onde Maria tem a eleição livre, o que mais pesa no seu juízo e o que mais move e enche o seu afecto, são as grandezas e glórias de seu Filho e não as suas. As de seu Filho, e não as suas, porque
20 as tem mais por suas, sendo de seu Filho; as de seu Filho e não as suas, porque as estima mais nele e as goza mais nele que em si mesma.

Isto é o que, segundo o conhecimento de Deus, e o do anjo, e o seu, elegeu Maria na terra; e isto
25 é o que na presença de Deus, dos anjos e de todos os bem-aventurados tem por melhor no Céu: *Maria optimam partem elegit.*

VII

E nós, Senhora, que, como filhos de Eva, ainda gememos neste desterro, e como filhos, posto que
30 indignos, vossos, esperamos subir convosco e por

vós a essa bem-aventurada pátria, o que só nos resta depois desta consideração de vossa glória, é dar-vos o parabém dela. Parabém vos seja a eleição, parabém vos seja a parte e parabém a melhoria. Parabém a eleição, que, ainda que não foi nem podia ser vossa, na predestinação com que fostes escolhida para a glória de Mãe de Deus, foi vossa no consentimento voluntário e livre que se vos pediu e destes para o ser. Parabém vos seja a parte que compreende aquele todo incompreensível de glória, que só pode abarcar e abraçar o ser imenso, e conter dentro em si o infinito, que vós também com maior capacidade que a do Céu tivestes dentro em vós. Parabém vos seja finalmente a melhoria, pois melhor vos está como Mãe, que toda essa imensidade e infinidade de glória seja de vosso Filho, e melhor a gozais por este modo, segundo as leis do perfeito amor, que se a gozáreis em vós mesma. E assim como vos damos o parabém e nos alegramos com todo o afecto de nossos corações, de que a estejais gozando e hajais de gozar por toda a eternidade; assim vos pedimos, humildemente postrados ao trono de vossa gloriosíssima Majestade, que, como Senhora da Glória e liberalíssima dispensadora de todas as graças de vosso benditíssimo Filho, alcançadas e merecidas pelo sangue preciosíssimo que de vós recebeu, nos comuniqueis, aumenteis e conserveis até o último dia, em que passarmos, como vós hoje, desta vida àquela graça que nos é necessária para vos louvarmos eternamente na Glória.

SERMÃO DO MANDATO

Pregado na Capela Real, no ano de 1645

Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. — *S. João*, XIII, 1.

I

Considerando eu com alguma atenção os termos tão singulares deste amoroso Evangelho e ponderando a harmonia e correspondência de todo seu discurso, tantas vezes e por tão engenhosos modos deduzido;
5 vim a reparar finalmente (não sei se com tanta razão como novidade) que o principal intento do Evangelho foi mostrar a ciência de Cristo, e o principal intento de Cristo mostrar a ignorância dos homens.
Sabia Cristo (diz S. João) que «era chegada a
10 sua hora de passar deste Mundo ao Padre»: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*. Sabia que «tinha depositados em sua mão os tesouros da omnipotência e que de Deus viera e para Deus tornava»: *Sciens quia omnia dedit ei*
15 *Pater in manus, et quia à Deo exivit, et ad Deum vadit*. Sabia que entre os doze que tinha assentados

---

14-16. Trad. do tema: *Sabendo Jesus chegada a sua hora de passar deste Mundo para o Pai, como tivesse amado os seus que estavam no Mundo, até o fim os amou.*
14-16. *Ibid.*, 3.

à sua mesa, estava um que lhe era infiel, e que «o havia de entregar a seus inimigos»: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum.* Até aqui mostrou o Evangelista a sabedoria de Cristo. De aqui adiante
5 continua Cristo a mostrar a ignorância dos homens. Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés, declarou-lhe o Divino Mestre a sua ignorância, dizendo: *Quod ego facio, tu nescis:* «O que eu faço, Pedro, tu não o sabes». Depois de
10 acabado aquele tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor, e voltando-se para os Discípulos, disse-lhes: *Scitis quid fecerim vobis?:* «Sabeis porventura o que acabei agora de vos fazer?» Aquela interrogação enfática tinha força de
15 afirmação; e perguntar *sabeis?* foi dizer que não sabiam. De maneira que na primeira parte do Evangelho o Evangelista atendeu a mostrar a sabedoria de Cristo, e Cristo na segunda, a mostrar a ignorância dos homens.

20 Mas se o fim e intento de ambos era o mesmo: se o fim e o intento de Cristo e do Evangelista era manifestar gloriosamente ao Mundo as finezas do seu amor, por que razão o Evangelista se emprega todo em ponderar a sabedoria de Cristo, e Cristo em
25 advertir a ignorância dos homens? A razão que a mim me ocorre, e eu tenho por verdadeira e bem fundada, é porque as duas suposições em que mais apuradamente se afinou o amor de Cristo hoje, foram: da parte de Cristo a sua ciência, e da parte
30 dos homens a nossa ignorância. Se da parte de Cristo,

2-3. *Ibid.*, 11.
8. *Ibid.*, 7.
12-13. *Ibid.*, 12.

amando, pudera haver ignorância, e da parte dos homens, sendo amados, houvera ciência, ainda que o Senhor obrara por nós os mesmos excessos, ficariam eles e o seu amor (não no preço mas na esti-
5 mação) de muito inferiores quilates. Pois para que o Mundo levante o pensamento de considerações vulgares e comece a sentir tão altamente das finezas do de Cristo, como elas merecem, advirta-se (diz o Evangelista) que Cristo amou, sabendo: *Sciens*
10 *Jesus:* e advirta-se (diz Cristo) que os homens foram amados, ignorando: *Tu nescis.*

Está proposto o pensamento, mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação dele pretendo mostrar hoje, que só Cristo amou fina-
15 mente, porque amou sabendo: *Sciens;* e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando: *Nescis;* unindo-se, porém, e trocando-se de tal sorte o *sciens* com o *nescis e o nescis* com o *sciens,* que estando a ignorância da parte dos homens
20 e a ciência da parte de Cristo, Cristo amou, sabendo, como se amara, ignorando; e os homens foram amados, ignorando, como se foram amados, sabendo. Vá agora o amor destorcendo estes fios. E espero que todos vejam a fineza deles.

II

25 Primeiramente só Cristo amou, porque amou sabendo: *Sciens.* Para inteligência desta amorosa verdade, havemos de supor outra não menos certa, e é que, no Mundo e entre os homens, isto que vul-

---

9-10. *Ibid.*, 1.
11. *Ibid.*, 7.

garmente se chama amor, não é amor, é ignorância. Pintaram os Antigos ao amor menino; e a razão, dizia eu o ano passado, que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpre-
5 tação tem contra si o exemplo de Jacob com Raquel, o de Jónatas com David, e outros grandes, ainda que poucos. Pois se há também amor que dure muitos anos, porque no-lo pintam os sábios sempre menino? Desta vez cuido que hei-de acertar a causa. Pinta-se
10 o amor sempre menino, porque ainda que passe dos sete anos, como o de Jacob, nunca chega à idade de uso da razão. Usar de razão e amar, são duas cousas que não se juntam. A alma de um menino, que vem a ser? Uma vontade com afectos e um
15 entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguém teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenético. O amor deixará de variar, se for
20 firme, mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abrasou a vontade, que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juízo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos.
25 E como o primeiro efeito ou a última disposição do amor, é cegar o entendimento, daqui vem que isto que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorância; e quantas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor. Quem ama porque conhece,
30 é amante; quem ama porque ignora, é néscio. Assim como a ignorância na ofensa diminui o delito, assim no amor diminui o merecimento. Quem, ignorando, ofendeu, em rigor não é delinquente; quem, ignorando, amou, em rigor não é amante.

É tal a dependência que tem o amor destas duas suposições, que o que parece fineza, fundado em ignorância, não é amor; e o que não parece amor, fundado em ciência, é grande fineza. As duas pri-
5 meiras pessoas deste Evangelho nos darão a prova: Cristo e S. Pedro. Transfigurou-se Cristo no Monte Tabor, e vendo S. Pedro que o Senhor tratava com Moisés e Elias de ir morrer a Jerusalém, para o desviar da morte, deu-lhe de conselho que ficasse ali:
10 *Domine, bonum est nos hic esse.* Esta resolução de S. Pedro, considerada como a considerou Origenes, foi o maior acto de amor que se fez, nem pode fazer no Mundo, porque se Cristo não ia morrer a Jerusalém, não se remia o género humano; se não se remia o
15 género humano, S. Pedro não podia ir ao Céu: e que quisesse o grande Apóstolo privar-se da glória do Céu, porque Cristo não morresse na Terra; que antepusesse a vida temporal de seu Senhor à vida eterna sua, foi a maior fineza de amor a que podia aspirar o coração mais alentado. Deixemos a S. Pedro, e
20 assim vamos a Cristo.

Em todas as cousas que Cristo obrou neste Mundo, manifestou sempre o muito que amava os homens; contudo, uma palavra disse na cruz, em que parece se não mostrou muito amante: *Sitio:* «Tenho sede».
25 Padecer Cristo aquela rigorosa sede, amor foi grande; mas dizer que a padecia e significar que lhe dessem remédio, parece que não foi amor. Afecto natural, sim; afecto amoroso, não. Quem diz a vozes o que padece, ou busca o alívio na comunicação ou espera
30 o remédio no socorro; e é certo que não ama muito

---

10. *S. Mateus*, XVII, 4.
25. *S. João*, XIX, 28.

a sua dor, quem a deseja diminuída ou aliviada. Quem pede remédio ao que padece, não quer padecer; não querer padecer, não é amar: logo, não foi acto de amor em Cristo dizer: *Sitio:* «Tenho sede».
5 Contraponhamos agora esta acção de Cristo na cruz e a de S. Pedro no Tabor. A de S. Pedro, parece que tem muito de fineza; a de Cristo, parece que não tem nada de amor. Será isto assim?

Dois Evangelistas o resolveram com duas palavras.
10 O Evangelista S. João com um *sciens;* e o Evangelista S. Lucas com um *nesciens*. O que em S. Pedro parecia fineza, não era amor, porque estava fundado em ignorância: *Nesciens quid diceret*. O que em Cristo não parecia amor, era fineza, porque estava fundado
15 em ciência: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit: Sitio*. Apliquemos por cada parte. Quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse,* «não sabia o que dizia»: *Nesciens quid diceret,* porque estava transportado e fora de si.
20 E assim todas aquelas finezas que considerávamos, pareciam amor, e eram ignorâncias; pareciam afectos da vontade e eram erros do entendimento. Se aquela resolução de S. Pedro se fundara no conhecimento das consequências que dissemos, não há dúvida que
25 fora o mais excelente acto de amor a que podia chegar a bizarria de um coração amoroso; mas como a resolução se fundava na ignorância do mesmo que dizia, em vez de sair com título de amante, saiu com

---

13. *S. Lucas,* IX, 33.
15-16. *S. João,* XIX, 28.

nome néscio, porque amar ignorando, não é amar, é não saber.

Não assim Cristo. Porque quando disse *Sitio*, sabia mui bem que, acabados já todos os outros tormentos,
5 faltava só por cumprir a profecia do fel»: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur scriptura, dixit: Sitio*. E assim aquelas tibiezas que considerávamos, parecia que não eram amor, e eram as maiores finezas; parecia que eram um desejo natu-
10 ral, e eram o mais amoroso e requintado afecto. Se Cristo dissera: — Tenho sede, — cuidando que lhe haviam de dar água, era pedir alívio; mas dizer: — Tenho sede, — sabendo que lhe haviam de dar fel, era pedir novo tormento. E não pode chegar a
15 mais um amor ambicioso de padecer, que pedir os tormentos por alívios, e para remediar uma pena, dizer que lhe acudam com outra. Dizer Cristo que tinha sede, não foi solicitar remédio à necessidade própria; foi fazer lembrança à crueldade alheia.
20 Como se dissera: Lembrai-vos, homens, do fel, que vos esquece: *Sitio*. Tão diferente era a sede de Cristo do que parecia: parecia desejo de alívios, e era hidropisia de tormentos. De sorte que a ciência com que obrava Cristo e a ignorância com que obrava
25 Pedro, trocaram estes dois afectos de maneira que o que em Pedro parecia fineza, por ser fundado em ignorância, não era amor; e o que em Cristo não parecia amor, por ser fundado em ciência, era fineza. E como a ciência ou a ignorância é a que dá ou tira

---

11. Reparemos no facetado destes períodos de cláusulas simétricas, tão ao gosto do tempo e tão diferente de outros escritos do orador.

21. Assim Santo Agostinho *(N. de V.)*.

o ser, e a que diminui ou acrescenta a perfeição do amor, por isso o Evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Cristo sabia, para provar o que amava: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.*

III

Quatro ignorâncias podem concorrer em um amante, que diminuam muito a perfeição e merecimento de seu amor: Ou porque não se conhecesse a si; ou porque não conhecesse a quem amava; ou porque não conhecesse o amor; ou porque não conhecesse o fim onde há-de parar, amando. Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecera. Se não conhecesse a quem amava, talvez quereria com grandes finezas a quem havia de aborrecer, se o não ignorara. Se não conhecesse o amor, talvez se empenharia cegamente no que não havia de empreender, se o soubera. Se não conhecesse o fim em que havia de parar, amando, talvez chegaria a padecer os danos a que não havia de chegar, se os previra. Todas estas ignorâncias que se acham nos homens, em Cristo foram ciências e em todas e cada uma crescem os quilates do seu estremado amor. Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amor e conhecia o fim onde havia de parar, amando. Tudo notou o Evangelista. Conhecia-se a si, porque «sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre»: *Sciens quia a Deo exivit.* Conhecia a quem amava, porque

---

4-5. *S. João,* XIII, 1.
27-28. *S. João,* XIII, 3.

sabia quão ingratos eram os homens, e quão cruéis haviam de ser para com ele: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum*. Conhecia o amor, e bem à custa do seu coração, pela larga experiência do que
5 tinha amado: *Cum dilexisset suos*. Conhecia, finalmente, o fim em que havia de parar, amando, que era a morte, e tal morte: *Sciens quia venit hora ejus*. E que conhecendo-se Cristo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor e conhecendo o fim cruel
10 em que havia de parar, amando; amasse contudo?! Grande excesso de amor!: *In finem dilexit!* Para que conheçamos quão grande e quão excessivo foi, vamo-lo ponderando por partes em cada uma destas circunstâncias de ciência.

15 Primeiramente, foi grande o amor de Cristo, porque nos amou, conhecendo-se: *Sciens quia a Deo exivit*. Que conhecendo-se Cristo a si, nos amasse a nós, grande e desusado amor!

Enquanto Páris, ignorante de si e da fortuna do
20 seu nascimento, guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do monte Ida, dizem as histórias humanas, que era objecto dos seus cuidados Enone, uma formosura rústica daqueles vales. Mas quando o encoberto príncipe se conheceu e soube que era filho
25 de Príamo, rei de Tróia, como deixou o cajado e o surrão, trocou também de pensamento. Amava humildemente, enquanto se teve por humilde; tanto que

---

2-3. Trad.: *Sabia, com efeito, quem era o que o trairia. Ibid.*, 11.

5. Trad.: *Como tivesse amado os seus... Ibid.*, 1.

7. Trad.: *Sabendo que veio a sua hora. Ibid.*

19-26. Vieira conta o mito de Páris, do célebre poema de Homero, que atribui aos amores entre ele e Helena a guerra de Tróia.

conheceu quem era, logo desconheceu a quem amava. Como o amor se fundava na ignorância de si, o mesmo conhecimento que desfez a ignorância, acabou também o amor. Desamou príncipe, o que tinha 5 amado pastor; porque, como é falta de conhecimento próprio nos pequenos levantar o pensamento, assim é afronta da fortuna nos grandes abater o cuidado. Ah príncipe da glória, que assim parece vos havia de suceder convosco! Mas não foi assim! Quem 10 ouvisse dizer que nos amava o Filho de Deus com tanto extremo, parece que poderia pôr em dúvida, se o Senhor se conhecia ou vivia ignorante de quem era. Pois para que a verdade de nossa Fé não perigue nos extremos de seu amor e para que o Mundo não 15 caia em tal engano, saibam todos (diz o Evangelista) que Cristo amou, e amou tanto: *In finem dilexit;* mas saibam também que juntamente conhecia quem era: *Sciens quia a Deo exivit.*

Se Cristo não se conhecera, não fora muito que 20 nos amasse; mas amar-nos, conhecendo-se, foi tal excesso, que parece que o mesmo amar-nos, foi desconhecer-se. Disse uma vez a Esposa dos Cantares a seu Esposo que «o amava muito»: *Quem diligit anima mea.* E ele que lhe responderia? *Si ignoras te, o pul-* 25 *cherrima inter mulieres!:* «Formosíssima de todas as mulheres, desconheceis-vos!» Notável resposta! De maneira, que, quando a Esposa afirma ao Esposo que o ama, o Esposo pergunta à Esposa «se se desconhece»: *Si ignoras te* Esposo discreto e amado, que

---

22. A *Esposa dos Cantares* é a personagem do *Cântico dos Cânticos* ou *Cantares*, formoso livro de lirismo amoroso atribuído a Salomão.

23-24. *A quem a minha alma ama. Cânticos dos Cânticos*, I, 6.

24-25. *Ibid.*, 7.

modo de responder é esse e que consequência tem esta vossa resposta? Quando a Esposa vos assegura o seu amor, vós duvidais-lhe o seu conhecimento?! E quando afirma que vos ama, perguntais-lhe se se desco-
5 nhece: *Si ignoras te?!* Sim. Porque, conforme a alta estimação que o Esposo fazia dos merecimentos da Esposa, afirmar ela que o amava tanto, era grande razão para duvidar se se não conhecia. Como se dissera o Esposo: Vós dizeis que me amais?: *Quem*
10 *diligit anima mea?* Pois eu digo que vos não conheceis: *Si ignoras te, o pulcherrima?* Porque se vos conheceis a vós, como é possível que me ameis a mim? Foi necessário que a vós vos faltasse o conhecimento, para que a mim me sobejasse a ventura.
15 O amor de minha indignidade, vem a parecer ignorância de vossa grandeza: *Si ignoras te;* porque, se não deixáreis de vos conhecer, como vos abateríeis a me amar?

Isto que antigamente disse Salomão à princesa do
20 Egipto, podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salomão, Cristo, à vista dos extremos de seu amor: *Si ignoras te.* É isto amor, Deus meu, ou ignorância? Amais-nos, ou desconheceis-vos? Verdadeiramente parece que vos esqueceis de quem sois,
25 e que vos tirais da memória, para nos meter na vontade. Oh que alta e que profundamente considerou hoje S. Pedro estes dois extremos, quando com assombro do Céu, vos viu diante de si com os joelhos em terra: *Tu mihi!* «Vós a mim?!» Vós a Pedro?!
30 Parece, Senhor, que nem vos conheceis a vós, nem me conheceis a mim. Mas o certo é que a vós vos

5. *Ibid.*, 7.
29. *S. João*, XIII, 6.

conheceis, e a mim amais. E é tão grande vossa sabedoria em conhecer estas desproporções, como vosso amor em ajuntar estas distâncias. Mas em amor infinito bem podem caber distâncias infinitas. Assim o
5 provam as mãos de Deus juntas com os pés dos homens: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus.* Eis aí as mãos de Deus: *Cœpit lavare pedes discipulorum.* Eis aí os pés dos homens.

Apareceu Deus na sarça a Moisés, e mandou-lhe
10 descalçar os sapatos: *Solve calceamenta de pedibus tuis.* Quando eu lia este passo, admirava-me certo muito, de que a majestade e grandeza de Deus entendesse com os pés de Moisés. Mas quem puser os olhos na sarça, deixará logo de se admirar. A sarça em que
15 Deus apareceu, estava ardendo toda em chamas vivas, e um Deus abrasado em fogo, que muito que se abalance aos pés dos homens? Falando a nosso modo, nunca Deus se conheceu melhor, que quando estava na sarça, porque ali definiu sua essência: *Ego*
20 *sum qui sum.* E que definindo-se Deus, o fogo não se apagasse! Que conhecendo-se Deus essencialmente, as labaredas em que ardia não se diminuíssem! Grande amor! Definir-se e esfriar-se, fora tibieza; definir-se e arder, isso é amar. Não fora Deus quem
25 é, se não amara como amou. O definir-se foi declarar a sua essência: o arder foi provar a definição. O mesmo aconteceu a Cristo hoje: *Sciens quia a Deo exivit, ponit vestimenta sua.* «Sabendo que era Filho

---

7-8. *Ibid.*, 5.
10-11. *Êxodo*, III, 5.
19-20. *Ibid.*, 14.
27-28. *S. João*, XIII, 3 e 4.

de Deus, começou a despir as roupas». Quem sabia que era Filho de Deus, conhecia-se; quem lançava de si as roupas, abrasava-se: e conhecer e abrasar-se, isso é amor: *In finem dilexit*.

IV

5 A segunda ignorância que tira o merecimento ao amor, é não conhecer quem ama, a quem ama. Quantas cousas há no Mundo muito amadas, que, se as conhecera quem as ama, haviam de ser muito aborrecidas! Graças logo ao engano e não ao amor. Serviu Jacob os primeiros sete anos a Labão, e ao cabo deles,
10 em vez de lhe darem a Raquel, deram-lhe a Lia. Ah enganado pastor e mais enganado amante! Se perguntarmos à imaginação de Jacob por quem servia, responderá que por Raquel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que é, e o que há-de
15 ser, dirá com toda a certeza, que serve por Lia. E assim foi. Servis por quem servis, não servis por quem cuidais. Cuidais que os vossos trabalhos e os vossos desvelos são por Raquel, a amada, e trabalhais e desvelai-vos por Lia, a aborrecida. Se Jacob
20 soubera que servia por Lia, não servira sete anos nem sete dias. Serviu logo ao engano e não ao amor, porque serviu por quem não amava. Oh quantas vezes se representa esta história no teatro do coração humano, e não com diversas figuras, se não na
25 mesma! A mesma que na imaginação é Raquel, na realidade é Lia; e não é Labão o que engana a Jacob, senão Jacob o que se engana a si mesmo. Não assim o divino amante, Cristo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Raquel, mas amava a Lia conhe-

cida como Lia. Nem a ignorância lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objecto ao trabalho. Amou e padeceu por todos, e por cada um, não como era bem que eles fossem, senão assim 5 como eram. Pelo inimigo, sabendo que era inimigo; pelo ingrato, sabendo que era ingrato; e pelo traidor, «sabendo que era traidor»: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.*

Deste discurso se segue uma conclusão tão certa 10 como ignorada; e é que os homens não amam aquilo que cuidam que amam. Porquê? Ou porque o que amam não é o que cuidam; ou porque amam o que verdadeiramente não há. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima e não 15 vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade; cuidais que amais perfeições angélicas, e amais imperfeições humanas. Logo, os homens não 20 amam o que cuidam que amam. Donde também se segue que amam o que verdadeiramente não há; porque amam as cousas, não como são, senão como as imaginam; e o que se imagina, e não é, não o há no Mundo. Não assim o amor de Cristo, sábio sem 25 engano: *Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo.*

Notai o texto e a última cláusula dele, que parece supérflua e ociosa, — Como amasse aos seus que havia no Mundo —. Pois onde os havia de haver? Fora do Mundo?! Claro está que não. Logo se bas- 30 tava dizer — *como amasse aos seus* — porque acres-

---

7-8. S. *João*, XIII, 1.
25. *Ibid.*, 1.

centa o Evangelista, — *«os seus que havia no Mundo»? — Suos qui erant in mundo.* Foi para que entendêssemos o conhecimento com que Cristo amava aos homens, mui diferente do que os homens amam.
5 Os homens amam muitas cousas que as não há no Mundo: amam as cousas como as imaginam; e as cousas como eles as imaginam, havê-las-á na imaginação, mas no Mundo não as há. Pelo contrário, Cristo amou os homens como verdadeiramente eram
10 no Mundo, e não como enganosamente podiam ser na imaginação: *Cum dilexisset suos, qui erant in Mundo.* Não amou Cristo os seus, como vós amais os vossos. Vós amai-los como são na vossa imaginação, e não como são no Mundo. No Mundo são ingratos, na
15 vossa imaginação são agradecidos; no Mundo são traidores, na vossa imaginação são leais; no Mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo, cuidando que é amigo; e ao traidor, cuidando que é leal; e ao ingrato, cuidando que
20 é agradecido, não é fineza, é ignorância. Por isso o vosso amor não tem merecimento, nem é senão engano. Só o de Cristo foi verdadeiro amor e verdadeira fineza, porque amou os seus como eram, e com inteira ciência do que eram — ao inimigo, sabendo o seu
25 ódio; ao ingrato, sabendo a sua ingratidão; e ao traidor, sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum.*

Mas se esta ciência de Cristo era universal, em respeito de todos os Discípulos (que eram os seus que
30 havia no Mundo) porque nota mais particularmente o Evangelista o conhecimento desta mesma ciência,

---

2-11. Atente-se na finura da exegese do texto, que, desta vez sem entorses, cede à adaptação a conceitos não menos finos sobre psicologia amorosa.

em respeito de Judas, advertindo que sabia o Senhor qual era o que o havia de entregar? *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum?* Tão inteiramente conhecia Cristo a Judas, como a Pedro, e aos demais; mas notou o Evangelista com especialidade a ciência do Senhor, em respeito de Judas, porque em Judas mais que em nenhum dos outros campeou a fineza do seu amor. Ora vede: Definindo S. Bernardo o amor fino, diz assim: *Amor non quærit causam, nec fructum:* «O amor fino não busca causa nem fruto.» Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há-de ter porquê nem para quê. Se amo porque me amam, é obrigação, faço o que devo; se amo para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois como há-de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo, amo, ut amem:* amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido; quem ama, para que o amem, é interesseiro; quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Cristo, em respeito de Judas, fundada na ciência que tinha dele e dos demais discípulos.

Na prática desta última ceia, disse Cristo aos discípulos: *Jam non dicam vos servos, sed amicos:* «Discípulos meus, daqui em diante não vos hei-de chamar servos, senão amigos». Sendo isto assim, lede todos os Evangelistas, e achareis que só a Judas chamou amigo, quando disse: *Amice, ad quid venisti?*

---

25. *Ibid.*, XV, 15.
29. Trad.: *Amigo, a que vieste?* *S. Mateus*, XXVI, 50.

Pois, Senhor, não está aí Pedro, não está aí João, que merecem mais que todos o nome de amigos? Porque lhes não dais a eles este nome, senão a Judas? A Judas, o inimigo?! A Judas, o falsário?! A Judas, 5 o traidor, o nome de amigo?! *Amice?!* Hoje sim. Porque Cristo neste dia não buscava motivos ao amor, buscava circunstâncias à fineza. Os outros discípulos sabia Cristo que o amavam, e sabia que o haviam de amar até dar a vida por ele. Porque o amavam, 10 tinha o seu amor causa, e porque o haviam de amar, tinha fruto. Pelo contrário, Judas nem amava a Cristo, porque o vendia, nem o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até à morte; e amar o Senhor a quem o não amava, nem o havia 15 de amar, era amar sem causa e sem fruto, e por isso a maior fineza. Amar ingratidões conhecidas, cousa é que algumas vezes se acha no amor. Mas ninguém amou uma ingratidão sabida, que aí mesmo não amasse um agradecimento esperado. Só Cristo foi 20 tão fino e tão amante, que amou sem correspondência, porque amou a quem sabia que o não amava; e sem esperança, porque amou a quem sabia que o não havia de amar. Por isso dá o título de amigo só a Judas, não porque lhe merecesse o amor, mas por- 25 que lhe acreditava a fineza. Amar por razões de amar, isso fazem todos; mas amar com razões de aborrecer, só o faz Cristo. Fez das ofensas obrigações e dos agravos motivos; porque era obrigação do seu amor chegar à maior fineza: *In finem dilexit.*

V

A terceira circunstância de ciência, que grandemente subiu de ponto o amor de Cristo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amor. Cristo conhecia todas as cousas com três ciências altíssimas: com a
5 ciência divina, como Deus; com a ciência beata, como bem-aventurado; com a ciência infusa, como cabeça do género humano e Redentor do Mundo. O amor ainda o conheceu com outra quarta ciência, que foi a experimental e adquirida; porque, assim como diz
10 S. Paulo que aprendeu a obedecer, padecendo, assim aprendeu a amar, amando. E isto é o que ponderou muito S. João, advertindo que «amou, tendo amado»: *Cum dilexisset, dilexit.*

Questão é curiosa nesta filosofia qual seja mais
15 precioso e de maiores quilates: se o primeiro amor, ou o segundo. Ao primeiro ninguém pode negar que é o primogénito do coração, o morgado dos afectos, a flor do desejo e as primícias da vontade. Contudo, eu reconheço grandes vantagens no amor segundo.
20 O primeiro é bisonho, o segundo é experimentado; o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre; o primeiro pode ser ímpeto, o segundo não pode ser senão amor. Enfim, o segundo amor, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso não
25 simples amor, senão duplicado, e amor sobre amor. É verdade que o primeiro amor é o primogénito do coração; porém a vontade sempre livre não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o maior.

30 A primeira vez que Jónatas se afeiçoou a David, diz a Escritura Sagrada que lhe fez juramento de

perpétuo amor: *Inierunt autem David et Jonatas fœdus; diligebat enim eum, quasi animam suam.* Passaram depois disto alguns tempos de firme vontade, posto que de vária fortuna; torna a dizer o
5 texto que Jónatas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amor: *Et addidit Jonatas dejerare David, eo quod diligeret illum.* Pois se Jónatas tinha já feito um juramento de amar a David, porque faz agora outro? Porventura quebrou o primeiro,
10 para que fosse necessário o segundo? É certo que o não quebrou, porque não fora Jónatas o exemplo maior da amizade, se o não fora também da firmeza. Pois se o amor estava jurado ao princípio, porque o jura outra vez agora? Porque foi mui diferente
15 matéria jurar o amor antes de conhecido, ou jurá-lo depois de experimentado. Quando Jónatas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentara; quando jurou a segunda vez, já tinha larga experiência do que era e do que
20 custava, pelo muito que padeceu por David; e era tão diferente o conceito que Jónatas fazia agora de um amor a outro, que julgou que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorância passada não diminuísse o me-
25 recimento presente, por isso fez juramento de novo amor. Não novo, porque deixasse de amar alguma hora, mas porque era pouco o que dantes prometera, em comparação do muito que hoje amava. Então prometeu como conhecia, agora prometia como expe-
30 rimentara. Que Jónatas se resolvesse a amar a David,

1-2. Trad.: *David e Jónatas fizeram juramento; amava-o como à sua alma.* I *Reis,* XVIII, 3.
6-7. *Ibid.,* XX, 17.

quando não conhecia as paixões deste tirano afecto, não foi muita fineza; mas depois de conhecer seus rigores, depois de sofrer suas sem-razões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tiranias, depois de sentir ausências, depois de chorar saudades, depois de resistir contradições, depois de atropelar dificuldades, depois de vencer impossíveis; arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a autoridade, revelando secretos, encobrindo verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, cativando o alvedrio, morrendo dentro em si, por tormento e vivendo em seu amigo, por cuidado: sempre triste, sempre afligido, sempre inquieto, sempre constante, apesar de seu pai e da fortuna de ambos (que todas estas finezas, diz a Escritura fez Jónatas por David); que depois, digo, de tão qualificadas experiências de seu coração e de seu amor, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar! Isto sim, isto é amor.

O mesmo digo do nosso fino amante, com a vantagem que vai de Filho de Deus a filho de Saul. Se Cristo pudera não conhecer o amor, ou o não conhecera por experiência, menos fora que nos amasse; porém, conhecendo experimentalmente o amor, e o amor seu, e sabendo que este fora tão rigoroso, que o arrancou do peito de seu pai; que foi tão desumano, que o lançou na terra em um presépio; que foi tão cruel que, a oito dias de nascido, lhe tirou o sangue das veias; que foi tão desamoroso, que antes de dois meses de idade, o desterrou sete anos para o Egipto, o que era tão tirano, que, se lhe não tirou a vida a mãos de Herodes, foi porque se não contentava com tão pouco sangue; que conhecendo Cristo que este era o seu amor, não desistisse,

nem se arrependesse, antes continuasse a amar, grande amor! Grande, porque amou; mas muito maior, porque amou sobre ter amado: *Cum dilexisset, dilexit.*

Bem vejo que me replicam os teólogos que o amor de Cristo desde o primeiro instante até o último, sempre foi igual, e nunca cresceu. Assim o pedia a razão. Se o diminuir no amor é descrédito, também é descrédito o crescer. Quem diz que ama mais, desacredita o seu amor, porque ainda que o crescer seja aumento, é aumento que supõe imperfeição. Amor que pode crescer, não é amor perfeito. Pois se o amor perfeitíssimo de Cristo, sempre foi igual, e nunca cresceu, como dizemos que hoje foi maior? Todos respondem, e bem, que foi maior nos efeitos. Mas eu como mais grosseiro, ainda na mesma substância do amor, não posso deixar de reconhecer alguma consideração de maioria. Confesso que não cresceu, mas bem se pode ser maior sem crescer. Uma coluna sobre a base, uma estátua sobre a peanha, cresce sem crescer. Assim o amor de Cristo hoje, porque foi amor sobre amor. E como a base e a peanha, não só era da mesma substância, senão a mesma substância do amor de Cristo, não só fica hoje mais subido, senão, em certo modo, maior. É tanto isto assim, que, a meu ver, não podem ter outro sentido as palavras do Evangelista: *Cum dilexisset, dilexit:* «Como amasse, amou». Estas palavras dizem mais do que soam. *Amasse* e *amou* não têm mais diferença do que no tempo; na significação, não têm diversidade. Que nos diz logo de novo o Evangelista? Se dissera — *como amasse muito, agora amou mais* —, bem estava; isso é o que queria provar. Mas se queria dizer que *amou mais,* como diz

sòmente que *amou?* Porque o diz com tais termos, que dizendo só que *amou,* fica provado, que *amou mais: Cum dilexisset, dilexit* «Como amasse, amou»; e isto de amar sobre haver amado, não é só amar
5 *depois,* senão amar *mais.* Não diz só relação de tempo, senão excesso de amor. E como o Evangelista queria subir de ponto o muito que o Senhor amou hoje, entendeu que, para encarecer o amor presente, bastava supor o passado.

10 Quando Deus mandou a Abraão que lhe sacrificasse seu filho, em todo o rigor da propriedade hebreia, diz o texto assim: *Tolle filium tuum, quem dilexisti Isaac:* «Sacrifica-me teu filho Isaac, a quem amaste». *A quem amas* parece que havia de dizer,
15 porque todo o intento de Deus, foi encarecer o amor, para dificultar o sacrifício. Pois porque não diz: sacrifica-me o filho *que amas,* senão o filho *que amaste?* Por isso mesmo. Queria Deus encarecer o amor, para dificultar o sacrifício, e em nenhuma
20 cousa podia encarecer mais o amor presente, que na suposição do passado. Sacrifica-me o filho não só que amas, senão que amaste, porque amar sobre haver amado, é o maior amor. Por isso o Evangelista hoje, comparando amor com amor, não fez comparação
25 de grande a excessivo, senão de primeiro a segundo: *Cum dilexisset, dilexit.* Esta foi a primeira e segunda ferida do coração, de que o nosso divino Amante, muito antes de o amor lhe tirar as setas, já se gloriava: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vul-*
30 *nerasti cor meum.* A primeira ferida, foi a do amor

12-19. *Génesis,* XXII, 2.
29-30. Trad.: *Feriste o meu coração, irmã minha esposa, feriste o meu coração. Cânticos,* IV, 9.

passado; a segunda, a do amor presente; e para prova de qual foi maior e mais penetrante, se não basta ser ferida sobre ferida, baste saber que com a primeira viveu e que a segunda lhe tirou a vida: *Cum dilexisset, in finem dilexit.* E somos entrados, sem o pretender, na quarta consideração.

VI

A quarta e última circunstância em que a ciência de Cristo afinou muito os extremos de seu amor, foi saber e conhecer o fim onde havia parar, amando: *Sciens quia venit hora ejus.* De muitos contam as histórias que morreram, porque amaram; mas porque o amor foi só a ocasião e a ignorância a causa, falsamente lhes deu a morte o epitáfio de amantes. Não é amante quem morre porque amou, senão quem amou para morrer. Bem notável é neste género o exemplo do príncipe Siquém. Amou Siquém a Dina, filha de Jacob, e rendeu-se tanto aos impérios de seu afecto, que, sendo príncipe soberano, se sujeitou a tais condições e partidos, que a poucos dias de desposado lhe puderam tirar a vida Simeão e Levi, irmãos de Dina. Amou Siquém, e morreu; mas a morte não foi troféu de seu amor, foi castigo de sua ignorância. Foi caso e não merecimento; porque não amou para morrer, ainda que morreu porque amou. Deveu-lhe Dina o amor, mas não lhe deveu a morte; antes por isso nem o amor lhe deveu. Que quem amou, porque não sabia que havia de morrer, se o soubera não amara. Não está o merecimento do amor na morte, senão no conhecimento dela.

Vede-o em Abraão e Isaac claramente. Naqueles três dias em que Abraão foi caminhando para o

monte do sacrifício com seu filho Isaac, ambos iam igualmente perigosos, mas não iam igualmente finos. Iam igualmente perigosos, porque um ia a morrer, outro a matar ou a matar-se: mas não iam igualmente 5 finos, porque um sabia aonde caminhavam, o outro não o sabia. O caminho era o mesmo, os passos eram iguais, mas o conhecimento era muito diverso, e por isso também o merecimento. Abraão merecia muito, Isaac não merecia nada; porque Abraão caminhava 10 com ciência, Isaac com ignorância; Abraão ao sacrifício sabido, Isaac ao sacrifício ignorado. Esta é a diferença que faz o sacrifício de Cristo a todos os que sacrificou a morte, por culpas do amor. Só Cristo caminhou voluntário à morte sabida, todos os outros 15 sem vontade à morte ignorada. A Siquém, a Sansão, a Amon e aos demais que morreram porque amaram, levou-os o amor à morte, com os olhos cobertos, como condenados; só a Cristo, como triunfador, com os olhos abertos. (Tomara ter mais honradas antíte- 20 ses; mas estas são as que lemos na Escritura). Nem Siquém amara a Dina, nem Sansão a Dalila, nem Amon a Thamar, se anteviram a morte que os aguardava. Só a ciência de Cristo conheceu que o seu amor o levava à morte, e só Cristo, conhecendo-a, 25 e vendo-a vir para si, caminhou animosamente a ela: *Sciens quia venit hora ejus.*

Que bem, e que poèticamente o cantou David: *Sol cognovit occasum suum!* «O Sol conheceu o seu ocaso». Poucas palavras, mas dificultosas. O Sol é 30 uma criatura irracional e insensível (Porque ainda que alguns filósofos creram o contrário, é erro con-

---

16. *Génesis, Juízes, Reis.*
28. *Salmo* CIII, 19.

denado). Pois se o Sol não tem entendimento, nem sentidos, como diz o Profeta que o Sol conheceu o seu ocaso?: *Sol cognovit occasum suum?* O certo é (diz Agostinho) que debaixo da metáfora do Sol material, falou David do Sol divino, Cristo, que só é Sol com entendimento. E porque ambos foram mui parecidos em correr ao seu ocaso, por isso retratou as finezas de um nas insensibilidades do outro. Se a luz do Sol fora verdadeira luz de conhecimento; e o ocidente, onde se vai pôr o Sol, fora verdadeira morte, não nos causara grande admiração ver que o Sol, conhecendo o lugar de sua morte, com a mesma velocidade com que sobe ao zénite, se precipitasse ao Ocidente? Pois isto foi o que fez aquele Sol divino: *Sol cognovit occasum suum.* Conheceu verdadeiramente o Sol divino o seu ocaso, porque sabia determinadamente a hora em que, chegando aos últimos horizontes da vida, havia de passar deste ao outro hemisfério: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo.* E que sobre este conhecimento certo do fim cruel a que o levava seu amor, caminhasse sem fazer pé atrás, tão animoso ao verdadeiro e conhecido ocaso, como o mesmo Sol material, que não morre nem conhece; grande resolução e valentia de amor! Não só conhecer a morte, e ir a morrer; mas ir a morrer, conhecendo-a, como se a ignorara!

Só S. João, que nos deu o pensamento, poderá ter a prova. Quando vieram a prender a Cristo seus inimigos, diz assim o Evangelista: *Sciens omnia, quæ ventura erant super eum, processit, et dixit: quem quæritis?:* «Sabendo o Senhor tudo o que havia de vir

---

29-31. *S. João,* XVIII, 4.

sobre ele, saiu a encontrar-se com os que o vinham prender, e disse-lhes: — A quem buscais?» Parece que se implica nos termos esta narração. Quem sabe, não pergunta. Pois se Cristo sabia tudo, e sabia que o buscavam a ele, e o Evangelista nota que o sabia; porque pergunta como se o não soubera? — A razão e o mistério é porque desde este ponto começava Cristo a caminhar para a morte, e esse foi o modo com que seu amor o levava. Levava-o à morte, sabendo, como se o levara, ignorando. Quem ler o que diz o Evangelista, dirá que Cristo sabia; quem ouvir o que Cristo pergunta, cuidará que Cristo ignorava; e, ou na verdade ou na aparência, tudo era. Na verdade sabia e na aparência ignorava; porque de tal maneira amou, e foi a morrer, sabendo, como se amara e morrera ignorando.

Este é o segredo que encobria aquele véu ou aquele misterioso eclipse com que o amor hoje cobriu os olhos a Cristo, por mãos de seus inimigos: *Velaverunt eum et percutiebant faciem ejus*. Que sofresse o Senhor outros muitos tormentos, não me espanto, que a tudo se oferece quem sobre tudo ama. Mas de permitir que lhe cobrissem os olhos, parece que não só se podia ofender a sua paciência, senão muito mais seu amor. S. João hoje naquele repetido *sciens*, não tirou as vendas ao amor de Cristo, para que soubesse o Mundo que amava com os olhos abertos? Pois porque permite no mesmo dia que lhe cubram e vendem os olhos? — Porque esta foi a destreza com que o amor de Cristo soube equivocar a ciência com a ignorância. Fez que amasse de tal maneira

19-20. Trad.: *Vendaram-no e esbofeteavam-no. S. Lucas,* XXII, 64.

com os olhos abertos, como se amara com os olhos fechados. Que amasse de tal maneira, sabendo, como se amara, ignorando. Desafrontou-se o amor com aquele véu que parecia afrontoso, e vingou-se para
5 maior honra sua, do que lhe tinha feito S. João. S. João tirou as vendas ao amor de Cristo, e o mesmo amor tornou-as a pôr em Cristo; para que advertíssemos que de tal maneira amou, sabendo, e com os olhos abertos, como se amara, ignorando,
10 e com os olhos fechados: *Velaverunt eum*. Conhecia--se Cristo a si, e amou como se não se conhecera; sabia o que amava, e amou como se o não soubera; tinha experimentado o amor, e amou como se o não experimentara; previu o fim a que havia de chegar,
15 amando, e amou como se o não previra. E porque amou, sabendo, como se amara, ignorando, por isso só ele amou, e soube amar finamente: *Sciens, sciens sciens, sciens in finem dilexit eos.*

VII

Temos considerado o amor de Cristo pelas adver-
20 tências de S. João. Consideremo-lo agora pelas advertências do mesmo Cristo, que, como quem o conhecia melhor, serão as mais bem ponderadas e mais profundas. Apostaram hoje o maior amante e o maior Amado — Cristo e S. João — apostaram,
25 digo, a encarecer os extremos do mesmo amor; e depois que S. João disse quanto soube, advertindo que Cristo amara, sabendo: — «Há (diz Cristo) que

10. *Ibid.*

não é essa a maior circunstância que sobe de ponto o meu amor. Se os homens querem saber a fineza com que os amei, não a ponderem pela minha sabedoria, ponderem-na pela sua ignorância. Amei muito aos homens, porque os amei, sabendo Eu tudo, mas muito maior foi meu amor, porque os amei, ignorando eles quanto eu os amava: *Quod ego facio, tu nescis*». Por mais que os homens façam discursos e levantem pensamentos, nunca poderão chegar a conhecer o amor com que os amou Cristo, nem em quanto Deus, nem em quanto homem; e que se resolva Cristo a amar a quem não só lhe não havia de pagar o amor, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amor, não só a satisfação de pago, mas nem ainda o alívio de conhecido! Esta foi a maior valentia do coração amoroso de Cristo, e esta a maior dificuldade, porque rompeu a força do seu amor.

E senão, façamos esta questão: Que é o que mais deseja e mais estima o amor: ver-se conhecido ou ver-se pago? É certo que o amor não pode ser pago, sem ser primeiro conhecido; mas pode ser conhecido, sem ser pago. E considerando divididos estes dois termos, não há dúvida que mais estima o amor e melhor lhe está ver-se conhecido que pago. Porque o que o amor mais pretende, é obrigar; o conhecimento obriga, a paga desempenha. Logo, muito melhor lhe está ao amor ver-se conhecido que pago; porque o conhecimento aperta as obrigações, a paga e o desempenho desata-as. O conhecimento é satisfação do amor próprio; a paga é satisfação do amor alheio. Na satisfação do que o amor recebe, pode ser o afecto interessado; na satisfação do que comunica, não pode ser senão liberal. Logo, mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da

sua liberalidade, que ver duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse. O mais seguro crédito de quem ama, é a confissão da dívida no amado; mas como há-de confessar a dívida, quem a não conhece?
5 Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento que a paga; porque a sua maior riqueza é ter sempre individado a quem ama. Quando o amor deixa de ser credor, só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amor que se não possa pagar, é a maior
10 glória de quem ama: se esta grandeza se conhece, é glória manifesta; se não se conhece, fica escurecida, e não é glória. Logo, muito mais estima o amor, e muito mais deseja e muito mais lhe convém a glória de conhecido, que a satisfação de pago. Baste
15 de razões, vamos à Escritura.

A maior façanha do amor humano foi aquela animosa resolução com que o Patriarca Abraão, antepondo o amor divino ao natural e paterno, determinou tirar a vida a seu próprio filho. Teve Deus mão
20 na espada ao desamorado e amorosíssimo servo seu; e o que lhe disse imediatamente, foi: *Nunc cognovi quod timeas Deum.* «Agora conheço, Abraão, que me amas». Isto quer dizer aquele *timeas,* em frase da Escritura, e assim o trasladam muitos e interpre-
25 tam todos: *Nunc cognovi quod diligis Deum.* Depois disto, apareceu ali um cordeiro grande embaraçado entre umas sarças, que deu alegre fim ao não imaginado sacrifício, o qual acabado, tornou Deus a falar a Abraão, e disse-lhe: — *Quia fecisti hanc rem, bene-*
30 *dicam tibi et multiplicabo semen tuum sicut stellas*

21-22. *Génesis,* XXII, 12. *Timeas* traduz-se literalmente por *temas* e não por *ames.*

cœli: «Em prémio desta acção que fizeste, será tua geração bendita, multiplicarei teus descendentes como as estrelas, nascerá de ti o Messias.

Este foi historialmente o caso. Reparemos agora
5 nele. Duas vezes falou Deus aqui com Abraão, e duas cousas lhe disse: uma logo, quando lhe deteve a espada, e outra depois. A que lhe disse logo, foi que conhecia que o amava: *Nunc cognovi quod diligis Deum.* A que lhe disse depois, foi que lhe pre-
10 miaria liberalmente aquela acção: *Quia fecisti rem hanc,* etc. Pois pergunto: porque diz Deus a Abraão, em primeiro lugar, que conhecia seu amor, e no segundo, que o premiaria? E já que dilatou para depois as promessas do prémio, porque não dilatou
15 também as certificações do conhecimento? *Nunc cognovi?* Falou Deus como quem conhece os corações, e sabe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro, certificou a Abraão, de que conhecia seu amor, e reservou para depois o assegu-
20 rar-lhe que o havia de premiar; porque, como Abraão era tão verdadeiro e fino amante, mais estimava ver o seu amor conhecido, que pago. As promessas do prémio, dilatem-se embora; mas as certificações do conhecimento, dêem-se logo e no
25 mesmo instante. Porque mais fàcilmente sofrerá um grande amor as dilações ou esperanças de pago, que as dúvidas de conhecido. Antes digo que foi necessário a consequência de dizer Deus a Abraão que conhecia seu amor, quando lhe mandava suspender
30 a espada; porque, se Abraão não ficara certo de que seu amor estava já conhecido, sem dúvida executara o golpe, para que o sangue da melhor parte de seu coração dissesse a gritos quão verdadeiramente amava. E que estimando o amor sobre tudo ver-se

conhecido, e não conhecendo os homens o amor de Cristo (antes sendo impossível conhecê-lo como ele é) vencesse seu amor esta dificuldade e atropelasse este impossível, e apesar dele e de si mesmo, amasse,
5 estupenda resolução de amor!

VIII

Muito custou a Cristo amar-nos, muito padeceu, amando-nos; porém a mais rigorosa pena a que o condenou seu amor, foi que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto é o que mais sente, isto é
10 o que mais lastima a quem ama. Dois desmaios ou dois acidentes grandes padeceu a Esposa dos Cantares, causados ambos do seu amor. Um foi logo no princípio dele, que se escreve no Capítulo II; outro foi depois de haver já amado muito, e se refere no
15 Capítulo V. Houve-se, porém, a Esposa nestes dois acidentes com diferença mui digna de consideração e reparo. No primeiro acidente, disse: *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo:* «Acudi-me com confortativos, trazei-me rosas e flores, por-
20 que estou enferma de amor». No segundo diz: *Adjuro vos, filiæ Jerusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei, quia amore langueo:* «Pelo que vos mereço, filhas de Jerusalém, que busqueis a meu Amado, e lhe façais saber que estou enferma de amor». Notá-
25 vel diferença! Se a Esposa em ambos os casos estava igualmente enferma de amor: *Quia amore langueo;*

17-18. *Cânticos*, II, 5.
20-22. *Ibid.*, V, 8.

por que razão no primeiro acidente pediu remédios e confortativos, e no segundo não? E se no segundo não teve cuidado de pedir remédios, porque encomenda com tanto encarecimento às amigas e lhes
5 pede juramento de que o façam saber a seu Esposo? *Adjuro vos, ut nuntietis dilecto?* Não se podia melhor pintar a verdade do que dizemos. No primeiro acidente, em que a Esposa era ainda principiante no amor, pediu sòmente remédios para a enfermidade,
10 porque os efeitos penosos que experimentava seu coração, eram os que mais lhe doíam. Porém no segundo acidente, em que o amor era já perfeito e consumado, em vez de dizer que acudam com remédios a seu mal, diz que acudam com notícias a seu
15 Amado, porque não lhe doía tanto a sua dor, porque ela a padecia, quanto porque ele a ignorava. Acudiu a Esposa primeiro ao que lhe doía mais; e mais lhe doíam os afectos do seu amor, porque ignorava a causa, que porque os padecia o sujeito. Por isso
20 em vez de dizer: Trazei-me remédios, dizia: Levai-lhe notícias. Tanto a afligiam as penas do seu amor, muito mais por ignoradas, que por padecidas! O mesmo foi em Cristo.

No Salmo XXXIV, conforme o texto grego, diz
25 assim o Filho de Deus: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt:* «Caíram sobre mim tantos açoutes, e ignoraram». Para inteligência deste afecto, havemos de supor que de todos os tormentos de sua paixão, nenhum sentiu Cristo tanto como o dos açou-
30 tes. Bastava a razão por prova; mas o mesmo Senhor o declarou, quando descobriu aos discípulos o que

25-26. *Salmo* XXXIV, 15.

havia de padecer: *Tradetur gentibus, et illudetur, et flagellabitur, et conspuetur, et postquam flagellaverint, occident eum.* Em todos os outros tormentos, e na mesma morte, falou só uma vez; porém o tor-
5 mento dos açoutes repetiu-o duas vezes: *Flagellabitur, et postquam flagellaverint,* porque o que mais sente o coração, naturalmente sai mais vezes à boca. Diz pois o Senhor: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt:* «Caíram sobre mim tantos açoutes
10 e ignoraram». Afligido Jesus, que termos de falar são estes? Se foram os açoutes o tormento de vós mais sentido, parece que havíeis de dizer: — Caíram sobre mim os açoutes. Oh como os senti! Oh como me atormentaram!» Mas em vez de dizer que os sen-
15 tiu e que o atormentaram, queixa-se sòmente o Senhor de que os ignoraram; porque, no meio dos maiores excessos do seu amor, o que mais atormentava o coração de Cristo não era o que ele padecia, senão o que os homens ignoravam: *Et ignoraverunt.*
20 Não se queixa dos açoutes, e queixa-se da ignorância; porque os açoutes afrontam a Pessoa, a ignorância desacredita o amor. E quem amava com tanto extremo, que quis comprar os créditos do seu amor à custa das afrontas de sua Pessoa, que visse enfim
25 a Pessoa afrontada, e o amor não conhecido, oh que insofrível dor! E porque esta falta de conhecimento é o que mais sente e mais deve sentir quem ama, por isso ponderou Cristo a fineza de seu amor, não

---

1-3. Trad.: *Será entregue ao povo e será escarnecido e flagelado e cuspido, e depois que o tiverem açoutado, matá-lo-ão. S. Lucas,* XVIII, 32 e 33.

pela circunstância de sua ciência, senão pela de nossa ignorância: *Quod ego facio, tu nescis.* Muito mais realça o amor de Cristo este *nescis*, que o *sciens* de S. João, tantas vezes repetido. Porque se foram
5 grandes circunstâncias de amor, amar, conhecendo-se a si, e conhecendo a quem amava, e conhecendo o amor, e conhecendo o fim em que havia de parar, amando, sobre todas estas considerações se levanta e remonta incomparàvelmente empregar todos esses
10 conhecimentos e todo esse amor por quem o não havia de conhecer: *Tu nescis.*

IX

Mas sendo assim que as ignorâncias dos homens eram por uma parte o maior sentimento e por outra o maior crédito do amor de Cristo, usou o mesmo
15 amor tão finamente delas, que tomou estas mesmas ignorâncias por instrumento de nos acreditar a nós, sem reparar nas consequências com que se podia desacreditar a si. Subindo Cristo à Cruz, isto é, ao trono de seu amor, no mais público teatro dele, que
20 foi o Calvário, a primeira palavra que falou, foi esta: *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt:* «Eterno Pai, perdoai aos homens, porque não sabem o que fazem». Porque não sabem o que fazem, Perdoador amoroso?! E sabe vosso amor o
25 que vos obriga a fazer nesta razão que alegais? Se a nossa ignorância nos faz menos ingratos, também

---

11. *S. João*, XIII, 7.
21-22. *S. Lucas*, XXIII, 34.

vos faz a vós menos amante, porque na pedra da ingratidão afia o amor as suas setas, e quanto a dureza é maior, tanto mais as afia. Como formais logo desculpas a nossas ingratidões, donde podíeis
5 crescer motivos a vossas finezas? Cuidei que tinha dito a maior delas todas, mas esta foi a maior. Chegou Cristo a diminuir o crédito de seu amor, para dissimular e encobrir os defeitos do nosso, e quis parecer menos amante, só para que nós parecêssemos
10 menos ingratos. Assim usou da ignorância dos homens, sendo a consideração da nossa ignorância o mais apurado motivo da sua fineza.

Mas por isso mesmo veio a não ser assim, e onde arriscou o amor de Cristo a sua opinião, de ali saiu
15 com ela mais acreditada. Porque não pode chegar a maior fineza um amante, que a estimar mais o crédito do seu amado que o crédito do seu amor. Exemplo deste primor, só no mesmo Cristo se pode achar.

20 Nasceu Cristo em um presépio, e diz por boca do Evangelista que nasceu ali, «porque não havia lugar na cidade»: *Quia non erat ei locus in diversorio*. Evangelista sagrado, não digais tal cousa! Seria essa a ocasião, mas não foi essa a causa. Nasceu Cristo em
25 um presépio, porque foi tão amante dos homens, que logo quis padecer por eles aquele desamparo; e nasceu fora da cidade, porque foram os homens tão duros e tão ingratos, que lhe não quiseram dar abrigo dentro em Belém. Pois se o amor de Cristo
30 e a ingratidão dos homens, foram a causa, porque se cala o merecimento de Cristo, e a culpa, que era

---

22. *Ibid.*, II, 7.

dos homens, se atribui à ocasião e ao tempo? *Quia non erat ei locus in diversorio?* O certo é que mais amante se mostrou Cristo na causa que apontou, que no desamparo que padeceu. O que era eleição sua
5 quis que parecesse necessidade; e o que era ingratidão nossa, quis que parecesse contingência, para que na contingência ficasse dissimulada a ingratidão e na necessidade o amor. A ingratidão acrescentava a fineza, a necessidade diminuía o amor, e quis Cristo
10 parecer menos amante para que os homens parecessem menos ingratos. Assim amou no princípio da vida, e assim acabou no fim dela. Por isso desculpa a ingratidão dos homens com a sua ignorância: *Non enim sciunt quid faciunt,* sendo a mesma ignorância
15 dos homens o maior crédito de seu amor: *Quod ego facio, tu nescis.*

X

Este foi, Cristãos, o amor de Cristo, esta a ciência e as ciências com que nos amou, e esta a ignorância e ignorâncias sobre que somos amados. Tragamos
20 sempre diante dos olhos este *sciens,* e este *nescis;* tenhamos sempre na memória (que o mesmo Senhor tanto nos recomendou neste dia) a sua ciência e a nossa ignorância. Sirva-nos a sua ciência de espertador, para nunca deixar de amar; sirva-nos a nossa
25 ignorância de estímulo, para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos

---

15-16. Trad.: *O que eu faço tu o ignoras.*
20. *S. João,* XIII, 1.
20. *Ibid.,* 7.

de amar sempre, a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos? Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jamais o poderemos alcançar, nem conhecer?

5 Oh que confusão tão grande será a nossa, se bem considerarmos a força e correspondência deste *sciens* e deste *nescis!* Quando Cristo perguntou tantas vezes a S. Pedro se o amava, respondeu ele, atónito da pergunta: *Tu, Domine, scis quia amo te:* «Bem 10 sabeis vós, Senhor, que vos amo». Comparai agora este *tu scis* de Pedro, dito a Cristo, com o *tu nescis* de Cristo, dito a Pedro. Quando Cristo ama a Pedro, não sabe Pedro quanto o ama Cristo: *Tu nescis*. Mas quando Pedro ama a Cristo, sabe Cristo quanto o 15 ama Pedro: *Tu scis*. Oh que desproporção tão notável de amor e de ciência! O amor de Pedro, sabido; o amor de Cristo, ignorado. O amor de Cristo padece a nossa ignorância; o nosso padece a sua ciência: e ambos podem estar igualmente queixosos. O de 20 Cristo queixoso, porque o não conhecem os homens: *Tu nescis;* o dos homens queixoso, porque o conhece Cristo: *Tu scis*. Se Cristo não conhecera o amor dos homens, tivera o nosso amor essa consolação nas suas tibiezas; e se os homens conheceram o amor de 25 Cristo, tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos. Mas que sendo o amor de Cristo tão excessivo, não o conheçam os homens! E que sendo o amor dos homens tão imperfeito, o conheça Cristo! Mui igual e mui desigual sorte é a de ambos. O remé- 30 dio que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocássemos os corações. Se vós nos amásseis com o

9. *Ibid.*, XXI, 15.

nosso coração, proporcionado seria o amor e o merecimento, e bastaria a nossa ignorância para o conhecer. E se nós vos amássemos com o vosso, amar-vos-íamos quanto mereceis, e só a vossa ciência conhe-
5 ceria o nosso amor. Mas já que isto não pode ser, vós, que só vós conheceis, vós amai; vós, que só conheceis vosso amor, o pagai. E seja única glória vossa e sua, saber-se que só de vós pode ser pago, e só de vós conhecido. Assim o cremos, assim o con-
10 fessamos, e prostrados aos pés de vosso amor lhe oferecemos uma eterna coroa, tecida deste *nescis* e deste *sciens: Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos.*

SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Pregado na Capela Real, no ano de 1650

Tunc videbunt filium hominis venientem in nubibus cœli cum potestate magna et majestate. — S. *Lucas,* XXI.

I

Abrasado finalmente o Mundo e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento deste dia edificou sobre a terra... (Dou princípio a este sermão sem princípio, porque já disse Quintiliano que
5 as grandes acções não hão mister exórdio: elas per si mesmas, ou supõem a atenção ou a conciliam. Também passo em silêncio a narração portentosa dos sinais que precederão ao juízo, porque esta parte do Evangelho pertence aos que hão-de ser
10 vivos naquele tempo, e não a nós; e o dia de hoje é muito de tratar cada um só do que lhe pertence). Abrasado, pois, o Mundo, e consumido pela violên-

---

Trad. do tema: *Então verão vir o Filho do Homem entre as nuvens do Céu, com grande poder e majestade.* S. *Lucas,* XXI.

cia do fogo tudo o que a soberba dos homens e o esquecimento deste dia levantou e edificou na terra; quando já não se verão neste formoso e dilatado mapa senão umas poucas cinzas, relíquias de sua grandeza e desengano de nossa vaidade, «soará no ar uma trombeta» espantosa, não metafórica, mas verdadeira (que isso quer dizer a repetição de São Paulo: *Canet enim tuba;* e obedecendo aos impérios daquela voz o Céu, o Inferno, o Purgatório o Limbo, o mar, a terra, abrir-se-ão em um momento as sepulturas e aparecerão no Mundo os mortos vivos.

Parece-vos muito, que a voz de uma trombeta haja de achar obediência nos mortos? Ora reparai em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este. Entrai pelos desertos do Egipto, da Tebaida, da Palestina; penetrai o mais interior e retirado daquelas soledades. Que é o que vedes? Naquela cova vereis metido um Hilarião, naquela outra um Macário, na outra mais apartada um Pacómio; aqui um Paulo, ali um Jerónimo, acolá um Arsénio; da outra parte, uma Maria Egipcíaca, uma Thais, uma Pelágia, uma Teodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a esse estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou nesses cilícios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos meteu nessas sepulturas? Quem? Responderá por todos São Jerónimo: *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: surgite mortui, venite ad judicium.* Sabeis quem nos vestiu destas mortalhas, sabeis quem nos fechou nestas sepulturas? — «A

---

8. I *Epístola aos Coríntios,* XV, 52.

lembrança daquela trombeta temerosa que há-de soar no último dia: levantai-vos, mortos, e vinde a juízo». Pois se a voz desta trombeta só imaginada, (pesai bem a consequência) se a voz desta trombeta
5 só imaginada, bastou para enterrar os vivos, que muito que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos?

O meu espanto não é este. O que me espanta, e o que deve assombrar a todos, é que haja de bastar
10 esta trombeta para ressuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortais! Credes, mortais, que há-de haver juízo? Uma de duas é certa: ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá nossa insensibilidade sem remédio o que
15 agora pudera ser com proveito. Quanto melhor fora chorar agora e arrepender agora, como faziam aqueles e aquelas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lágrimas não há-de haver misericórdia, nem para os arrependi-
20 mentos perdão. Agora vivemos como queremos; e ainda mal, porque depois havemos de ressuscitar como não quiséramos.

II

Grandes cousas e lastimosamente grandes haverá que ver e considerar naquele acto da ressurreição
25 universal! Mas entre todas as considerações a que me parece mais própria deste lugar e mais digna de sentimento, é esta. E quanta gente bem nascida se verá naquele dia mal ressuscitada! Entre a ressurreição natural e a sobrenatural há uma grande
30 diferença: que na ressurreição natural cada um

ressuscita como nasce; na ressurreição sobrenatural, cada um ressuscita como vive; na ressurreição natural nasce Pedro e ressuscita Pedro; na ressurreição sobrenatural nasce pescador, e ressuscita príncipe: *Sedebitis in regeneratione judicantes duodecim tribus Israel.* Oh que grande consolação esta para aqueles a quem não alcançou a fortuna dos altos nascimentos! Bem me parecia a mim que não podia faltar Deus a dar uma grande satisfação no dia do juízo à desigualdade com que nascem os homens, sendo todos da mesma natureza. Não se faz agravo na desigualdade do nascer, a quem se deu a eleição de ressuscitar. A ressurreição é um segundo nascimento com alvedrio.

Tanta propriedade considerou Job neste segundo nascimento, que até outro pai, outra mãe disse que tínhamos na sepultura: *Putredini dixi: pater meus es tu; mater mea et soror mea, vermibus.* Temos outro pai e outra mãe na sepultura em que jazem nossos ossos, porque ali somos outra vez gerados, de ali saímos outra vez nascidos. Notai agora: *Statutum est hominibus semel mori:* «Quis Deus que morrêssemos uma só vez», e que nascêssemos duas, porque, como o morrer bem dependia de nosso alvedrio, bastava uma só morte; mas como o nascer bem não estava na nossa mão, eram necessários dois nascimentos, para que pudéssemos emendar no segundo tudo o que nos faltasse no primeiro. Bem

---

5-6. Trad.: *Estareis sentados no dia da regeneração, a julgar as Doze Tribos de Israel. S. Mateus,* XIX, 28.

17-18. Trad.: *Disse à podridão: és o meu pai; minha mãe e minha irmã, os vermes. Job,* XVII, 14.

22. *Epístola de S. Paulo aos Hebreus,* IX, 27.

pudera Deus fazer que nascessem os homens todos iguais, mas ordenou sua providência, que houvesse no Mundo esta mal sofrida desigualdade, para que a mesma dor do primeiro nascimento nos excitasse
5 à melhoria do segundo.

Homens humildes e desprezados do povo, boa nova! Se a natureza ou a fortuna foi escassa convosco no nascimento, sabei que ainda haveis de nascer outra vez, e tão honradamente como quiserdes;
10 então emendareis a natureza, então vos vingareis da fortuna.

Que maior vingança da fortuna que as mudanças tão notáveis, que se verão naquele dia! Virão naquele dia as almas do grande e do pequeno buscar
15 seus corpos à sepultura, e talvez à mesma Igreja: e que sucederá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro, e ressuscitará tão ilustre como as estrelas. O grande, pelo contrário, achará seu corpo embalsamado em
20 caixas de pórfiro, aos ombros de leões, ou elefantes de mármore, com soberbos e magníficos epitáfios, e ressuscitará mais vil que a mesma vileza. Oh que metamorfose tão triste, mas que verdadeira! Vede se há-de dar Deus boa satisfação aos homens da
25 desigualdade com que hoje nascem. O ser bem nascido, que é uma vaidade que se acaba com a vida, é verdade que o não pôs Deus na nossa mão; mas o ser bem ressuscitado, que é aquela nobreza que há-de durar por toda a eternidade, essa deixou
30 Deus no alvedrio de cada um. No nascimento somos filhos de nossos pais, na ressurreição seremos filhos de nossas obras. E que seja mal ressuscitado por culpa sua quem foi bem nascido sem merecimento seu! Lástima grande. Ressuscitar bem sobre haver

nascido mal, é emendar a fortuna; ressuscitar mal sobre haver nascido bem, é pior que degenerar da natureza. Que ressuscite bem David sobre nascer de Jessé, grande glória do filho de um pastor; mas que
5 ressuscite mal Absalão sobre nascer de David, grande afronta do filho de um rei! Se os homens se prezam tanto de ser bem nascidos, como fazem tão pouco caso de ser bem ressuscitados? Nenhuma cousa trazem na boca os grandes mais ordinària-
10 mente, que as obrigações com que nasceram. E aposto eu que mui poucos sabem quais são estas obrigações. Nascer bem é obrigação de ressuscitar melhor. Estas são as obrigações com que nascestes.

O mais bem nascido homem que houve, nem pode
15 haver, foi Cristo; ninguém teve melhor pai, nem melhor mãe; e foi notar Santo Agostinho que, se Cristo nasceu bem, ressuscitou melhor: *Gloriosior est ista nativitas, quam illa: illa corpus mortale genuit, ista redidit immortale.* Cristo, diz Santo
20 Agostinho, «nasceu mais nobremente no segundo nascimento que no primeiro: no primeiro nascimento nasceu mortal e passível; no segundo, que foi a sua ressurreição, nasceu impassível e imortal». Eis aqui as obrigações dos bem nascidos — nascerem a se-
25 gunda vez melhor do que nasceram a primeira. Se Deus pusera na mão do homem o nascer, quem houvera, por bom que fosse, que não se fizesse muito melhor? Pois este é o caso em que estamos. Se havemos de tornar a nascer, porque não trabalharemos
30 muito por nascer muito honradamente? Não nascer honrado no primeiro nascimento, tem a desculpa de que «Deus nos fez»: *Ipse fecit nos.* Não nascer hon-

32. *Salmo* LXXIX, 3.

rado no segundo, nenhuma desculpa tem: tem a glória de sermos nós os que nos fizemos: *Ipsi nos.* Que glória será naquele dia para um homem poder tomar para si em melhor sentido o elogio do grande
5 Baptista: *Inter natos mulierum non surrexit major:* «Entre os nascidos das mulheres nenhum ressuscitou maior». Ser o maior dos nascidos, em quanto nascido, é pequeno louvor e de pouca dura; ser o maior dos nascidos, em quanto ressuscitado, isso é
10 verdadeiramente o ser maior. Na nossa mão está, se o quisermos ser. Nesta vida o mais venturoso pode nascer filho do rei; na outra vida todos os que quiserem podem nascer filhos do mesmo Deus: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri.* E que não
15 sejam isto considerações, senão verdade e Fé católica! Bendito seja aquele Senhor, que é nossa ressurreição e nossa vida: *Ego sum resurrectio et vita.*

III

Unidas as almas aos corpos e restituídos os homens à sua antiga inteireza, os bem ressuscitados
20 alegres, os mal ressuscitados tristes, começarão a caminhar todos para o lugar do juízo. Será aquela a vez primeira em que o género humano se verá a si mesmo, porque se ajuntarão ali os que são, os que

---

5. *S. Mateus,* XI, 11. Vieira traduz *ressuscitou,* mas a tradução própria é *surgiu* ou se *levantou,* como traduz Pereira de Figueiredo.

14. Trad.: *Deu-lhes o poder de se tornar filhos de Deus,* S. João, I, 12.

foram, os que hão-de ser, e todos pararão no vale de Josafat. Se o dia não fora de tanto cuidado, muito seria para ver os homens grandes de todas as idades juntos. Mas vejo que me estão perguntando, como é possível que uma multidão tão excessiva como a de todo género humano, os homens que se continuaram desde o princípio até agora, e os que se irão multiplicando sucessivamente até o fim do Mundo; como é possível que aquele número inumerável, aquela multidão quase infinita de homens caiba em um vale? A dúvida é boa, queira Deus que o seja a resposta. Primeiramente digo que nisto de lugares há grande engano: cabe muito mais nos lugares do que nós cuidamos.

No primeiro dia da criação, criou Deus o Céu e a Terra e os elementos, e é certo em boa filosofia, que não ficou nenhum vácuo no Mundo, tudo estava cheio. Com isto ser assim, e parecer que não havia já lugar para caber mais nada, ao terceiro dia vieram as ervas, as plantas, e as árvores; e com serem tantas em número e tão grandes, couberam todas. Ao quarto dia veio o Sol, e sendo aquele imenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a Terra, coube também o Sol; vieram no mesmo dia as estrelas tantas mil, e cada uma de tantas mil léguas, e couberam as estrelas. Ao quinto dia vieram as aves ao ar, e couberam as aves; vieram os peixes ao mar, e com haver neles tantos monstros de disforme grandeza, couberam os peixes. No sexto dia vieram os animais tantos e tão grandes à Terra, e couberam os animais: finalmente veio o homem, e foi o homem o primeiro que começou a não caber; mas se não coube no Paraíso, coube fora dele. De sorte que, como dizia, nisto de lugares vai grande

engano: cabe neles muito mais do que nos parece. E senão, passemos a um exemplo moral, e vejamo-lo em qualquer lugar da república. O dia é do juízo, seja o lugar de um julgador.

5 Antigamente em um lugar destes que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos e umas poucas de postilhas, muito usadas, e por isso muito honradas. Cabia mais uma mula mal pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. Cabiam os *10* filhos honestamente vestidos; mas a pé e com a arte debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas jóias, e as criadas, se passavam da unidade, não chegavam ao plural dos gregos. Isto é o que cabia naquele lugar antigamente; e feitas boas contas, parece que *15* não podia caber mais. Andaram os anos, o lugar não cresceu, e tem mostrado a experiência que é muito mais sem comparação o que cabe no mesmo lugar. Primeiramente cabem umas casas, ou paços, que os não tinham tão grandes os condes do outro *20* tempo; cabe uma livraria de Estado, tamanha como a vaticana, e talvez com os livros tão fechados como ela os tem; cabe um coche com quatro mulas, cabem pajens, cabem lacaios, cabem escudeiros; cabe a mulher em quarto apartado, com donas, com aias *25* e com todos os outros arremedos da fidalguia; cabem os filhos com cavalos e criados, e talvez com o jogo e com outras mocidades de preço; cabem as filhas maiores com dotes e casamentos de mais de marca, as segundas nos mosteiros com grossas ten- *30* ças; cabem tapeçarias, cabem baixelas, cabem comendas, cabem benefícios, cabem moios de renda; e sobretudo cabem umas mãos muito lavadas e uma consciência muito pura, e infinitas outras cousas, que só na memória e no entendimento não

cabem. Não é isto assim? Lá nessas terras por onde eu agora andei, assim é. Pois se tudo isto cabe em um lugar tão pequeno, que grande serviços fazemos nós à Fé em crer que caberemos todos no vale de Josafat? Havemos de caber todos, e se vierem outros tantos mais, para todos há-de haver vale e milagre.

De mais desta razão geral que há da parte do lugar, há outras duas da parte das pessoas; uma da parte dos bons, outra da parte dos maus. Os bons poderão caber ali em muito pouco lugar, porque terão o dote da subtileza. Entre os quatro dotes gloriosos há um que se chama subtileza, o qual comunica tal propriedade aos corpos dos bem-aventurados, que todos quantos se hão-de achar no dia do juízo podem caber neste lugar onde eu estou, sem me tirarem dele. Cá no Mundo também há este dote da subtileza, mas com mui diferentes propriedades. A subtileza do Céu introduz a um sem afastar a outro; as subtilezas do Mundo, todo seu cuidado é afastar os outros para se introduzir a si. Por isso não há lugar que dure nem lugar que baste. Muito é que Jacob e Esaú não coubessem em uma casa; mais é que Lot e Abraão não coubessem em uma cidade; muito mais é que Saul e David não coubessem em um reino; mas o que excede toda a admiração é que Caim e Abel não coubessem em todo o Mundo. E porque não cabiam dois homens em tão imenso lugar? Pior é a causa que o caso. Caim não cabia com Abel, porque Abel cabia com Deus. Em um homem cabendo com seu Senhor, logo os outros não cabem com ele. Alguma vez será isto soberba dos Abéis, mas ordinàriamente é inveja dos Cains. Se é certo que com a morte se acaba a inveja, fàcilmente caberemos todos no Dia do Juízo. Quereis

caber todos? Não acrescenteis lugares, diminuí invejas. Este é o dote da subtileza dos bons.

Da parte dos maus também não há-de haver dificuldade em caber no vale; porque ainda que os maus 5 são tantos, e hoje tão grandes e tão inchados, naquele dia hão-de estar todos muito pequeninos. Que no tempo do Dilúvio coubessem na arca de Noé todos os animais do Mundo em suas espécies, crê-o a Fé, porque o diz a Escritura; mas não o com-10 preende o entendimento porque o não alcança a razão. Como pode ser que coubessem em tão pequeno lugar tantos animais, tão grandes e tão feros? O leão, para quem toda a Líbia era pouca campanha; a águia, para quem todo o ar era pouca esfera; 15 o touro, que não cabia na praça; o tigre, que não cabia no bosque; o elefante, que não cabia em si mesmo. Que todos estes animais e tantos outros de igual fereza e grandeza coubessem juntos em uma arca tão pequena?! Sim, cabiam todos, porque, 20 ainda que a arca era pequena, a tempestade era grande. Alagava Deus naquele tempo a terra com dilúvio universal, que foi a maior calamidade que padeceu o Mundo; e nos tempos dos grandes trabalhos e calamidades até o instinto faz encolher os 25 animais, quanto mais a razão aos homens! Caberão os homens no vale de Josafat, assim como couberam os animais na arca de Noé: *Sicut fuit in diebus Noe, sic erit in consummatione sæculi*. Diz o texto que só com os sinais do fim do Mundo hão-de andar todos

---

27-28. Trad.: *Assim como sucedeu aos dias de Noé, assim sucederá na consumação dos séculos. S. Lucas*, III, 36.

os homens secos e mirrados: *Arescentibus hominibus præ timore:* Se aos homens os há-de apertar tanto o receio, quanto os estreitará o juízo! Oh como nos encolheremos todos naquele dia! Oh como
5 estarão pequenos ali os maiores gigantes! A maior maravilha do Dia do Juízo, não é haver de caber todo o Mundo em todo o vale de Josafat; a maravilha maior será que caberão então em uma pequena parte do vale muitos que não cabiam em todo o
10 Mundo. Um Nabucodonosor, um Alexandre Magno, um Júlio César, para quem era estreita a redondeza da Terra, caberão ali em um cantinho.

Uma das cousas notáveis que diz Cristo do Dia do Juízo é que «cairão as estrelas do céu». *Stellæ*
15 *cadent de cœlo.* Se dermos vista aos matemáticos, hão-de achar grande dificuldade neste texto (eu lhes darei a razão natural dele, quando ma peçam). Todas as estrelas, menos duas, são maiores que a Terra, e algumas há que são quarenta, oitenta e
20 cento e dez vezes maiores. Pois se as estrelas são maiores que a terra, como hão-de cair e caber cá em baixo? Hão-de caber, porque hão-de cair. Não sabeis que os levantados e os caídos não têm a mesma medida? Pois assim lhes há-de suceder às
25 estrelas. Agora que estão levantadas, ocupam grandes espaços do Céu; como estiverem caídas, hão-de caber em poucos palmos da Terra. Não há cousa que ocupe menor lugar que um caído. A Terra, em comparação do Céu, é um ponto; o centro, em compara-
30 ção da Terra, é outro ponto; e Lúcifer, que levantado não cabia no Céu, caído cabe no centro da Terra.

1-2. Trad.: *Mirrados de temor os homens.*
13-14. Na 1.ª ed. — *no Dia de Juízo.*
14-15. *S. Mateus,* XXIV, 29.

Ah Lucíferes do Mundo! Aqueles que levantados nas asas da prosperidade humana em nenhum lugar cabeis hoje, caídos e derribados naquele dia, cabereis em muito pouco lugar. Estaremos todos ali encolhidos e sumidos dentro em nós mesmos, cuidando na conta que havemos de dar a Deus; e quando não houvera outra razão, esta só bastava para não faltar lugar a ninguém. Dêem os homens em cuidar na conta que hão-de dar a Deus, e eu vos prometo que sobejem lugares. O que importa é que o lugar seja bom, que quanto é lugar, vale de Josafat haverá para todos.

IV

Presente enfim no vale todo o género humano, correr-se-ão as cortinas do Céu, e aparecerá o Supremo Juiz sobre um trono de resplandecentes nuvens, acompanhado de todas as jerarquias dos anjos, e muito mais de sua própria Majestade. A primeira cousa que fará será mandar apartar os maus dos bons; e os ministros desta execução serão os anjos: *Exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum.* Para se entender melhor esta separação, havemos de supor com o Profeta Zacarias que, antes dela, não hão-de estar os homens ali juntos confusamente; mas para maior grandeza e distinção do acto, hão-de estar repartidos todos por seus estados: *Familia et familia seorsum.* A uma parte hão-de

20-21. Trad.: *Aparecerão os anjos e separarão os maus do meio dos justos. S. Mateus,* XIII, 49.

26. Trad.: *Cada família para seu lado. Zacarias,* XII, 12.

estar os papas; a outra os imperadores; a outra os reis; a outra os bispos; a outra os religiosos; e assim dos demais estados do Mundo. Separados todos por esta ordem, conforme o lugar que tiveram nesta 5 vida, então se começará a segunda separação, segundo o estado que hão-de ter na outra, e que há-de durar para sempre.

Sairão pois os anjos; vede que suspensão e que tremor será o dos corações dos homens naquela 10 hora! Sairão os anjos e irão primeiramente ao lugar dos papas. *Et separabunt* (faz horror só imaginar, que em uma dignidade tão divina e em homens eleitos pelo Espírito Santo há-de haver também que separar). *Et separabunt malos de medio justorum:* 15 «E separarão os pontífices maus de entre os pontífices bons». Eu bem creio que serão muito raros os que se hão-de condenar; mas haver de dar conta a Deus de todas as almas do Mundo, é um peso tão imenso que não será maravilha que, sendo homens, 20 levasse alguns ao Profundo. Todos nesta vida se chamaram *padres santos;* mas o Dia do Juízo mostrará que a santidade não consiste no nome, senão nas obras. Nesta vida beatíssimos, na outra malaventurados. Oh que grande miséria!

25 Sairão após estes outros anjos e irão ao lugar dos bispos e arcebispos: *Et separabunt malos de medio justorum.* Lá vai aquele porque não deu esmolas; aquele porque enriqueceu os parentes com o património de Cristo; aquele porque, tendo uma esposa, 30 procurou outra melhor dotada; aquele porque faltou com o pasto da doutrina a suas ovelhas; aquele por-

29. A *esposa* do prelado é a sua diocese.

que proveu as igrejas nos que não tinham mais merecimento que o de serem seus criados; aquele porque na sua diocese morreram tantas almas sem sacramentos; aquele por não residir; aquele por
5 simonias; aquele por irregularidades; aquele por falta de exemplo da vida, e também algum por falta da ciência necessária; empregando o tempo e o estudo em divertimentos, ou da corte e não de prelado, ou do campo e não de pastor. Valha-me
10 Deus, que confusão tão grande! Mas que alegres e que satisfeitos estarão neste passo, um São Bernardino de Sena, um São Boaventura, um São Domingos, um São Bernardo, e muitos outros varões santos e sesudos, que quando lhes ofereceram as mitras,
15 não quiseram subir à alteza da dignidade, porque reconheceram a do precipício. Pelo contrário que tais levarão os corações aqueles miseráveis condenados? Quantas vezes dirão dentro em si mesmos e a vozes: Maldito seja o dia em que nos elegeram
20 e maldito quem nos elegeu! Maldito seja o dia em que nos confirmaram, e maldito quem nos confirmou! Se um homem mal pode dar conta de sua alma, como a dará boa de tantas? Se este peso deu em terra com os maiores atlantes da Igreja, quem
25 não temerá e fugirá dele?

Grande desconsolação é hoje para as igrejas de Portugal não terem bispos; mas pode ser que no dia do juízo seja grande consolação para os bispos de Portugal não chegarem a ter igrejas. De um sacer-
30 dote que não quis aceitar um bispado, conta São Jerónimo que, aparecendo depois da morte a um

---

27. À data do sermão, ainda a Cúria não tinha reconhecido a nova dinastia.

seu tio religioso que assim lho aconselhara, lhe disse estas palavras: *Gratias, Pater, tibi refero ex dissuasione episcopatus:* «Dou-vos, Padre, muitas graças porque me persuadistes que não aceitasse aquele
5 bispado»; *nam scito quia nunc essem de numero damnatorum, si fuissem de numero episcoporum:* «Porque sabereis que hoje havia eu de ser do número dos condenados, se então fora do número dos bispos.»

10 Oh quantos sem saberem o que fazem, debaixo do nome lustroso de uma mitra, andam feitos pretendentes de sua condenação! A este e a muitos outros que não quiseram aceitar bispados, revelou Deus que se haviam de condenar, se chegassem a
15 ser bispos. E quem vos disse a vós que estáveis privilegiados desta condicional? De chegardes a ser bispo, pode ser que não dependa a salvação de outras almas; e de não chegardes a o ser, pode ser que dependa a salvação da vossa. O mais seguro é
20 encolher os ombros e deixar governar a Deus.

Do lugar dos bispos passarão os anjos ao lugar dos religiosos; e entrando naquela multidão infinita das ordens regulares, sem embargo de resplandecerem nelas como sóis as maiores santidades do
25 Mundo, contudo haverá muito que separar; começarão por Judas: *Et separabunt malos de medio justorum.* Não o digo por me tocar; mas por todas as razões me parece que será este o mais triste espectáculo do Dia do Juízo. Que vão os homens ao In-
30 ferno pelo caminho do Inferno, desgraça é, mas não é maravilha; porém ir ao Inferno pelo caminho do Céu, é a maior de todas as misérias. Que o rico avarento, vestindo púrpuras e holandas e gastando a vida em banquetes, seja sepultado nos fogos eter-

nos, por seu preço leva o Inferno: *Recepisti bona in vita tua;* mas que o religioso, amortalhado em um saco, com os seus jejuns, com as suas penitências, com a sua clausura, com a sua vontade sujeita a
5 outrem, por ter os olhos nas migalhas dos do Mundo, como Lázaro, vá parar nas mesmas penas! Brava desaventura! O secular distraído, que lhe não veio nunca à memória a conta que havia de dar a Deus, que a não dê boa e se perca, não podia parar noutra
10 cousa o seu descuido; mas que o mesmo religioso que por estes púlpitos vos vem pregar o juízo, possa ser e haja de ser um dos condenados daquele dia! Triste estado é o nosso, se nos não salvamos. Mas de aqui podeis vós também inferir que se isto passa
15 no porto, que será no pego! Se nós (falo dos melhores que eu) se nós, sobre tanto meditar na outra vida, nos perdemos, o vosso descuido e o vosso esquecimento, onde vos há-de levar? Se as Cartuxas, se os Buçacos, se as Arrábidas hão-de tremer no
20 Dia do Juízo, as cortes e vossa corte em que estado se achará?

V

Em todos os estados da corte haverá mais que separar que em nenhuns outros. Mas deixando por agora os demais, em que cada um se pode pregar
25 a si mesmo: chegarão finalmente os anjos ao lugar dos reis. Não se verão ali sitiais, nem outros aparatos de majestade, mas todos sós, e acompanhados

---

1-2. Trad.: *Recebeste os bens durante a vida. S. Lucas*, XVI, 25.

sòmente de suas obras, estarão em pé, como réus. Conhecer-se-ão distintamente quais foram os reis de cada reino: quais os de Hungria, quais os de França, quais os de Inglaterra, quais os de Castela, quais os de Portugal. E desta maneira irão os anjos tirando de cada coroa aqueles que foram maus reis: *Et separabunt malos de medio justorum.* Espero eu em Deus que neste dia há-de ser o nosso reino singular entre os do Mundo, e que só dele não hão-de achar os anjos que apartar. Se eu estudara só pelo meu desejo e pela minha esperança, assim o havia de crer; mas quando leio as Escrituras, acho muito que temer e muito que duvidar. Dos reis, como dos outros homens, nós não sabemos quais se salvam, nem quais se perdem. Só uma nação houve antigamente, da qual nos consta do texto sagrado quantos foram os reis que se salvaram e quantos os que se perderam. Tremo de o dizer, mas é bem que se saiba distintamente: No povo hebreu, em tempo que era povo de Deus, houve tres reinos: o primeiro foi o reino das Doze Tribos; teve três reis e durou cento e vinte anos; o segundo foi o reino de Judá; teve vinte reis e durou trezentos e noventa e quatro anos; o terceiro foi o reino de Israel; teve dezanove reis, e durou duzentos e quarenta e dois anos. Saibamos agora quantos reis foram os que se salvaram e quantos os que se perderam nestes reinos.

No reino das Doze Tribos, de três reis perdeu-se Saul, salvou-se David, de Salomão não se sabe. No reino de Judá, de vinte reis salvaram-se cinco, perderam-se treze, de dois é incerto. No reino de Israel, nem estas tão pequenas excepções teve a desgraça; foram os reis dezanove e todos os dezanove se condenaram. No Dia do Juízo não se poderá

cumprir neste reino o *Separabunt malos de medio justorum:* chegarão os anjos ali, não terão que separar, levarão a todos. Oh desgraçados ceptros! Oh desgraçadas coroas! Oh desgraçados pais! Oh desgraçada descendência! Desde Jeroboão a Oseas dezanove reis coroados: dezanove reis condenados.

Pois por certo que não foi por falta de doutrina nem de auxílios: tinham estes reis conhecimento do verdadeiro Deus; tinham um povo, que era o povo escolhido de Deus; tinham templo, tinham sacerdotes, tinham sacrifícios, viam milagres, ouviam profecias, recebiam favores do Céu, e quando era necessário, não lhes faltavam também castigos; e nada disto bastou. Muito arriscada cousa deve ser o reinar, pois em tantos tempos e em tantos reis, se salvam, ou tão poucos, ou nenhum. Julguem lá agora os príncipes quais serão as causas disto, que Deus não é injusto. Examinem mais escrupulosamente suas consciências, e olhem a quem as comunicam; considerem muito de vagar as suas obrigações, que são muito mais estreitas do que ordinàriamente cuidam; inquiram muito de propósito sobre os danos públicos e particulares de seus vassalos, e vejam, pondo de parte todo o afecto, se suas orações ou suas omissões podem ser a causa; persuadam-se que hão-de aparecer como qualquer outro homem diante do tribunal da Justiça Divina, onde se lhes há-de pedir rigorosíssima conta, dia por dia e hora por hora, de quanto fizeram e de quanto deixaram de fazer. Cuide finalmente e pese, como convém, cada um dos príncipes, quão grande desaventura e confusão sua será naquele cadafalso universal do Dia do Juízo, se depois de tanta majestade e adoração nesta vida, vier um anjo e o tomar

pela mão, e o tirar para sempre do número dos que se hão-de salvar: *Separabunt malos de medio justorum.*

Por este modo se irá continuando a separação dos maus em todos os estados do Mundo; e naqueles em que por razão do sangue e do amor é mais natural a união, será mais lastimoso o apartamento. Verdadeiramente, todas as outras circunstâncias daquele acto terão muito de rigorosas, esta parecerá cruel. Apartar-se-ão ali os pais dos filhos: irá para uma parte Abraão e para outra Ismael; apartar-se-ão os irmãos dos irmãos: irá para uma parte Jacob e para outra Esaú; apartar-se-ão as mulheres dos maridos: irá para uma parte Ester e para outra Assuero; apartar-se-ão os amigos dos amigos: (seja o exemplo incerto, já que há tão poucos de verdadeira amizade) irá para uma parte Jónatas e para outra David. Assim se apartarão para nunca mais os que se amam nesta vida e os que tinham tantas razões para se amarem também na outra.

Para nunca mais! Oh! que lastimosa palavra! Se apartar-se de uma terra para outra terra, com esperança de se tornar a ver, causa tanta dor nos que se amam; se apartar-se desta vida para a outra vida, com probabilidade de se verem eternamente, é um transe tão rigoroso; que dor será apartarem-se para nunca mais, com certeza de se não verem em quanto Deus for Deus, aqueles a que a natureza e o amor tinham feito quase a mesma cousa! Certo que tem assaz duro coração quem só pelo não meter nestes apertos não ama a Deus com todo ele.

VI

Feita a separação dos maus e bons, e sossegados os prantos daquele último apartamento, que serão tão grandes como a multidão e tão lastimosos como a causa; posto todo o juízo em silêncio e suspensão,
5 começará a se fazer o exame das culpas. Neste passo me havia eu de descer do púlpito, e subir a ele... Quem? Não um anjo, não um profeta, não um apóstolo, mas algum dos condenados do Inferno, como queria o rico avarento que viesse pregar a seus
10 irmãos. *Delicta quis intelligit?* Quem há neste Mundo que entenda nem conheça os pecados? Isto dizia David, aquele Profeta tão alumiado do Céu. Só um condenado do Inferno, só quem foi julgado por Deus, só quem assistiu ao rigor daquele tribunal
15 tremendo, só quem viu o exame inexcrutável com que ali se penetram e se apuram as consciências, só quem viu a anatomia tão miúda, tão delicada, tão exquisita, que ali se faz do menor pecado e da menor circunstância, só quem viu a subtileza não
20 imaginada com que ali se pesam átomos, se medem instantes, se partem indivisíveis; só este, e nem ainda este bastantemente, poderá declarar o que naquele dia há-de ser.

Muitas vezes me resolvi a deixar totalmente este
25 ponto, contentando-me com confessar que não sei nem me atrevo a falar nele; porque ninguém possa dizer no Dia do Juízo que eu o enganei. Mas como

---

7. Na 1.ª ed. ocorre: *mas um profeta,* o que é erro evidente.

10. *Salmo,* XVIII, 13.

a matéria é tão importante e a principal obrigação deste dia, já que se não pode dizer tudo, nem parte, ao menos quisera que Deus me ajudasse a vos meter hoje na alma dois escrúpulos, que me 5 parecem os mais necessários ao auditório a quem falo: pecados de omissão e pecados de consequência. Estes são os dois escrúpulos que vos quisera hoje advertir e intimar da parte de Deus.

Sabei, Cristãos, sabei príncipes, sabei ministros, 10 que se vos há-de pedir estreita conta do que fizestes, mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão-de condenar muitos; pelo que não fizeram, todos. As culpas por que se condenam os réus são as que se contêm nos relatórios 15 das sentenças: lede agora o relatório da sentença do Dia do Juízo e notai o que diz: *Discedite a me, maledicti, in ignem æternum:* «Ide, malditos, ao fogo eterno». — E porque? — *Non dedistis mihi manducare, non dedistis mihi potum, non collegistis me,* 20 *non cooperuistis me, non visitastis me.* Cinco cargos, e todos omissões: «porque não destes de comer, porque não destes de beber, porque não recolhestes, porque não visitastes, porque não vestistes». Em suma, que os pecados que ùltimamente hão-de levar 25 os condenados ao Inferno, são os pecados de omissão.

Não se espantem os doutos de uma proposição tão universal como esta; porque assim é verdadeira em

---

16-17. *S. Mateus,* XXV, 41.
18-20. *Ibid.,* 42 e 43. Vieira omite na tradução, porque apenas quer indicar a natureza do pecado de omissão, o pronome *me: Porque não me destes de comer,* etc.

todo o rigor da teologia. O último pecado e a última disposição por que se hão-de condenar os precitos, é a impenitência final; e a impenitência final é pecado de omissão. Vede que cousas são omissões, e não vos espantareis do que digo. Por uma omissão perde-se uma inspiração, por uma inspiração perde-se um auxílio, por um auxílio perde-se uma contrição, por uma contrição perde-se uma alma; dai conta a Deus de uma alma, por uma omissão.

Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um estado. Dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso perde-se uma ocasião, por uma ocasião perde-se um negócio, por um negócio perde-se um reino. Dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros. Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento; e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do Mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão, mata de um golpe uma monarquia. Estes são os escrúpulos de que se não faz nenhum escrúpulo; por isso mesmo são as omissões os mais perigosos de todos os pecados.

A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete e com mais dificuldade se conhece; e o que fàcilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que
5 se faz não fazendo; e pecado que nunca é má obra, e algumas vezes pode ser obra boa, ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este pecado. Estava o Profeta Elias em um deserto metido em uma cova, aparece-lhe Deus e diz-lhe: *Quid hic*
10 *agis, Elia?* «E bem Elias, vós aqui?!» — Aqui, Senhor! Pois aonde estou eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do Mundo? Não estou sepultado em vida? *Quid hic agis?* E que faço eu? Não me estou disciplinando, não estou jejuando,
15 não estou contemplando e orando a Deus? — Assim era. Pois se Elias estava fazendo penitência em uma cova, como o repreende Deus e lho estranha tanto? Porque ainda que eram boas obras as que fazia, eram melhores as que deixava de fazer. O que fazia
20 era devoção, o que deixava de fazer era obrigação. Tinha Deus feito a Elias profeta do povo de Israel, tnha-lhe dado ofício público; e estar Elias no deserto, quando havia de andar na corte; estar metido em uma cova, quando havia de aparecer na praça;
25 estar contemplando no Céu, quando havia de estar emendando a terra, era muito grande culpa.

A razão é fácil, porque no que fazia Elias salvava a sua alma; no que deixava de fazer perdiam-se muitas. Não digo bem: no que fazia Elias, parecia
30 que salvava a sua alma; no que deixava de fazer, perdia a sua e as dos outros: as dos outros, porque

---

9-10. III *Livro dos Reis*, XIX, 9.

faltava à doutrina; a sua, porque faltava à obrigação. É muito bom exemplo este para a corte e para os ministros que tomam a ocupação por escusa da salvação. Dizem que não tratam de suas almas,
5 porque se não podem retirar. Retirado estava Elias e perdia-se; mandam-no vir para a corte para que se salve. Não deixe o ministro de fazer o que tem de obrigação, e pode ser que se salve melhor em um conselho, que em um deserto. Tome por dis-
10 ciplina a diligência, tome por cilício o zelo, tome por contemplação o cuidado e tome por abstinência o não tomar, e ele se salvará.

Mas porque se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos
15 maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que estes são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem
20 escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem; o mal é que se perdem a si e perdem a todos, mas de todos hão-de dar conta a Deus.

25 Uma das cousas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram no mês que vem o que se havia de fazer no passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois,
30 o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo, o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão-de ser as consciências dos que governam, em matérias de momento. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos não anda em bom

estado: a fazenda pode-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

E a que mandamento pertencem estes pecados 5 do tempo? Pertencem ao sétimo; porque ao sétimo mandamento pertencem os danos que se fazem ao próximo e à república, e a uma república não se lhe pode fazer maior dano que furtar-lhe instantes. Ah omissões, ah vagares, ladrões do tempo! 10 Não haverá uma justiça exemplar para estes ladrões? Não haverá quem ponha um libelo contra os vagares? Não haverá quem enforque estes ladrões do tempo, estes salteadores da ocasião, estes destruidores da república? Mas porque na Ordena- 15 ção não há pena contra estes delinquentes e porque eles às vezes se acolhem a sagrado, por isso a sentença do Dia do Juízo há-de cair principalmente sobre as omissões.

VII

Pecados de consequência é o segundo escrúpulo. 20 Há uns pecados que acabam em si mesmos; há outros que, depois de acabados, ainda duram em suas consequências. Dizia Job a Deus: *Vestigia pedum meorum considerasti:* «Considerastes, Senhor, as pegadas de meus pés». Não diz que lhe 25 considerou os passos, senão as pegadas; porque os passos passam, as pegadas ficam. O que fica dos pecados, é o que Deus mais particularmente examina. Não só se nos há-de pedir conta dos passos,

---

22-23. *Job*, XIII, 27.

senão das pegadas. Não só se nos há-de pedir conta dos pecados, senão das consequências. Oh que terrível conta será esta! Converteu Cristo, Senhor nosso, a Zaqueu, que era um mercante rico, e as
5 resoluções de sua conversão foram estas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum:* «Senhor, eu dou ametade de meus bens aos pobres, e da outra ametade pagarei quatro vezes em dobro tudo o que
10 houver tomado».

Aqui reparo: as leis da justa restituição mandam que se pague o alheio em tanta quantidade como se tomou. Pois porque quer Zaqueu que da sua fazenda se paguem e se acrescentem três tantos
15 mais: *Et si quid aliquem defraudavi reddo quadruplum?* Se para a restituição basta uma parte, as outras três a que fim se dão? Eu o direi: dá-se uma parte para satisfação do pecado, as outras três para satisfação das consequências. Entrou Zaqueu
20 em exame escrupuloso de sua consciência sobre o que tinha roubado, e fez estas contas: Se eu não roubara a Fulano, tivera ele a sua fazenda; se a tivera, não perdera o que perdeu, aquirira o que não aquiriu, não padecera o que padeceu. Ah sim!
25 Pois para que a minha satisfação seja igual à minha culpa, dê-se a cada um quatro vezes tanto como lhe eu houver defraudado. Com a primeira parte se pagará o que lhe tomei, com a segunda o que perdeu, com a terceira o que não aquiriu, com a
30 quarta o que padeceu.

5-7. S. *Lucas*, XIX, 8.

Eis aqui o que fez Zaqueu. E que se seguiu daqui? *Hodie salus huic domui facta est:* «hoje se pôs em estado de salvação esta casa». E se a casa de Zaqueu, para se pôr em estado de salvação, paga três vezes mais do que tomou, em que estado de salvação estarão tantas casas de Portugal, onde se deve tanto, e se gasta tanto, e se esperdiça tanto, e nenhuma cousa se paga? Ora o caso é que muita gente deve de se condenar. Porque na vida poucos pagam, na hora da morte os mais escrupulosos mandam pagar o capital; das consequências, nem na vida, nem na morte há quem faça caso.

E se isto passa na justiça comutativa, onde enfim há número, há peso e há medida; que será na distributiva e na vendicativa? Se isto lhe sucede à justiça na mão das balanças, que será na mão da espada? Quais serão as consequências de um voto injusto em um tribunal? Quais serão as consequências de um voto apaixonado em um conselho? Ajude-me Deus a saber-vo-las representar, pois é matéria tão oculta e de tanta importância.

Consulta-se em um conselho o lugar de um vice-rei, de um general, de um governador, de um prelado, de um ministro superior da fazenda ou justiça. E que sucede? Vota o conselheiro no parente, porque é parente; vota no amigo, porque é amigo; vota no recomendado, porque é recomendado; os mais dignos e os mais beneméritos, porque não têm amizade, nem parentesco, nem valia, ficam de fora. Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim. Agora quisera eu perguntar ao conselheiro que deu este voto e que o assinou, se lhe remordeu a consciência ou se soube o que fazia? Homem cego, homem precipitado,

sabes o que fazes? Sabes o que firmas? Sabes que, ainda que o pecado que cometeste contra o juramento de teu cargo seja um só, as consequências que dele se seguem são infinitas e maiores que o
5 mesmo pecado? Sabes que com essa pena te escreves réu de todos os males que fizer, que consentir, e que não estorvar esse homem indigno por quem votaste, e de todos os que deles se seguirem até o fim do Mundo? Oh grande miséria! Miserável é a
10 república onde há tais votos, miseráveis são os povos onde se mandam ministros feitos por tais eleições; mas os conselheiros que neles votaram são os mais miseráveis de todos: os outros levam o proveito, eles ficam com os encargos. Ide comigo.
15 Se o que elegestes furta (não o ponhamos em condicional, porque claro está que há-de furtar) furta o que elegestes, e furta por si e por todos os seus, como costumam os semelhantes; e Deus há-vos de pedir a conta a vós, porque o vosso voto foi
20 causa de todos aqueles roubos. Provê o que elegestes os ofícios de paz e guerra, nos que têm mais que peitar, deixando os que merecem e os que serviram; e vós haveis de dar a conta a Deus; porque o vosso voto foi causa de todas aquelas injustiças.
25 Oprime o que elegestes os pobres, choram as viúvas, padecem os órfãos, clamam os inocentes; e Deus vos há-de condenar a vós, porque o vosso voto foi causa de todas aquelas opressões, de todas aquelas tiranias. Matam-se os homens no governo dos que
30 elegestes, arruínam-se as casas, desonram-se as famílias, vive-se como em Turquia; e vós o haveis de ir pagar ao Inferno, porque o vosso voto foi causa de todos aqueles homicídios, de todas aquelas afrontas, de todos aqueles escândalos. Quebram-se as

imunidades da Igreja, maltratam-se os ministros do Evangelho, impedem-se as conversões da Gentilidade para a propagação da Fé; e vós haveis de penar por isso eternamente, porque o vosso voto
5 foi causa de todos aqueles sacrilégios, de todas aquelas impiedades e da perda irreparável de tantos milhares de almas. Estas são as consequências da parte do indigno que elegestes.

E da parte dos beneméritos que deixastes de fora,
10 quais serão? Ficarem os mesmos beneméritos sem o prémio devido a seus serviços; ficarem seus filhos e netos sem remédio e sem honra, depois de seus pais e avós lho terem ganhado com o sangue, porque vós lha tirastes; ficar a república mal servida,
15 os bons escandalizados, os príncipes murmurados, o governo odiado, o mesmo conselho em que assistis ou presidis, infamado, o merecimento sem esperança, o prémio sem justiça, o descontentamento com culpa, Deus ofendido, o Rei enganado, a Pátria
20 destruída.

São pesadas e pesadíssimas consequências estas? Pois todas elas nascem daquele voto ou daquela eleição de que vós porventura ficastes sem escrúpulo e de que recebestes as graças (e talvez a pro-
25 pina) com muita alegria. Dir-me-eis que não advertistes tais cousas. Boa escusa para um conselheiro sábio! Se o não advertistes, pecastes, porque o devêreis advertir. Tomara poder confirmar tudo o que tenho dito em particular com exemplos das
30 Escrituras; mas bastará por todos um, que em matérias de pecados de consequência é verdadeiramente formidável.

Matou Caim a Abel, e diz a Escritura, conforme

o texto original: *Vox sanguinum fratris tui clamantium ad me:* «Caim, a voz dos sangues de teu irmão Abel está bradando a mim». Notável dizer! O sangue de Abel era um, como era um o mesmo Abel
5 morto. Pois se Abel morto e o sangue de Abel derramado era um, como diz Deus que clamaram contra Caim muitos sangues? *Vox sanguinum?* Declarou o mistério o Parafraste caldaico temerosamente: *Vox sanguinum generationum, quæ futuræ erant de*
10 *fratre tuo, clamat ad me:* Se Caim não matara a Abel, haviam de nascer de Abel quase tantas outras gerações como nasceram de Adão, com que dobradamente se propagasse o género humano; e o sangue ou sangues de todos estes homens que
15 haviam de nascer de Abel, e não nasceram, eram os que clamaram a Deus e pediam vingança contra Caim; porque, matando Caim e arrancando da terra a árvore de que eles haviam de nascer, o mesmo dano lhes fez que se os matara. De sorte
20 que Caim parecia homicida de um só homem, e era homicida de um género humano; o pecado era um, as consequências infinitas. Pois se Deus castiga nos pecados até as consequências possíveis; e os possíveis hão-de aparecer e ressuscitar no dia
25 do juízo contra vós, não porque foram, nem porque deixaram de ser, senão porque haviam de ser; se os possíveis têm sangue e vozes que clamam ao Céu, que clamores serão os do verdadeiro sangue derramado de verdadeiras veias? Que vozes serão
30 as de verdadeiras lágrimas, choradas de verdadei-

1-2. *Génesis*, IV, 10.

9-10. Trad.: *A voz do sangue das gerações que haviam de provir de teu irmão clama junto de mim.*

ros olhos? Que gemidos serão os de verdadeira dor, saídos de verdadeiros corações? Que serão as viudezas, as orfandades, os desamparos? Que serão as opressões, as destruições, as tiranias? E que serão
5 as consequências de tudo isto, multiplicadas em tantas pessoas, continuada em tantas idades e propagadas em tantas descendências, ou futuras ou possíveis, até o fim do Mundo! Há quem faça escrúpulo disto?

10 Agora entendereis com quanta razão disse São João Crisóstomo: *Miror, an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus.* É uma das mais notáveis sentenças que se acham escritas nos Santos Padres. Torno a repeti-la: *Miror, an fieri possit, ut aliquis*
15 *ex rectoribus sit salvus:* «Admiro-me (diz o grande Crisóstomo) e cheio de espanto considero comigo: se será possível que algum dos que governam se salve!» Esta proposição, e a suposição em que ela se funda, está julgada comummente por hipérbole
20 e encarecimento retórico. Eu, contudo, digo que não é hipérbole nem encarecimento, senão verdade moralmente universal em todo o rigor teológico. Impossível moral chamam os teólogos àquilo que muito dificultosamente pode ser e que nunca ou
25 quase nunca sucede.

Neste sentido disse São Paulo: *Impossibile est, eos qui semel illuminati et prolapsi sunt, renovari ad pœnitentiam.* E no mesmo sentido disse Cristo,

---

2. *Viudezas*, (na 1.ª ed.) e *viuvidades* como também se dizia, são hoje substituídas pela forma *viuvezes*.
26-27. Trad.: *É impossível que os que uma vez foram iluminados (...) e depois caíram, sejam renovados para a penitência. Epístola aos Hebreus,* VI, 4, 5 e 6.

Senhor nosso: *Facilius est camelum per foramen acus transire, quam divitem intrare in regnum cœlorum.* Donde os Apóstolos tiraram a mesma admiração que São João Crisóstomo, e inferiram
5 a mesma impossibilidade: *Auditis autem his, discipuli mirabantur valde, dicentes: quis ergo poterit salvus esse?* E o Senhor confirmou a sua ilação, dizendo que «humanamente era impossível, como eles diziam, mas que para Deus tudo é possível»:
10 *Apud homines hoc impossibile est: apud Deum autem omnia possibilia sunt,* que foi o mesmo que distinguir o impossível moral e humano, do impossível absoluto, que até em respeito da omnipotência divina não é possível. E como os que governam,
15 pelas obrigações de seus mesmos ofícios e pelas omissões que neles cometem, e pelos danos que por vários modos causam a tantos, os quais danos não param ali, mas se continuam e multiplicam em suas consequências, têm tão dificultosa a salvação, por
20 isso São Crisóstomo, falando lisa, sincera e moralmente, sem encarecimento nem hipérbole, disse que ele se admirava muito e não podia entender como era possível que algum dos que governam se salve: *Miror, an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit*
25 *salvus.*

E para que nós nos não admiremos, e os que governam ou desejam governar tenham tanto medo dos seus ofícios como dos seus desejos, reduzindo

---

1-2. Trad.: *É mais fácil a um camelo entrar no buraco de uma agulha do que a um rico entrar no Reino dos Céus. S. Mateus,* XIX, 25.

5-7. Trad.: *Ouvidas estas coisas, admiravam-se os discípulos, dizendo: quem poderá salvar-se?*

a verdade desta sentença à evidência da prática, argumento assim:

Todo o homem que é causa gravemente culpável de algum dano grave, se o não restitui quando
5 pode, não se pode salvar; todos ou quase todos os que governam, são causas gravemente culpáveis de graves danos, e nenhum ou quase nenhum restitui o que pode; logo, nenhum ou quase nenhum dos que governam se pode salvar. Colhe bem a conse-
10 quência? Pois ainda mal, porque a segunda premissa, de que só se podia duvidar, está tão provada na experiência. Eu vi governar muitos, e vi morrer muitos; nenhum vi governar que não fosse causa culpável de muitos danos; nenhum vi morrer que
15 restituísse o que podia. Sou obrigado, *secundum præsentem justitiam,* a crer que todos estão no Inferno. Assim o creio dos mortos, assim o temo dos vivos.

VIII

Pedida e tomada a conta a todo o género huma-
20 no, olhará o Senhor para a mão direita, e com o rosto cheio de glória e alegria, dirá aos bons: *Venite, benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum à constitutione mundi.* «Vinde, benditos de meu Pai, e possuí o Reino que vos está aparelhado
25 desde o princípio do Mundo!» Quem serão os venturosos sobre que há-de cair esta ditosa sentença? Bendito seja Deus, que todos os que estamos presentes o podemos ser, se quisermos. Como se darão

21-23. *S. Mateus,* XXV, 34.

então por bem empregados todos os trabalhos da vida, e quão verdadeiramente parecerá então jugo suave a Lei de Cristo, que hoje julgamos por dificultosa e pesada! Mas ainda mal, porque muitos 5 dos que aqui estamos... Não me atrevo a o dizer; entendei-o vós. *Multi sunt vocati, pauci vero electi. Arcta via est, quæ ducit ad vitam, et pauci sunt, qui inveniunt eam.* Voltando-se depois o Senhor... (não digo bem) não se voltando o Senhor para a 10 mão esquerda, com rosto severo e não compassivo (o que me não atrevera eu a crer, se o não disseram as Escrituras), dirá desta maneira para os maus: *Discedite a me, maledicti, in ignem æternum, qui paratus est diabolo, et angelis ejus:* «Ide, malditos, 15 ao fogo eterno, que estava aparelhado, não para vós, senão para o Demónio e seus anjos»; mas já que assim o quisestes, ide. Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. Eternidade! eternidade! eternidade!

6-8. Trad.: *Muitos são os chamados mas poucos os escolhidos. S. Mateus,* XXII, 14. *É estreito o caminho que leva à vida e são poucos os que o encontram. S. Mateus,* VII, 14.

SERMÃO DO BOM LADRÃO

Pregado na igreja da Misericórdia de Lisboa, no ano de 1655

> — *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum:* — *Hodie mecum eris in Paradiso.* — *S. Lucas,* XXIII, 42 e 43.

I

Este sermão, que hoje se prega na Misericórdia de Lisboa, e não se prega na Capela Real, parecia-me a mim que lá se havia de pregar e não aqui. Daquela pauta havia de ser e não desta. E porquê? Porque o
5 texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence à majestade daquele lugar e nada à piedade deste. Uma das cousas que diz o texto é que foram sentenciados em Jerusalém dois ladrões, e ambos condenados, ambos executados, ambos crucificados
10 e mortos, sem lhes valer procurador nem embargos. Permite isto a Misericórdia de Lisboa? Não. A primeira diligência que faz, é eleger por procurador das cadeias um irmão de grande autoridade, poder e indústria; e o primeiro timbre deste procurador, é fazer
15 honra de que nenhum malfeitor seja justiçado em

Trad. do tema: — *Senhor, lembra-te de mim quando chegares ao teu Reino.* — *Hoje estarás comigo no Paraíso.*

então por bem empregados todos os trabalhos da vida, e quão verdadeiramente parecerá então jugo suave a Lei de Cristo, que hoje julgamos por dificultosa e pesada! Mas ainda mal, porque muitos
5 dos que aqui estamos... Não me atrevo a o dizer; entendei-o vós. *Multi sunt vocati, pauci vero electi. Arcta via est, quæ ducit ad vitam, et pauci sunt, qui inveniunt eam.* Voltando-se depois o Senhor... (não digo bem) não se voltando o Senhor para a
10 mão esquerda, com rosto severo e não compassivo (o que me não atrevera eu a crer, se o não disseram as Escrituras), dirá desta maneira para os maus: *Discedite a me, maledicti, in ignem æternum, qui paratus est diabolo, et angelis ejus:* «Ide, malditos,
15 ao fogo eterno, que estava aparelhado, não para vós, senão para o Demónio e seus anjos»; mas já que assim o quisestes, ide. Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. Eternidade! eternidade! eternidade!

6-8. Trad.: *Muitos são os chamados mas poucos os escolhidos. S. Mateus,* XXII, 14. *É estreito o caminho que leva à vida e são poucos os que o encontram. S. Mateus,* VII, 14.

SERMÃO DO BOM LADRÃO

Pregado na igreja da Misericórdia de Lisboa, no ano de 1655

— *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum: — Hodie mecum eris in Paradiso.* — *S. Lucas,* XXIII, 42 e 43.

I

Este sermão, que hoje se prega na Misericórdia de Lisboa, e não se prega na Capela Real, parecia-me a mim que lá se havia de pregar e não aqui. Daquela pauta havia de ser e não desta. E porquê? Porque o
5 texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence à majestade daquele lugar e nada à piedade deste. Uma das cousas que diz o texto é que foram sentenciados em Jerusalém dois ladrões, e ambos condenados, ambos executados, ambos crucificados
10 e mortos, sem lhes valer procurador nem embargos. Permite isto a Misericórdia de Lisboa? Não. A primeira diligência que faz, é eleger por procurador das cadeias um irmão de grande autoridade, poder e indústria; e o primeiro timbre deste procurador, é fazer
15 honra de que nenhum malfeitor seja justiçado em

Trad. do tema: — *Senhor, lembra-te de mim quando chegares ao teu Reino.* — *Hoje estarás comigo no Paraíso.*

seu tempo. Logo, esta parte da história não pertence à Misericórdia de Lisboa. A outra parte (que é a que tomei por tema) toda pertence ao Paço e à Capela Real. Nela se fala com o Rei: *Domine;* nela se trata
5 do seu reino: *cum veneris in regnum tuum;* nela se lhe presentam memoriais: *memento mei;* e nela os despacha o mesmo Rei logo e sem remissão a outros tribunais: *hodie mecum eris in Paradiso.* O que me podia retrair de pregar sobre esta matéria, era não
10 dizer a doutrina com o lugar. Mas deste escrúpulo, em que muitos pregadores não reparam, me livrou a pregação de Jonas. Não pregou Jonas no Paço, senão pelas ruas de Nínive, cidade de mais longes que esta nossa; e diz o texto sagrado que logo a sua pre-
15 gação «chegou aos ouvidos do rei»: *Pervenit verbum ad regem.* Bem quisera eu que o que hoje determino pregar, chegara a todos os reis, e mais ainda aos estrangeiros que aos nossos. Todos devem imitar ao Rei dos reis; e todos têm muito que aprender nesta
20 última acção de sua vida. Pediu o bom ladrão a Cristo, que «se lembrasse dele no seu Reino»: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum.* E a lembrança que o Senhor teve dele, foi que ambos se vissem «juntos no Paraíso»: *Hodie mecum eris in*
25 *Paradiso.* Esta é a lembrança que devem ter todos os reis, e a que eu quisera lhes persuadissem os que são ouvidos de mais perto. Que se lembrem não só de levar os ladrões ao Paraíso, senão de os levar consigo: *Mecum.* Nem os reis podem ir ao Paraíso sem
30 levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao Inferno sem levar consigo os reis. Isto é o que hei-de pregar. *Ave Maria.*

12-13. *S. João,* III, 6.

II

Levarem os reis consigo ao Paraíso os ladrões, não só não é companhia indecente, mas acção tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ela coroou e provou o mesmo Cristo a verdade do seu Reinado, 5 tanto que admitiu na cruz o título de rei. Mas o que vemos praticar em todos os reinos do Mundo, é tanto pelo contrário, que em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao Inferno. E se isto é assim, como 10 logo mostrarei com evidência, ninguém me pode estranhar a clareza ou publicidade com que falo e falarei em matéria que envolve tão soberanos respeitos; antes admirar o silêncio e condenar a desatenção com que os pregadores dissimulam uma tão 15 necessária doutrina, sendo a que devera ser mais ouvida e declamada nos púlpitos. Seja, pois, novo hoje o assunto, que devera ser mui antigo e mui frequente, o qual eu prosseguirei tanto com maior esperança de produzir algum fruto, quanto vejo enobre- 20 cido o auditório presente com a autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunais, sobre cujo conselho e consciência se costumam descarregar as dos reis.

III

E para que um discurso tão importante e tão 25 grave vá assentado sobre fundamentos sólidos e irrefragáveis, suponho primeiramente que sem restituição do alheio não pode haver salvação. Assim o resolvem com São Tomás todos os teólogos; e assim

está definido no capítulo *Si res aliena*, com palavras tiradas de Santo Agostinho, que são estas: *Si res aliena propter quam peccatum est, reddi potest, et non redditur, pœnitentia non agitur, sed simulatur. Si autem veraciter agitur, non remittitur peccatum, nisi restituatur ablatum, si, ut dixi, restitui potest.* Quer dizer: «Se o alheio que se tomou ou retém, se pode restituir e não se restitui, a penitência deste e dos outros pecados não é verdadeira penitência, senão simulada e fingida, porque se não perdoa o pecado sem se restituir o roubado, quando quem o roubou tem possibilidade de o restituir». Esta única excepção da regra foi a felicidade do bom ladrão, e esta a razão por que ele se salvou, e também o mau se pudera salvar sem restituírem. Como ambos saíram do naufrágio desta vida despidos e pegados a um pau, só esta sua extrema pobreza os podia absolver dos latrocínios que tinham cometido, porque, impossibilitados à restituição, ficavam desobrigados dela. Porém se o bom ladrão tivera bens com que restituir, ou em todo, ou em parte o que roubou, toda a sua fé e toda a sua penitência tão celebrada dos santos, nem bastara a o salvar, se não restituísse. Duas cousas lhe faltavam a este venturoso homem para se salvar: uma como ladrão que tinha sido, outra como cristão que começava a ser. Como ladrão que tinha sido, faltava-lhe com que restituir; como cristão que começava a ser, faltava-lhe o baptismo. Mas assim como o sangue que derramou na cruz, lhe supriu o baptismo, assim a sua desnudez e a sua impossibilidade lhe supriu a restituição, e por isso se salvou. Vejam agora, de caminho, os que roubaram na vida, e nem na vida nem na morte restituíram, antes na morte testaram de muitos bens e deixaram grossas heranças

a seus sucessores. Vejam onde irão ou terão ido suas almas, e se se podiam salvar.

Era tão rigoroso este preceito da restituição na Lei Velha, que se «o que furtou não tinha com que 5 restituir, mandava Deus que fosse vendido e restituísse com o preço de si mesmo»: *Si non habuerit quod pro furto reddat, ipse venundabitur.* De modo que, enquanto um homem era seu e possuidor da sua liberdade, posto que não tivesse outra cousa, 10 até que não vendesse a própria pessoa e restituísse o que podia com o preço de si mesmo, não o julgava a lei por impossibilitado à restituição, nem o desobrigava dela. Que uma tal lei fosse justa, não se pode duvidar, porque era lei de Deus, posto que 15 o mesmo Deus na Lei da Graça derrogou esta circunstância de rigor, que era de direito positivo; porém na Lei Natural, que é indispensável e manda restituir a quem pode e tem com que quê, tão fora esteve de variar ou moderar cousa alguma, que 20 nem o mesmo Cristo na cruz prometeria o Paraíso ao ladrão, em tal caso, sem que primeiro restituísse. Ponhamos outro ladrão à vista deste e vejamos admiràvelmente, no juízo do mesmo Cristo, a diferença de um caso a outro.

25 Assim como Cristo, Senhor nosso, disse a Dimas: *Hodie mecum eris in Paradiso:* «Hoje serás comigo no Paraíso», assim disse a Zaqueu: *Hodie salus domui huic facta est:* hoje entrou a salvação nesta tua casa». Mas o que muito se deve notar é que a

---

6-7. Trad.: *Se não tiver com que restituir o que roubou, ele próprio será vendido. Êxodo,* XXII, 3.
27-28. *S. Lucas,* XIX, 9.

que o não acabais de absolver, porque lhe não segurais a salvação? — Porque este mesmo Zaqueu, como cabeça de publicanos — *Princeps publicanorum* — tinha roubado a muitos; e como rico que
5 era — *Et ipse dives* — tinha com que restituir o que roubara; e enquanto estava devedor e não restituía o alheio, por mais boas obras que fizesse, nem o mesmo Cristo o podia absolver; e por mais fazenda que despendesse piamente, nem o mesmo
10 Cristo o podia salvar.

Todas as outras obras que depois daquela venturosa vista fazia Zaqueu, eram muito louváveis; mas enquanto não chegava a fazer a da restituição, não estava capaz da salvação. Restitua, e
15 logo será salvo; e assim foi. Acrescentou Zaqueu, que «tudo o que tinha mal aquirido restituía em quatro dobros»: *Et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* E no mesmo ponto o Senhor, que até ali tinha calado, desfechou os tesouros de
20 sua graça e lhe anunciou a salvação: *Hodie salus domui huic facta est.* De sorte que ainda que entrou o Salvador em casa de Zaqueu, a salvação ficou de fora; porque enquanto não saiu da mesma casa a restituição, não podia entrar nela a salvação.
25 A salvação não pode entrar sem se perdoar o pecado, e o pecado não se pode perdoar sem se restituir o roubado: *Non dimittitur peccatum, nisi restituatur oblatum.*

17-18. *Ibid.*, 8.

IV

Suposta esta primeira verdade, certa e infalível; a segunda cousa que suponho com a mesma certeza é que a restituição do alheio sob pena da salvação, não só obriga aos súbditos e particulares,
5 senão também aos ceptros e às coroas. Cuidam, ou devem cuidar alguns príncipes que, assim como são superiroes a todos, assim são senhores de tudo, e é engano. A lei da restituição é lei natural e lei divina. Em quanto lei natural, obriga aos reis, por-
10 que a natureza fez iguais a todos; e em quanto lei divina, também os obriga, porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que eles. Esta verdade só tem contra si a prática e o uso. Mas por parte deste mesmo uso argumenta assim São To-
15 más, o qual é hoje o meu doutor, e nestas matérias o de maior autoridade: *Terrarum principes multa a suis subditis violenter extorquent, quod videtur ad rationem rapinæ pertinere; grave autem videtur dicere, quod in hoc peccent, quia sic fere omnes*
20 *principes damnarentur. Ergo rapina in aliquo casu est licita.* Quer dizer: a rapina, ou roubo, é tomar o alheio violentamente contra vontade de seu dono: «os príncipes tomam muitas cousas a seus vassalos violentamente, e contra sua vontade; logo, parece
25 que o roubo é lícito em alguns casos, porque se dissermos que os príncipes pecam nisto, todos eles, ou quase todos se condenariam»: *Fere omnes principes damnarentur.*

---

21. *S. Tomás. (N. de V.).*

Oh que terrível e temerosa consequência e quão digna de que a considerem profundamente os príncipes, e os que têm parte em suas resoluções e conselhos! Responde ao seu argumento o mesmo Doutor angélico; e posto que não costumo molestar os ouvintes com latins largos, hei-de referir as suas próprias palavras: *Dicendum quod si principes a subditis exigunt quod eis secundum justitiam debetur propter bonum commune conservandum, etiam si violentia adhibeatur, non est rapina. Si vero aliquid principes indebite extorqueant, rapina est, sicut et latrocinium. Unde ad restitutionem tenentur, sicut et latrones. Et tanto gravius peccant quam latrones, quanto periculosius, et communius contra publicam justitiam agunt, cujus custodes sunt positi.* Respondo (diz S. Tomás) que «se os príncipes tiram dos súbditos o que segundo justiça lhes é devido para conservação do bem comum, ainda que o executem com violência, não é rapina ou roubo. Porém se os príncipes tomarem por violência o que se lhes não deve, é rapina e latrocínio. Donde se segue que estão obrigados à restituição como os ladrões, e que pecam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso e mais comum o dano com que ofendem a justiça pública, de que eles estão postos por defensores.

Até aqui acerca dos príncipes o Príncipe dos Teólogos. E porque a palavra rapina e latrocínio aplicada a sujeitos da suprema esfera, é tão alheia das lisonjas que estão costumados a ouvir, que parece conter alguma dissonância, escusa tàcitamente o seu modo de falar e prova a sua doutrina o santo Doutor com dois textos alheios, um divino, do pro-

feta Ezequiel, e outro pouco menos que divino, de santo Agostinho. O texto de Ezequiel é parte do relatório das culpas por que Deus castigou tão severamente os dois reinos de Israel e Judá, um com o cativeiro dos Assírios e outro com o dos Babilónios; e a causa que dá e muito pondera, é que os seus príncipes, em vez de guardarem os povos como pastores, «os roubavam como lobos»: *Principes ejus in medio illius, quasi lupi rapientes prædam.* Só dois reis elegeu Deus por si mesmo, que foram Saul e David; e a ambos os tirou de pastores, para que pela experiência dos rebanhos que guardavam, soubessem como haviam de tratar os vassalos; mas seus sucessores por ambição e cobiça, degeneraram tanto deste amor e deste cuidado, que em vez de os guardar e apascentar como ovelhas, os roubavam e comiam como lobos: *Quasi lupi rapientes prædam.*

O texto de Santo Agostinho fala geralmente de todos os reinos em que são ordinárias semelhantes opressões e injustiças, e diz que entre os tais reinos e as covas dos ladrões (a que o Santo chama latrocínios) só há uma diferença. E qual é? Que «os reinos são latrocínios ou ladroeiras grandes, e os latrocínios ou ladroeiras, são reinos pequenos»: *Sublata justitia, quid sunt regna, nisi magna latrocinia? Quia et latrocinia quid sunt, nisi parva regna?*

É o que disse o outro pirata a Alexandre Magno. Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava

---

8-9. *Ezequiel*, XXII, 27.

roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim:

— «Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma
5 barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?» Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Séneca, que sabia bem
10 distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratæ habentem.* Se o rei de Macedónia, ou qualquer outro, fizer o que faz o
15 ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Séneca, não me admirei tanto de que um filósofo estóico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero;
20 o que mais me admirou e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos, em tempo de príncipes católicos e timoratos, ou para a emenda ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos, que mais ofendem
25 os reis com o que calam, que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz, é sinal que lhes não toca e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala, é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. Mas passemos
30 brevemente à terceira e última suposição, que todas três são necessárias para chegarmos ao ponto.

V

Suponho, finalmente, que os ladrões de que fala, não são aqueles miseráveis a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este género de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa os
5 alivia o seu pecado, como diz Salomão: *Non grandis est culpa, cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam.* O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao Inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros
10 ladrões de maior calibre e de mais alta esfera, os quais debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem S. Basílio Magno: *Non est intelligendum fures esse solum bursarum incisores, vel latrocinantes in balneis; sed et qui du-*
15 *ces legionum statuti, vel qui, commisso sibi regimine civitatum aut gentium, hoc quidem furtim tollunt, hoc vero vi, et publice exigunt:* «Não são só ladrões, diz o Santo, os que cortam bolsas ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa;
20 os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título, são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos».
25 Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam. Diógenes, que tudo via com mais aguda vista que

5-6. *Provérbios*, VI, 30.

os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: — Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos! — Ditosa
5 Grécia, que tinha tal pregador! E mais ditosas as outras nações, se nelas não padecera a justiça as mesmas afrontas. Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um
10 cônsul ou ditador por ter roubado uma província! E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidónio Apolinar: *Non cessat simul furta, vel punire, vel facere:* «Seronato
15 está sempre ocupado em duas cousas: em castigar furtos e em os fazer». Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do Mundo, para roubar ele só.

VI

Declarado assim por palavras não minhas, se-
20 não de muito bons autores, quão honrados e autorizados sejam os ladrões de que falo, estes são os que disse e digo que levam consigo os reis ao Inferno. Que eles fossem lá sós, e o Diabo os levasse a eles, seja muito na má hora, pois assim o querem;
25 mas que hajam de levar consigo os reis, é uma dor que se não pode sofrer, e por isso nem calar. Mas se os reis tão fora estão de tomar o alheio, que antes eles são os roubados e os mais roubados de todos, como levam ao Inferno consigo estes maus
30 ladrões a estes bons reis? — Não por um só, senão por muitos modos, os quais parecem insensíveis e

ocultos, e são muito claros e manifestos. O primeiro, porque os reis lhes dão os ofícios e poderes com que roubam; o segundo, porque os reis os conservam neles; o terceiro, porque os reis os adiantam
5 e promovem a outros maiores; e finalmente, porque sendo os reis obrigados, sob pena da salvação, a restituir todos estes danos, nem na vida, nem na morte os restituem. E quem diz isto? Já se sabe, que há-de ser São Tomás.

10 Faz questão São Tomás, se a pessoa que não furtou, nem recebeu, ou possui cousa alguma do furto, pode ter obrigação de o restituir? E não só resolve que sim, mas para maior expressão do que vou dizendo, põe o exemplo nos reis. Vai o texto:
15 *Tenetur ille restituere, qui non obstat, cum obstare teneatur. Sicut principes, qui tenentur custodire justitiam in terra, si per eorum defectum latrones increscant, ad restitutionem tenentur: quia redditus, quos habent, sunt quasi stipendia ad hoc instituta,*
20 *ut justitiam conservent in terra.* «Aquele que tem obrigação de impedir que se não furte, se o não impediu, fica obrigado a restituir o que se furtou. E até os príncipes, que por sua culpa deixarem crescer os ladrões, são obrigados à restituição; por
25 quanto as rendas com que os povos os servem e assistem, são como estipêndios instituídos e consignados por eles, para que os príncipes os guardem e mantenham em justiiça. É tão natural e tão clara esta teologia, que até Agaménon, rei gentio,
30 a conheceu, quando disse: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.*

E se nesta obrigação de restituir incorrem os príncipes, pelos furtos que cometem os ladrões casuais e involuntários; que será pelos que eles mesmos,

e por própria eleição, armaram de jurdições e poderes com que roubam os mesmos povos? A tenção dos príncipes não é nem pode ser essa; mas basta que esses oficiais, ou de guerra, ou de fazen-
5 da, ou de justiça, que cometem os roubos, sejam eleições e feituras suas, para que os príncipes hajam de pagar o que eles fizerem.

Ponhamos o exemplo da culpa onde a não pode haver. Pôs Deus a Adão no Paraíso com jurdição
10 e poder sobre todos os viventes, e com senhorio absoluto de todas as cousas criadas, excepta sòmente uma árvore. Faltavam-lhe poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para o furto não lhe faltava nenhuma. Enfim, ele e sua mulher (que
15 muitas vezes são as terceiras) aquela só cousa que havia no Mundo que não fosse sua, essa roubaram. Já temos a Adão eleito, já o temos com ofício, já o temos ladrão. E quem foi o que pagou o furto? Caso sobre todos admirável! Pagou o furto quem
20 elegeu e quem deu o ofício ao ladrão. Quem elegeu e deu o ofício a Adão foi Deus; e Deus foi o que pagou o furto tanto à sua custa, como sabemos. O mesmo Deus o disse assim, referindo o muito que lhe custara a satisfação do furto e dos danos dele:
25 *Quæ non rapui, tunc exsolvebam.* — Vistes o corpo humano de que me vesti, sendo Deus; vistes o muito que padeci; vistes o sangue que derramei; vistes a morte a que fui condenado entre ladrões; pois então, e com tudo isso, «pagava o que não furtei»; Adão
30 foi o que furtou e eu o que paguei: *Quæ non rapui, tunc exsolvebam.*

---

25. Trad.: *Pagava então o que não roubei. Salmo* LXVIII, 5.

— Pois, Senhor meu, que culpa teve vossa Divina Majestade no furto de Adão?

— Nenhuma culpa tive, nem a tivera ainda que não fora Deus. Porque na eleição daquele homem 5 e no ofício que lhe dei, em tudo procedi com a circunspecção, prudência e providência, com que o devera e deve fazer o príncipe mais atento a suas obrigações, mais considerado e mais justo. Primeiramente, quando o fiz, não foi com império des- 10 pótico, como as outras criaturas, senão com maduro conselho, e por consulta de pessoas não humanas, senão divinas: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et præsit.* As partes e qualidades que concorriam no eleito, eram as mais 15 adequadas ao ofício que se podiam desejar, nem imaginar; porque era o mais sábio de todos os homens, justo sem vício, recto sem injustiça e senhor de todas suas paixões, as quais tinha sujeitas e obedientes à razão; só lhe faltava a experiência. 20 Nem houve concurso de outros sujeitos na sua eleição, mas ambas estas cousas não as podia então haver, porque era o primeiro homem e o único.

— Pois se a vossa eleição, Senhor, foi tão justa e tão justificada, que bastava ser vossa para o ser; 25 porque haveis vós de pagar o furto que ele fez, sendo toda a culpa sua?

— Porque quero dar este exemplo e documento aos príncipes; e porque não convém que fique no Mundo uma tão má e perniciosa consequência,

---

12-13. Trad.: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e esteja ele à frente de tudo. Génesis,* I, 26.

como seria se os príncipes se persuadissem em algum caso, que não eram obrigados a pagar e satisfazer o que seus ministros roubassem.

VII

Mas estou vendo que com este mesmo exemplo
5 de Deus se desculpam ou podem desculpar os reis. Porque se a Deus lhe sucedeu tão mal com Adão, conhecendo muito bem Deus o que ele havia de ser, que muito é que suceda o mesmo aos reis com os homens que elegem para os ofícios, se eles não
10 sabem, nem podem saber o que depois farão?

A desculpa é aparente, mas tão falsa como mal fundada; porque Deus não faz eleição dos homens pelo que sabe que hão-de ser, senão pelo que de presente são. Bem sabia Cristo que Judas havia
15 de ser ladrão, mas quando o elegeu para o ofício em que o foi, não só não era ladrão, mas muito digno de se lhe fiar o cuidado de guardar e distribuir as esmolas dos pobres. Elejam assim os reis as pessoas, e provejam assim os ofícios, e Deus os
20 desobrigará nesta parte da restituição. Porém as eleições e provimentos que se usam, não se fazem assim. Querem saber os reis, se os que provêem nos ofícios são ladrões ou não? Observem a regra de Cristo: *Qui non intrat per ostium, fur est et latro.*
25 A porta por onde legìtimamente se entra ao ofício, é só o merecimento; «e todo o que não entra pela porta, não só diz Cristo que é ladrão, senão ladrão e ladrão»: *Fur est, et latro.* E porque é duas vezes

---

24. S. *João*, X, I.

ladrão? Uma vez porque furta o ofício, e outra vez pelo que há-de furtar com ele. O que entra pela porta, poderá vir a ser ladrão, mas os que não entram por ela já o são. Uns entram pelo parentesco, 5 outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno, e todos pela negociação. E quem negoceia, não há mister outra prova; já se sabe que não vai a perder. Agora será ladrão oculto, mas depois ladrão descoberto, que essa é, como diz S. Jerónimo, 10 a diferença de *fur* a *latro*.

Cousa é certo maravilhosa ver a alguns tão introduzidos e tão entrados, não entrando pela porta, nem podendo entrar por ela. Se entraram pelas janelas, como aqueles ladrões de que faz menção 15 Joel: *Per fenestras intrabunt quasi fur*, grande desgraça é, que sendo as janelas feitas para entrar a luz e o ar, entrem por elas as trevas e os desares. Se entraram minando a casa do pai de famílias, como o ladrão da parábola de Cristo: *Si sciret pater* 20 *familias, qua hora fur veniret, non sineret perfodi domum suam*, ainda seria maior desgraça, que o sono ou letargo do dono da casa fosse tão pesado que, minando-se-lhe as paredes, não o espertassem os golpes.

25 Mas o que excede toda a admiração é que haja quem, achando a porta fechada, empreenda entrar por cima dos telhados, e o consiga; e mais sem ter pés nem mãos, quanto mais asas. Estava Cristo, Senhor nosso, curando milagrosamente os enfermos 30 dentro em uma casa, e era tanto o concurso, que não podendo os que levavam um paralítico entrar

---

19-21. Trad.: *Se o pai de famílias soubesse em que hora o ladrão viria, não deixaria minar a casa.*

pela porta, subiram-se com ele ao telhado, e por cima do telhado o introduziram. Ainda é mais admirável a consideração do sujeito que o modo e o lugar da introdução. Um homem que entrasse por
5 cima dos telhados, quem não havia de julgar que era caído do Céu: *Tertius e cœlo cecidit Cato?* E o tal homem era um paralítico, que não tinha pés, nem mãos, nem sentido, nem movimento; mas teve com que pagar a quatro homens, que o tomaram
10 às costas, e o subiram tão alto. E como os que trazem às costas semelhantes sujeitos estão tão pagos deles, que muito é que digam e informem (posto que sejam tão incapazes) que lhe sobejam merecimentos por cima dos telhados? Como não
15 podem alegar façanhas de quem não tem mãos, dizem virtudes e bondades. Dizem que com os seus procedimentos cativa a todos; e como os não havia de cativar, se os comprou? Dizem que, fazendo sua obrigação, todos lhe ficam devendo dinheiro;
20 e como lho não hão-de dever, se lho tomaram? Deixo os que sobem aos postos pelos cabelos, e não com as forças de Sansão, senão com os favores de Dalila. Deixo os que com voz conhecida de Jacob levam a bênção de Esaú, e não com as luvas cal-
25 çadas, senão dadas ou prometidas. Deixo os que, sendo mais leprosos que Naaman Siro, se alimparam da lepra, e não com as águas do Jordão, senão com as do Rio da Prata. É isto, e o mais que se podia dizer, entrar pela porta? Claro está que não.
30 Pois se nada disto se faz — *Sicut fur in nocte* —

---

30. Trad.: *Assim como o ladrão de noite. Epístola aos Tessalonicenses*, V, 5.

senão na face do sol e na luz do meio-dia, como se pode escusar quem ao menos firma os provimentos de que não conhecia serem ladrões os que por estes meios foram providos? Finalmente, ou os
5 conhecia ou não; se os não conhecia, como os proveu sem os conhecer? E se os conhecia, como os proveu, conhecendo-os? Mas vamos aos providos com expresso conhecimento de suas qualidades.

VIII

Dom Fulano (diz a piedade bem intencionada) é
10 um fidalgo pobre, dê-se-lhe um governo. E quantas impiedades, ou advertidas ou não, se contêm nesta piedade? Se é pobre, dêem-lhe uma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque é pobre, um governo, para que vá de-
15 sempobrecer à custa dos que governar, e para que vá fazer muitos pobres à conta de tornar muito rico!? Isto quer quem o elege por este motivo.

Vamos aos do prémio, e também aos do castigo. Certo capitão mais antigo tem muitos anos de ser-
20 viço; dêem-lhe uma fortaleza nas Conquistas. Mas se esses anos de serviço assentam sobre um sujeito que os primeiros despojos que tomava na guerra eram a farda e a ração dos seus próprios soldados, despidos e mortos de fome, que há-de fazer em
25 Sofala ou em Mascate? Tal graduado em Leis leu com grande aplauso no Paço; porém em duas judicaturas e uma correição, não deu boa conta de si; pois vá degradado para a Índia com uma beca. E se na Beira e no Alentejo, onde não há diaman-

28. *Beca* era a toga do desembargador.

tes, nem rubis, se lhe pegavam as mãos a este doutor, que será na relação de Goa?

Encomendou El-Rei D. João o terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do estado da Índia por 5 via de seu companheiro, que era mestre do príncipe; e o que o Santo escreveu de lá, sem nomear ofícios, nem pessoas, foi que o verbo *rapio* na Índia se conjugava por todos os modos. A frase parece jocosa em negócio tão sério; mas falou o servo de 10 Deus como fala Deus, que em uma palavra diz tudo.

Nicolau de Lira, sobre aquelas palavras de Daniel: *Nabuchodonosor rex misit ad congregandos satrapas, magistratus et judices,* declarando a eti- 15 mologia de *sátrapas,* que eram os governadores das províncias, diz que este nome foi composto de *sat* e de *rapio. Dicuntur satrapae quasi satis rapientes, quia solent bona inferiorum rapere:* «Chamam-se sátrapas, porque costumam roubar assaz.» E este 20 *assaz* é o que especificou melhor S. Francisco Xavier, dizendo que conjugam o verbo *rapio* por todos os modos. O que eu posso acrescentar, pela experiência que tenho, é que não só do cabo da Boa Esperança para lá, mas também das partes daquém 25 se usa igualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo *rapio;* porque furtam por todos os modos da arte, não falando em outros novos e esquesitos, que não conheceu Donato nem

---

13-14. Trad.: *O rei Nabucodonosor mandou aos sátrapas, magistrados e juízes que se reunissem. Daniel,* III, 2.
16-17. *Rapio* é forma do indicat. presente de *rapere* que em latim significa *roubar; sat* é o advérbio latino que significa *assaz.*

Despautério. Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos práticos, é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque, como têm o mero e misto império, todo ele aplicam despòticamente às execuções na rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam; e para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. Furtam pelo modo optativo, porque desejam quanto lhes parece bem; e gabando as cousas desejadas aos donos delas, por cortesia sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo conjuntivo, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o daqueles que manejam muito; e basta só que ajuntem a sua graça, para serem, quando menos, meeiros na ganância. Furtam pelo modo potencial, porque, sem pretexto nem cerimónia, usam de potência. Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtem e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados e as terceiras, quantas para isso têm indústria e consciência. Furtam juntamente por todos os tempos, porque do presente (que é o seu tempo) colhem quanto dá de si o triénio; e para incluírem no pre-

1. Despautério era um gramático flamengo (1460-1520); Donato era um gramático e retórico latino do século IV, cujo nome teve a popularidade que o tornou quase comum, com o significado de *gramático*.

sente o pretérito e futuro, do pretérito desenterram crimes de que vendem os perdões, e dívidas esquecidas de que se pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas e antecipam os contratos, com que tudo o caído e não caído lhes vem a cair nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, plusquam perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar. E quando eles têm conjugado assim toda a voz activa, e as miseráveis províncias suportado toda a passiva, eles, como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos; e elas ficam roubadas e consumidas.

É certo que os reis não querem isto, antes mandam em seus regimentos tudo o contrário; mas como as patentes se dão aos gramáticos destas conjugações tão peritos ou tão cadimos nelas; que outros efeitos se podem esperar dos seus governos? Cada patente destas em própria significação vem a ser uma licença geral *in scriptis* ou um passaporte para furtar.

Em Holanda, onde há tantos armadores de cossários, repartem-se as costas da África, da Ásia e da América com tempo limitado, e nenhum pode sair a roubar sem passaporte, a que chamam *carta de marca*. Isto mesmo valem as provisões, quando se dão aos que eram mais dignos da marca, que da carta. Por mar padecem os moradores das Conquistas a pirataria dos cossários estrangeiros, que é contingente; na terra suportam a dos naturais,

que é certa e infalível. E se alguém duvida qual seja maior, note a diferença de uns a outros. O pirata do mar não rouba aos da sua república; os da terra roubam os vassalos do mesmo rei, em cujas 5 mãos juraram homenagem. Do cossário do mar posso-me defender, aos da terra não posso resistir; do cossário do mar posso fugir, dos da terra não me posso esconder; o cossário do mar depende dos ventos, os da terra sempre têm por si a monção; 10 enfim, o cossário do mar pode o que pode, os da terra podem o que querem, e por isso nenhuma presa lhes escapa. Se houvesse um ladrão omnipotente, que vos parece que faria a cobiça junta com a omnipotência? Pois isso é o que fazem estes 15 cossários.

IX

Dos que obram o contrário, com singular inteireza de justiça e limpeza de interesse, alguns exemplos temos, posto que poucos. Mas folgara eu saber quantos exemplos há, não digo já dos que fossem 20 justiçados como tão insignes ladrões, mas dos que fossem privados do governo por estes roubos? Pois se eles furtam com os ofícios, e os consentem e conservam nos mesmos ofícios, como não hão-de levar consigo ao Inferno os que os consentem? O meu 25 São Tomás o diz e alega com o texto de São Paulo: ***Digni sunt morte, non solum qui faciunt sed etiam qui consentiunt facientibus.*** E porque o rigor deste

---

26-27. Trad.: *Não são apenas dignos de morte os que cometem [o delito], senão também os que o consentem aos que o praticam. Epístola aos Romanos*, I, 32.

texto se entende não de qualquer consentidor, senão daqueles que por razão de seu ofício ou estado, têm obrigação de impedir, faz logo a mesma limitação o santo Doutor, e põe o exemplo nomeadamente nos príncipes: *Sed solum quando incumbit alicui ex officio sicut principibus terræ.*

Verdadeiramente, não sei como não reparam muito os príncipes em matéria de tanta importância, e como os não fazem reparar os que no foro exterior ou no da alma têm cargo de descarregar suas consciências. Vejam, uns e outros, como a todos ensinou Cristo que o ladrão que furta com o ofício, nem um momento se há-de consentir ou conservar nele.

Havia um senhor rico, diz o Divino Mestre, o qual tinha um criado que, com ofício de ecónomo ou administrador, governava as suas herdades. (Tal é o nome no original grego, que responde ao *vílico* da *Vulgata)*. Infamado pois o dito administrador de que se aproveitava da administração e roubava, tanto que chegou a primeira notícia ao Senhor, mandou-o logo vir diante de si e disse-lhe que desse contas, porque já não havia de exercitar o ofício. Ainda a resolução foi mais apertada, porque não só disse que não havia, senão que não podia: *Jam enim non poteris villicare.*

Não tem palavra esta parábola, que não esteja cheia de notáveis doutrinas a nosso propósito. Primeiramente diz que este senhor era um homem

5-6. Trad.: *Mas só quando por suas funções oficiais [isso] incumbe a alguém, como aos príncipes da terra.*

26. Trad.: *Já não poderás ser meu feitor.* S. Lucas, XVI, 1 e 2.

rico: *Homo quidam erat dives*. Porque não será homem quem não tiver resolução; nem será rico, por mais herdades que tenha, quem não tiver cuidado, e grande cuidado, de não consentir que
5 lhas governem ladrões. Diz mais que para privar a este ladrão do ofício, bastou sòmente a fama, sem outras inquirições: *Et hic diffamatus est apud illum*. Porque se em tais casos se houverem de mandar buscar informações à Índia ou ao Brasil,
10 primeiro que elas cheguem, e se lhes ponha remédio, não haverá Brasil, nem Índia. Não se diz, porém, nem se sabe quem fossem os autores, ou delatores desta fama; porque a estes há-lhes de guardar segredo o senhor inviolàvelmente, sob pena de não
15 haver quem se atreva a o avisar, temendo justamente a ira dos poderosos. Diz mais «que mandou vir o delatado diante de si: *Et vocavit eum*, porque semelhantes averiguações, se se cometem a outros e não as faz o mesmo senhor por sua própria pessoa,
20 com dar o ladrão parte do que roubou, prova que está inocente. Finalmente, desengana-o e notifica--lhe que não há-de exercitar jamais o ofício, nem pode: *Jam enim non poteris villicare;* porque nem o ladrão conhecido deve continuar o ofício em que
25 foi ladrão, nem o senhor, ainda que quisesse, o pode consentir e conservar nele, se não se quer condenar.

Com tudo isto ser assim, eu ainda tenho uns embargos que alegar por parte deste ladrão diante do
30 Senhor e autor da mesma parábola, que é Cristo. Provará que nem o furto por sua quantidade, nem a pessoa por seu talento, parecem merecedores de privação do ofício para sempre. Este homem, Senhor, posto que cometesse este erro, é um sujeito

de grande talento, de grande indústria, de grande entendimento e prudência, como vós mesmo confessastes, e ainda louvastes, que é mais: *Laudavit Dominus villicum iniquitatis, quia prudenter fe-*
5 *cisset.* Pois se é homem de tanto préstimo, e tem capacidade e talentos para vos tornardes a servir dele, porque o haveis de privar para sempre do vosso serviço: *Jam enim non poteris villicare?* Suspendei-o agora por alguns meses, como se usa,
10 e depois o tornareis a restituir, para que nem vós o percais, nem ele fique perdido.

— Não, diz Cristo. Uma vez que é ladrão conhecido, não só há-de ser suspenso ou privado do ofício *ad tempus,* senão para sempre, e para nunca jamais
15 entrar ou poder entrar: *Jam enim non poteris;* porque o uso ou abuso dessas restituições, ainda que parece piedade, é manifesta injustiça. De maneira que, em vez de o ladrão restituir o que furtou no ofício, restitui-se o ladrão ao ofício, para que furte
20 ainda mais! Não são essas as restituições pelas quais se perdoa o pecado, senão aquelas por que se condenam os restituídos, e também quem os restitui. Perca-se embora um homem já perdido, e não se percam os muitos que se podem perder, e perdem
25 na confiança de semelhantes exemplos.

Suposto que este primeiro artigo dos meus embargos não pegou, passemos a outro. Os furtos deste homem foram tão leves, a quantidade tão limitada, que o mesmo texto lhe não dá nome de *furtos* abso-

---

3-5. Trad.: *O senhor louvou o feitor iníquo, por haver procedido como homem de juízo. Ibid.,* 8.

lutamente, senão de *quase furtos: Quasi dissipasset bona ipsius.* — Pois em um mundo, Senhor, e em um tempo em que se vêem tolerados nos ofícios tantos ladrões, e premiados, que é mais, os plusquam
5 ladrões, será bem que seja privado do seu ofício e privado para sempre, um homem que só chegou a ser quase ladrão?
— Sim, torna a dizer Cristo, para emenda dos mesmos tempos, e para que conheça o mesmo mundo
10 quão errado vai. Assim como nas matérias do sexto mandamento teològicamente não há mínimos, assim os deve não haver polìticamente nas matérias do sétimo; porque quem furtou e se desonrou no pouco, muito mais fàcilmente o fará no muito. E senão,
15 vede-o nesse mesmo quase ladrão. Tanto que se viu notificado para não servir o ofício, ainda teve traça para se servir dele e furtar mais do que tinha furtado. Manda chamar muito à pressa os rendeiros, rompe os escritos das dívidas, faz outros de novo
20 com antedatas, a uns diminui ametade, a outros a quinta parte, e por este modo roubando ao tempo os dias, às escrituras a verdade e ao amo o dinheiro, aquele que só tinha sido quase ladrão, enquanto encartado no ofício, com a opinião que só tinha de o
25 ter, foi mais que ladrão depois.
Aqui acabei de entender a ênfase com que disse a pastora dos Cantares: *Tulerunt pallium meum mihi:* «tomaram-me a minha capa a mim»; porque se pode roubar a capa a um homem, tomando-a, não a ele,
30 senão a outrem. Assim o fez a astúcia deste ladrão,

1-2. Trad.: *Como se houvesse dissipado os seus bens. Ibid.,* 1.
27. *Cântico dos Cânticos,* V, 7.

que roubou o dinheiro a seu amo, tomando-o, não a ele, senão aos que lho deviam. De sorte que o que dantes era um ladrão, depois foi muitos ladrões, não se contentando de o ser ele só, senão de fazer a outros.
5 Mas vá ele muito embora ao Inferno, e vão os outros com ele; e os príncipes imitem ao senhor, que se livrou de ir também, com o privar do ofício tão prontamente.

X

Esta doutrina em geral, pois é de Cristo, nenhum
10 entendimento cristão haverá que a não venere. Haverá, porém, algum político tão especulativo que a queira limitar a certo género de sujeitos e que funde as excepções no mesmo texto. O sujeito, em que se fez esta execução, chama-lhe o texto *vílico;* logo em
15 pessoas vis ou de inferior condição, será bem que se executem estes e semelhantes rigores, e não em outras de diferente suposição, com as quais por sua qualidade e outras dependências, é lícito e conveniente que os reis dissimulem. Oh como está o Inferno cheio dos
20 que com estas e outras interpretações, por adularem os grandes e os supremos, não reparam em os condenar! Mas para que não creiam a aduladores, creiam a Deus e ouçam.

Revelou Deus a Josué que se tinha cometido um
25 furto nos despojos de Jericó, depois de lho ter bem custosamente significado com o infeliz sucesso do seu exército; e mandou-lhe que, descoberto o ladrão, fosse queimado. Fez-se diligência exacta, e achou-se que um chamado Acan tinha furtado uma capa de grã,
30 uma regra de ouro e algumas moedas de prata, que tudo não valia cem cruzados. Mas quem era este

Acan? Era porventura algum homem vil ou algum soldadinho da fortuna, desconhecido e nascido das ervas? — Não era menos que do sangue real de Judá, e por linha masculina quarto neto seu. Pois uma
5 pessoa de tão alta qualidade, que ninguém era ilustre em todo Israel, senão pelo parentesco que tinha com ele, há-de morrer queimado por ladrão?! E por um furto que hoje seria venial, há-de ficar afrontada para sempre uma casa tão ilustre?! Vós direis que era
10 bem se dissimulasse; mas Deus, que o entende melhor que vós, julgou que não. Em matéria de furtar, não há excepção de pessoas, e quem se abateu a tais vilezas, perdeu todos os foros. Executou-se com efeito a lei, foi justiçado e queimado Acan, ficou o
15 povo ensinado com o exemplo, e ele foi venturoso no mesmo castigo, porque, como notam graves autores, comutou-lhe Deus aquele fogo temporal pelo que havia de padecer no Inferno: felicidade que impedem aos ladrões os que dissimulam com eles.

20 E quanto à dissimulação que se diz devem ter os reis com pessoas de grande suposição, de quem talvez depende a conservação do bem público, e são mui necessárias a seu serviço, respondo com distinção: Quando o delito é digno de morte, pode-se dissimular
25 o castigo e conceder-se às tais pessoas a vida; mas quando o caso é de furto, não se lhes pode dissimular a ocasião, mas logo devem ser privadas do posto.

Ambas estas circunstâncias concorreram no crime de Adão. Pôs-lhe Deus preceito que não comesse
30 da árvore vedada, sob pena de que «morreria no mesmo dia»: *In quocumque die comederis, morte*

---

31. Trad.: *No mesmo dia em que comeres, morrerás. Génesis*, II, 17.

morieris. Não guardou Adão o preceito, roubou o fruto e ficou sujeito, *ipso facto*, à pena de morte. Mas que fez neste caso? Lançou-o logo do Paraíso e concedeu-lhe a vida por muitos anos. Pois se Deus o
5 lançou do Paraíso pelo furto que tinha cometido, porque não executou também nele a pena de morte, a que ficou sujeito? — Porque da vida de Adão dependia a conservação e propagação do Mundo; e quando as pessoas são de tanta importância e tão necessárias
10 ao bem público, justo é que, ainda que mereçam a morte, se lhes permita e conceda a vida. Porém se juntamente são ladrões, de nenhum modo se pode consentir, nem dissimular que continuem no posto e lugar onde o foram, para que não continuem a o ser.
15 Assim o fez Deus, e assim o disse. Pôs um querubim com uma espada de fogo à porta do Paraíso, com ordem que de nenhum modo deixasse entrar a Adão. E porquê? Porque, assim como tinha furtado da árvore da ciência, não furtasse também da árvore da
20 vida: *Ne forte mittat manum suam et sumat etiam de ligno vitæ*. Quem foi mau uma vez, presume o direito que o será outras, e que o será sempre. Saia pois Adão do lugar onde furtou, e não torne a entrar nele, para que não tenha ocasião de fazer outros
25 furtos, como fez o primeiro. E notai que Adão, depois de ser privado do Paraíso, viveu novecentos e trinta anos. Pois a um homem castigado e arrependido, não lhe bastarão cem anos de privação do posto, não lhe bastarão duzentos ou trezentos? — Não.

20-21. Trad.: *Para que não suceda que ele deite a mão e tome também dos frutos da árvore da Vida. Ibid.*, III, 2.

Ainda que haja de viver novecentos anos, e houvesse de viver nove mil, uma vez que roubou e é conhecido por ladrão, nunca mais deve ser restituído, nem há-de entrar no mesmo posto.

XI

5 Assim o fez Deus com o primeiro homem do Mundo e assim o devem executar com todos os que estão em lugar de Deus. Mas que seria se não só víssemos ladrões conservados nos lugares onde roubam, senão, depois de roubarem, promovidos a outros maiores?
10 Acabaram-se-me aqui as Escrituras, porque não há nelas exemplo semelhante. De reis que mandassem conquistar inimigos, sim; mas de reis que mandassem governar vassalos, não se lê tal cousa. Os Assueros, os Nabucos, os Ciros, que dilatavam por armas os
15 seus impérios, desta maneira premiavam os capitães, acrescentando em postos os que mais se sinalavam em destruir cidades e acumular despojos, e daqui se faziam os Nabuzardões, os Olofernes e outros flagelos do Mundo. Porém os reis que tratam vassalos como
20 seus, e os Estados, posto que distantes, como fazenda própria e não alheia, lede o Evangelho, e vereis quais são os sujeitos, e quão úteis, a quem encomendam o governo deles.

Um rei, diz Cristo, Senhor nosso, fazendo ausência
25 do seu reino à conquista de outro, encomendou a administração da sua fazenda a três criados. O primeiro acrescentou-a dez vezes mais do que era; e o rei, depois de o louvar, o promoveu ao governo de

dez cidades: *Euge, bone serve, quia in modico fuisti fidelis, eris potestatem habens super decem civitates.* O segundo também acrescentou a parte que lhe coube cinco vezes mais; e com a mesma proporção o fez
5 o rei governador de cinco cidades: *Et tu esto super quinque civitates.* De sorte que os que o rei acrescenta e deve acrescentar nos governos, segundo a doutrina de Cristo, são os que acrescentam a fazenda do mesmo rei, e não a sua. Mas vamos ao terceiro
10 criado. Este tornou a entregar quanto o rei lhe tinha encomendado, sem diminuição alguma, mas também sem melhoramento; e no mesmo ponto sem mais réplica foi privado da administração: *Auferte ab illo innam.* Oh que ditosos foram os nossos tempos, se
15 as culpas por que este criado foi privado do ofício, foram os serviços e merecimentos por que os de agora são acrescentados! Se o que não tomou um real para si e deixou as cousas no estado em que lhas entregaram, merece privação do cargo, os que as deixam
20 destruídas e perdidas, e tão diminuídas e desbaratadas que já não têm semelhança do que foram, que merecem? Merecem que os despachem, que os acrescentem e que lhes encarreguem outras maiores, para que também as consumam e tudo se acabe.

25 Eu cuidava que assim como Cristo introduziu na sua parábola dois criados, que acrescentaram a fazenda do rei, e um que a não acrescentou, assim havia de introduzir outro que a roubasse, com que

---

1-2. Trad.: *Muito bem, bom servo; porque foste fiel no pouco, serás governador de dez cidades.* S. Lucas XIX[a] 17.

5-6. *Ibid.*

13-14. Trad.: *Tirai-lhe a moeda.* Ibid., 24.

ficava a divisão inteira. Mas não introduziu o Divino Mestre tal criado; porque falava de um rei prudente e justo; e os que têm estas qualidades (como devem ter, sob pena de não serem reis) nem admitem em
5 seu serviço, nem fiam a sua fazenda a sujeitos que lha possam roubar. A algum que não lha acrescente, poderá ser, mas um só; porém a quem lhe roube, ou a sua, ou a dos seus vassalos (que não deve distinguir da sua) não é justo, nem rei, quem tal con-
10 sente. E que seria se estes depois de roubarem uma cidade, fossem promovidos ao governo de cinco; e depois de roubarem cinco, ao governo de dez?

Que mais havia de fazer um príncipe cristão, se fora como aqueles príncipes infiéis, de quem diz
15 Isaías: *Principes tui infideles socii furum*. «Os príncipes de Jerusalém não são fiéis, senão infiéis, porque são companheiros dos ladrões». Pois saiba o Profeta que há príncipes fiéis e cristãos, que ainda são mais miseráveis e mais infelizes que estes. Porque um
20 príncipe que entrasse em companhia com os ladrões — *Socii furum* — havia de ter também a sua parte no que se roubasse; mas estes estão tão fora de ter parte no que se rouba, que eles são os primeiros e os mais roubados. Pois se são os roubados estes prínci-
25 pes, como são ou podem ser companheiros dos mesmos ladrões? *Principes tui socii furum?* Será porventura porque talvez os que acompanham e assistem aos príncipes, são ladrões? Se assim fosse, não seria cousa nova. Antigamente os que assistiam ao lado
30 dos príncipes chamavam-se *laterones*. E depois, corrompendo-se este vocábulo, como afirma Marco

---

15. *Isaías*, I, 23.

Varro, chamaram-se *latrones*. E que seria, se, assim como se corrompeu o vocábulo, se corrompessem também os que o mesmo vocábulo significa? Mas eu nem digo nem cuido tal cousa. O que só digo e
5 sei, por ser teologia certa, é que em qualquer parte do mundo se pode verificar o que Isaías diz dos príncipes de Jerusalém: *Principes tui socii furum:* «os teus principes são companheiros dos ladrões.» E porquê? São companheiros dos ladrões, porque os dissi-
10 mulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões, porque talvez os defendem; e são finalmente seus companheiros, porque os acompanham e
15 hão-de acompanhar ao Inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo.

Ouvi a ameaça e sentença de Deus contra estes tais: *Si videbas furem, currebas cum eo:* o hebreu lê *concurrebas;* e tudo é porque há príncipes que
20 correm com os ladrões e concorrem com eles. Correm com eles, porque os admitem à sua familiaridade e graças; e concorrem com eles, porque dando-lhes autoridade e jurisdições, concorrem para o que eles furtam. E a maior circunstância
25 desta gravíssima culpa consiste no *Si videbas*. Se estes ladrões foram ocultos e o que corre e concorre com eles não os conhecera, alguma desculpa tinha; mas se eles são ladrões públicos e conhecidos, se roubam sem rebuço e a cara descoberta, se todos
30 os vêem roubar e o mesmo que os consente e apoia,

18-19. Trad.: *Se vias um ladrão, corrias com ele. Salmo* XLIX, 18.

o está vendo — *Si videbas furem,* que desculpa pode ter diante de Deus e do Mundo? *Existimasti, inique, quod ero tui similis?:* «Cuidas tu, ó injusto, diz Deus, que hei-de ser semelhante a ti», e que assim
5 como tu dissimulas com esses ladrões, hei-de eu de dissimular contigo? Enganas-te: *Arguam te, et statuam contra faciem tuam.* Dessas mesmas ladroíces que tu vês e consentes, hei-de fazer um espelho em que te vejas; e quando vires que és tão
10 réu de todos esses furtos como os mesmos ladrões, porque os não impedes; e mais que os mesmos ladrões, porque tens obrigação jurada de os impedir, então conhecerás que tanto e mais justamente que a eles te condeno ao Inferno.
15 Assim o declara com última e temerosa sentença a paráfrase caldaica do mesmo texto: *Arguam te in hoc sæculo, et ordinabo judicium gehennæ in futuro coram te:* «Neste mundo arguirei a tua consciência, como agora a estou arguindo; e no outro
20 mundo condenarei a tua alma ao Inferno, como se verá no Dia do Juízo».

XII

Grande lástima será naquele dia, Senhores, ver como os ladrões levam consigo muitos reis ao Inferno; e para que esta sorte se troque em uns e
25 outros, vejamos agora como os mesmos reis, se quiserem, podem levar consigo os ladrões ao Paraíso. Parecerá a alguém, pelo que fica dito, que será

18-21. Vieira parafraseia a paráfrase caldaica, cuja tradução é: «*Acusar-te-ei neste mundo, e ordenarei no futuro a sentença que te levará ao Inferno.*

cousa muito dificultosa e que se não pode conseguir sem grandes despesas; mas eu vos afirmo e mostrarei brevemente que é cousa muito fácil, e que sem nenhuma despesa de sua fazenda, antes com muitos aumentos dela, o podem fazer os reis. E de que modo? Com uma palavra, mas palavra de rei: Mandando que os mesmos ladrões, os quais não costumam restituir, restituam efectivamente tudo o que roubaram. Executando-o assim, salvar-se-ão os ladrões e salvar-se-ão os reis. Os ladrões salvar-se-ão, porque restituirão o que têm roubado; e os reis salvar-se-ão também, porque, restituindo os ladrões, não terão eles obrigação de restituir. Pode haver acção mais justa, mais útil e mais necessária a todos? Só quem não tiver fé, nem consciência, nem juízo o pode negar.

E porque os mesmos ladrões se não sintam de haverem de perder por esto modo o fruto das suas indústrias, considerem que, ainda que sejam tão maus como o mau ladrão, não só deviam abraçar e desejar esta execução, mas pedi-la aos mesmos reis. O bom ladrão pediu a Cristo, como a rei, que se lembrasse dele no seu Reino; e o mau ladrão que lhe pediu? *Si tu es Christus, salvum fac temetipsum et nos:* «Se sois o rei prometido, como crê meu companheiro, salvai-vos a vós e a nós». Isto pediu o mau ladrão a Cristo, e o mesmo devem pedir todos os ladrões a seu rei, posto que sejam tão maus como o mau ladrão. Nem Vossa Majestade, Senhor, se pode salvar, nem nós nos podemos salvar sem restituir. Nós não temos ânimo nem valor para

24-25. S. *Lucas,* XXIII, 39.

fazer a restituição, como nenhum a faz, nem na vida nem na morte: mande-a, pois, fazer executivamente Vossa Majestade; e por este modo, posto que para nós seja violento, salvar-se-á Vossa Majestade a si e mais a nós: *Salvum fac temetipsum et nos*. Creio que nenhuma consciência haverá cristã, que não aprove este meio. E para que não fique em generalidade, que é o mesmo que no ar, desçamos à prática dele, e vejamos como se há-de fazer. Queira Deus que se faça!

O que costumam furtar nestes ofícios e governos os ladrões, de que falamos, ou é a fazenda real, ou a dos particulares; e uma e outra têm obrigação de restituir depois de roubada, não só os ladrões que a roubaram, senão também os reis; ou seja porque dissimularam e consentiram os furtos, quando se faziam, ou sòmente (que isso basta) por serem sabedores deles, depois de feitos. E aqui se deve advertir uma notável diferença (em que se não repara) entre a fazenda dos reis e a dos particulares. Os particulares, se lhes roubam a sua fazenda, não só não são obrigados à restituição, antes terão nisso grande merecimento, se o levarem com paciência, e podem perdoar o furto a quem os roubou. Os reis são de muito pior condição nesta parte, porque, depois de roubados, têm eles obrigação de restituir a própria fazenda roubada, nem a podem diminuir ou perdoar aos que a roubaram. A razão da diferença é porque a fazenda do particular é sua, a do rei não é sua, senão da república. E assim como o depositário ou tutor não pode deixar alienar a fazenda que lhe está encomendada, e teria obrigação de a restituir, assim tem a mesma obrigação o rei, que é tutor e como depositário dos bens e

erário da república, a qual seria obrigado a gravar com novos tributos, se deixasse alienar ou perder as suas rendas ordinárias.

O modo pois com que as restituições da fazenda 5 real se podem fazer fàcilmente, ensinou aos reis um monge, o qual, assim como soube furtar, soube também restituir. Refere o caso Mayolo, Grantzio, e outros. Chamava-se o monge Frei Teodorico; e porque era homem de grande inteligência e indús- 10 tria, cometeu-lhe o Imperador Carlos IV algumas negociações de importância, em que ele se aproveitou de maneira que competia em riquezas com os grandes senhores. Advertido o imperador, mandou-o chamar à sua presença e disse-lhe que se 15 aparelhasse para dar contas. Que faria o pobre ou rico monge? Respondeu sem se assustar, que já estava aparelhado, que naquele mesmo ponto as daria, e disse assim: — «Eu, César, entrei no serviço de Vossa Majestade com este hábito, e dez ou doze 20 tostões na bolsa, da esmola das minhas missas; deixe-me Vossa Majestade o meu hábito e os meus tostões; e tudo o mais que possuo mande-o Vossa Majestade receber, que é seu, e tenho dado contas.» Com tanta facilidade como isto fez a sua restituição 25 o monge; e ele ficou guardando os seus votos e o imperador a sua fazenda. Reis e príncipes mal servidos, se quereis salvar a alma e recuperar a fazenda, introduzi sem excepção de pessoa as restituições de Frei Teodorico. Saiba-se com que entrou 30 cada um, o demais torne para donde saiu, e salvem-se todos.

---

7. Mayolo não averiguei quem seja. Grantzio é o teólogo alemão Grantz, do século XV a XVI, autor de uma História Eclesiástica da Alemanha — *Metropolis*.

XIII

A restituição que igualmente se deve fazer aos particulares, parece que não pode ser tão pronta, nem tão exacta, porque se tomou a fazenda a muitos e a províncias inteiras. Mas como estes pescadores do alto usaram de redes varredouras, use-se também com eles das mesmas. Se trazem muito, como ordinàriamente trazem, já se sabe que foi adquirido contra a lei de Deus ou contra as leis e regimentos reais, e por qualquer destas cabeças, ou por ambas, injustamente. Assim se tiram da Índia quinhentos mil cruzados, de Angola duzentos, do Brasil, trezentos, e até do pobre Maranhão, mais do que vale todo ele. E que se há-de fazer desta fazenda? Aplicá-la o rei à sua alma e às dos que a roubaram, para que umas e outras se salvem. Dos governadores que mandava a diversas províncias o imperador Maximino, se dizia com galante e bem apropriada semelhança, que eram esponjas. A traça ou astúcia com que usava destes instrumentos, era toda encaminhada a fartar a sede da sua cobiça. Porque eles, como esponjas, chupavam das províncias que governavam tudo quanto podiam; e o imperador, quando tornavam, espremia as esponjas e tomava para o fisco real quanto tinham roubado, com que ele ficava rico e eles castigados. Uma cousa fazia mal este imperador, outra bem, e faltava-lhe a melhor. Em mandar governadores às províncias homens que fossem esponjas, fazia mal: em espremer as esponjas quando tornavam, e lhes confiscar o que traziam, fazia bem e justamente; mas faltava-lhe a melhor, como injusto e tirano que era, porque tudo o que espremia das esponjas, não o havia de

tomar para si, senão restituí-lo às mesmas províncias donde se tinha roubado. Isto é o que são obrigados a fazer em consciência os reis que se desejam salvar, e não cuidar que satisfazem ao zelo e obrigação da justiça com mandar prender em um castelo o que roubou a cidade, a província, o estado. Que importa que, por alguns dias ou meses, se lhes dê esta sombra de castigo, se passados eles se vai lograr do que trouxe roubado, e os que padeceram os danos não são restituídos?

Há nesta, que parece justiça, um engano gravíssimo, com que nem o castigado, nem o que castiga se livram da condenação eterna: e para que se entenda ou queira entender este engano, é necessário que se declare. Quem tomou o alheio fica sujeito a duas satisfações: à pena da lei e à restituição do que tomou. Na pena pode dispensar o rei como legislador; na restituição não pode, porque é indispensável. E obra-se tanto pelo contrário, ainda quando se faz ou se cuida que se faz justiça, que só se executa a pena, ou alguma parte da pena, e a restituição não lembra nem se faz dela caso.

Acabemos com São Tomás. Põe o santo Doutor em questão: *Utrum sufficiat restituere simplum, quod injuste ablatum est?:* Se para satisfazer à restituição basta restituir outro tanto quanto foi o que se tomou.» E depois de resolver que basta, porque a restituição é acto de justiça e a justiça consiste em igualdade, argumenta contra a mesma resolução com a lei do capítulo XXII do *Êxodo*, em que Deus mandava que quem furtasse um boi, restituísse cinco; logo, ou não basta restituir tanto por tanto, senão muito mais do que se furtou, ou se basta, como está resoluto, de que modo se há-de entender

esta lei? — Há-se de entender, diz o Santo, distinguindo na mesma lei duas partes: uma em quanto lei natural, pelo que pertence à restituição; e outra enquanto lei positiva, pelo que pertence à pena. A lei natural, para guardar a igualdade do dano, só manda que se restitua tanto por tanto; a lei positiva, para castigar o crime do furto, acrescentou em pena mais quatro tantos, e por isso manda pagar cinco por um.

Há-se porém de advertir, acrescenta o santo Doutor, que entre a restituição e a pena há uma grande diferença; porque à satisfação da pena não está obrigado o criminoso, antes da sentença; porém à restituição do que roubou, ainda que o não sentenciem nem obriguem, sempre está obrigado. Daqui se vê claramente o manifesto engano ainda dessa pouca justiça, que poucas vezes se usa. Prende-se o que roubou e mete-se em livramento. Mas que se segue daí? O preso, tanto que se livrou da pena do crime, fica muito contente; o rei cuida que satisfez à obrigação da justiça, e ainda se não tem feito nada, porque ambos ficam obrigados à inteira restituição dos mesmos roubos, sob pena de se não poderem salvar: o réu, porque não restitui, e o rei, porque o não faz restituir. Tire pois o rei executivamente a fazenda a todos os que a roubaram e faça as restituições por si mesmo, pois eles a não fazem, nem hão-de fazer, e deste modo (que não há, nem pode haver outro) em vez de os ladrões levarem os reis ao Inferno, como fazem, os reis levarão os ladrões ao Paraíso, como fez Cristo: *Hodie mecum eris in paradiso.*

XIV

Tenho acabado, Senhores, o meu discurso e parece-me que demonstrado o que prometi, de que não estou arrependido. Se a alguém pareceu que me atrevi a dizer o que fora mais reverência calar, 5 respondo com Santo Hilário: *Quæ loqui non audemus, silere non possumus.* O que se não pode calar com boa consciência, ainda que seja com repugnância, é força que se diga. Ouvinte coroado era aquele a quem o Baptista disse: *Non licet tibi,* e coroado 10 também, posto que não ouvinte, aquele a quem Cristo mandou dizer: *Dicite vulpi illi.* Assim o fez animosamente Jeremias, porque era mandado por pregador *Regibus Juda et principibus ejus.* E se Isaías o tivera feito assim, não se arrependera de- 15 pois, quando disse: *Vœ mihi quia tacui.* Os médicos dos reis com tanta e maior liberdade lhes devem receitar a eles o que importa à sua saúde e vida, como aos que curam nos hospitais. Nos particulares cura-se um homem, nos reis toda a república.

20 Resumindo pois o que tenho dito: nem os reis, nem os ladrões, nem os roubados, se podem molestar da doutrina que preguei, porque a todos está bem. Está bem aos roubados, porque ficarão resti-

---

5-6. Trad.: *O que não ousamos dizer, não o podemos calar.*

9. Trad.: *Não te é lícito. S. Marcos,* VI, 18.

11. Trad.: *Ensinai àquela raposa. S. Lucas,* XIII, 32.

13. Trad.: *Aos reis de Judá e seus príncipes. Jeremias,* I, 18.

15. Trad.: *Ai de mim, que me calei! Isaías,* VI, 5.

tuídos do que tinham perdido; está bem aos reis, porque sem perda, antes com aumento da sua fazenda, desencarregarão suas almas. E finalmente, os mesmos ladrões, que parecem os mais prejudi-
5 cados, são os que mais interessam. Ou roubaram com tenção de restituir ou não: se com tenção de restituir, isso é o que eu lhes digo, e que o façam a tempo. Se o fizeram, sem essa tenção, fizeram logo conta de ir ao Inferno, e não podem estar tão
10 cegos, que não tenham por melhor ir ao Paraíso. Só lhes pode fazer medo haverem de ser despojados do que despojaram aos outros; mas assim como estes tiveram paciência por força, tenham-na eles com merecimento. Se os esmoleres compram o Céu
15 com o próprio, porque se não contentarão os ladrões de o comprar com o alheio? A fazenda alheia e a própria toda, se alija ao mar sem dor, no tempo da tempestade. E quem há que, salvando-se do naufrágio a nado e despido, não mande pintar a sua
20 boa fortuna, e a dedique aos altares com acção de graças? Toda a sua fazenda dará o homem de boa vontade, por salvar a vida, diz o Espírito Santo; e quanto de melhor vontade deve dar a fazenda que não é sua, por salvar, não a vida temporal, senão
25 a eterna? O que está sentenciado à morte e à fogueira, não se teria por muito venturoso, se lhe aceitassem por partido a confiscação só dos bens? Considere-se cada um na hora da morte, e com o fogo do Inferno à vista, e verá se é bom partido o
30 que lhe persuado. Se as vossas mãos e os vossos pés são causa de vossa condenação, cortai-os; e se os vossos olhos, arrancai-os, diz Cristo; porque melhor vos está ir ao Paraíso manco, aleijado e cego, que com todos os membros inteiros ao Inferno.

É isto verdade, ou não? Acabemos de ter fé, acabemos de crer que há Inferno, acabemos de entender que sem restituir ninguém se pode salvar. Vede, vede ainda humanamente o que perdeis, e
5 porquê? Nesta restituição ou forçosa, ou forçada, que não quereis fazer, que é o que dais e o que deixais? O que dais, é o que não tínheis; o que deixais, é o que não podeis levar convosco, e por isso vos perdeis.

10 Nu entrei neste Mundo, e nu hei-de sair dele, dizia Job; e assim saíram o bom e o mau ladrão. Pois se assim há-de ser, queirais ou não queirais, despido por despido, não é melhor ir com o bom ladrão ao Paraíso, que com o mau ao Inferno?

15 Rei dos reis e Senhor dos senhores, que morrestes entre ladrões para pagar o furto do primeiro ladrão — e o primeiro a quem prometestes o Paraíso, foi outro ladrão —, para que os ladrões e os reis se salvem, ensinai com vosso exemplo e inspirai com
20 vossa graça a todos os reis, que não elegendo, nem dissimulando, nem consentindo, nem aumentando ladrões, de tal maneira impidam os furtos futuros e façam restituir os passados, que em lugar de os ladrões os levarem consigo, como levam, ao Inferno,
25 levem eles consigo os ladrões ao Paraíso, como vós fizeste hoje: *Hodie mecum eris in Paradiso.*

---

4. Na 1.ª ed. *podeis*, em vez de *perdeis*, decerto por erro tipográfico.

SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Cœlum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt. — S. Lucas, XXI, 33

I

«Passará o Céu e a Terra, mas o que dizem as minhas palavras não passará».

Com esta notável e não usada sentença conclui Cristo, Redentor nosso, a narração do Evangelho
5 que acabamos de ouvir. Diz que há-de vir julgar e pedir conta ao Mundo no último dia dele; e porque antes de o Mundo ser julgado há-de ser abrasado primeiro e convertido em cinzas; sobre o incêndio que o há-de consumir, cai a primeira
10 parte da conclusão: *Cœlum et Terra transibunt;* e sobre a conta que depois promete há-de tomar a todo o género humano, cai a segunda: *Verba autem mea non transibunt.* Estes são os dois maiores portentos, que no teatro universal do Juízo verão na-
15 quele dia homens e anjos. Ali se verá o princípio do Mundo junto com o fim, e o fim junto com o princípio: o princípio com o fim, em tudo o que

---

A trad. do tema são as duas primeiras linhas do texto.

passou; e o fim com o princípio, em tudo o que não há-de passar. Parece dificultosa esta união em tanta distância de séculos; mas esse é e será um dos maiores milagres daquele dia; porque tudo o que
5 passou e deixou de ser, e desapareceu com o tempo, como se não tivera passado, ou tornara a ser de novo, há-de aparecer com a conta. Se olharmos para todas as cousas quantas houve, há e há-de haver no Mundo, então se verá que todas pas-
10 saram — *transibunt*. Mas se olharmos para essas mesmas cousas, as quais, como ressuscitadas com o género humano, hão-de ser citadas com ele para aparecer em Juízo, então se verá também, e com maior assombro, que nenhuma delas passou; *non*
15 *transibunt*.

Estas duas verdades, pois, cuja fé o mesmo Supremo Juiz com tanta expressão nos ratifica; estes dois desenganos, a que tão mal nos persuadimos, os mortais, enquanto vivemos; e estas duas consi-
20 derações do que passou e do que não há-de passar — *transibunt et non transibunt* — serão hoje os dois pólos ou pontos do meu discurso. No primeiro veremos que tudo passa; no segundo que nada passa. No primeiro, que tudo passa para a vida; no se-
25 gundo, que nada passa para a conta. Em dia tão grande não pode o sermão ser breve. Aos ouvintes não peço atenção, mas paciência. Deus, a quem tomo por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir
30 a todos com sua graça, em matéria que tanto toca a todos.

II

Tudo passa, e nada passa. Tudo passa para a vida e nada passa para a conta. A verdade e desengano de que tudo passa (que é o nosso primeiro ponto), posto que seja por uma parte tão evidente
5 que parece não há mister prova, é por outra tão dificultoso, que nenhuma evidência basta para o persuadir. Lede os Filósofos, lede os Profetas, lede os Apóstolos, lede os Santos Padres, e vereis como todos empregaram a pena, e não uma senão muitas
10 vezes, e com todas as forças da eloquência, na declaração deste desengano, posto que por si mesmo tão claro.

Sàbiamente falou quem disse que a perfeição não consiste nos verbos, senão nos advérbios; não em
15 que as nossas obras sejam honestas e boas, senão em que sejam bem feitas. E para que esta condicional tão importante se estendesse também às cousas naturais e indiferentes, inventou o Apóstolo S. Paulo um notável advérbio. E qual foi? *Tanquam non* —
20 como senão: *Ut qui habent uxores, tanquam non habentes sint; et qui flent, tanquam non flentes; et qui gaudent, tanquam non gaudentes; et qui emunt, tanquam non possidentes; et qui utuntur hoc mundo, tanquam non utantur.* «Sois casado? (diz o
25 Apóstolo) pois empregai todo o vosso cuidado em Deus, como se o não fôreis. Tendes ocasiões de tristeza? Pois chorai, como se não choráreis. Não são de tristeza, senão de gosto? Pois alegrai-vos,

20-24. I *Coríntios*, VII, 29.

como se não vos alegráreis. Comprastes o que havíeis mister, ou desejáveis? Pois possuí-o, como se o não possuíreis. Finalmente usais de alguma outra cousa deste Mundo? Pois usai dela, como se não
5 usáreis.» De sorte que quanto há ou pode haver neste Mundo, por mais que nos toque no amor, na utilidade, no gosto, a tudo quer S. Paulo que acrescentemos um *como se não — tanquam non*. Como se não houvera tal cousa, como se não fora nossa,
10 como se não nos pertencera. E porquê? Vede a razão: *Prœterit enim figura hujus mundi:* «Porque nenhuma cousa deste Mundo pára ou permanece; todas passam». E como todas passam e são como se não foram, assim é bem que nós usemos delas,
15 «como se não usáramos»; *Tanquam non utantur*. Por isso a essas mesmas cousas não lhes chamou o oráculo do terceiro céu *cousas*, senão *aparências*, e ao Mundo não lhe chamou *Mundo*, senão *figura do mundo: Prœterit enim figura hujus mundi*.
20 Considerai-me o Mundo desde seus princípios, e vê-lo-eis sempre como nova figura no teatro, aparecendo e desaparecendo juntamente, porque sempre passando. A primeira cena deste teatro foi o Paraíso terreal, no qual apareceu o Mundo vestido de
25 imortalidade e cercado de delícias; mas quanto durou esta aparência? Estendeu Eva o braço à fruta vedada, e no brevíssimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou também com ele o Mundo do estado da inocência ao
30 da culpa, da imortalidade à morte, da pátria ao

17. O oráculo do 3.º Céu é S. Paulo.
19. Trad.: *Passa a figura deste Mundo. Ibid., 31.*

desterro, das flores às espinhas, do descanso aos trabalhos e da felicidade suma ao sumo da infelicidade e miséria. Oh miserável Mundo, que se pararas assim e te contentaras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, foras menos miserável! Mas não serias Mundo, se de uma miséria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação, a outra maior. Os homens naquela primeira infância do Mundo todos vestiam de peles, todos eram de uma cor, todos falavam a mesma língua, todos guardavam a mesma lei. Mas não foi muito o tempo em que se conservaram na harmonia desta natural irmandade. Logo variaram e mudaram as peles com tanta diferença de trajos, que cada dia de pés à cabeça aparecem com nova figura. Logo variaram e mudaram as línguas com tanta dissonância e confusão como a da torre de Babel. Logo variaram e mudaram as cores com a diversidade das terras e climas, e com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variaram e mudaram as leis, não com as de Platão, Sólon ou Licurgo, mas com a do mais imperioso e violento legislador, que é o próprio alvedrio. Tudo mudaram ou tudo se mudou, porque tudo passa.

As vidas, naquele princípio, costumavam ser de sete, de oito, de novecentos e quase de mil anos; e que brevemente se acabou este bom costume! Então o viver muitos séculos era natureza; hoje chegar, não a um século, mas perto dele, é milagre. Tardaram em passar até Noé, e também passaram. Com aquelas vidas não só cresciam os anos, senão também os corpos; e dos filhos de Deus, que eram os descendentes de Set; e das filhas dos homens, que eram as descendentes de Caim, nasceram os gigan-

tes, de quem diz a Escritura: *Erant gigantes super terram*. Alguns ossos que ainda duram destes que o mesmo texto sagrado chama varões famosos, demonstram, pela simetria humana, que não podiam ser menos que de vinte e mais côvados; e ainda na história das batalhas de David temos memória de outros quatro, posto que de muito menor estatura. Mas enfim, acabou a era dos gigantes; porque tudo nesta vida, e mais depressa o que é grande, acaba e passa.

Diminuídos os homens nos corpos e nas idades, quando tinham a morte mais perto da vista, (quem tal crera!) então cresceram mais na ambição e soberba. E sendo todos iguais e livres por natureza, houve alguns que entraram em pensamento de se fazer senhores dos outros por violência, e o conseguiram. O primeiro que se atreveu a pôr coroa na cabeça, foi Membrot, que também com o nome de Nino, ou Belo, deu princípio aos quatro impérios ou monarquias do Mundo. O primeiro foi o dos Assírios e Caldeus; e onde está o império caldaico? O segundo foi o dos Persas; e onde está o império persiano? O terceiro foi o dos Gregos; e onde está o império grego? O quarto, e maior de todos, foi o dos Romanos; e onde está o império romano? Se alguma cousa permanece deste, é só o nome: todos passaram, porque tudo passa.

Em três famosas visões representou Deus estes mesmos impérios a um rei e a dois profetas. A primeira visão foi a Nabucodonosor na estátua de quatro metais; a segunda a Zacarias, em quatro carro-

---

1-2. *Génesis*, VI, 4.

ças de cavalos de diferentes cores; a terceira a Daniel, em um conflito dos quatro ventos principais, que no meio do mar se davam batalha. Pois se todas estas visões eram de Deus e todas representavam os mesmos impérios, porque variou tanto a sabedoria divina as figuras, e sobre a primeira da estátua, tão clara e manifesta, acrescentou outras duas tão diversas em tudo? — Porque a estátua, na dureza dos metais de que era composta, e no mesmo nome de estátua, parece que representava estabilidade e firmeza; e porque nenhum daqueles impérios havia de perseverar firme e estável, mas todos se haviam de mudar sucessivamente e ir passando de umas nações a outras; por isso os tornou a representar na variedade das carroças, na inconstância das rodas e na carreira e velocidade dos cavalos.

Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A estátua estava em pé, e as carroças podiam estar paradas. E porque aqueles impérios, correndo mais precipitadamente que à rédea solta, não haviam de parar no mesmo passo nem por um só momento, e sempre se haviam de ir mudando e passando; por isso finalmente os representou Deus na causa mais inquieta, mudável e instável, quais são os ventos, e muito mais quando embravecidos e furiosos: *Et ecce quatuor venti cœli pugnabant in mari magno.*

28-29. Trad.: *E eis que quatro ventos do céu pugnavam no mar imenso. Dan.,* VII, 2.

III

Enquanto passaram estes quatro impérios, que foi a terceira, quarta, quinta e sexta idade do Mundo, entrando também pela sétima; quem haverá que possa compreender quanto passou no mesmo Mundo? Quando começou o primeiro império, então começou também a idolatria, digno castigo do Céu, que pois os homens se fizeram adorar, chegassem os mesmos a adorar paus e pedras. Os reis, porém, que eram ou tinham sido os idólatras, canonizados depois pela adulação e lisonja, ou na vida ou depois da morte, vinham também eles a ser ídolos. Assim Saturno, assim Júpiter, assim Mercúrio, assim Apolo, assim Marte, assim Vénus, assim Diana; e posto que todos estes deixaram os seus nomes gravados nas estrelas, elas permanecem, mas eles passaram. Passaram os ídolos, e também passaram os oráculos com que neles respondia o pai da mentira, porque ao som da verdade do Evangelho todos emudeceram.

Então começaram as guerras: e que direi dos exércitos inumeráveis, das batalhas campais e marítimas, das vitórias e triunfos de umas nações e da ruína, abatimento e servidão de outras, tão vária e alternada sempre? Só digo que assim a glória e alegria dos vencedores, como a dor e afronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exército de Xerxes, que foi o maior que viu o Mundo, constava de cinco mil naus e cinco milhões de combatentes; e porque de uma e outra parte fez continente o Helesponto e cavou e fez navegável o monte Ato, disse dele Marco Túlio que caminhava

os mares a pé e navegava os montes: *Tantis classibus Xerxes in Græciam transiit, ut Hellesponto juncto, Athoque monte perfosso, maria ambularit, terramque navigarit, maria pedibus peragrans, classibus montes.* Mas todo aquele imenso e formidável aparato, que visto fez tremer o mar e a terra, tão brevemente passou e desapareceu, sendo desbaratado e vencido, que só ficou dele este dito. O mesmo Temístocles, que com muito desigual poder o desfez e pôs em fugida, também passou, como na Grécia e fora dela passaram todos os famosos capitães e suas vitórias. Passou Pirro, passou Mitrídates, passou Filipe de Macedónia; passaram Heitor e Aquiles, passaram Aníbal e Cipião, passaram Pompeu e Júlio César, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parelha, e até Hércules, ou fosse um ou muitos, todos passaram, porque tudo passa.

Costumam as letras seguir as armas, porque tudo leva após si o maior poder; e assim floreceram vàriamente, em diversas partes, no tempo deste império todas as ciências e artes. Floreceu a filosofia, floreceu a matemática, floreceu a teologia, floreceu a astrologia, floreceu a medicina, floreceu a música, floreceu a oratória, floreceu a poética, floreceu a história, floreceu a arquitectura, floreceu a pintura, floreceu a estatuária; mas assim como as flores se murcham e se secam, assim passaram todos os autores mais celebrados das mesmas ciências e artes. Na estatuária passou Fídias e Lisipo; na pintura passou Timantes e Apeles; na

---

1-5. Cícero, lib. 2, *De finibus.*

arquitectura passou Meliagenes e Demócrates; na música passou Orfeu e Anfion; na história Tucídides e Lívio; na eloquência Demóstenes e Túlio; na poética, Homero e Virgílio; na astrologia, Anaxágoras e Ptolemeu; na medicina, Esculápio e Hipócrates; na matemática, Euclides e Arquimedes; na filosofia, Platão e Aristóteles; na teologia, Mercúrio Trismegisto e Apolónio Tianeu; e por junto em todas as ciências passaram no mesmo tempo os sete sábios da Grécia, porque, ou junto ou dividido, tudo passa. Só a ética e moral, como tão necessária à vida e à virtude, parece que não havia de passar; mas os Platónicos, os Peripatéticos, os Epicúrios, os Cínicos, os Pitagóricos, os Estóicos, os Académicos, eles e suas escolas e seitas, todos passaram.

Nenhuma cousa é mais própria desta consideração em que imos, que os jogos e espectáculos públicos, que os homens inventaram a título de passatempo, como se o mesmo tempo não passara mais velozmente que tudo quanto passa. Uns jogos foram os Circenses, outros os Dionísios, outros os Juvenais, outros os Nemeus, outros os Maratoneus, todos cheios de diferentes divertimentos, em que, ou se perdia a honestidade, como nos de Vénus, ou o juízo, como nos de Baco; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos e piedade natural, que os Gladiatórios. Saía toda Roma ao anfiteatro, a quê? a ver e festejar como se matavam homens a homens; caíam uns e sobrevinham outros e outros, sem estar o posto vago um só momento, aclamando a cabeça do Mundo, com aplausos mais carniceiros que cruéis, assim no dar, como no receber das feridas, tanto a intrepideza dos mortos, como a fúria dos matadores. Os jogos seculares se chamavam

assim, porque se celebravam uma só vez de século a século; e dizia o pregão público que convidava para eles: *Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus est:* «Vinde ver os jogos que ninguém viu, nem há-de tornar a ver». E com este desengano da vida passada e desesperação da futura os iam todos ver, e se chamavam jogos. Os Olímpicos foram os mais célebres e famosos de todos, em que de cinco em cinco anos concorria todo o Mundo a uma cidade do mesmo nome, ou a levar ou a ver quem levava uma coroa de louro. Por estes jogos, mais que pelo curso do Sol, se contavam e distinguiam os anos. Mas como toda a competência era a correr, e o que mais corria, o que triunfava, não podiam deixar de passar as Olimpíadas, como passaram todos os outros jogos daqueles tempos ou todos os passatempos daqueles jogos.

Só uma cousa há que não pode passar, porque o que nunca foi, não pode deixar de ser, e tais parece que foram as fábulas que neste mesmo tempo se inventaram e fingiram. Mas se elas não passaram em si mesmas, passaram naqueles casos e cousas que deram ocasião a se fingirem. Na seca universal que abrasou todo o Mundo, passou a fábula de Factonte; no dilúvio particular que inundou grande parte dele, passou a fábula de Deucalion; no estudo com que el-rei Atlante contemplava o curso e movimento das estrelas, passou a fábula de trazer o céu aos ombros; na especulação contínua de todas as noites, com que Endimion observava os efeitos do planeta mais vizinho à Terra, passou a fábula dos seus amores com a Lua. E porque também os nossos vícios, a nossa fraca virtude e a nossa mesma vida passa como fábula, o amor e

complacência de nós mesmos passou na fábula de Narciso; a riqueza sem juízo, na fábula de Midas; a cobiça insaciável, na fábula de Tântalo; a inveja do bem alheio, na fábula e abutre de Tício; a in-
5 constância da fortuna mais alta, na fábula e roda de Euxion; o perigo de acertar com o meio da virtude, e não declinar aos vícios dos extremos, na fábula de Cila e Caribdes; e finalmente a certeza da morte e incerteza da vida, pendente sempre de um
10 fio, passou e está contìnuamente passando na fábula das Parcas. Assim envolveram e misturaram os sábios daquele tempo o que há com o que não há, e o certo com o fabuloso, para que nem o louvor nos desvaneça, nem a calúnia nos desanime, pois o
15 verdadeiro e o falso, a verdade e a mentira, tudo passa.

Mas não é justo que nesta passagem de tudo o que passou no tempo dos quatro impérios profanos do Mundo, passemos nós em silêncio aquela repú-
20 blica sagrada, que alcançou a todos quatro, e por ser fundada por Deus, parece que tinha direito a não passar. Nasceu a república hebreia no cativeiro do Egipto; e quem então lhe levantasse figura, fàcilmente lhe podia prognosticar os três cati-
25 veiros e transmigrações com que foi arrancada da pátria. Uma vez cativa por Salmanasar, em que passou desterrada aos Assírios; outra vez cativa por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos Babilónios; e a terceira e última vez cativa por Tito
30 e Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras e nações do Mundo. Começou no famoso triunvirato de Abraão, Isaac e Jacob, tantas vezes nomeado e honrado por boca do mesmo Deus; mas nem por isso deixaram de passar todos três. Suce-

deu-lhe José, o que sonhou as suas felicidades e as adorações de seu pai e irmãos; e posto que todas se cumpriram, todas passaram como se foram sonho. Teve o mesmo povo três estados de governo: 5 o dos Juízes, o dos Reis, o dos Capitães; e se bem subindo e descendo, as varas se trocaram com os ceptros e os ceptros com os bastões, nenhum daqueles estados foi estável, todos passaram. Nos Juízes, passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar e 10 a queixada de Sansão. Nos Reis, passou a valentia de David, a sabedoria de Salomão e a piedade e religião de Josias. Nos Capitães, passou o braço invencível de Judas Macabeu, vencedor de tantas batalhas; passou a façanha imortal de Eleázaro, 15 que, metendo-se debaixo do elefante, matou a sua própria sepultura; e passou mais glorioso que todos o honrado e zeloso testamento do velho Matatias, digno de ser escrito em bronzes. E porque não fiquem totalmente em silêncio as heroínas da mesma 20 nação, quatro houve nela insignes na formosura: Sara, Raquel, Ester e Judite, todas porém fatais a quem as amou. Sara, a um peregrino com perigos; Raquel, a um pastor com trabalhos: Ester, a um rei com desgostos, e Judite a um general com 25 a morte. Este acabou miseràvelmente a vida; mas as formosuras, antes de se acabarem as vidas, já tinham passado. Floreceram no mesmo povo, além de outros igualmente verdadeiros, dezasseis profetas canónicos, quatro maiores e doze menores; mas 30 em espaço de três séculos os maiores e menores, desde Osias a Malaquias, todos passaram. Passaram os milagres da vara, passaram os da serpente de metal, passaram os de Elias e Eliseu; e porque só faltava passar a lei de Moisés e o sacerdócio de

Arão, a lei e o sacerdócio também passaram, porque tudo passa.

Agora quisera eu perguntar ao Mundo, se como me enche a memória de tantas cousas, que todas
5 passaram, me mostrará alguma aos olhos que não passasse? Às sete fábricas a que a fama deu nome de maravilhas, acrescentaram alguns como oitava o anfiteatro romano. Mas a maravilha oitava ou nona, é que todas essas maravilhas, que pareciam
10 eternas, passaram. A primeira maravilha foram as pirâmides do Egipto; a segunda, os muros de Babilónia; a terceira, a torre de Faro; a quarta, o colosso de Rodes; a quinta, o mausoléu de Caria; a sexta, o templo de Diana Efesina; a sétima, o
15 simulacro de Júpiter Olímpico. E deixando o anfiteatro, de que só se vêem as ruínas, as pirâmides caíram, os muros arrasaram-se, o colosso desfez-se, o mausoléu sepultou-se, a torre sumiu-se, o farol apagou-se, o templo ardeu, e o simulacro como
20 simulacro, desvaneceu-se em si mesmo. Tem mais que dizer, ou que opor o Mundo? Só pode apelar para as mais fortes e bem fundadas cidades, cortes e metrópoles dos mais poderosos impérios: argumento verdadeiramente de grande boato, antes de
25 se lhe tomar o peso. Nínive, corte de Nino, foi a maior cidade do Mundo: andava-se de porta a porta, não menos que em três dias de caminho; edificada de propósito com arrogância de que nenhuma outra a igualasse, como não igualou. Mas
30 onde está essa Nínive? Ecbatânis, corte de Arfaxad e cidade que o texto sagrado chama potentíssima, era cercada de sete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada uma de vinte e sete palmos por todas as faces, e as portas com prodigiosa altura

de cem côvados. Mas onde está essa Ecbatânis? Susa, corte de Assuero e metrópole de cento e vinte e sete províncias, cujo palácio representava um céu estrelado, fundado sobre colunas de ouro e pedras preciosas, e cujos muros eram de mármores brancos e jaspes de diferentes cores; bem se deixa ver quão forte e inexpugnável seria, pois defendia tão grande monarca, dominava tantos reinos e guardava tantos tesouros. Mas onde está essa Susa?

Se houvéssemos de fazer a mesma pergunta às ruínas de Tebas, de Menfis, de Bactra, de Cartago, de Corinto, de Sebaste e da mais conhecida de todas, Jerusalém, necessário seria dar volta a toda a redondeza da terra. De Tróia disse Ovídio: *Jam seges est ubi Troia fuit.* E o mesmo podemos dizer das planícies, vales e montes, donde se levantavam às nuvens aqueles vastíssimos corpos de casas, muralhas e torres. De umas se não sabem os lugares onde estiveram; de outras se lavram, semeiam e plantam os mesmos lugares, sem mais vestígios de haverem sido, que os que encontram os arados, quando rompem a terra; para que os homens compostos de carne e sangue se não queixem da brevidade da vida, pois também as pedras morrem; e para que ninguém se atreva a negar, que tudo quanto houve, passou e tudo quanto é, passa.

IV

A razão deste curso ou precipício geral com que tudo passa, não é uma só, senão duas: uma contrária a toda a estabilidade, e outra repugnante ao

14-15. Trad.: *Já cresce a seara onde foi Tróia. Heroïdes.*

mesmo ser. E quais são? O tempo, e antes do tempo, o nada. Que cousa mais veloz, mais fugitiva e mais instável que o tempo? Tão instável, que nenhum poder, nem ainda o divino o pode parar.
5 Por isso os quatro animais que tiravam pela carroça da glória de Deus neste Mundo, não tinham rédeas. Descreveu o tempo no palácio do Sol o mais engenhoso de todos os poetas, e dividindo-o em suas partes, disse assim elegantemente:

10 *A dextra, lævaque dies, et mensis, et annus,*
Sæculaque, et positæ spatiis æqualibus horæ:
Verque novum stabat cinctum florente corona:
Stabat nuda æstas, et spicea serta gerebat.
Stabat et Autumnus calcatis cordidus uvis;
15 *Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.*

(Metamorph. Lib. *2*).

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa e impròpriamente. Aquele *stabat* tantas vezes repetido, é o que tirou toda a semelhança de verdade à engenhosa pintura. Porque nem a Primavera com as
20 suas flores, nem o Estio com as suas espigas, nem o Outono com os seus frutos, nem o Inverno com os seus frios e neves, por mais tolhido e entorpecido que pareça, podem estar parados um momento.

10-15. Trad.: *À direita e à esquerda, o dia, e o mês, e o ano, e os séculos, e as horas seguidas a espaços iguais; e estava a jovem Primavera cingida de coroa de flores; estava o Estio nu, presidindo aos campos cheios de espigas. Estava o Outono, todo sujo de uvas pisadas, e o Inverno glacial, de hirsuta cabeleira encanecida. Metamorf.* Lib. 4.

Passam as horas, passam os dias, passam os anos, passam os séculos, e se houvesse geroglífico com que se pudessem pintar, havia de ser todos com asas, não só correndo e fugindo, mas voando e de-
5 saparecendo. Nem escusa esta impropriedade estar o Sol assentado: *Sedebat in solio Phœbus;* porque o Sol pode parar, como no tempo de Josué; ou tornar atrás, como no tempo de Ezequias; mas o tempo em nenhum tempo, nem deixar de ir por
10 diante sempre, e com a mesma velocidade. Bem emendou esta sua impropriedade o mesmo poeta, quando depois disse:

Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu
Non secus ac flumen, neque enim consistere flumen
15 *Aut levis hora potest.*

(Metamorph. Lib. 4.)

E como o tempo não tem nem pode ter consistência alguma, e todas as cousas desde seu princípio nasceram juntamente com o tempo, por isso nem ele, nem elas podem parar um momento, mas com
20 perpétuo moto e revolução insuperável passar e ir passando sempre.

A segunda razão ainda é mais natural e mais forte: o nada. Todas as cousas se revolvem naturalmente e vão buscar com todo o peso e ímpeto
25 da natureza o princípio donde nasceram. O homem, porque foi formado da terra, ainda que seja com

13-15. Trad.: *Os próprios tempos vão rolando com incessante movimento, semelhantemente a um rio; e, na verdade, tão pouco pode parar a hora breve como o rio.*

dispêndio da própria vida e suma repugnância da vontade, sempre vai buscar a terra e só descansa na sepultura. Os rios, esquecidos da doçura de suas águas, posto que as do mar sejam amargosas, como
5 todos nasceram do mar, todos vão buscar o mesmo mar, e só nele se desafogam e param como em seu centro. Assim todas as cousas deste Mundo, por grandes e estáveis que pareçam, tirou-as Deus com o mesmo Mundo do não ser ao ser; e como Deus
10 as criou do nada, todas correm precipitadamente, e sem que ninguém as possa ter mão, ao mesmo nada de que foram criadas. Vistes o torrente formado da tempestade súbita, como se despenha impetuoso e com ruído; e tanto que cessou a chuva,
15 também ele se secou e sumiu sùbitamente e tornou a ser o nada que dantes era? Pois assim é tudo, e somos todos, diz David: *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens.*

Sonhastes no último quarto da noite, quando as
20 representações da fantasia são menos confusas, que possuíeis grandes riquezas, que gozáveis grandes delícias e que estáveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordastes, vistes com os olhos abertos que tudo era nada? Pois assim passam
25 a ser nada em um abrir de olhos todas as aparências deste Mundo, diz o mesmo Profeta: *Velut somnium surgentium, Domine (...) imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* De sorte que estas são as

---

17-18. Trad.: *Ir-se-ão para o nada, como água corrente. Salmo* LVII, 8.

26-28. Trad.: *Reduzirás a nada, Senhor (...) a sua imagem, como sonhos de quem acorda. Salmo* LXXII, 20.

duas razões por que todas as cousas passam. Passam, porque voam com o tempo, e passam, porque vão caminhando para o nada donde saíram. Por isso, como diz o Espírito Santo, quando umas
5 passaram ou têm passado, é necessário que venham outras para também passar: *Generatio præterit, et generatio advenit: terra autem in æternum stat.*

Mas se bem se repara nesta mesma sentença, sendo tão poucas as suas palavras, assim como
10 umas confirmam, assim outras parece que impugnam e destroem quanto imos dizendo. Porque se a Terra está sempre firme e estável — *terra autem in æternum stat* —; segue-se que ao menos a mesma Terra não passa, e que há no Mundo alguma cousa
15 que não passe. Concederemos pois esta excepção ao nosso assunto e diremos que passam as figuras, como diz S. Paulo, mas que a Terra, que é o teatro, não passa? Não digo, nem concedo tal. A Terra toda não passa, mas passam e sempre estão pas-
20 sando todas as partes dela. A Terra compõe-se de reinos, os reinos compõem-se de cidades, as cidades compõem-se de casas e campos, e principalmente de homens, e tudo isto, que tudo é terra (e toda a Terra) perpètuamente está passando. Daniel, re-
25 velando a Nabucodonosor a inteligência da sua estátua, disse que Deus muda os tempos e as idades, e conforme elas, passa os reinos de uma parte para outra: *Ipse mutat tempora, et ætates: transfert regna, atque constituit.* Assim passou o reino do
30 mesmo Nabuco para a Pérsia, o dos Persas para

6-7. Trad.: *Passa uma geração e vem outra, e a Terra fica, eternamente.*
28-29. *Daniel*, II, 21.

a Grécia, o dos Gregos para Roma e o dos Romanos para tantos outros, quantos hoje coroam outras cabeças, as quais se devem lembrar daquela infalível sentença: *Regnum a gente in gentem transfertur*
5 *propter injustitias.* O nosso reino, não sendo no sítio original dos maiores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos Suevos, passou aos Alanos, passou aos Cartagineses, passou aos Romanos, passou aos Árabes e Sarracenos, e dentro da mesma Espa-
10 nha também passou e tornou a passar. Os terramotos, que se geram do ar violentado nas entranhas da terra, são muito raros, mas os que se fazem na superfície dela, sempre a trazem em perpétuo movimento.

15 E se os grandes reinos e impérios não são estáveis, e passam, que serão as cidades particulares, para que não é necessário que a roda da fortuna dê toda a volta? Não falo daquelas que acabaram como de morte súbita, abrasadas até a última cinza
20 no incêndio de uma noite, como Tróia e Lugduno. Desta disse judiciosamente Séneca: *...in hac una vox fuit inter urbem maximam et nullam... Nihil privatim, nihil publice stabile est; tam hominum, quam urbium fata volvuntur.* Deixadas pois estas, que

---

4-5. Trad.: *O reino se transfere de povo para povo, em virtude das injustiças.*

20. *Tróia*, é a cidade da Ásia Menor. cuja destruição foi celebrada na *Ilíada*, de Homero; *Lugdunum* é a actual cidade francesa de Lyon.

21-24. Trad.: *...uma voz se ergue entre a cidade grandiosa e a cidade aniquilada (...) Nada é estável, de particular como de público; de homens tanto como de cidades são inconstantes os fados.* Séneca, *Epist.*, 91.

sùbitamente passaram do ser ao não ser; só falo das que por seus passos contados vieram de um domínio a outro domínio. E quantas vezes as pombas de Babilónia, quantas os leões de Jerusalém,
5 quantas as Águias de Roma e de Constantinopla viram sobre suas muralhas outras bandeiras? O maior teatro de Marte no nosso século, e porventura, que em nenhum outro, foram as guerras bélgicas; e na grande província de Holanda, excepta
10 Dorth, por isso chamada *a Virgem*, nenhuma cidade houve, que não fosse conquistada e alternasse o domínio. Que direi dos confins sempre incertos, e tão frequentemente mudados, de Espanha com França, de França com Germânia, de Germânia
15 com a Turquia, e da Turquia com Itália? Anos há, que a antiga Creta, hoje Cândia, sem ser das ilhas errantes do arquipélago, tem posto em dúvida o Mundo para onde há-de ir, e se há-de reconhecer as cruzes ou as meias luas.

20 E quanto às casas, membros menores de que se compõem inumeràvelmente as cidades; quem poderá compreender o inextricável labirinto, com que à maneira de peixes no mar, se andam sempre movendo, e passando de um dono para outro dono?
25 Ouçamos a familiar evidência com que o grande juízo de S. Agostinho demonstrou a um deles esta perpétua instabilidade. Introduz um rico que, jactancioso de ser senhor da sua casa, dizia: *Domum*

---

8. V. refere-se às guerras sustentadas na Flandres pelo exército espanhol comandado pelo Duque de Alba.

26. August. *Comentarium in Salmum*, 122. *(N. de Vieira)*.

meam habeo; e pergunta-lhe o santo assim: — *Quam domum tuam? — Quam Pater meus mihi dimisit. — Et unde ille habuit? — Avus noster illam reliquit. — Recurre ad Proavum, inde ad Abacum, et jam*
5 *nomina non potes dicere. Pater tuus hic eam dimisit, transivit per illam, sic et tu transibis:* «Esta casa de que vos jactais ser senhor, porque é vossa? — Porque a herdei de meu pai. — E vosso pai de quem a houve? — De meu avô — E de quem
10 a houve vosso avô? — De meu bisavô. — E vosso bisavô de quem? — De meu trisavô. — Já não tendes palavras com que prosseguir de quem mais foi, e a quem mais passou essa casa, que chamais vossa. Pois assim como ela passou, e vossos ante-
15 passados passaram por ela, assim ela e vós também haveis de passar». Por este modo sem firmeza, nem estabilidade alguma, estão sempre passando neste Mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: uns, porque os faz passar a morte, ou-
20 tros, porque os manda passar a justiça; outros, porque os convida a passar a riqueza dos que os compram; outros, porque os obriga a necessidade dos que vendem; outros, porque a força e poder os rouba e senhoreia por violência. Em suma, que não
25 há pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra na Terra, que não esteja sempre passando, porque tudo passa.

V

Deste tudo que está sempre passando, é o homem não só a parte principal, mas verdadeiramente o
30 tudo do mesmo tudo. E vendo o homem com os

olhos abertos, e ainda os cegos, como tudo passa,
só nós vivemos como se não passáramos. Somos
como os que, navegando com vento e maré, e cor-
rendo velocìssimamente pelo Tejo acima, se olham
5 fixamente para a terra, parece-lhes que os montes,
as torres e a cidade é o que passa; e os que passam
são eles. É o que disse o poeta: *Montes, urbesque
recedunt*. Mas dêmos volta a esta mesma compa-
ração, e veremos na terra outro género de engano
10 ainda maior.

A maior ostentação de grandeza e majestade que
se viu neste Mundo, e uma das três que S. Agos-
tinho desejara ver, foi a pompa e magnificência dos
triunfos romanos. Entravam por uma das portas da
15 cidade, naquele tempo vastíssima, encaminhados
longamente ao Capitólio; precediam os soldados
vencedores com aclamações; seguiam-se representa-
das ao natural as cidades vencidas, as montanhas
inacessíveis escaladas, os rios caudalosos vadeados
20 com pontes; as fortalezas e armas dos inimigos e
as máquinas com que foram expugnadas; em grande
número de carros, os despojos e riquezas, e tudo
o raro e admirável das regiões novamente sujeitas;
depois de tudo isto, a multidão dos cativos, e tal-
25 vez os mesmos reis maniatados; e por fim em car-
roça de ouro e pedraria, tirada por elefantes, tigres
ou leões domados, o famoso triunfador: ouvindo a
espaços aquele glorioso e temeroso pregão: *Me-
mento te esse mortalem*. Enquanto esta grande pro-
30 cissão (que assim lhe chama Séneca) caminhava,
estavam as ruas, as praças, as janelas e os palan-

7-8. Trad.: *Os montes e as cidades afastam-se.*
28-29. Trad.: *Lembra-te que és mortal.*

ques, que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a ver. E se Diógenes então perguntasse, quais eram os que passavam, se os do triunfo, se os que o estavam vendo, não há dúvida
5 que parecia a pergunta digna de riso. Mas o certo é que tanto os da procissão e do triunfo, como os que das janelas e palanques os estavam vendo, uns e outros igualmente passavam, porque a vida e o tempo nunca pára; e ou indo, ou estando; ou cami-
10 nhando, ou parados, todos sempre com igual velocidade passamos.

Declarou esta verdade tão mal advertida com uma semelhança muito própria Santo Ambrósio elegantemente: *Et si non videmur ire corporaliter, pro-*
15 *gredimur. Nam sicut in navibus dormientes ventis aguntur in portus; sic vitæ nostræ spatio defluent, ad proprium unusquisque finem, cursu labente deducimur. Tu enim dormis, et tempus tuum ambulat.* Todos imos embarcados na mesma nau, que é a
20 vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo; e assim como na nau uns governam o leme, outros mareiam as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados; uns cantam, outros jogam, outros comem, outros
25 nenhuma cousa fazem, e todos igualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que o não pareça, insensìvelmente imos passando sempre e

---

14-18. Trad.: *E embora corporalmente o não pareça, vamos seguindo. Porquanto, assim como nos navios mesmo a dormir, somos levados pelos ventos aos portos, assim no espaço da nossa vida, cada um ao seu próprio fim, todos somos levados na corrente. Tu dormes, mas o tempo anda por ti.*

avizinhando-se cada um ao seu fim; porque tu, conclui Ambrósio, dormes, e o teu tempo anda: *Tu dormis, et tempus tuum ambulat.*

Disse pouco em dizer o *tempo anda*, porque corre
5 e voa; mas advertiu bem em notar que nós dormimos, porque, tendo os olhos abertos para ver que tudo passa, só para considerar que nós também passamos, parece que os temos fechados.

Dito foi do grande filósofo Heraclito, alegado e
10 celebrado por Sócrates: *Non posse quemquam bis in eumdem fluvium descendere:* que «nenhum homem podia entrar duas vezes em um rio». E porquê? Porque quando entrasse a segunda vez, já o rio, que sempre corre e passa, é outro. E de aqui infiro eu
15 que o mesmo sucederia se não fosse rio, senão lago ou tanque aquele em que o homem entrasse; porque ainda que a água do lago e do tanque não corre, nem se muda, corre porém e sempre se está mudando o homem, que «nunca permanece no mesmo
20 estado»: *Et nunquam in eodem statu permanet.* Assim o disse Job, e quem o não disser assim de todo o homem, e de si mesmo, não se conhece. Admira-se Filo Hebreu, de que, perguntando Deus a Adão onde estava: *Adam, ubi es?* ele não respondesse. Mas
25 logo escusa ao mesmo Adão, e a qualquer outro homem a quem Deus fizesse a mesma pergunta; porque como pode responder onde está, quem não está? Se dissera: — Estou aqui (como subtilmente argúi Santo Agostinho) entre a primeira sílaba e a

---

20. *Job*, XIV, 2.
24. *Génesis*, III, 9.

segunda já o *estou* não seria *estou*, nem o *aqui* seria o mesmo lugar; porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclui o mesmo Filo que, se Adão houvesse de responder própria e ver-
5 dadeiramente onde estava, havia de dizer: — *Nusquam* «em nenhuma parte»; porque em nenhuma parte está aquilo que nunca está, mas sempre passa: *Ad quod proprie respondere poterat, nusquam, eo quod humana res nunquam in eodem statu maneat.*
10 Considerando este contínuo passar do homem (não fora de si, senão onde verdadeiramente parece que está e permanece, que é dentro em si mesmo) diziam os sábios da Grécia, como refere Eusébio Cesariense, que todo o homem que chega a ser ve-
15 lho, morre seis vezes. E como? Passando da infância à puerícia, morre a infância; passando da puerícia à adolescência, morre a puerícia; passando da adolescência à juventude, morre a adolescência; passando da juventude à idade de varão, morre a
20 juventude; passando da idade de varão à velhice, morre a idade de varão; e finalmente acabando de viver por tanta continuaçdo e sucessão de mortes, com a última, que só chamamos morte, morre a velhice. Assim o consideravam aqueles sábios, mais
25 larga e menos sàbiamente do que deveram, aos quais por isso emendou S. Paulo, dizendo que «morria todos os dias»: *Quotidie morior.* E já pode ser que da comunicação que Séneca teve com S. Paulo, ensinou ele esta mesma lição ao seu discípulo,
30 quando lhe diz: *Singulos dies, singulas vitas puta.*

---

27. I *Coríntios*, XV, 31.
30. Trad.: *Reputa cada dia uma vida. Isaías, XXXVIII*, 12.

Se o Sol, que sempre é o mesmo, todos os dias tem um novo nascimento e um novo ocaso, quanto mais o homem por sua natural inconstância tão mudável, que nenhum é hoje o que foi ontem, nem há-de ser amanhã o que é hoje! Desenganemo-nos pois todos, e diga, ou diga-se cada um com el-rei Ezequias: *De mane usque ad vesperam finies me.* E seja a última conclusão deste largo discurso que então definiremos bem e conheceremos o que é esta vida e este Mundo, quando entendermos que não só estamos nele em perpétua passagem, mas em perpétuo passamento.

VI

Assim passamos todos, e assim passa tudo para a vida; desengano verdadeiramente não só triste, mas tristíssimo, se este superlativo e outros de maior horror não foram mais devidos ao que, e depois de tudo passar, se segue. Depois da vida segue-se a conta; e sendo a conta que se há-de dar, de tudo o que passou na vida, tristíssima e terribilíssima consideração é que, passando tudo para a vida, nada passe para a conta! O que faz e há-de fazer dificultosa a conta são os pecados da vida, e de toda a vida. E que confusão será naquele dia tão cheio de horror e assombro, olhar para a vida e para os pecados de toda ela, e ver que a vida passou, e os pecados não passaram!

---

7. Trad.: *De manhã até à tarde porás termo à minha vida. Isaías,* XXXVIII, 12.

Deste passar e não passar, não só temos os documentos da Escritura, mas grandes e manifestos exemplos da mesma natureza. Cristo, Redentor e Juiz universal nosso, comparou o Dia do Juízo a
5 «uma rede lançada ao mar»: *Sagenæ missæ in mare.* O mar é este Mundo; a rede é a compreensão da ciência e justiça divina; os que nela andam nadando já presos, ou em maior ou menor largueza, são todos os homens. E assim como na rede, quando a
10 malha é muito estreita, só a água pode passar e nenhuma outra cousa, assim passa sòmente por ela a vida, e tudo o mais (que são os pecados) fica dentro, e nada passa. Oh quão apertada e estreita é esta malha da rede de Deus; e quão fácil de pas-
15 sar, ainda por ela, a vida, que «como água sempre está passando»! *Omnes morimur, et quasi aqua dilabimur.*

O mesmo Cristo comparou este passar e não passar ao crivo, quando disse a seu discípulos: *Satanas*
20 *expetivit vos ut cribraret sicut triticum.* Assim como no crivo (diz S. João Crisóstomo, comentando estas palavras), assim como no crivo, dando uma e muitas voltas, passa o grão e só fica a palha, assim neste Mundo (que todo é furado) com a volta que
25 dão os dias e os anos, passa a vida e os gostos dela. *Et in novissimo nihil remanet, nisi solum peccatum,* e «no fim, e para o fim só fica o pecado». De outro crivo fala David, que é o das nuvens, por onde se

---

5. S. *Mateus*, XIII, 47.

19-20. Trad.: *Satanás vos experimentou, como se como trigo vos passasse ao crivo.* S. *Lucas*, XXII, 31.

coa a água da chuva, o qual mais altamente nos inculca este mesmo documento: *Cribrans aquas de nubibus cœlorum.* Desce a nuvem como esponja a beber no mar, e sendo a água do mar salgada e
5 amargosa, passada porém pela nuvem, o que lá fica é o amargoso, e o que cá desce, o doce. Por isso com grande propriedade este passar e não passar se compara na nuvem ao crivo, e na vida e na conta à nuvem. O que passa por ela e cá logramos,
10 é o doce da vida; o que fica lá em cima e não vemos, é o amargoso da conta.

Não podia Job faltar a enobrecer este mesmo assunto, como tão próprio das suas experiências, com alguma semelhança que mais ainda no-lo de-
15 clare. Diz que «observou Deus todos seus caminhos e considerou as pegadas dos seus pés»: *Observasti omnes semitas meas, et vestigia pedum meorum considerasti.* E porque considera Deus não os passos, senão as pegadas? Porque os passos passam,
20 as pegadas ficam; os passos pertencem à vida, que passou, as pegadas à conta, que não passa.

Mas que diferentemente não passa Deus pelo que nós tão fàcilmente passamos! Nós deixamos as pegadas de trás das costas, e Deus tem-nas sempre diante
25 dos olhos, com que as nota e observa; as pegadas para nós apagam-se, como formadas em pó; para Deus não se apagam, como gravadas em diamante. Tal é a consideração dos pecados, que na nossa memória logo se perde, e na ciência divina sempre
30 está presente.

2-3. II *Reis*, XXII, 12.
16-18. *Job*, XIII, 27.

Os Setenta em lugar de *pegadas* trasladaram *raízes. Et radices pedum meorum considerasti.* Assim como os pés se chamam *plantas,* assim as pegadas lhes quadra bem o nome de *raízes.* E porque deu este nome Job às pegadas dos seus passos? Não só porque os passos passam e as pegadas ficam, mas porque ficam como raízes fundas e firmes, e que sempre permanecem. As pegadas estão manifestas e vêem-se; as raízes estão escondidas e não se vêem; e assim tem Deus guardados invisìvelmente todos os nossos pecados, os quais no dia da conta rebentarão como raízes, e brotarão nos castigos, que pertencem à natureza de cada um. Isto é o que tanto cuidado dava a Job.

Finalmente, o Apóstolo S. Paulo, pregando contra os que abusam da paciência e benignidade de Deus, e em vez de se aproveitarem do espaço que lhes dá para a penitência, gastam a vida em acumular pecados sobre pecados: — «Não vês (diz) ó homem, que desprezas as riquezas do sofrimento e longanimidade divina, e que pelo contrário, segundo a dureza do teu coração, entesouras para ti a ira e vingança, que te espera no dia do juízo?...» *An divitias bonitatis ejus, et patientiæ, et longanimitatis contemnis? Secundum autem duritiam tuam, et impœnitens cor, thesaurizas tibi iram in die iræ, et revelationis justi judicii Dei?* De maneira que ao pecar sobre pecar chama S. Paulo *entesourar: thesaurizas tibi;* porque ainda que a vida e os dias em que pecamos passam, os pecados que neles cometemos, não passam, mas ficam depositados nos tesouros da ira divina.

23-27. *Romanos,* II, 4 e 5.

Fala o Apóstolo por boca do mesmo Deus, o qual diz no *Deuteronómio: Nonne hæc condita sunt apud me, et signata in thesauris meis? Mea est ultio, et ego retribuam in tempore.* Estes tesouros, pois, que
5 agora estão cerrados, se abrirão a seu tempo «e se descobrirão para a conta no Dia do Juízo», que isso quer dizer *in die iræ, et revelationis justi judicii Dei.* Considerai-me um homem rico, e que tem mais rendas cada ano do que há mister para se sustentar;
10 que faz este homem? Uma parte do que tem gasta, e outra parte entesoura. Pois isto é o que fazemos todos. Todos gastamos e todos entesouramos; todos gastamos o que passa, e todos entesouramos o que não passa; o que gastamos, é o da vida; o que ente-
15 souramos, o da conta.

Infinita matéria seria, se agora houvéramos de reduzir à prática uma e outra parte desta demonstração, e pô-las ambas em teatro. Mas por isso nos detivemos tanto no primeiro ponto do nosso dis-
20 curso. Não vimos nele desde o princípio do Mundo como tudo passou? Não vimos como todos os que em tantos séculos viveram, passaram? Pois esse tudo que então passou para a vida, é o nada que não passou para a conta; e esses todos que então
25 morreram e agora estão sepultados, são os que ressuscitados neste mesmo dia hão-de aparecer vivos diante do tribunal divino, para dar essa conta estreitíssima de quanto fizeram. Neste tribunal viu S. João «assentado sobre um trono de admirável

---

2-4. Trad.: *Porventura não tenho eu guardadas estas coisas comigo e seladas nos meus tesouros? É minha a vingança e a seu tempo a retribuirei. Deuteronómio,* XXXII, 34 e 35.

majestade o Supremo Juiz, e com aspecto tão terrível, que afirma fugiu dele o Céu e a Terra»: *Et vidi thronum magnum candidum, et sedentem super eum, a cujus conspectu fugit terra, et cœlum.* Diz
5 mais, que «viu a todos os mortos, grandes e pequenos, em pé, como réus, diante do mesmo trono»: *Et vidi mortuos magnos et pusillos stantes in conspectu throni.* E finalmente conclui que então «apareceram e se abriram um livro e muitos livros, e que
10 pelo que estava escrito nestes livros foram julgados todos, cada um conforme suas obras»: *Et libri aperti sunt; et alius liber apertus est, qui est vitæ; et judicati sunt mortui ex his quæ scripta erant in libris secundum opera ipsorum.* Desta distinção que o
15 Evangelista faz de livro a livros, se vê claramente que «o livro era da vida» — *liber qui est vitæ* — e que os livros eram da conta, porque «pelos livros foram julgados os mortos»: *Et judicati sunt mortui ex his quæ scripta erant in libris.* Assim entendem
20 literalmente estes textos como soam, Beda e outros Padres. Mas por que razão o livro da vida era livro, e os livros da conta livros? Porque livro da vida contém os dias da mesma vida, que são poucos, e os livros da conta contêm os pecados cometidos nos
25 mesmos dias, que são muitos. Assim que, postos à vista no tremendo tribunal, de uma parte o livro e da outra os livros, então se verão juntas e concordes as duas combinações do nosso assunto: no livro, como tudo passa para a vida; nos livros, como
30 nada passa para a conta.

2-4. *Apocalipse*, XX, 11.
7-8. *Ibid.*, 12.
11-14. *Ibid.*

VII

Este nada, do qual dizemos que nada passa para a conta, é o que agora havemos de examinar. Pergunto: se nada passa para a conta, parece que também o nada pode ser chamado a juízo? E se acaso
5 for chamado, escapará da conta o nada por ser nada? Creio que todos estão dizendo que sim. Mas é certo e de fé que também o nada, por mais qualificado que seja, há-de ser chamado a juízo, e porque nada passa para a conta, nem o mesmo
10 nada há-de passar sem ela, e mui rigorosa. Ninguém foi mais qualificado na Lei da Natureza que Job, e ninguém mais qualificado na Lei da Graça que S. Paulo: e que dizia de si um e outro? Job dizia que «nada tinha feito contra Deus»: *Quia nihil im-*
15 *pium fecerim.* S. Paulo dizia que «nada havia na sua consciência, de que ela o acusasse»: *Nihil mihi conscius sum.* E este nada de Job e este nada de S. Paulo escaparam porventura da conta e do juízo? Eles mesmo confessam que de nenhum modo. Job
20 dizia que Deus o tinha posto a questão de tormento, como réu, «para averiguar se o que ele tinha por nada, verdadeiramente era nada»: *Ut quæras iniquitatem meam, et peccatum meum scruteris, et scias, quia nihil impium fecerim.* E S. Paulo dizia
25 que «ele se não dava por justificado do que na sua consciência reputava por nada, porque desse nada

---

14-15. *Job.*, X, 7.
16-17. I *Corintios*, IV, 4.
22-24. *Job*, X, 6 e 7.

não havia ele de ser o juiz, senão Deus»: *Nihil mihi conscius sum, sed non in hoc justificatus sum; qui autem judicat me, Dominus est.* Eis aqui quão manifesta e provada verdade é que nada passa para a
5 conta, pois até do mesmo nada a há-de tomar Deus, e tão estreita.

Mas qual é ou pode ser a razão por que onde dois homens tão grandes, tão qualificados e tão santos, como Job e S. Paulo, não reconhecem nada de
10 culpa, lha haja de arguir Deus e pedir-lhes conta? A primeira razão, e da parte de Deus (a qual só pode ingorar quem o não conhece) é, porque ainda nas coisas mais interiores nossas, conhece Deus muito mais de nós, do que nós de nós. Quando
15 Cristo na mesa da última ceia revelou aos Apóstolos, que «um deles o havia de entregar»: *Amen dico vobis, quia unus vestrum me traditurus est,* diz o Evangelista que, muito tristes todos com tal notícia, começou cada um a perguntar: *Nunquid ego*
20 *sum, Domine?* «Porventura, Senhor, sou eu esse?» Pedro, André, João e os demais, excepto Judas, bem sabia cada um de si, que não era o traidor, nem tal cousa lhe passara pelo pensamento; pois porque se não deixam estar muito seguros na boa fé
25 da sua lealdade, mas pondo em dúvida o de que não duvidavam, pergunta cada um a Cristo se é ele o traidor? *Nunquid ego sum?* — Porque ainda que a própria consciência os não acusava, sabiam todos que sabia Cristo mais de cada um deles, do

---

1-3. I *Coríntios,* IV 4.
16-17. *S. Mateus,* XXVI, 21.
19-20. *Ibid.,* 22.

que eles de si. Eles conheciam-se como homens, Cristo conhecia-os como Deus. Esse foi o erro e engano de S. Pedro, que estava à mesma mesa! Pedro disse que, se fosse necessário, daria a vida por Cristo; Cristo, pelo contrário, disse que três vezes o havia de negar naquela noite. E porque foi esta a verdade? Porque «Pedro falou pelo que ignorava de si, e Cristo pelo que conhecia dele»: *Hoc illi Christus prænuntiabat, quod in se ipse ignorabat,* diz Santo Agostinho. E como o juiz daquele dia conhece mais de nós do que nós de nós, não é muito que ele nos condene pelo que nós ignoramos, e que no seu juízo seja culpa o que no nosso parece inocência.

A segunda razão, e da parte nossa, é porque, assim como Deus sabe tanto de nós, assim nós sabemos muito pouco de Deus; e por isso as nossas razões não podem alcançar as suas. Um dia, depois de Cristo entrar triunfante em Jerusalém, vindo de Betânia para a mesma cidade, *esuriit* «teve fome»; e como visse ao longe uma figueira verde e copada, encaminhou os passos até ela, «por se acaso tivesse algum fruto»: *Si quid forte inveniret in ea.* Mas porque não achou mais que folhas, lançou-lhe o Senhor maldição, «de que eternamente não desse fruto»: *Nunquam ex te fructus nascatur in sempiternum;* e no mesmo momento se secou a árvore desde as folhas até às raízes. É porém muito de notar neste caso, como nota S. Marcos, que «não era tempo

---

20. *S. Marcos,* XI, 12.
23. *Ibid.,* 13.
26. *S. Mateus,* XXI, 19.

de figos»: *Non enim erat tempus ficorum.* Pois se não era tempo de aquela árvore ter fruto, porque a amaldiçoa Cristo e a seca, não só para aquele ano, senão para sempre? Podia haver causa ou desculpa
5 mais natural de não ter fruto, que não ser tempo dele? Da árvore a que é comparado o justo, diz David que «dará o seu fruto no seu tempo»: *Et fructum suum dabit in tempore suo.* Pois se é louvor nas melhores árvores darem a seu tempo o seu fruto,
10 como foi culpa nesta não se achar nela fruto, quando não era tempo? O mesmo Evangelista S. Marcos diz que esta sentença de Cristo foi resposta que o Senhor deu à árvore: *Et respondens, dixit ei: Jam non amplius in æternum ex te fructum quisquam*
15 *manducet.* Se a sentença de Cristo foi resposta que deu à árvore, sinal é que a ouviu primeiro, e ela alegou de sua justiça.

Reparem aqui os juízes, ou condenadores, que nem a um tronco irracional e insensível condena
20 Deus sem o ouvir. Mas que é o que alegou a árvore? Alegou o mesmo texto do Evangelista; e estava como dizendo mudamente ao Senhor: — Eu bem tomara estar carregada de frutos maduros e sazonados, para os oferecer a meu Criador; porém a causa
25 e impedimento natural de me achar sem eles, é por não ser ainda chegado o tempo: *Non erat tempus ficorum.* E que sem embargo desta réplica, ao pa-

---

1. *S. Marcos,* XI, 13.
7-8. *Salmo* I, 3.
13-15. Trad.: *E respondendo, disse-lhe: Nunca mais, em tempo nenhum, de ti seja quem for comerá fruto. S. Marcos,* XI, 14 .

recer tão justificada, a condenasse Cristo, e com condenação eterna: *in sempiternum!* Assim foi. Mas com que fundamento ou justiça? Entre todos os expositores da Escritura, mais letrados e de maior engenho, nenhum houve atègora que desse satisfação cabal a esta dúvida. E a razão de se lhe não achar razão, é porque as razões dos homens não alcançam as de Deus, e onde não sabe descobrir culpa o juízo humano, a pode achar o divino. Porque não compreende o homem a Deus? Porque Deus é incompreensível. Pois também por isso os juízos humanos não compreendem os divinos, porque «os divinos são incompreensíveis»: *Quam incomprehensibilia judicia ejus!*

Sobre estes dois princípios tão manifestos, um da ciência de Deus para connosco, outro da nossa ignorância para com Deus, fica satisfeita e emudecida toda a admiração de que Deus haja de julgar até o que reputamos por nada, e nesse mesmo nada haja de arguir e achar culpas de que pedir e tomar conta no dia do juízo. Só resta um escrúpulo, que ainda não acaba de se aquietar, e não menos que acerca da justiça com que Deus nos haja de castigar pelo que não conhecemos. É verdade que Deus sabe de nós o que nós ignoramos de nós, mas essa mesma ignorância nossa não só parece que nos desculpa, mas nos livra de ser pecado o que não conhecemos como tal. Sem vontade não há culpa, sem conhecimento não há vontade; como logo pode ser pecado, e castigado como pecado, o que eu não conheço? Bem tinha decifrado esta teologia o autor

---

13-14. S. Paulo, *Epístola aos Romanos*, XI, 33.

do nosso provérbio: Quem ignorantemente peca, ignorantemente vai ao Inferno. Uma só ignorância escusa do pecado, que é a invencível. Mas esta poucas vezes se acha. Os demais não só pecam no
5 pecado, mas na ignorância com que o não conhecem. Não pecaram gravìssimamente os Judeus na morte de Cristo? E contudo diz S. Pedro que «eles e os seus príncipes o fizeram ignorantemente»: *Scio quia per ignorantiam fecistis, sicut et principes ves-*
10 *tri*. E o mesmo Cristo, quando disse: *Pater, ignosce illis, non enim sciunt quid faciunt*, juntamente alegou por eles a ignorância e pediu para eles o perdão. Se a ignorância os livrara do pecado, não tinham necessidade de perdão; mas pediu-lhe o Senhor o
15 perdão, quando lhe confessou a ignorância, porque tão fora estiveram de ficar isentos do pecado, pela ignorância com que o cometeram, que antes a mesma ignorância lhes acrescentou um pecado sobre outro pecado. Um pecado, porque tiraram a vida
20 ao Messias não conhecido, e outro pecado, porque o não conheceram, tendo tanta obrigação como evidência para o conhecer.

Isto mesmo é o que se vê hoje entre os que conhecem e adoram a Cristo; e não por acontecimento
25 raro, senão comummente; nem só nas vidas, senão também nas mortes. Quantos pecados vemos, e quão grandes, nem emendados na vida, nem confessados na morte, os quais não só Deus, mas todo o Mundo está conhecendo, e só os mesmos que os
30 cometem os não conhecem! Não os conhecem, por-

8-11. *Actos*, III, 17.
11-12. S. *Lucas*, XXIII, 34.

que a largueza e relaxação da vida escurece a consciência e cega a alma; não os conhecem, porque o amor-próprio sempre escusa e aligeira o que nos condena; não os conhecem, porque os interesses e
5 conveniências deste Mundo trazem consigo o esquecimento do outro; não os conhecem, porque os não querem examinar, nem consultar com quem deviam; não os conhecem, finalmente, porque com ignorância afectada os «não querem conhecer para os não
10 emendar»: *Noluit intelligere, ut bene ageret.*

«Vede agora se castigará Deus justamente no Dia do Juízo os pecados não conhecidos, se por cometidos merecem um castigo, e por não conhecidos outro maior? Porém se até aquele dia estarão des-
15 conhecidos e sepultados nas trevas desta maliciosa e ignorante ignorância, então ressuscitarão e sairão à luz, porque o mesmo juiz universal, como diz S. Paulo, com os resplandores de sua presença «alumiará as consciências de todos os homens e des-
20 cobrirá manifestamente a cada um tudo o que nelas estava escondido e às escuras»: *Quoadusque veniat Dominus, qui et illuminabit abscondita tenebrarum.* Por meio desta luz desenganadas, então, e assombradas as mesmas consciências do muito que verão
25 sair debaixo do nada, que não viam ou não quiseram ver, nenhuma terá que estranhar nem replicar à sentença, ainda que seja de eterna condenação, e todas dirão convencidas: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.*

---

10. *Salmo,* XXXV, 4.
21-22. I *Ep. aos Coríntios,* IV, 5.
28-29. Trad.: *O Senhor é justo e é justo o seu juízo. Salmo,* CXVIII, 137.

VIII

Oh que grande mercê de Deus fora, se hoje, que estamos na representação do mesmo Dia do Juízo, o mesmo Soberano Juiz nos comunicara um raio daquela luz, para que víramos agora o que então
5 havemos de ver, e com os pecados conhecidos nos presentáramos antes ao tribunal de sua misericórdia, que depois ao de sua justiça! Mas bendita seja a bondade do mesmo Senhor, que não só nos deixou comunicado na sua doutrina um raio daquela luz,
10 senão três, se nós lhes não cerramos os olhos! Sendo a matéria de tudo o que passou para a vida, e não há-de passar para a conta, tão imensa à capacidade humana, só a sabedoria divina a poderá compreender; e assim o fez Cristo, Senhor nosso, reduzin-
15 do-a e repartindo-a em três parábolas, nas quais nos ensinou, em suma, toda a conta que nos há-de pedir, e de quê. A primeira parábola é dos ofícios, a segunda dos talentos, a terceira das dívidas. E este mesmo número e ordem seguiremos para
20 maior distinção e clareza.

Quanto aos ofícios, diz a primeira parábola, (que é a do vílico) que houve um homem rico, o qual deu a superintendência das suas herdades a um criado, com nome de administrador delas. E por-
25 que não teve boa informação de seus procedimentos, o chamou a sua presença e lhe pediu conta, dizendo: *Redde rationem villicationis tuæ; jam enim non poteris villicare:* «Dai conta da vossa administração, porque desde esta hora estais excluído dela».

27-28. *S. Lucas,* XVI, 2.

Esta circunstância de ser a conta a última, e não se poder emendar, é uma das mais rigorosas do Dia do Juízo. Vindo pois ao sentido da parábola: o homem rico é Deus; as suas herdades são as igrejas e as províncias; o administrador no espiritual é o papa, no temporal é o rei, e abaixo destes dois supremos todos os outros ministros eclesiásticos e seculares, que repartidamente têm inferior jurdição sobre os mesmos súbditos. A todos estes, pois, há-de pedir Deus estreita conta, não só quanto às pessoas, senão também, e muito mais, quanto aos ofícios. Quanto à pessoa, há-de dar cada um conta de si; e quanto aos ofícios, há-de dar a mesma conta de todos aqueles que governou e lhe foram sujeitos. De sorte que o papa há-de dar conta de toda a Cristandade, o rei de toda a monarquia, o bispo de toda a diocese, o governador de toda a província, o pároco de toda a freguesia, o magistrado de toda a cidade e o cabeça da casa de toda a família. Oh se os homens souberam o peso que tomam sobre si, quando com tanta ânsia e negociação pretendem e procuram os ofícios, ou seculares ou eclesiásticos, como é certo que haviam de fugir e benzer-se deles! Mas não os procuram pelo peso, senão pela dignidade, pelo poder, pela honra, pela estimação, e, mais que tudo hoje, pelo interesse. Porém, quando no Dia do Juízo se lhes tomar a conta pelo peso, então verão onde os leva a balança.

Se é tão dificultoso dar boa conta da alma própria, que é uma, quão difícil e quão impossível será dá-la boa de tantas mil? Como é certo que não temos fé nem sabemos a que nos obriga! Vedes quantas almas há nesta cidade, quantas almas há nesta província, quantas almas há em todo o reino?

Pois sabei, se o ignorais, ou não advertis, que de todas essas almas hão-de dar conta a Deus os que governam a cidade, a província e o reino. Porque, assim como sobre todos e cada um tem poder e mando, assim em todos e cada um são obrigados a lhe fazer guardar as leis, não só as humanas, senão também as divinas. Não é isto encarecimento meu, senão doutrina sólida e de fé, pronunciada por boca de S. Paulo: *Obedite præpositis vestris, et subjacete eis; ipsi enim pervigilant, quasi rationem pro animabus vestris redditu:* «Obedecei, diz o Apóstolo, a vossos superiores, e sede-lhes muito sujeitos, porque a sua obrigação é zelar e vigiar sobre as vossas vidas, como aqueles que hão-de dar conta a Deus de vossas almas». Vede quanto maior é a sujeição dos superiores que a dos súbditos. Quantos são os súbditos que estão sujeitos ao superior, tantas são as almas de que está sujeito o superior a dar conta a Deus. E posto que este oráculo bastava para nenhum homem que tem fé querer tomar sobre si uma tal sujeição, ouvi agora o que nunca ouvistes.

Nem todas as sentenças de Cristo estão escritas no Evangelho, algumas ficaram sòmente impressas na tradição de seus Discípulos, entre os quais é tão notável como terrível esta: *Omne peccatum, quod remissus et indisciplinatus admiserit frater, ad negligentem protinus revertitur seniorem.* Quer dizer:

9-11. *Ep. aos Hebreus,* XIII, 17.

26. É referido por Huberto Falésio, entre outras coisas coligidas pelo Abade Afligiense em *Monasticis disquisitionibus.* Trad. da N. de V.

«todos os pecados que cometem os súbditos, se escrevem e carregam logo no livro das culpas do superior», porque há-de dar conta deles. De modo que, segundo esta sentença e revelação do mesmo
5 Cristo, todos os homicídios, todos os adultérios, todos os furtos, todos os sacrilégios e mais pecados que os vassalos cometem na vida e reinado de um rei, e as ovelhas e súbditos na vida e governo de um prelado, todos estes pecados se lançam logo e
10 escrevem nos livros de Deus, debaixo do título do tal rei e debaixo do título do tal prelado, para se lhes pedir conta deles no Dia do Juízo.

Ponhamos agora este rei, e depois poremos também este prelado diante do tribunal divino, e veja-
15 mos que respondem a estes cargos. O rei é a cabeça dos vassalos; e quem há-de dar conta dos membros, senão a cabeça? O rei é a alma do reino; e quem há-de dar conta do corpo, senão a alma? Pedirá, pois, conta Deus a qualquer rei, não digo dos peca-
20 dos seus e da pessoa, senão dos alheios e do ofício. E que responderá já não rei, mas réu? Parece que poderá dizer:

— «Eu, Senhor, bem conhecia que era obrigado a evitar os pecados dos meus vassalos, quanto me
25 fosse possível, mas a minha corte era grande, o meu reino dilatado, a minha monarquia estendida pela África, pela Ásia e pela América; e como eu não podia estar em tantas partes, e tão distantes, na corte tinha provido os tribunais de presidentes
30 e conselheiros, no reino de ministros de justiça e letras, nas conquistas de vice-reis e governadores, instruídos de regimentos muito justos e aprovados. E isto é tudo o que fiz e pude fazer».

Também poderá meter nesta conta o seu próprio

palácio e aqueles de que se servia mais familiar e interiormente. Mas sobre todos cai a réplica:

— «E esses que elegestes — dirá Deus — porque os elegestes? Não foram alguns por afeição e outros
5 por intercessão, e outros por adulação, e outros por ruim e apaixonada informação? E os que ficaram de fora com mais conhecido merecimento, porque os excluístes? Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim, e justamente, depois que na
10 administração de seus ofícios conhecestes que não procediam como eram obrigados, porque os não removestes logo, porque os dissimulastes e conservastes, e, o que pior é, porque os despachastes de novo, e com mais autorizados postos? Se o que
15 assolou uma província o deixastes continuar na mesma assolação, e depois o promovestes a outro governo maior, como não fostes cúmplice das suas injustiças, e das culpas que ele em vez de remediar acrescentou com as suas e com o exemplo delas?
20 Se as suas tiranias vos foram manifestas, como as deixastes sem castigo, e os danos dos ofendidos sem restituição? Quantas lágrimas de órfãos, quantos gemidos de viúvas, quantos clamores de pobres chegavam ao Céu no vosso reinado, quando para su-
25 prir superfluidades vãs e doações inoficiosas, vossos ministros, (por isso premiados e louvados) com impiedade mais que desumana, não os despojavam, mas despiam?»

Isto é o que poderá replicar Deus, emudecendo e
30 não tendo que responder o triste rei. E qual será a sua sentença? No Dia do Juízo se ouvirá. O certo é que David, rei santo antes de pecador, e depois de pecador exemplo de penitência, o de que pedia perdão a Deus, era dos pecados ocultos e dos

alheios: *Ab occultis meis munda me et ab alienis parce servo tuo.* Mas os pecados ocultos naquele dia serão manifestos, e dos alheios, por ter sido rei, se lhe pedirá tão estreita conta como dos próprios.
5 Entra agora o prelado a dar conta, e a ouvir em estátua o processo que depois da ressurreição lhe será notificado em carne. Oh que espectáculo será aparecer descoroado da mitra e despido dos paramentos pontificais diante da majestade de
10 Cristo Jesus, aquele a quem o mesmo Senhor autorizou com o nome e poderes de seu vigário, e cuja humana e divina Pessoa representou nesta vida! *O pastor et idolum!* lhe dirá Cristo:

— «Tu que foste pastor no nome, e como ídolo
15 te contentaste com a adoração exterior que não merecias, dá conta. Não ta peço das misérias ocultas, senão das públicas e escandalosas de tuas mal guardadas e desprezadas ovelhas. Eram miseráveis no temporal, e não trataste de remediar suas pobre-
20 zas; e eram muito mais miseráveis no espiritual, e não cuidaste de curar nem de preservar seus pecados. Se as rendas que com tanta cobiça recolhias e com tanta avareza guardavas, eram o meu património, que eu aquiri, não menos que com o meu
25 sangue, porque o não distribuístes aos meus verdadeiros acredores, que são os pobres? Porque o despendeste em carroças, criados e cavalos regalados, estando eles morrendo de fome; e em vestir as tuas paredes de ouro e seda, andando eles despidos e
30 tremendo de frio? Se o zelo de teus ministros visi-

1-2. *Salmo* XVIII, 13.
13. *Zacarias,* XI, 17.

tava as vidas dos pequeninos, tratando mais de se aproveitar das condenações, que de lhes emendar as consciências; os pecados monstruosos dos grandes, que tão soberba e escandalosamente viviam na face do Mundo, como os deixastes triunfar com perpétua imunidade, como se foram superiores às leis da minha Igreja?»

— «Confesso, Senhor, responderá o prelado, que em uma e outra cousa faltei, mas não sem causa. O que despendi com minha casa e pessoa, foi para satisfazer aos olhos do vulgo, que só se leva destes exteriores, e para conservar a autoridade do ofício e veneração da dignidade. E se contra os pecados dos grandes me não atrevi, foi porque os seus poderes são inexpugnáveis; e julguei por menos inconveniente não entrar com eles em batalha, que com afronta e desprezo das mesmas leis da Igreja, ficar no fim da peleja vencido. E finalmente, Senhor, em uma e outra omissão segui o exemplo universal, e o que usam neste ofício os que com mais poderosas armas e com maiores jurdições que a minha, costumam em toda a parte fazer o mesmo.

— «Ó ignorante, ó covarde — replicará Cristo — Tão ignorante e covarde, como se não tiveras lido as Escrituras, nem os cânones e exemplos da mesma Igreja! Porventura Pedro e Paulo, e os outros Apóstolos, que me imitaram a mim, e os seus verdadeiros sucessores, que os imitaram a eles, conciliavam a autoridade das pessoas e do ofício, ainda entre gentios, com os aparatos exteriores? Não sabes que esse mesmo povo, com cujos olhos te escusas, se por dares tudo aos pobres, te vissem desacompanhado, só e a pé pelas ruas, e ainda com os pés descalços, então se ajoelhariam todos diante de

ti e te adorariam? E quanto à covardia de te não atreveres com os grandes, tendo a teu lado a espada de Pedro; contra quem se atrevia David, que foi o exemplar dos meus pastores? Entre as feras toma-
5 va-se com os leões e entre os homens com os gigantes. Que fera mais fera que a Imperatriz Eudóxia, e vê como a não temeu Crisóstomo; e que leão mais coroado que o Imperador Teodósio, e vê como o humilhou e pôs a seus pés Ambrósio. Finalmente,
10 se não seguiste o valor destes, senão o que chamas costume dos outros, agora verás em ti e neles, que se eles o costumam fazer assim, eu também costumo mandar ao Inferno os que assim o fazem.»

Isto baste quanto à conta dos ofícios, e tomem
15 exemplo os ministros seculares na conta do rei e os eclesiásticos na do prelado.

IX

Quanto à conta dos talentos, esta temos na parábola dos criados, a quem o rei encomendou diferentes cabedais, para que negociassem com eles en-
20 quanto fazia certa jornada: *Negotiamini dum venio.* O rei é Cristo, a jornada foi a de sua subida ao Céu, e a tornada há-de ser no Dia do Juízo, em que há-de pedir conta a cada um do que negociou com os talentos que lhe deu e do que lucrou e ga-
25 nhou com eles: *Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis.* Os talentos são os meios assim universais como

20. *S. Lucas,* XIX, 13.
25-27. Trad.: *Ao fim de muito tempo veio o Senhor daqueles servos e pediu-lhes contas. S. Mateus,* XXV, 19.

particulares, com que a Providência Divina assiste a todos os homens, e a cada um para sua salvação e perfeição; e os avanços ou ganâncias são o aumento das virtudes, merecimentos e graça que no 5 exercício, agência e indústria com que se aplicam os mesmos meios, alcançam os que não são negligentes. Quão exacta pois haja de ser esta conta e quão rigorosa para os que usarem mal do talento, na mesma história o temos. Os criados, a quem o 10 rei fiou os talentos, eram três: ao primeiro entregou cinco, o qual granjeou outros cinco; ao segundo entregou dois, o qual granjeou outros dois, e ambos foram louvados; ao terceiro deu um só talento, o qual ele enterrou. E posto que na conta o ofereceu 15 outra vez e restituiu inteiro, porque não tinha negociado com ele, nem adquirido cousa alguma, o senhor não só o lançou fora de sua casa e o mandou privar do talento, mas o pronunciou por mau criado — *serve nequam* — que foi a sentença de sua con- 20 denação. E se quem na conta torna a entregar o talento que Deus lhe deu, inteiro e sem defraudo, se condena, que será dos que o desbaratam e perdem, e talvez o convertem contra si e contra o mesmo Deus?

25 Para inteligência desta gravíssima e perigosa matéria havemos de supor o que se não cuida; e é que não só são talentos os dotes da natureza, os bens da fortuna e os dons particulares da graça, senão também os contrários ou privações de tudo isto. 30 Não só é dote da natureza a formosura, senão também a fealdade; não só as grandes forças, senão a

---

19. *S. Lucas*, XIX, 22.

fraqueza; não só o agudo entendimento, senão o rude; não só a perfeita vista, senão a cegueira; não só a saúde, senão a enfermidade; não só a larga vida, senão a breve. Do mesmo modo nos bens que 5 chamam da fortuna, não só é bem o ilustre nascimento, senão o humilde; não só as dignidades altas, senão o lugar e ofício abatido; não só as riquezas, senão a pobreza; não só o descanso, senão os trabalhos; não só os sucessos prósperos, senão os adver- 10 sos; não só os mandos, senão o ser mandado; nem só as vitórias e triunfos, senão o ser vencido. Finalmente, nas graças ou dons da graça, não só é graça o dom das línguas, mas o não saber falar, ou ser mudo; não só o das letras e ciências, senão o da 15 ignorância; não só o do conselho e discrição, senão o de não ter nem poder dar voto; não só o da ostentação e boato dos milagres, senão o de não ser em cousa alguma maravilhoso, senão totalmente desconhecido e desprezado.

20 A razão desta verdade interior e providência verdadeiramente divina é porque todas estas cousas, posto que entre si contrárias, podem ser meios que igualmente nos levem à salvação e promovam à virtude, principalmente sendo distribuídos e dispen- 25 sados por Deus e aplicados «conforme o génio de cada um», que por isso diz o texto que foram dados os talentos: *Unicuique secundum propriam virtutem*. Assim que, tanto se podia aproveitar Raquel da sua formosura, como Lia da sua deformidade; 30 tanto Achitofel do seu entendimento, como Nabal

---

27. *S. Mateus*, XXV, 15.

da sua rudeza: tanto Matusalém dos seus novecentos anos, como o moço de Naim dos seus vinte; tanto Cresso dos seus tesouros, como Iro da sua pobreza; tanto Júlio César da sua fortuna, como
5 Pompeu da sua desgraça; tanto Alexandre Magno das suas vitórias, como Dario e Poro de ele os ter vencido; tanto Arão da soltura e eloquência da sua língua, como Moisés do impedimento da sua; tanto o subtilíssimo Escoto da sua ciência, como Frei
10 Junípero da sua simplicidade; tanto S. Pedro dos seus milagres, como o Baptista de nunca fazer milagres.

Daqui se segue que tanta conta há-de pedir Deus ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua po-
15 breza; tanta ao são da sua saúde, como ao doente da sua enfermidade; tanta ao honrado da sua estimação, como ao afrontado da sua injúria; e tanta a todos do que deu a uns, como do que negou a outros; porque se o rico pode granjear com o seu
20 talento por meio da esmola, o pobre também pode com o seu por meio da paciência. E assim dos demais. Antes é certo que entre as cousas, que se chamam prósperas ou adversas, mais eficazes são para o merecimento as que mortificam a natureza,
25 que as que lisonjeiam o apetite; e mais seguras para a salvação as que pesam e carregam para a humildade, que as que elevam e desvanecem para a soberba. Só souberam manejar uns e outros meios e aproveitar-se com igualdade de ambos os talentos
30 um S. Paulo, que dizia: *Scio et abundare, et scio esurire*. E um Job, que na mesma volta da sua

---

30-31. *Ep. aos Filipenses*, IV, 12.

primeira para a segunda fortuna, disse: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* Mas estes homens quadrados nascem poucas vezes no Mundo. Os dados tão firmes se assen-
5 tam com poucos pontos, como com muitos; e tão direitos estão com as sortes, como com os azares.

Desta maneira (e seja esta a única e importantíssima advertência) desta maneira devemos aceitar como da mão de Deus, e contentar-nos com o ta-
10 lento ou talentos que ele foi servido dar-nos, ou sejam como os cinco, ou como os dois, ou como um sòmente; e se pudera ser nenhum, ainda fora mais seguro. Quando o rei distribuiu os talentos aos criados, não lemos que algum deles se descontentasse
15 da repartição. Se os que Deus deu a outros, são maiores que os vossos, eles terão mais, e vós menos de que dar conta ao mesmo Deus. Mas somos como os que lançam nas rendas dos reis, que só olham para o que recebem de presente e não para a conta
20 que hão-de dar de futuro.

Admirável foi neste género a variedade e repartição de fortunas, com que Jacob (digamo-lo assim) fadou a seus filhos, quando na hora da morte lhes lançou a bênção. Usou dos nomes de diferentes
25 animais, e a Judas chamou leão: *catulus leonis Juda;* a Dan serpente: *fiat Dan coluber in via;* a Benjamim lobo: *Benjamin lupus rapax;* a Neftali

---

1-3. Trad.: *Se recebemos de Deus os bens, porque não receberemos os males?* Job, II, 10.
25-26. *Génesis,* XLIX, 9.
26. *Ibid.,* 17.
27. *Ibid.,* 27.

cervo: *Nephtali cervus emissus;* a Issacar jumento: *Issachar asinus fortis.* Os animais todos têm suas inclinações, instintos e propriedades, e todos suas como virtudes ou vícios naturais: o leão generoso,
5 a serpente astuta, o lobo voraz, o cervo ligeiro, o jumento sofredor do trabalho. E debaixo destas metáforas significava Jacob aos filhos os talentos de cada um e o uso deles, e quais haviam de ser as acções e sucessos de suas vidas e descendências.
10 E sendo assim, que estes mesmos irmãos sofreram tão mal ao mesmo pai fazer uma túnica a um deles de melhor estofa, que por isso a quiseram tingir em seu próprio sangue; como agora nenhum deles se queixa de o pai os vestir de tão diferentes peles
15 e pêlos e de lhes dar ou chamar tão diferentes nomes e de tão diferente nobreza, quanto vai de lobo a cervo, de serpente a leão e de leão a jumento? — Porque na diferença da túnica obrava Jacob como pai em seu nome: na diferença e repartição
20 dos talentos, falava como profeta em nome de Deus; e como a distribuição era feita por Deus e os talentos dados por ele, posto que fossem tão diversos na estimação e crédito, quanto vai do império à servidão e do leão ao jumento, todos, abai-
25 xando a cabeça, se contentaram e conformaram com a sua sorte e nenhum houve que abrisse a boca para se queixar ou metesse os olhos debaixo das sobrancelhas, para mostrar descontentamento. E que dirão a isto os que tantas vezes deixaram a
30 Religião e a mesma Fé, por não terem humildade,

1. *Génesis*, XLIX, 21.
2. *Ibid.*, 14.

nem paciência para sofrer que se lhes antepusessem os que não podiam igualar no talento?

Todo o talento é arriscado a o perder ou não dar boa conta dele a presunção humana. Os maiores pela soberba, os menores pela inveja e os mínimos pela desesperação e pusilanimidade. Da casta destes últimos foi o que enterrou o talento, podendo ser melhor e mais celebrado que todos, se o não enterrara.

Puseram alguns teólogos em questão qual dos criados se mostrara mais industrioso: se o que com dois talentos granjeara dois, ou o que com cinco granjeara cinco; e como entre eles se não decidisse a questão, devolveu-se a uma academia de mercadores, os quais todos resolveram que mais industrioso fora o que com dois negociara dois, que o que com cinco granjeara cinco; porque mais dificultoso é ganhar pouco com pouco, que muito com muito. E sobre esta, que é primeira máxima nos negociantes, provada com a experiência, acrescentaram que, se o que teve um só talento granjeara outro, excederia sem comparação na indústria ao dos dois e ao dos cinco.

Grande consolação, e verdadeira, se a quisessem aceitar os talentos medianos! Mas quem poderá curar a cegueira e contentar a inveja dos que se vêem excedidos? Saul porque ouviu (vede a quem?) porque ouviu que as chacotas lhe preferiam a David, tantas vezes e por tantos modos o quis matar, e por isso perdeu a coroa. E Dédalo, aquele famoso artífice que preso em uma torre, inventou e formou as asas com que fugiu dela voando, vendo que Perdiz, seu discípulo, inventara o compasso, e da imitação de uma espinha a serra, temendo que

o havia de exceder no talento, o despenhou primeiro da mesma torre.

Mas ainda são mais arriscados os talentos que na eminência se estremam sobre todos. Que havia de
5 ser de Agostinho, de quem se rezava nas escolas católicas: — *A logica Augustini libera nos, Domine* — se, amolecido com as lágrimas de sua mãe, ela (como um lírio que se gera das lágrimas de outro) o não tornara a gerar? Suceder-lhe-ia o que ao pro-
10 fundíssimo engenho de Tertuliano, e ao imenso de Orígenes, os quais, venerados como oráculos da sua idade e primeiros mestres da Igreja, a perderam e se perderam. Mas que muito é que o barro caia e se quebre, se o entendimento de Lúcifer, sendo o
15 maior que Deus criou, excedendo-o só o do mesmo Deus, antes quis cair do Céu, que ver-se nele excedido! Tanta conta têm como isto os talentos menores, e só por isso poderão dar boa conta!

X

A das dívidas é a que só nos resta, última, maior
20 e mais dificultosa de todas. Esta se contém na parábola do outro rei, o qual fez o que muitos não fazem, que é tomar conta aos criados de sua casa: *Qui voluit rationem ponere cum servis suis.* Do que logo se segue, no princípio das contas se mostra
25 bem, que este chamado rei seria o mais poderoso e rico monarca de quantos houve ou não houve no Mundo; porque o primeiro criado foi convencido de que era devedor à fazenda ou erário real de

23. *S. Mateus*, XVIII, 23.

cento e vinte milhões de ouro. Tanto vêm a montar os que o texto chama *decem millia talenta;* porque, falando Cristo com os Hebreus, e na língua hebraica, também no cômputo e valor da dívida se
5 há-de entender de talentos, não gregos, senão hebraicos. Mas como era possível que um criado devesse a seu rei cento e vinte milhões? — Respondo que, quando a parábola dissera dez mil vezes outros tantos, ainda diria muito menos do que que-
10 ria significar. Porque este rei é Deus, e esta dívida é a dos benefícios que Deus tem feito ao homem; e como o menor benefício divino, por si mesmo ou por seu Autor, é de valor infinito, não há número em toda a aritmética, nem preço em todas as cria-
15 turas com que se possa comparar, quanto mais igualar.

Santo Agostinho, para representar mais clara e mais patentemente esta conta, introduz ao mesmo Cristo, fazendo-nos por sua própria Pessoa os car-
20 gos do que lhe devemos, como fará no Dia do Juízo: *Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, et non feci ei?*

— «Que cousa há que eu devesse fazer-te, ó homem, ou devesse fazer por ti, que não tenha
25 feito? De nada te era devedor, e como se o fora, de quanto tenho, de quanto posso e de quanto sou, tudo empreguei e despendi contigo. Criei-te quando não eras, tirando-te dos abismos do não ser ao ser; dei-te um corpo formado com minhas mãos, o mais
30 perfeito; dei-te uma alma tirada de minhas entranhas e feita à minha imagem e semelhança; ornei

---

21-22. Trad.: *Que tive eu de fazer mais à minha vinha, que lhe não fizesse? Ibid.*, 24.

e habilitei um e outro com as mais excelentes potências e os mais nobres sentidos, para que fossem os instrumentos com que me servisses e amasses; e tu, ingrato, que fizeste? Dá conta dos cuidados,
5 pensamentos e máquinas do teu entendimento; das lembranças e esquecimentos da tua memória; dos desejos e afeições da tua vontade. Dá conta de todos os passos de teus pés, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas dos teus olhos, de todas
10 as atenções dos teus ouvidos, de todas as palavras de tua língua e de tudo o mais que tu sabes e não cabe em palavras. Depois de criado, que seria de ti, se eu com o mesmo poder e providência te não conservara? De repente perderias o ser e tornarias
15 ao nada donde saíste. Para tua conservação, te dei não só o necessário, senão o superabundante, e tanta imensidade de criaturas no Céu e na Terra, todas sujeitas a ti e ocupadas em teu serviço. Dei-te um anjo, que de dia e de noite, velando e dor-
20 mindo, te assistisse e guardasse, como sempre assistiu e guardou. Agora te revelo os perigos secretos e ocultos de que foste livre por seu meio; e tu lembra-te dos públicos e manifestos, que experimentaste e viste. Quantos pereceram em outros muito
25 menores? Quantos mais moços que tu, acabaram de mortes desastradas e repentinas, sem tempo, nem lugar de arrependimento e emenda, que eu sempre te concedi? Dá, pois, conta da vida, dá conta da saúde, dá conta dos anos, dá conta dos dias, dá
30 conta das horas, sendo mui poucas e contadas as que não empregaste em me ofender».

«Atègora te referi as dívidas exteriores do poder; agora me responderás às interiores e pessoais do amor e do muito que fiz e padeci por ti. Por ti,

depois de te fazer à minha imagem e semelhança, me fiz à tua, fazendo-me homem; por ti nasci nos desamparos de um presépio; por ti fui desterrado ao Egipto; por ti vivi trinta anos sujeito à obediência de um oficial, ajudando o trabalho de suas mãos com as minhas e acompanhando o suor do seu rosto com o meu; por ti e para ti, saí ao Mundo a pregar o Reino do Céu; por ti nas peregrinações de toda Judeia e Galileia, sempre a pé e muitas vezes descalço, padeci fomes, sedes, pobrezas, sem ter lugar de descanso, nem onde reclinar a cabeça; por ti recebi ingratidões por benefícios, ódios por amor, perseguições por boas obras; por ti suei sangue; por ti fui preso, por ti afrontado, por ti esbofeteado, por ti cuspido, por ti açoutado, por ti escarnecido, por ti coroado de espinhos, por ti, enfim, crucificado entre ladrões, aberto em quatro fontes de sangue, atormentado e afligido de angústias e agonias mortais, e ainda, depois de morto, atravessado o coração com uma lança. De tudo isto pedi por ti perdão a Deus, e o pago que tu me deste foi não me perdoar, tornando-me a crucificar tantas vezes, quantas gravemente pecaste, como te mandei declarar pelo meu Apóstolo: *Rursum crucifigentes Filium Dei*. Se as gotas de sangue que derramei por ti, tiveram conto, nem de uma só me puderas dar boa conta, ainda que padeceras por mim mil mortes; mas os milhares e os milhões foram das vezes que pisaste o mesmo sangue, sacrificando o infinito valor e merecimento dele, aos ídolos do teu apetite.

Ainda em certo modo é maior dívida a de que

24-25. Trad.: *Crucificam de novo o Filho de Deus*. S. Paulo. *Epist. aos Hebreus*, VI, 6.

agora te pedirei conta, que é a da vocação. Reservei
o saíres à luz deste Mundo para o tempo da Lei da
Graça; chamei-te à Fé antes de me poderes ouvir,
antecipou-se o meu amor ao teu uso da razão, e
5 fiz-te meu amigo pelo baptismo. Com o leite e dou-
trina da Igreja te dei o verdadeiro conhecimento
de mim, benefício que por meus justos juízos em
quatro e cinco mil anos não concedi a tantos e de
que ainda nos teus dias careceram muitos. Não
10 tiveste juízo nem consideração, para ponderar e
pasmar de que, tendo a minha justiça razões para
condenar um gentio que me não conheceu, as ti-
vesse minha misericórdia para perdoar a um cris-
tão, que, conhecendo-me, tanto me ofendia. Perdida
15 a graça da primeira vocação, caíste, e tornei-te a
chamar e dar a mão, para que te levantasses; levan-
tado, tornaste a reincidir uma e tantas vezes, e eu,
posto que tão repetidamente ofendido, e com tão
continuadas experiências da pouca firmeza de teus
20 propósitos e falsidade de tuas promessas, não cessei
de te oferecer de novo meus braços e te receber sem-
pre com eles abertos; até que, infiel, rebelde e obsti-
nado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas
vozes, te deixaste jazer no profundo letargo da im-
25 penitência final. Dá agora conta de tantas inspira-
ções interiores minhas, de tantos conselhos dos
confessores e amigos, de tantas vozes e ameaças dos
pregadores, que ou não querias ouvir, ou ouvias
por curiosidade e cerimónia; e também ta pudera
30 pedir de eu mesmo te não chamar eficazmente na
hora da morte, porque o desmereceste na vida».

«Sete fontes de graça deixei na minha Igreja,
(que é o benefício da justificação) para que nelas
se lavassem as almas de seus pecados, e com elas

se regassem e crescessem as virtudes. Em uma te facilitei em tal forma o remédio para todas as culpas, que só com as confessar te prometi o perdão, que tu não quiseste aceitar, fugindo da benignidade daquele sacramento como rigoroso e amando mais as mesmas culpas, que estimando o perdão. Em outra te dei a comer minha carne e a beber meu sangue, e juntamente os tesouros infinitos de toda a minha Divindade, em penhor da glória e bem-aventurança eterna, que foi o altíssimo fim para que te criei. Desprezaste o fim, não quiseste usar dos meios; e porque escolheste antes estar para sempre sem mim no Infreno, que comigo no Céu, tua é, e não minha, a sentença que logo ouvirás com os outros malaventurados: *Ite, maledicti, in ignem æternum*».

XI

Aqui parou a conta das dívidas, que era a última e maior partida que só restava para as contas. E aqui virão a parar todos os que tão descuidados vivem de as dar boas naquele dia. Ó dia de ira! ó dia de furor! ó dia de vingança! ó dia de amargura! ó dia de calamidade! ó dia de miséria! ó dia estupendo! ó dia tremendo! ó dia sobre toda a compreensão terrível! Assim lhe chamam com horror os clamores dos Profetas, pela estreitíssima conta que nele se nos há-de pedir a todos. E se tudo passa para a vida e nada passa para a conta; que cegueira e que insânia é a dos que todos seus cuidados empregam no que passa, sem memória nem cuidado do que não há-de passar? Pode caber em entendimento com juízo, maior loucura que traba-

lhar de dia e de noite um homem, e cansar-se e desvelar-se e matar-se, pelo que passa com a vida e há-de deixar com a morte, e não ser o seu único cuidado e desvelo tratar só do que só há-de levar
5 consigo e do que só se lhe há-de pedir conta? Ouçam estes loucos a St.º Agostinho: *Peccas propter pecuniam? hic dimittenda est. Peccas propter villam? Hic dimittenda est. Peccas propter mulierem? hic dimittenda est. Et quidquid est propter*
10 *quod peccas, hic dimittis, et ipsum peccatum, quod committis, tecum portas:* «Pecas, homem, por amor do dinheiro? e cá há-de ficar o dinheiro. Pecas por amor da herdade? e cá há-de ficar a herdade. Pecas por amor da mulher ou tua, ou não tua? e cá há-de
15 ficar a mulher. Mas havendo de ficar cá tudo aquilo por que pecaste, o que só hás-de levar contigo é o pecado. Toda a matéria dos pecados cá há-de ficar, porque passou com a vida, e só o pecado há-de ir connosco, porque não passou para a conta.»
20 Parece-me que, para desenganar a quem tem fé, basta a evidência destes dois pontos. O que só quisera alcançar de Deus e pedir aos que me ouviram, é que tomem este desengano enquanto vivem neste Mundo e não o guardem para o Inferno. Descreve
25 o Espírito Santo no livro da Sabedoria, uma prática que tiveram entre si no Inferno os que lá foram, depois de ter gastado a vida em tudo o que passa com a mesma vida; e o que falavam, era desta maneira: *Ergo erravimus a via veritatis, et sol in-*
30 *telligentiæ non est ortus nobis:* «O certo é (diziam)

6-11. Santo Agostinho, *Homilia*, 42.
29-30. *Livro da Sapiência*, V, 6.

que errámos o caminho, e que andámos às escuras, e que em tantos dias quantos vivemos, nunca nos amanheceu a luz do Sol». *Quid nobis profuit superbia:* «que nos aproveitaram a soberba e glória vã
5 das honras do Mundo?» *Divitiarum jactancia quid contulit nobis:* «de que nos serviu a jactância das riquezas?» E os gostos, delícias e passatempos em que elas se consomem, de que nos aproveitaram? «Todas essas cousas passaram como a sombra»:
10 *Transierunt omnia illa tanquam umbra.* Todas passaram «como o correio, que sempre caminha, e não pára»: *Tanquam nuntius percurrens*». Todas passaram «como a nau, que vai cortando as ondas, e depois que passou, se lhe não acha rasto»: *Et tan-*
15 *quam navis, quæ pertransit fluctuantem aquam; cujus, cum præterierit, non est vestigium invenire.* Todos passaram «como a ave que, voando e batendo o leve vento, que corta, nem sinal deixa do seu caminho»: *Aut tanquam avis quæ transvolat in*
20 *ære verberans levem ventum, et nullum signum invenitur itineris illius.* Todas passaram «como a seta despedida do arco ao lugar destinado, que, dividindo o ar, o qual logo se cerra e une, não se pode conhecer por onde passou»: *Aut tanquam sagitta*
25 *emissa in locum destinatum, divisus aer in se reclusus est, ut ignoretur transitus illius.* Agora, agora conhecem bem no Inferno, e não acham compara-

---

3-4. *Livro da Sapiência*, V, 8.
5-6. *Ibid., ibid.*
10. *Ibid.*, 9.
12. *Ibid., ibid.*
14-16. *Ibid.*, 10.
19-21. *Ibid.*, 11.
24-26. *Ibid.*, 12.

ção com que bastantemente declarar a suma velocidade com que todas as cousas passam, e com a mesma pressa (dizem) passámos nós, porque, «apenas nascidos, logo deixámos de ser, e sem dei-
5 xar sinal algum de virtude, em nossos próprios vícios nos consumimos:» *Sic et nos nati continuo desivimus esse: et virtutis quidem nullum signum valuimus ostendere: in malignate autem nostra consumpti sumus.*
10 Isto conferiam entre si naquela triste e tarde desenganada conversação os miseráveis condenados, os quais para maior dor, levantando os olhos ao Céu e vendo lá gloriosos e triunfantes os que trataram mais da estreiteza da conta que da largueza
15 da vida: *Pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes;* com vozes que lhes saíam do interior angustiado, e com arrependimento e gemidos, que já não aproveitavam, *dicentes intra se,* diziam entre si e consigo... que é o que diziam? *Hi*
20 *sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii:* «Aqueles são os de que nós zombávamos», rindo-nos dos seus escrúpulos de consciência e das penitências e rigores com que mortificavam seus corpos, quando nós só tratáva-
25 mos de regalar os nossos e satisfazer nossos apetites; e agora vemos que «eles foram os prudentes e sesudos, e nós os loucos e insensatos, pois eles, pondo os olhos no fim e no prémio de que nós não fizemos caso, estão gozando da glória entre os santos, como

---

6-9. *Ibid.*, 13.

15-16. Trad.: ...*fazendo penitência e gemendo de espiritual angústia. Ibid.*, 3.

19. *Ibid., ibid.*

nós padecendo as penas entre os condenados»: *Nos insensati vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore: ecce quomodo computati sunt inter filios Dei et inter sanctos sors illorum est.*
5 Tais são as cousas que disseram, conclui o Espírito Santo, e «tais os discursos que fizeram no Inferno os maus», quando lá se viram. *Talia dixerunt in inferno hi qui peccaverunt.* Vejamos agora, e consideremos bem, os que por misericórdia de Deus
10 ainda temos tempo e vida, se é melhor aproveitar deste desengano neste Mundo ou guardá-lo para o Inferno, e se folgaremos no dia da conta de ter imitado os prudentes, que eternamente hão-de gozar a vista de Deus no Céu, ou acompanhar os
15 loucos e insensatos, que hão-de padecer as penas do Inferno por toda a eternidade?

1-2. Trad.: *Insensatos de nós, que julgávamos insânia a sua vida e sem honra o seu fim; e eis como eles são reputados entre os filhos de Deus e a sua sorte é entre os santos. Ibid.*, 4.

7-8. *Ibid.*, 14.

INDICE

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

Pág. 22, linha 26, em vez de *como a semelhança*, leia-se *com a semelhança*.

» 25, » 14, em vez de *qua*, leia-se *quia*.

» 39, 2.ª nota, em vez de *Eu próprio*, leia-se *Eu próprio*.

» 40, nota, corrija-se-lhe o número para: *22 e pág. seg.* e acrescente-se a cláusula: *e a transubstanciação do pão e do vinho*.

» 63, » 21, em vez de *como outro*, leia-se *com outro*.

» 66, » 31, em vez de *Mãe infinitamente*, leia-se *Mãe quase infinitamente*.

» 95, » 31, em vez de *o que era*, leia-se: *e que era*.

» 102, » 27, em vez de *Há*, leia-se *Já!*

» 105, » 28, em vez de *necessario*, leia-se *necessaria*.

» 113, » 6, em vez de *vós conheceis vós amai*, leia-se *vos conheceis vos amai;*

» 153, » 18, em vez de *com que quê*, leia-se *com quê*.

» 154, » 7, em vez de *divis*, leia-se *dives*.

» 161, » 4, em vez de *escusa os*, leia-se *escusa ou*.

» 198, nota, acrescente-se do fim da 1.ª nota: *(II Ep. aos Corintios*, XII, 2).

Na pág. 23, às citações latinas das linhas 1-2 3-4, 13, 19, 24, 28-29, correspondem respectivamente as traduções seguintes:

Recebido no consórcio de cada pessoa da Trindade, quis que fosse chamado aquilo que ele era.

Com razão merece o nome a comparticipação do nome aquele que merece a comparticipação da obra.

Dá-lhes por mim e por ti.

O vosso Mestre não pagou o didracma.

Oh excelência da honra!

Façamos aqui três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.

Na pág. 28, às citações latinas das linhas 1, 3 e 6, correspondem, respectivamente, as seguintes traduções:

João às sete igrejas que estão na Asia.

Quem tiver ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Pareceu ao Espírito Santo e a nós.

Na pág. 29, da citação de Beda (linha 30-32) é a seguinte a tradução:

O Senhor remunera com justo louvor o seu confessor, visto que se mostra filho do Espírito Santo, pelo qual o próprio Filho de Deus foi como tal afirmado.

Na pág. 31 a citação de Anastácio Sinaita (linhas 19-21) é parafraseada na frase que a continua.

Na pág. 38, a citação das linhas 16-18 é parafraseada nas linhas que a precedem.

Na pág. 64, linhas 16-18, a trad. é:

Porque assim procedeste, sejam em ti abençoadas todas as gerações. A semente de Isaac receberá o teu nome?

Pág. 66, nota: Na biblioteca do Gabinete Português de Leitura, onde acabo de ver o volume da ed. de 1682 que contém este sermão, a palavra *quase* vem depois da palavra *Mãe* e não da palavra *Deus*. Não posso verificai se no exemplar consultado em Lisboa, da mesma edição, aquele advérbio tem a colocação que a nota lhe atribui.

Pág. 132, linha 24: Na ed. de 1683 ocorre, como no nosso texto, suas *orações* ou *omissões*, mas deve ser *suas acções ou omissões*, que é o que corresponde ao *quanto fizeram e quanto deixaram de fazer*, das linhas 29 e 30.

Pág. 145. A frase da linha 11 a 12 provoca a Vieira comentários que já vimos, no vol. *Vieira perante a Inquisição*, terem constituído matéria de libelo contra ele formulado pelo Santo Ofício.

ADITAMENTO AO VOLUME

A propósito do destino da «Clavis Prophetarum»

Transcrevemos da *História Geral do Brasil*, do Visconde de Porto Seguro, vol. III, 3.ª ed., p. 354-355, a nota do seu editor e anotador, Rodolfo Garcia:

«Seus escritos, depois de arrolados por Andreoni, que deles mandou o índice para a sede da Companhia, foram recolhidos a duas arcas, fechadas com diversas chaves.

«Não pode ser exacta a versão de que esses escritos, solicitados pelo Geral, tivsesem sido sequestrados pela Inquisição de Portugal, ao chegarem ao Tejo. Pelo menos a *Clavis Prophetarum*, que Vieira havia de ter concluído nos últimos tempos com o auxílio do Padre António Maria Bonucci, como informa Andreoni, — foi tei a Roma. Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, I, 425, diz que o Geral da Companhia Angelo Tamburino mimoseou com esse escrito ao marquês de Fontes, depois de Abrantes, «quando era embaixador em Roma, como satisfação das muitas obrigações... que muitas vezes se dignou que o visse, e hoje (1747) se conserva na sua livraria.

«Talvez uma cópia é que fosse para a Inquisição, e dela mandasse o cardeal da Cunha, Inquisidor geral, fazer pelo Padre Carlos António Casnedi o resumo que publicou J. Lúcio de Azevedo, *História* citada, II, 393/402, — incompleto por falta de alguns capítulos, como se infere da *Notícia bibliográfica sobre a Clavis Prophetarum*, in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, XIII, (1918-1919). Essa cópia havia de ter ficado em mãos do cardeal, porque fgiurava, entre outros livros que lhe pertenceram, adquiridos em Paris pelo bispo D. António de Macedo Costa, e por este doados em 1871 à Biblioteca Pública do Pará, então organizada ou reorganizada pelo Dr. Joaquim Pires Machado Portela, Presidente da Província. É o que consta de um ofício autógrafo de Macedo Costa a Machado Portela, em poder

do erudito historiador Dr. Eugénio Vilhena de Moraes, que empreende actualmente pesquisas no sentido de apurar se ainda se conserva na biblioteca paraense aquele precioso escrito.»

Na 4.ª edição da *História Geral do Brasil* (S. Paulo, 1951), alterou Rodolfo Garcia, da seguinte forma, a parte final do trecho transcrito, depois da primeira referência a D. António de Macedo Costa, dando-lhe a seguinte nova redacção (p. 285, tomo III):

«Uma cópia havia de ter ficado em mãos do Cardeal, porque figurava entre os livros que lhe pertenceram, adquiridos em Paris pelo Bispo do Pará D. António de Macedo Costa. Era a única cópia existente no Brasil, e foi ùltimamente comprada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.»

Devo esta indicação aos Profs. Drs. Jacobina Lacomte e Hélio Viana, respectivamente das Faculdades Católica e Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro. Aqui lhes rendo os meus agradecimentos.

H. C.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
INSTRUERE: CONSTRUERE
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA